



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
SOCIOLOGIA



RAYANE DE MOURA SANTOS

SEMENTES EM UM VALE DE ESPERANÇAS: as juventudes do
Vale no assentamento rural Vale da Esperança-PI, vivências,
ruralidades e lazeres

TERESINA - PIAUÍ

2021

RAYANE DE MOURA SANTOS

SEMENTES EM UM VALE DE ESPERANÇAS: as juventudes do
Vale no assentamento rural Vale da Esperança-PI, vivências,
ruralidades e lazeres

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia, do Centro de Ciências Humanas e Letras da Universidade Federal do Piauí, com vistas à obtenção do grau de Mestre em Sociologia.

Orientadora: Prof^ª. Dra. Lila Cristina Xavier Luz

TERESINA - PIAUÍ

2021

FICHA CATALOGRÁFICA
Universidade Federal do Piauí
Biblioteca Setorial do Centro de Ciências Humanas e Letras
Serviço de Processos Técnicos

S237s Santos, Rayane de Moura.
Sementes em um vale de esperanças : as juventudes do Vale no assentamento rural Vale da Esperança-PI, vivências, ruralidades e lazers / Rayane de Moura Santos. -- 2021.
230 f. : il.

Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Piauí, Centro de Ciências Humanas e Letras, Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Teresina, 2021.
“Orientadora: Prof^a. Dr^a. Lila Cristina Xavier Luz.”

1. Juventude rural. 2. Ruralidades. 3. Lazers. I. Luz, Lila Cristina Xavier. II. Título.

CDD 362.709 173 4

Bibliotecária: Thais Vieira de Sousa Trindade - CRB3/1282

RAYANE DE MOURA SANTOS

SEMENTES EM UM VALE DE ESPERANÇAS: as juventudes do
Vale no assentamento rural Vale da Esperança-PI, vivências,
ruralidades e lazeres

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia, do Centro de Ciências Humanas e Letras da Universidade Federal do Piauí, com vistas à obtenção do grau de Mestre em Sociologia.

Aprovada em _____ de _____ de 2021.

BANCA EXAMINADORA

Prof^ª. Dra. Lila Cristina Xavier Luz
Orientadora – Presidente

Prof^ª. Dra. Maria Sueli Rodrigues de Sousa
Examinadora Interna – PPGS – UFPI

Prof^ª. Dra. Joana Tereza Vaz de Moura
Examinadora Externa – DPP – UFRN

AGRADECIMENTO A CAPES/FAPEPI

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES), e Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Piauí – (FAPEPI), por meio do Edital do Acordo CAPES/FAPEPI N° 005/2018.

Dedico esta dissertação, primeiramente, a Deus por capacitar-me, por dar-me forças e por cuidar de mim em todas as minhas realizações; e dedico, a todas(os) as(os) jovens rurais do Piauí, especialmente, as(os) jovens do Vale da Esperança e demais moradoras(es) dessa comunidade, que muito me inspiraram e ensinaram na realização deste trabalho, com muito carinho e respeito.

AGRADECIMENTOS

Agradeço profundamente a DEUS, meu grande Amor, Autor e Consumador da minha fé, e somente a Ele dou graças por ter me criado e me amado incondicionalmente, sem que eu merecesse, estando eu ainda no ventre de minha mãe. Sendo sempre Aquele que sustenta com muito amor, cuidado e fidelidade, cada passo que eu dou em minha jornada. Agradeço por Sua infinita misericórdia, que, por meio do sacrifício de Jesus na cruz, concedeu-me a salvação para a vida eterna, e ainda, por ter permitido que o Seu Espírito Santo habitasse em meu ser, Este que me consola e sonda meus pensamentos. Amo-te, Senhor!

Sou grata a Deus pela sua infinita bondade em, carinhosamente, presentear-me com a vida de meu esposo, Jociel Santos. Meu companheiro, melhor amigo e querido amor. Que compartilha a vida e os sonhos de Deus comigo, nos melhores e piores momentos. Agradeço ao meu esposo por apoiar-me, incentivar e acreditar em mim sempre, e, especialmente, quando decidi realizar esse mestrado, sempre estando ao meu lado nessa jornada, com muito amor, carinho, companheirismo, dedicação e paciência.

Sou grata a Deus pela família em que me colocou, pela mãe e pelo pai que me deu, Terezinha e Francisco, os quais me emolduraram num caráter digno, me amaram, e se esmeraram em dar-me as melhores oportunidades de educação que puderam, que me possibilitaram chegar até aqui. Por ter me dado minhas irmãs, Cátia e Rutiana, que me ensinam muitas coisas da vida e como vivê-la. Por ter me abençoado com meus sobrinhos amados, João Victor e Luís Miguel, José Eduardo e Carlos Henrique, eles que alegram e iluminam meus dias e são donos dos meus melhores e mais sinceros sorrisos. Pelo meu querido sogro e pela minha querida sogra, Carlos e Fátima, pelas minhas cunhadas Ginna e Gaby, e pelos meus cunhados, Francisco, Jocicleyton e Maurício. Pessoas que eu sei que posso sempre contar.

Sou grata a Deus por ter me dado minhas(meus) muito amadas(os) jovens, filhas(os) espirituais, que sempre me apoiaram, tiveram orgulho, admiração e respeito por mim, com as(os) quais aprendo dia a dia o verdadeiro sentido do cuidado e amor ao próximo. Amo muito vocês! E pelos meus dirigentes espirituais de sempre, Pr. Milton e Karene, os quais amo como pais, por tantos ensinamentos e por sempre estarem ao meu lado e de minha família.

Sou grata a Deus por todas(os) amadas(os) amigas(os) que o Senhor pôs em minha vida, que se orgulham de minhas conquistas e contribuíram muito na concretização deste sonho, por meio de tantos maravilhosos momentos e, por muitas vezes, terem me emprestado seu ombro e sua mão amiga. Especialmente, a querida Alba Valéria, que sempre acreditou em meu potencial; seu incentivo foi determinante para que eu realizasse este mestrado. Também minha amada

amiga Kyria e meu amado amigo Léo Brito, sempre dispostos a compreender e dividir comigo, experiências, alegrias e angústias desta jornada acadêmica. A amiga sempre fiel e irmã do coração, Alessandra, que, perto ou longe, chora e ri comigo, sempre com muito orgulho de minhas realizações. A todas(os) amigas(os) e irmãs(ãos) da Congregação Batista Esperança e da Igreja Batista Memorial, agradeço a Deus pela vida de vocês em minha vida.

Sou grata a Deus por possibilitar-me conhecer e pertencer à turma 07 do PPGS-UFPI, a qual tenho carinho enorme por todas(os). Agradeço por todo carinho em mim investido; sem essa turma eu não chegaria até aqui. Louvo ao Senhor, especialmente, pelas vidas de Mariana Cavalcante, Anna Carolina, Mariana Moura, Juliane, Thátila, Hercília e Clarissa. Muito obrigada pelo incentivo e companheirismo de vocês. Admiro essas mulheres pela inteligência e ousadia. Amo vocês, e sempre estarão em meu coração.

Sou grata a Deus por ter escolhido a professora Lila Luz, a qual me orientou nesta jornada, pela qual tenho os mais sinceros sentimentos de admiração, respeito, carinho e gratidão. A todo momento ela esteve tirando-me de um labirinto de ideias e mostrando os caminhos a seguir, de maneira esforçada, competente e bastante humana e compreensiva. Agradeço por acreditar verdadeiramente em meu potencial, mesmo quando eu não acreditava, por sempre incentivar-me, motivar, elogiar e ter orgulho de mim. Sempre orientando-me, não apenas para o aprendizado e para a construção do conhecimento, mas também para a vida, de forma responsável, comprometida e afetuosa.

Sou grata a Deus por todas(os) as(os) professoras(es) do PPGS-UFPI, que contribuíram fundamentalmente para que brotasse em mim a ânsia de conhecer e produzir conhecimento, especialmente, as professoras Valéria Silva e Rossana Marinho, pela grande competência e humanidade. Sempre levando-nos a profundas reflexões, que aguçaram nosso senso crítico, de maneira responsável e respeitosa. Grata também à professora Shara Jane, do Departamento de Fundamentos da Educação, que não é vinculada ao PPGS. Suas contribuições na qualificação foram inestimáveis, além do seu grande respeito pela minha produção.

Sou imensamente grata a Deus por todas(os) as(os) jovens rurais, sujeitos de minha pesquisa, que Ele colocou em minha trajetória, e que junto a mim construíram este conhecimento aqui exposto. Vocês foram para mim, além de sujeitos de uma pesquisa, exemplos de vida que me influenciaram para mudanças pessoais. Meu muito obrigada às(aos) queridas(os) Karla, Sayonara, Syomara, Aline, Ana Cleide, Cledson, Ulisses, Alana e Jenilson. Obrigada por, além de me acolherem, terem confiado em mim e narrado seus cotidianos, suas histórias e lutas, sempre com desprendimento e verdade. Sou grata, ainda, ao Vale da Esperança, lugar de acolhimento, luta, esperança e alegria, onde eu aprendi valores que levarei

para vida; gratidão a todas(os) da comunidade que me acolheram e receberam em seus lares com muita atenção, carinho e respeito, fazendo-me sentir parte da comunidade, especialmente, Dn. Lulu, Kaká, Joana, Dn. Simone, Diego, Seu Tião, Wilmara e muitas outras tantas pessoas. Eu jamais poderia ter construído este trabalho sem o apoio e os saberes de todas(os) vocês. Obrigada por tantos momentos de alegria e afeto.

Não vos conformeis com este mundo, mas transformai-vos pela renovação da vossa mente, para que experimenteis qual seja a boa, agradável e perfeita vontade Deus.

(Romanos, 12. 2. Bíblia Sagrada-NTLH)

Tava na peneira, eu tava peneirando
Eu tava no namoro, eu tava namorando
Tava na peneira, eu tava peneirando
Eu tava no namoro, eu tava no namorando

Na farinhada lá da Serra do Teixeira
Namorei uma cabôca, nunca vi tão feiticeira
A mininada descascava macaxeira
Zé Migué no caititú, e eu e ela na peneira

Tava na peineira, eu tava peneirando
Eu tava no namoro, eu tava namorando
Tava na peineira, eu tava peneirando
Eu tava no namoro, eu tava namorando

O vento dava, sacudia a cabilêra
Levantava a saia dela no balanço da peneira
Fechei os óio e o vento foi soprando
Quando deu um ridimuinho, sem querer tava
espiando

Tava na peneira, eu tava peneirando
Eu tava no namoro, eu tava namorando
Tava na peneira, eu tava peneirando
Eu tava no namoro, eu tava namorando

De madrugada, nós ficamos ali sozinho
O pai dela soube disso e deu de perna no caminho
Chegando lá até riu da brincadeira
Nóis estava namorando, eu e ela na peneira

Tava na peneira, eu tava peneirando
Eu tava no namoro, eu tava namorando
Tava na peneira, eu tava peneirando
Eu tava no namoro, eu tava namorando

Elba Ramalho (Oi?)
Como vai tua peneira?
Peneirando!
Como vai tua vida?
Peneirando, meu filho!
Como vai teu coração?
Hm, peneirando daquele jeito
Já sei! Hey, tum-tum-tum, coração
Acertou, Lui'! Acertou
E os caba?
Vish, Maria! Sei não, viu, mas toreí de banda
Então tore mais eu, ma' fia'
Oxente, é com tu mesmo, meu fio' (E depois!)
Mió que tu só tem tu Lui'
Obrigado! (Oh, Deus)
É... pois é... vamo simbora!

Tava na peneira, eu tava peneirando
Eu tava no namoro, eu tava namorando
Tava na peneira, eu tava peneirando
Eu tava no namoro, oi, tava namorando

Tava na peneira, oi, tava peneirando (Ish, exagere
não, ma' fia')
Oi, tava no namoro (Faça isso não)
Oi, tava namorando (Tu quer matar eu)
Tava na peneira, eu tava peneirando...

(Farinhada - Luiz Gonzaga e Elba Ramalho)

RESUMO

Esta dissertação tem por objetivo compreender como as(os) jovens do assentamento rural Vale da Esperança viveciam suas juventudes nesse território rural. Também busco compreender os significados atribuídos a diferentes dimensões de suas vidas, como estudo, trabalho e lazeres, enquanto juventudes rurais. Assim, essa reflexão é norteada pelo ponto de vista das(os) próprias(os) jovens, tendo como elemento central, suas narrativas, construídas por meio de conversas e entrevistas abertas semiestruturadas, realizadas, em geral, na comunidade. Além disso, observações livres e sistemáticas, baseadas na metodologia da *História Oral*. Como pano de fundo da compreensão de invisibilidades, desigualdades, silenciamentos e dicotomias que perpassam o cotidiano dessas juventudes rurais, tive como referência a análise da realidade observada a partir da perspectiva da *colonialidade*. Também a análise foi norteada pela compreensão de *juventudes*, materializada nas diferentes e diversas formas de ser jovem. Ademais, acredito que a noção de juventudes não se encerra em um conceito estático de faixa etária, mas deve ser pensada como *condição* e como *modo de vida e fase da vida*. Nesse sentido minha intenção não foi estabelecer definições do que é *juventude rural*, ou mesmo a(o) jovem do Vale, mas colaborar com elementos para a análise dessa categoria em suas múltiplas construções, que são variadas, nas realidades por onde transitam e condições sociais que vivem. Nesse percurso, guio-me, primordialmente, pelas narrativas de jovens, como principais produtoras(es) do conhecimento, na intenção de compreender como se particularizam as juventudes do Vale. Para a compreensão do universo no qual essas(es) jovens constroem suas identidades, assumo a perspectiva do assentamento como território de *ruralidades*, entendendo o rural não somente como um espaço de produção agrícola, mas também como uma realidade construída por sociabilidades, produção e reprodução de vida. Para compreender o lazer dessas(es) jovens, apego-me ao entendimento do *lazer* como uma dimensão de busca pela *excitação*, pelo descontrolado desmedido, e que, primordialmente, obedece ao princípio da livre escolha. A partir dessas referências, apresento quem realmente são as(os) jovens do Vale da Esperança, como entendem e vivenciam a juventude, quais suas práticas de lazer, e ainda de que forma a vivência em seu território rural influencia em suas experiências juvenis. Observei que no território do Vale as trocas com o urbano são processadas nos mais diversos aspectos; na paisagem, nas relações sociais, no lazer, no trabalho, na educação, na religiosidade, enfim, em múltiplas dimensões de suas vidas. Em todas essas, a relação rural/urbano, permeia a vida de jovens da comunidade, impactando das mais diversas maneiras seus modos de vida. Diante dessa realidade, identifiquei no Vale jovens que resistem, que preservam a essência de seu

território, mas também trocam, permutam e negociam com o urbano. Também constatei que as(os) jovens do Vale têm uma expressiva capacidade de elaborar acerca de sua condição de jovens que, em muitos aspectos, difere de parâmetros estritos admitidos pela sociedade em geral, que define um modelo de juventude homogênea. As(os) jovens do Vale projetam sua juventude para além de critérios rígidos, pensam uma juventude heterogênea e diversa. No que diz respeito às manifestações culturais, dimensões do lazer e da tradição do Vale, essas são compostas por elementos reeditados, mas também por elementos essencialmente tradicionais, fazendo-me compreender as práticas de lazer dessas(es) jovens como um *lazer não-mercadoria*. É possível concluir que entre as(os) jovens do Vale da Esperança a criatividade e a capacidade de buscar autonomia, potencialidades para a construção de saídas mediante a ineficácia das políticas públicas, é uma realidade. Elas(es) processam isso, enfrentando as situações de crise com a visão ampla e diversa da realidade em que vivem.

Palavras-chave: Juventudes. Ruralidades. Lazer.

RESUMEN¹

Esta disertación tiene como objetivo comprender como los jóvenes del asentamiento rural Valle de Esperanza vivieron su juventud en este territorio rural. También busco comprender los significados atribuidos a diferentes dimensiones de sus vidas, como el estudio, el trabajo y el ocio, como jóvenes rurales. Así, esta reflexión está guiada por el punto de vista de los propios jóvenes, teniendo como elemento central sus narrativas, construidas a través de conversaciones abiertas y entrevistas semiestructuradas, realizadas, en general, en la comunidad. Además, observaciones gratuitas y sistemáticas, basadas en la metodología de Historia Oral. Como antecedente para la comprensión de las invisibilidades, desigualdades, silencios y dicotomías que impregnan la vida cotidiana de estos jóvenes rurales, tuve como referencia el análisis de la realidad observada desde la perspectiva de la colonialidad. El análisis también estuvo guiado por la comprensión de los jóvenes, materializada en las diferentes y diversas formas de ser joven. Además, creo que la noción de juventud no termina con un concepto estático de edad, sino que debe ser concebida como una condición, como una forma de vida y una etapa de la vida. En este sentido, mi intención no fue establecer definiciones de juventud rural, ni siquiera de la juventud del Valle, sino colaborar con elementos para el análisis de esta categoría en sus múltiples construcciones, las cuales son variadas, en las realidades por las que transitan y condiciones sociales que viven. En este trayecto, me guío, principalmente, por las narrativas de los jóvenes, como principales productores de conocimiento, para entender cómo se particularizan los jóvenes del Valle. Para comprender el universo en el que estos jóvenes construyen su identidad, tomo la perspectiva del asentamiento como territorio de ruralidades, entendiendo lo rural no solo como un espacio de producción agrícola, sino también como una realidad construida por la sociabilidad, la producción y reproducción de la vida. Para entender el ocio de estos jóvenes me aferro a la comprensión del ocio como una dimensión de búsqueda de la excitación, del descontrol desmedido y que, ante todo, obedece al principio de la libre elección. A partir de estas referencias, presento quiénes son realmente los jóvenes del Valle de la Esperanza, cómo entienden y viven la juventud, cuáles son sus prácticas de ocio y cómo la experiencia en su territorio rural influye en sus vivencias juveniles. Observé que, en el territorio del Valle, los intercambios con lo urbano se procesan en los más diversos aspectos; en el paisaje,

¹ Ao invés do inglês, comumente utilizado, a língua estrangeira escolhida por mim neste trabalho foi o **espanhol**, pois apesar desta ser uma língua originária do continente europeu, é também a língua predominante na maioria dos países latino-americanos, devido a todo o processo de invasão da América Latina pelos espanhóis, entre outros. (Tradução: Eusebio Mario Amador Enriquez)

en las relaciones sociales, en el ocio, en el trabajo, en la educación, en la religiosidad, en definitiva, en múltiples dimensiones de sus vidas. En todos ellos, la relación rural / urbana impregna la vida de los jóvenes de la comunidad, impactando sus formas de vida de las más diversas maneras. Ante esta realidad, identifiqué en El Valle jóvenes que resisten, que conservan la esencia de su territorio, pero también intercambian, permutan y negocian con lo urbano. También encontré que los jóvenes del Valle tienen una capacidad expresiva para profundizar en su condición de jóvenes, que en muchos aspectos se diferencia de los estrictos parámetros admitidos por la sociedad en general, que define un modelo de juventud homogéneo. Los jóvenes del Valle proyectan su juventud más allá de criterios rígidos, piensan en una juventud heterogénea y diversa. En cuanto a las manifestaciones culturales, las dimensiones del ocio y la tradición del Valle, estas se componen de elementos reeditados, pero también de elementos esencialmente tradicionales, haciéndome entender las prácticas de ocio de estos jóvenes como un ocio no mercantil. Es posible concluir que, entre los jóvenes del Valle de la Esperanza, la creatividad y la capacidad de buscar la autonomía, potencial para construir soluciones a través de la ineficacia de las políticas públicas, es una realidad. Ellos lo procesan, enfrentando situaciones de crisis con una visión amplia y diversa de la realidad en la que viven.

Palabras clave: Jóvenes. Ocio. Ruralidades.

TEMBIAPO APYTE²

Ko tembiapo apyte ogehupytyséva techakuaa mba'éichapa umi ipyahúva oikova asentamiento koygua-pe Valle de Esperanza oñandu tekoreiva upepe. Avei aheka umi tembiasakue ohechakuaa ha umi he'iseva téra oñeme'ëva mamó tekoreiva ko koygua-pe. Péicha, ko py'amongeta omboguata ipyahúva tesapyso, orekovo ijapytere pehëngue mba'eguasuva, imbombe'upy, ojejapova'ekue ñomongetagui ha ñe'ë oñondiveva ipa'úva ha ipa'úyva, ojejapova opaichagua táva róga. Ko'ã mieve, ñema'ë nandi ha ñema'ë iñarandúveva ha isarami'ýva, taperekóramo ojeporu tembiasakue oñemombe'úva. Jehecha mombyry ñeikumbyrã umi mba'e ojehechakuaa'ýva, oñembojoja'ýva, oñemokiríva, oñembojoavýva ára ha ára-pe mitãrusukuéra okarayguá-pe, ahesa'ýijo ahechakuaa hañuã añetehápe oñepyrũ guive aty ojeheróva colonialidad-pe. Péicha ko hesa'ýijo omboguata mitãrusukuéra techakuaa rupive, ohechauka opaichagua teko pyahu oíva. Kova rire, arovia umi teko pyahúva noñembotyiha peteĩ ñeimo'ã añonte tera ary añonte, tekotevẽ jajesareko ára pehëngue ha mba'éichapa oñemoha'angaichupekuéra. Ko'a-pe oñemotenonde, ikatuhaguãicha amboguata mbombe'upy rupive, mba'éichapa umi mitãrusu, omyakã ha ojapo arandu rupive. Che rembipota ohupytyse ñaikumby hañuã mba'e he'iseva ha moteíva tekoha pyahúva ha avei mitãrusu Valleguava. Upeicha rupive ambohováí yvypegua asentamiento ñumeguarã, ndaha'éi ñeñoty-peguarã añonte, peycharõ avei mamó añetete oñomoirúva, omba'pova ha omboheñoiva retãyguakuéra. Ahecha amo yvypegua herava Valle de la Esperanza, ombuekovia tava rehegua opaichagua; iñupysova, jokuaa, tekoreiva, mba'apohá-pe, tekombo'e, jeroviarehegua, opaichagua tekove. Peicha, ahechauka umi mitãrusu Valle-guava oñemombarete, tapiagua yvytetã mba'e, kóicha rupive ombuekovia, ha oñemu tava rehegua. Ikatu jahechauka paha umi mitãrusu Valle de la Esperanza-gua ombopyaha autonomía rupive, ipokatuva ojapohañuã iñesë politika publika' ýre. Ha'ekuéra ombohóvái, umi hasyvéva itesapyso rupive ha ambue hechauka oikova.

Ñe'ë Apytepe: Mitãrusu. Tekorei. Koyguakuéra.

² Optei por utilizar também como língua estrangeira o **guarani**, por ser este um importante idioma indígena, nativo de povos originários do sul da América do Sul, ainda vivo e falado por esses povos e por um número significativo de não indígenas, em pelo menos quatro países da América Latina, sendo um deles, o Brasil. Ressalto ainda que muitos conceitos étnicos da língua dos povos indígenas não têm correspondência na cultura ocidental. Assim, essa tradução, buscou respeitar a fidelidade às especificidades das oralidades da língua guarani. (Tradução: Mariana Isabel Leguizamón Peralta).

SUMÁRIO

1. PISANDO NO VALE, O INÍCIO DAS ANDANÇAS!	15
1.1. Entre concepções prévias e a realidade: problematizando algumas referências	19
1.2. Caminhos, encontros e (des)encontros com sujeitos e realidades	25
2. O VALE É A NOSSA CASA! Dicotomia, sociabilidades e trocas	35
2.1. Elementos para compreender a dicotomia urbano x rural	35
2.2. “Vida de assentada(o) é difícil, mas persistindo, né? ”: elementos para compreender a história do Vale	48
2.3. Territórios, estruturas, espaços: andanças pelo Vale.....	64
2.4. Sociabilidades e trocas na casa Vale	81
3. MODOS DE VIDA JUVENIS NO VALE: subjetividades e sociabilidades.....	86
3.1. Ser jovem no Vale da Esperança: modos de vida, sentidos e significados da juventude.....	87
3.2. Fazeres e afazeres entre o Vale e a Cidade	100
3.3. “Os jovens daqui tem seus grupinhos”: agrupamentos juvenis como espaço de sociabilidades no Vale	113
4. FESTA, FESTEJO, FARINHADA, FUTEBOL E FOFOCA: espaços de lazer dos jovens do Vale	123
4.1. “Nossa forma de entretenimento era procurar o entretenimento para o acampamento!”	124
4.2. Tem muito trabalho no Vale, mas tem lazer! Farinhada, mística e festejo	139
4.3. “A gente queria era estar junto!”: sociabilidades nos ambientes do lazer.....	165
5. CHEGAMOS AO FIM DA JORNADA	173
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	185
ANEXO I - ROTEIRO DE OBSERVAÇÃO SISTEMÁTICA	195
ANEXO II – ROTEIRO DE ENTREVISTA	196
ANEXO III - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO - TCLE	197
ANEXO IV - TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM.....	200
ANEXO V – TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS.....	201

1. PISANDO NO VALE, O INÍCIO DAS ANDANÇAS!

As famílias viram ali a alegria da conquista da terra e passaram a chamar o assentamento de Vale da Esperança. Treze anos se passaram e a luta para chegar até aqui foi grande, anos e mais anos fazendo espreita e guarita com receio das ameaças dos grandes latifundiários. As crianças enfrentaram dias de chuva, dias de muito sol, sofreram para chegar até as escolas e ter acesso à educação. Muitos companheiros que lutaram pela esperança de dias melhores foram tombados na luta. [Nomes dos companheiros falecidos]. Hoje, mesmo depois de árduas lutas empreendidas, nesse sistema que tanto nos oprime, já alcançamos muitas conquistas, mas a nossa luta continua. Nossa luta pela libertação, para defender nosso povo! Luta por alimentos saudáveis, luta pelo direito dos pobres e dos oprimidos, luta pela reforma agrária popular! Companheiros e companheiras, não deixem se desanimar, não esqueçam nossas histórias, nossas raízes, nossas lutas. Não deixem de lutar! Lutar faz parte da nossa história. Que sigamos continuando a luta pela terra, pela educação, por saúde, por crédito, para poder produzir, consumir, comercializar. Lutas pelos nossos jovens, mulheres e crianças. Lutemos! Ocupar, resistir e produzir!

(Fragmento do discurso proferido por jovens do Vale da Esperança na cerimônia da mística)

Esse é um trecho de um emocionado discurso proferido por uma jovem e um jovem na cerimônia da mística, realizada durante o aniversário de treze anos do assentamento Vale da Esperança, em 2019, e que expressa muito dos sentidos e significados que esse território

manifesta em suas(seus) jovens. Assim, a pesquisa, cujas informações deram suporte à elaboração da presente dissertação, objetivou compreender como as(os) jovens do assentamento rural Vale da Esperança vivenciam suas juventudes nesse território rural, além de significados atribuídos a diferentes dimensões de suas vidas, como estudo, trabalho e lazeres, como jovens que são, no Vale. Desse modo, as reflexões aqui desenvolvidas, são norteadas pelo ponto de vista das(os) próprias(os) jovens, tendo como elemento central, suas narrativas, construídas por meio de conversas e entrevistas realizadas na comunidade.

O interesse pela problemática aqui refletida, surgiu de um breve convívio, em ambiente profissional, com jovens com referências rurais, em especial, moradoras(es) da zona rural. Também motivou meu interesse pelo tema uma vivência em comunidades rurais no extremo sul do Piauí, durante uma experiência de extensão universitária, na área de desenvolvimento comunitário, no período da graduação.

A partir dessas referências, comecei a observar como jovens de comunidades rurais têm singularidades e vivências particulares que os diferenciam de jovens que vivem em territórios urbanos. Sem muitos elementos, desde então observei outras relações com a terra, com a comunidade, com a família, enfim, com o mundo. A partir dessa aproximação, outras inquietações surgiram e suscitaram em mim, um interesse maior em realizar esta pesquisa, considerando ainda, que encontrei poucos estudos sobre o tema e perspectiva de análise aqui proposta.

No entanto, esta não foi minha primeira intenção de pesquisa. Logo no início do mestrado, tomei a decisão por mudar o foco do projeto de pesquisa, no entendimento de que haviam conflitos pessoais com o tema anteriormente proposto. O tema anterior relacionava-se à religião da qual sou adepta. Preocupada com possíveis conflitos de interesses e temendo ainda minha dificuldade de manter firmemente minha postura de pesquisadora, decidi mudar, apesar de que as reflexões de Weber (2001) sobre a objetividade do conhecimento nas ciências sociais nos abrem possibilidades de realizarmos pesquisas nessa perspectiva, mas sempre mantendo a distância necessária. Mesmo assim, como pesquisadora, decidi mudar o tema e não correr riscos de futuros conflitos, os quais afetariam a pesquisa e, conseqüentemente, meu desempenho acadêmico e até mesmo minha vida pessoal.

Ainda, no que diz respeito à aproximação com o tema, tenho certa familiaridade com o estudo acerca de juventude e lazer, tendo em vista que foram temas também relacionados ao meu TCC (Trabalho de Conclusão de Curso) na graduação. Em relação ao tema ruralidades, até então, minha aproximação girava apenas em torno de minhas breves vivências. Com o aprendizado nas disciplinas, como as de Sociologia Rural e Sociologia da Juventude durante o

mestrado, pude penetrar mais profundamente em todos esses temas e especialmente “apaixonar-me” pelo tema de ruralidades, ao ponto de promover algumas mudanças ideológicas e práticas em minha vida pessoal. Dentre essas, a forma de pensar e relacionar-me com a natureza e a concepção da relação entre o rural e o urbano.

Não obstante, meu interesse por ser pesquisadora surgiu a partir da minha jornada acadêmica, no momento em que descobri quais questões da sociedade me intrigavam e como minhas inquietações poderiam transformar-se em problemas de pesquisa. Como o estudo aprofundado dessas questões, que se apresentam em sociedade, poderiam contribuir para a superação de diversos problemas sociais, entendendo que a pesquisadora(dor), dependendo do lugar em que se coloca, pode ser uma importante agente de transformação social.

No entanto, ao trilhar este caminho da pesquisa, deparei-me com algumas dificuldades compartilhadas por muitas(os) outras(os) colegas mestradas(os) pesquisadoras(res). O primeiro desafio, ou posso dizer “dor”, a ser enfrentado nesta nova fase foi o reconhecimento de que há uma certa desvalorização por parte da família e parte da sociedade pela opção de ser pesquisadora, e trilhar pelo caminho do mestrado, doutorado e outros. Uma das razões para isso tem em vista que hoje, essa carreira não está classificada na categoria “carreira de sucesso”, tão ansiada por aquelas(es) que se enquadram no mercado global.

Para boa parte da sociedade, e muitas vezes para a família daqueles indivíduos que cursam uma pós-graduação, como o mestrado, estes são classificados na fase da vida adulta, independentemente de seus modos de vida. Muitas vezes a faixa etária é a referência central. Assim, considerando-os como adultos, lhes é exigido um posicionamento profissional estável e seguro e a escolha pela carreira de pesquisadora(dor) estudante, passa a ser menosprezada, pois não está inserida no mercado funcional de trabalho. E mais, muitas(os) estudantes escolhem dedicar-se exclusivamente aos estudos, no intuito de ter uma melhor formação, abandonando postos de trabalho, como eu fiz, o que produz uma grande decepção à família e a essa parte da sociedade.

Entendo que ao ingressar na carreira acadêmica, alguns pontos cruciais são explicitamente contraditórios com a lógica do mercado capital. Pois, embora a especialização seja uma necessidade exigida pelo mercado global, a carreira acadêmica leva em torno de dez anos para ser construída e solidificada. Tempo que, para o mundo globalizado, que é ultrarrápido, é muito extenso. Além disso, a exigência é para que o sujeito global de hoje tenha um leque maior de especialidades e seja multifacetado. Desse modo, passar tanto tempo, em torno de dez anos, construindo uma mesma especialidade, a exemplo da maioria das(os) profissionais da área de humanas, que fazem mestrado, doutorado e pós-doutorado numa

mesma área, é contrário com os objetivos e necessidades da contemporaneidade globalizada, que é ter um trabalho de alta rentabilidade o mais cedo e rápido possível. Essa questão acirra mais ainda a desvalorização da carreira de pesquisadora(dor) na atualidade.

Além dessas questões, a área do conhecimento escolhida também influencia muito nesta desvalorização. Temos como exemplo a carreira de medicina, que tem um período de formação muito extenso, porém é bastante valorizada, enquanto que a área de sociologia, que foi minha opção, não tem a mesma valorização. O fato de não alcançar salários tão altos, um *status* social importante, além de ter reduzidas oportunidades de trabalho, entre outros fatores mais significativos. Mas a discussão acerca desta desvalorização da sociologia deixarei para outra oportunidade, por ser extensa e complexa. Aqui, a intenção era apenas destacar como essa desvalorização influencia, impondo dificuldades a serem enfrentadas nessa carreira acadêmica.

Outra adversidade pela qual passei foi em relação ao tempo. A academia, como resultado da lógica capitalista, coloca-nos no âmbito das amarras de prazos, em que temos que cumprir, a contento, todas as tarefas que nos são colocadas, e ainda, realizá-las com primazia e esmero em um tempo curto e pré-determinado. Quando as impõe, perde de vista que para a realização de uma pesquisa desse cunho, não são bastantes apenas dois anos, a depender da metodologia adotada para a realização do trabalho. Nossas vidas não se limitam apenas à uma dimensão, neste momento, a da formação acadêmica. Temos outras necessidades, outras vivências, somos sujeitos multifacetados, temos muitos conflitos e adversidades os quais todo ser humano está sujeito. Enfim, outras dimensões da vida, as quais somos obrigadas(os) a abrir mão, ou mesmo confiná-las internamente e que nos causam desventuras impossíveis de não influenciar nos resultados do que estamos fazendo em determinado momento. E o que deveria ser algo prazeroso, em alguns casos, torna-se um processo sofrido.

Quero ainda destacar, a tensão social e política, causada pelas disputas políticas e ideológicas intensificadas pelo período de campanha eleitoral que rodeou a todos nós no ano de 2018, meses iniciais da realização desta pesquisa. Tensão que se perpetua até o presente momento, em 2021, em que vivemos em um país dividido por posições políticas e ideológicas. Posso afirmar que uma sobra de medo, desespero e indignação pairou e paira sobre minha cabeça, e de muitas(os) outras(os) estudantes e pesquisadoras(res) em todo o país. Tudo isso é resultante da realidade política, social e ideológica que está estabelecida na realidade brasileira atual, tanto na perspectiva local quanto global, na qual só posso vislumbrar um futuro sombrio para a carreira que escolhi e para a visão de mundo que defendo. No entanto, ao conhecer essas(es) jovens rurais, ouvir histórias de resistências e, ao observar tantas ricas pesquisas de colegas de mestrado, resta-me a esperança de um futuro melhor.

Essa realidade trouxe-me bastante *stress*, medo e insegurança, ocasionando-me até certa instabilidade emocional, diante do acirramento da situação política do país, que interferiu na minha produtividade acadêmica, em diversos sentidos. Esse contexto me fez refletir o quanto a vida social e o trabalho acadêmico são simbióticos, um só, indissociáveis, um interfere no outro.

Com isso, entendo que ser pesquisadora é hora andar por sobre flores, quando mergulhamos profundamente em nossas pesquisas e encontramos as diversas chaves que abrem as portas dos nossos problemas inspiradores. Mas também é andar por caminhos tortuosos, quando os limites da pesquisa se apresentam, mas principalmente, quando a realidade em que vivemos se evidencia repleta de conflitos que nos distanciam, com medos e inseguranças, daquilo que é a nossa paixão: a pesquisa.

Wright Mills (2009) em seu texto, “Sobre o artesanato intelectual”, chama a atenção às(aos) iniciantes em pesquisa, como eu, que se o objetivo da(o) estudante pesquisadora(dor) é galgar altos lugares no “olimp” das(os) pesquisadoras(res), tal qual grandes e brilhantes pensadoras(res) de todas as épocas, é preciso saber e lembrar sempre que, para “chegar lá”, tais pensadoras(res) decidiram não separar seu trabalho de suas vidas. Uma(um) boa(bom) pesquisadora(dor) precisa entender e aceitar esta realidade, se escolher esta carreira. Vida e trabalho acadêmico se misturam e se confundem como um só, como uma simbiose.

Contudo, entrei nessa “aventura investigativa” com a expectativa de conhecer essas(es) jovens rurais muito além do que a teoria poderia responder-me. Com o desprendimento de experimentar partes de seus modos de vida, nas mais diversas dimensões, deixando que elas(es) me levassem onde quisessem. Com o anseio de que meu trabalho se tornasse uma plataforma sobre a vida dessas(es) jovens e que elas(es) se enxergassem por meio dele. Que, acima de tudo, a comunidade Vale da Esperança se sentisse respeitada pelo conteúdo desta dissertação, na qual elas(es) são coautoras(res), pois contém a riqueza de seus saberes.

1.1. Entre concepções prévias e a realidade: problematizando algumas referências

A participação em grupos rurais é um importante espaço para a construção de identidades juvenis. Um aspecto de grande relevância que está presente nos grupos juvenis do campo é o lazer. É também nos espaços de lazer e do território que a(o) jovem tem uma gama de possibilidades de estabelecer relações de sociabilidades e ainda de satisfação pessoal, conforme suas identidades. Existe uma intersecção de elementos na construção de identidades da extensa pluralidade juvenil. O lazer, quando compreendido numa perspectiva intercultural,

não negligencia um dos aspectos que tem organizado o tempo livre de jovens brasileiras(os), o lazer em espaços rurais.

Nesta realidade, o lazer se configura como importante espaço de valorização histórica e cultural destas(es) jovens rurais e de suas comunidades. Contudo, a lógica do capital tem influenciado a desvalorização de práticas de lazer das(os) jovens do campo, fomentando a ideia de que não há lazer em comunidades rurais. Não obstante, jovens do campo desenvolvem modos de vida diferentes e, por esta razão, ocupam seus tempos livres e experimentam o lazer de outra forma que não segue os padrões urbanos.

Na vida das juventudes rurais, o estabelecimento de um padrão hegemônico de lazer tem implicações no sentido da construção de estereótipos que geram a discriminação, a exclusão e o preconceito, afetando sua inserção social na sociedade como um todo. Além do estranhamento social, as possibilidades de lazer oferecidas pelo poder público não atendem às necessidades e aspirações deste grupo, pois desvalorizam suas culturas e costumes, colocando-as à margem dos direitos sociais e instigando mais ainda a afirmação deste preconceito. Por isso a necessidade da elaboração e execução de políticas públicas de lazer, que observem as múltiplas identidades juvenis, respeitando assim, a pluralidade dos seres sociais, que são por demais relevantes.

A cultura e o lazer são dimensões importantes que, junto a outras, constroem de forma significativa a identidade juvenil, como também as escolhas de lazer, espaços onde jovens estabelecem suas identidades na convivência em sociedade. “Se a dimensão cultural é significativa na vida dos jovens a ponto de ajudar a definir identidades e estilos, é no âmbito do lazer e do tempo livre que as práticas culturais irão apresentar-se em suas muitas facetas” (MARTINS e SOUZA, 2009). Sobre a esfera do não trabalho predomina a visão limitada sobre o lazer, por ser esse considerado uma oposição ao trabalho.

Em relação ao lazer de jovens rurais, predomina a visão de atrasado. Essa visão é marcada por referências a experiências de lazer no urbano. Segundo Carneiro (2005), há um significativo número de jovens de comunidades rurais que desejam e reclamam por equipamentos de lazer mais comuns do território urbano, tais como, cinemas, teatros e shows. O que mostra que essa referência ao lazer urbano, parte inclusive das(os) próprias(os) jovens rurais.

No entanto, nem sempre as práticas de lazer de jovens rurais alcançam os padrões de lazer de jovens urbanas(os) que tem ao seu dispor uma infinidade de outras opções de diversão. Na maioria das vezes, as estruturas que referenciam as ideias de lazer sequer são disponibilizadas no rural. Porém, essa visão limitada sobre lazer desconsidera a riqueza cultural

dos espaços rurais, apesar de muitas vezes pouco explorada e valorizada, pelas próprias comunidades rurais. Nesse imaginário, a cultura desejada e valorizada é aquela centrada na lógica do mercado capitalista do consumo. O modo de compreender o lazer e a cultura homogeneamente, desconsiderando qualquer outra prática de divertimento, evidencia o preconceito contra comunidades rurais marcadas por modos diferentes de vivenciar o lazer.

Deste modo, estudar o lazer de jovens rurais é esbarrar na perspectiva de estudar a construção de padrões de divertimento para jovens mais vinculado à lógica capitalista urbana. As referências se fincam em práticas de divertimento mais comuns a jovens urbanas(os), como uma forma de lazer que satisfaz a toda e qualquer jovem, independentemente de sua identidade. Desconsiderar a diversidade de práticas de divertimento, incorre em preconceito a respeito das práticas de lazer de jovens rurais que, em geral, são pautadas em seus próprios modos de vida no campo, demarcando diferenciais de vivenciar o tempo livre, mas também o lazer.

A partir dessa problemática apresentada, acerca dos lazeres das juventudes rurais, tive como objetivo central, inicialmente, compreender o lazer das(os) jovens do assentamento rural Vale da Esperança a partir de seus modos de vida, com vistas a compreender sentidos e significados. De maneira mais específica, objetivei compreender como as(os) jovens do assentamento rural Vale da Esperança vivenciam o lazer; compreender os significados atribuídos aos seus lazeres nesse território rural; compreender como vivenciam a juventude a partir de seus modos de vida, e de que forma a vivência em seu território rural influencia em suas experiências juvenis.

No entanto, a partir da incursão em campo, no contato direto com os sujeitos da pesquisa, a realidade me foi impondo diferentes trajetórias da vida das(os) jovens do Vale. A medida que a realidade dos sujeitos foi se revelando em campo, a pesquisa ganhou uma proporção muito maior que o planejado inicialmente. Assim, diante de uma realidade tão rica e complexa, como pesquisadora, me vi compelida a escrever não apenas sobre os lazeres e experiências juvenis do Vale, mas, de maneira mais ampla, escrevi acerca das vivências e cotidianos de jovens do sexo masculino e feminino, sob os mais diversos aspectos; sobre territorialidades, sociabilidades, culturas e, obviamente, juventudes e lazeres. Evidentemente, o trabalho não dá conta de todos os inúmeros aspectos das vivências e cotidianos das(os) jovens do Vale, mas aqueles que mais se revelaram a mim, e que mais me chamaram a atenção.

Desse modo, a partir da realidade dessas(es) jovens, apresento quem são as(os) jovens abordadas(os) na pesquisa que resultou nesta dissertação; como se relacionam com sua comunidade e constroem suas sociabilidades nesse território; como as diferentes territorialidades em que vivem em seus cotidianos influenciam em suas experiências de vida;

como entendem e vivenciam a juventude a partir de seus modos de vida³; quais os significados e como se processam suas práticas de lazer e cultura; e, ainda, de que forma a questão da ruralidade influencia em suas experiências juvenis, de cultura e lazer.

Assim, para a construção dessa dissertação, como principais referências, a pesquisa foi triangulada fundamentalmente por temáticas pouco privilegiadas entre os estudos sociológicos: lazer x juventudes e ruralidades. A escassez de produção sobre essas temáticas, chamou minha atenção. São diversas as razões pelas quais os estudos a respeito desses temas são escassos. Em grande medida, dificulta o interesse pelo estudo de temáticas atinentes à realidade de juventudes rurais, certa identificação dessas como “estranhas” por parte daqueles que são considerados “normais”. Existem muitos preconceitos sobrepujantes de ações exploratórias deste universo cultural e filosófico tão rico e complexo que são as comunidades rurais e suas juventudes e lazeres. Contudo, encontrei alguns estudos semelhantes à perspectiva de análise aqui proposta, tais como o de Castro (2005), que trata da construção da categoria juventude rural, no âmbito da relação rural x urbano em um assentamento rural; Cavalcante (2014), que versa acerca dos fluxos migratórios na realidade de jovens rurais de uma comunidade rural; Martins (2018), que aborda a relação de jovens de um assentamento rural com a luta pela reforma agrária; Silva (2016) que discute a realidade de jovens rurais do sudoeste piauiense frente ao avanço do agronegócio, entre outros escassos trabalhos. Isso demonstra que existem ainda lacunas nos estudos sociológicos no que diz respeito à compreensão das muitas dimensões que envolvem o universo das juventudes rurais. Por esta razão, tenho a pretensão de contribuir para alargar o olhar para estes sujeitos ainda invisibilizados.

Diversos conceitos nortearam as reflexões desenvolvidas com vistas a compreender como as(os) jovens do assentamento rural Vale da Esperança vivenciam suas juventudes. Primeiramente, neste trabalho, como sugere Pais (2003), a ideia de juventude não se encerra em um conceito estático de faixa etária como demarcadora de uma transição que se inicia com o fim da infância e o início da vida adulta. Muito menos se centra em acontecimentos considerados marcadores de fim de fase de vida, fim da juventude: concluir os estudos; constituir família própria; sair da casa dos pais; encontrar um emprego. Essas referências não condizem com a realidade da maioria das(os) jovens brasileiras(os). As condições de desigualdade em que vivem jovens brasileiras(os) não lhes resguardam, sequer acesso à

³Segundo Gonçalves (2004), **modo de vida** refere-se a dois aspectos correlacionados, às condições de vida, que correspondem às condicionantes e determinantes da vida em sociedade; e o estilo de vida, relacionado às singularidades presentes nos indivíduos e nos grupos do qual fazem parte, compreendendo as normas, valores e hábitos expressos pelos mesmos.

educação de qualidade, que dirá a emprego e moradia dignos. Dados da última Síntese de Indicadores Sociais de 2019, do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), evidenciam que grandes quantidades de jovens experimentam elevados índices de inadequações habitacionais e ausência de saneamento. Estes índices relacionam-se a jovens com menores rendimentos. Além disso, as informações dessa pesquisa apontam que tais jovens, com menores rendimentos e menor nível de instrução, sofrem mais pela desocupação e subocupação. Essas informações refletem outros indicadores, também apontados por essa pesquisa, como elevados índices de evasão e atraso escolar, baixos percentuais de frequência escolar no ensino básico e acesso ao ensino superior, sempre entre jovens com menores rendimentos, além do aumento da taxa de analfabetismo entre jovens nos últimos anos. Essas e outras referências fundamentam minha compreensão de *juventudes* como um grupo social heterogêneo e plural, construído por jovens em condições sociais diversas, heterogêneas e complexas, conforme apontam os autores, Pais (2003) e Margulles (2000). Nessas bases, apresento a perspectiva da *juventude rural*, conforme destaca Castro (2005), não apenas como uma categoria que representa identidades sociais, mas também marcada, em distintos contextos, pela classificação social e por relações de hierarquia social, podendo abarcar múltiplos significados. Compreendo que a identificação como jovem rural demonstra um processo identitário que evidencia ressignificações acerca do próprio rural, a partir de significados e perspectivas que promovem diálogo entre as categorias *juventudes* e *ruralidades*, conforme destaca Castro (2005).

Nesta pesquisa, direciono o olhar sociológico para o cenário rural, a partir do ponto de vista das(os) jovens. Assim, para a compreensão do universo no qual as(os) jovens assentadas(os) estão inseridas(os), assumi a perspectiva do assentamento como espaço de *ruralidades*, entendendo o rural não somente como um espaço de mera produção agrícola, mas também como uma realidade construída por sociabilidades, produção e reprodução de vida, conforme sugere Carneiro (2005) e Silva (2016). As autoras também apontam que a análise da relação rural x urbano, deve ser pensada numa perspectiva que ultrapasse a dicotomia que comumente permeia esta relação. É necessário romper com esta visão dicotômica tradicionalista, que apresenta o rural numa condição de inferioridade em relação ao urbano. A partir dessas referências, anoro minha compreensão na perspectiva de que o rural e o urbano são realidades em trânsito. Há na verdade, com as fortes transformações do mundo rural, uma distância física e simbólica cada vez menor entre estes espaços, tornando esta relação em trocas materiais e de sentidos, como assim nos informa Carneiro (2005).

No que diz respeito ao lazer de jovens do assentamento, parto do entendimento de lazer como uma dimensão de busca por excitação. Excitação atinente não apenas a alívio de pulsões

sociais, mas caracterizada pelo descontrole desmedido e que, primordialmente, obedece ao princípio da livre escolha do indivíduo em suas vivências, conforme aponta Elias e Dunning (2000). Para os autores o lazer figura como uma dimensão de interação e sociabilidade, estabelecendo um extenso processo de construção de laços sociais e interdependência, que se diferencia das obrigações sociais do dia a dia, como as escolares, as de trabalho, as familiares e as religiosas, espaços em que somos sujeitadas à repressão e controle. Essa permissividade torna o indivíduo protagonista nos momentos de lazer. Nessa discussão, me conduzi por meio da perspectiva de cultura pensada como uma das dimensões do lazer, tendo em vista que no lazer pode-se observar conteúdos culturais que trazem satisfação e prazer aos indivíduos que os escolhem, Marcellino (1996). Como sugere Canclini (2009), penso a cultura, como como dinâmica, processual e cambiante, a partir da noção de interculturalidade, que vai além de processos passivos de trocas de elementos culturais, mas se configura como um diálogo ativo, uma negociação entre diferenças. Assim, construí o trabalho a partir dessas referências de lazer e cultura e tive a intenção, ao final desta jornada, de ter a competência de indicar alternativas que possibilitassem reconhecer e analisar outras referências de equipamentos, espaços e estratégias de lazer e elementos culturais de jovens rurais, para potencializar essas referências como elementos dos projetos de vida de jovens no assentamento.

Acredito que essa pesquisa é de grande relevância social, pois trata sobre grupos sociais discriminados socialmente. Sem dúvidas, meu desejo foi produzir conhecimento que contribua para a desconstrução de padrões e preconceitos sobre essas juventudes, que pode possibilitar outras referências para afirmar a igualdade de direitos em todos os aspectos da vida social, daquelas(es) que não se enquadram nos padrões instituídos historicamente. Daí meu interesse, considerando que sou também potencial agente de mudanças. Nesse sentido, este trabalho teve como pano de fundo, para a compreensão de invisibilidades, desigualdades, silenciamentos e dicotomias que atravessam o cotidiano dessas juventudes rurais, a análise da realidade observada a partir da perspectiva da colonialidade.

Conforme Mignolo (2014) e Quijano (2005) a colonialidade parte do projeto civilizatório da modernidade. Nessa perspectiva, é compreendida como uma matriz colonial de poder alicerçada na naturalização de hierarquias (territoriais, epistêmicas, raciais, de gênero e culturais). Ela produz a subalternidade e obscurece experiências, conhecimentos e modos de vida daquelas(es) que são dominadas(os), exploradas(os) e têm seus territórios invadidos, a exemplo do processo de colonização do território hoje conhecido como América Latina. O processo colonizador é que engendra a possibilidade à reprodução e manutenção de relações de dominação no decorrer dos tempos, nas mais diversas esferas da vida social. É a partir desse

projeto da colonialidade que a dicotomia rural-urbano se alicerça e se processa; que se forjam as desigualdades sociais vividas pelas juventudes rurais e urbanas; que constroem a negação dos saberes advindos dos sujeitos do campo; que se estrutura a precariedade da oferta de lazer à juventude, e tantas outras oblitterações impostas aos sujeitos subalternizados, especialmente aquelas(es) cujas narrativas servem de referências para as análises aqui desenhadas: as(os) jovens rurais.

Contudo, busquei como referencial teórico diversas(os) autoras(es) a respeito das categorias de análise que me propus aqui discutir, que me encaminharam, como pesquisadora, a seguir uma trajetória crítica e analítica sobre a realidade pesquisada, numa relação dialética entre as construções teóricas e a pesquisa de campo. A partir dessa perspectiva de pensamento concordo com Boaventura Santos quando afirma que: “ A dupla ruptura epistemológica tem por objeto criar uma nova forma de conhecimento, ou melhor, uma configuração de conhecimento que, sendo prática, não deixe de ser esclarecida e, sendo sábia, não deixe de estar democraticamente distribuída” (1989. p. 42). Esse posicionamento me serviu de base para compreender o real, não com superioridade, mas sempre tendo como principal fonte de conhecimento a própria realidade pesquisada, na perspectiva de que os sujeitos da pesquisa é que me desvelaram as “incontestáveis verdades” sobre suas realidades. Nesse processo, busquei valorizar os saberes dos sujeitos e não apenas propor hipóteses para aplicar em realidades verificáveis.

1.2. Caminhos, encontros e (des)encontros com sujeitos e realidades

Para dar conta dos objetivos desta pesquisa, utilizei duas estratégias metodológicas básicas. A primeira, de natureza bibliográfica, centrou-se na busca de fundamentos teóricos para mediar meu olhar à realidade. A teoria foi aqui referência na acepção tratada por Pais (2003). Isto é, não como referência fixa. Porém, como norteadora, como “lente” para mediar o olhar que melhor viabilizou enxergar sujeitos e suas vivências, por meio de suas narrativas. Dada a complexidade da realidade, não houve como caminhar apenas num rumo para apreender as relações sociais, pois sempre estive segura que, à medida que as questões sociológicas foram aflorando, foi necessário recorrer, a autoras(res) com concepções diferentes para respondê-las. Acima de tudo, utilizei da própria realidade apresentada pelos sujeitos. Tomei como principal referência para esta postura metodológica as reflexões de Pais (2003), que teve como foco o cotidiano de jovens da cidade de Lisboa:

(...) uma estratégia de conhecimento através do cotidiano, o que exigiu uma perspectiva metodológica de acercamento da realidade vivida pelos jovens, através de uma observação em profundidade, etnográfica, dos seus contextos individuais e biográficos (PAIS, 2003, p. 14).

Por isso busquei como norte inicial para olhar as(os) jovens do Vale, estudos que estavam próximos ao tema desta pesquisa, que compreendem a juventude uma categoria diversa; sobre juventudes rurais e lazeres juvenis. Esta busca foi importante para a construção e definição dos aspectos teóricos-metodológicos desta pesquisa. Nessa busca, identifiquei diversas ideias inspiradoras. Dentre as quais, merecem destaque aquelas suscitadas por investigações de natureza etnográfica, bem como de trabalhos que tratam sobre realidades de jovens. Dentre esses trabalhos estão: “Entre sair e ficar” (2005) de Elisa Guaraná; “Festa no Pedaco” (1998) de José Magnani; “Em busca de excitação” (2018) de Tâmara Feitosa. São investigações que centram suas reflexões nas experiências dos sujeitos a partir dos contextos em que estão inseridos.

Mas, especialmente, utilizei como “lente”, para analisar a realidade, o pensamento crítico decolonial, proposto por Walter Mignolo (2014). Para tanto, busquei apreender elementos que possibilitassem uma realização do projeto de libertação e a emancipação do conhecimento, proposto pelo autor, com a estratégia de distanciamento, que consiste na desnaturação de conceitos e campos conceituais da colonialidade, sem ignorar ou negar o que não pode ser negado. Com isso, pretendi construir o conhecimento, não tomando por base conceitos fixos, coloniais e/ou eurocentrados, mas valorizar os localismos, em diálogos com os saberes dos sujeitos da pesquisa, enquanto também produtores de conhecimentos.

Os sujeitos dessa pesquisa foram jovens residentes no assentamento rural – MST (Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra) Vale da Esperança, situado na zona rural sudeste de Teresina-Piauí. Como critério etário utilizei fundamentalmente a divisão etária estabelecida pela própria comunidade. Desta forma, em contato com a comunidade perguntei às(aos) assentadas(os) e às(aos) próprias(os) jovens com quem fui estabelecendo contato inicialmente, sobre quem eram as(os) jovens que ali residiam. Conforme a indicação, fiz contato com as(os) jovens indicadas(as) para expor sobre a pesquisa e indagar sobre interesse em participar da mesma, assim como apresentar-lhes o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, para apenas após sua assinatura prosseguir com o recolhimento de informações.

Tomei esta decisão pautada na convicção de que as configurações etárias que demarcam as fases de vida, são próprias de cada grupo social e têm, sem dúvidas, relações com seus modos de vida. Ser jovem no contexto urbano é diferente de ser jovem no contexto rural. Da mesma forma, em diferentes contextos rurais, há diferentes formas de ser jovem e num mesmo contexto

rural, a juventude não é homogênea. Por tudo e muito mais aspectos, deixei que a própria comunidade me apresentasse sua própria classificação de jovens, segundo seus critérios sócio-culturais, com seus diversos marcadores. Tomando como referência tal classificação, tive acesso a jovens com idades entre dezenove e quarenta e dois anos, o que não quer dizer que seja essa a classificação etária específica que serve de parâmetro para a comunidade delimitar a fase juvenil. Haverá uma sessão em que descreverei detalhadamente, a partir do olhar das(os) próprias(os) jovens, quem são as(os) jovens do Vale. Por essas mesmas razões, não fiz, a priori, demarcação de gênero, deixei que a realidade possibilitasse o encontro com os sujeitos, inclusive suas orientações sexuais. Compreendo a diversidade juvenil sob muitos aspectos, como classe, etnia, gênero e geracional. Assim, no contato com jovens do Vale, a partir de suas indicações, sob seus critérios, nos dias destinados por elas(es) para a realização de entrevistas, conversei com nove jovens, entre dezenove e quarenta e dois anos, das(os) quais seis identificaram-se como do sexo feminino e três do sexo masculino. Quanto à quantidade de sujeitos abordados na pesquisa de campo, no que se refere ao ponto de saturação da temática, à medida que fui adentrando ao campo, a partir das observações e da realização das entrevistas, consegui analisar o momento em que eu já tinha os elementos suficientes para responder às questões propostas para a pesquisa. Contudo, só o campo pôde oferecer-me elementos necessários para a delimitação dos sujeitos, e a realidade ofereceu-me pistas e elementos para as definições, não apenas sobre quem foram os sujeitos, mas também sobre espaços a visitar e caminhos a percorrer.

Minha pretensão foi construir um ensaio etnográfico a partir de uma descrição densa⁴ sobre o lazer de jovens do assentamento Vale da Esperança, pois entendi que o trabalho etnográfico refletia a forma de olhar e falar dos sujeitos da pesquisa mais próxima ao que busquei também realizar em meu trabalho. Circulei na perspectiva da descrição da cultura, dos hábitos sociais, dos discursos e da vivência de um povo. Compreendo que, para falar de juventudes rurais e seus lazeres, é necessário apresentá-las como construtoras do saber, como protagonistas de seu tempo e espaço e acredito que ao descrevê-las em um ensaio etnográfico pude apresentá-las deste modo, mais distante de julgamentos e classificações teóricas

⁴ De acordo com Clifford Geertz (2008), na **descrição densa** um pesquisador deve descrever seus estudos, acerca do seu objeto de pesquisa, nas suas mais diversas particularidades, levando em consideração todos os mínimos fatos sociais que o cercam. Para o autor, realizar uma **etnografia** a partir de uma descrição densa é interpretar e elaborar uma compreensão da leitura que os sujeitos fazem da própria cultura, buscando explicar e interpretar expressões sociais que são “enigmáticas na sua superfície” (GEERTZ, 2008, p.4). O principal fundamento é a natureza interpretativa. Assim o pesquisador, diante do discurso do sujeito, anota e registra algo que não deixa de existir após ter acontecido, tornando-se um relato na pesquisa de campo. Ou seja, a descrição etnográfica é composta pela interpretação do discurso e o registro minucioso deste relato. Não se busca leis gerais, mas sim significados e significações.

enclausurantes. O ensaio etnográfico pôde fazer-me conhecer os espaços/tempo em que se processam os lazeres dessas(es) jovens, sentidos e significados que atribuem às suas experiências e vivências de juventude e lazer dentro da relação rural-urbano. O trabalho de campo foi parte crucial desta pesquisa, por meio da realização de entrevistas com jovens da comunidade, de visitas constantes ao assentamento, de acompanhamento às(aos) jovens em seus percursos de lazer, para conhecer como se divertem, e quais significados e sentidos atribuem às práticas de lazer e cultura.

Ademais, todo o traçado metodológico que percorri para construir esta pesquisa, é importante destacar como estabeleci a relação com o campo de pesquisa e com os sujeitos, em meu papel de pesquisadora, para a construção desse ensaio etnográfico. Em todo período da pesquisa de campo, deixei que as(os) jovens me apresentassem o Vale, os seus modos de vida, suas juventudes, seus lazeres e sua cultura por meio de seus olhares, e assim, o fizeram. Além de experimentar os sabores de sua terra, elas(es) me levaram para seus lazeres na comunidade, suas manifestações culturais, suas casas e suas reuniões organizativas. Mas, também, para seus espaços de produção e de expressão de fé e religiosidade, suas comemorações, e até para seus ajuntamentos familiares.

Busquei compreender a realidade e os sujeitos desta pesquisa por meio do acercamento da realidade vivida pelas(os) jovens, numa própria lógica da descoberta, inspirado no trabalho de Pais (2003). Como reforço a este posicionamento, em meu percurso de apreensão da realidade, levei em consideração as preocupações também de Coulon (1995), quanto à necessidade de haver uma ruptura com o pensamento sociológico tradicional:

Mesmo quando os fatos os contradizem, os sociólogos dão um jeito para encontrar explicações que se conformem a suas hipóteses preestabelecidas, em particular a da consciência do objeto. A etnometodologia substitui esta hipótese da constância do objeto pela de processo (COULON, 1995, p. 31).

Em relação às estratégias de recolhimento de informações de campo, realizei atividades de caráter exploratório a priori, as quais consistiram na realização de visitas para observações livres. No entanto, inicialmente, foram realizadas visitas para estabelecer os primeiros contatos com a comunidade, criar empatia, proximidade e uma relação de confiança com as(os) pesquisadas(os). A intenção era construir laços de confiança, para que, no momento da pesquisa de campo propriamente dita, não houvesse tanto estranhamento entre mim, moradoras(es) da comunidade e sujeitos. Esta aproximação também objetivou apreender práticas que possibilitassem o entendimento da comunidade como “fonte” e “destino” do conhecimento produzido por meio desta pesquisa. Tinha, ainda, o desejo de que o processo narrativo dos

sujeitos sobre suas realidades gerasse compreensão sobre seus saberes e fazeres. Gerasse memória⁵, vínculos, reconhecimentos, paixão, esperanças para o viver nesse assentamento.

Ainda como estratégias de recolhimento de informações de campo, posteriormente, utilizei as observações sistemáticas, cujas visitas tiveram como objetivo compreender as vivências, juventudes e lazes de jovens do Vale, a partir de seus modos de vida, com vistas a compreender sentidos e significados. Para essa fase de observações, construí um roteiro aberto semiestruturado para orientar a apreensão de pontos específicos, que surgiram tanto na relação com os sujeitos pesquisados, quanto a partir da literatura acessada.

Compreendo como observação sistemática, o processo de recolhimento de informações por meio de um olhar direcionado à realidade dos sujeitos, tendo por base os objetivos da pesquisa, a própria realidade encontrada e a literatura de referência da pesquisa. A observação, seja ela livre e/ou sistemática, vai além do que as entrevistas podem dizer. É buscar contemplar, ao menos por um espaço de tempo limitado, os modos de vida dos sujeitos. Olhar além do que as entrevistas apresentam. Como Magnani (2002) destaca em sua pesquisa, há uma significativa importância na observação sistemática nas investigações sobre lazer das juventudes, pois, além de algumas realidades escaparem nos discursos, alguns sujeitos ocultam suas vivências de lazer, em razão da ideia do lazer ser muitas vezes visto como perda de tempo, preguiça ou uso não produtivo do tempo.

No processo de andanças pela comunidade, a observação foi importante instrumento para apreensão de informações sobre comportamentos, ações, atitudes, expressões atinentes ao modo como as(os) jovens se movimentam, interagem e trocam na comunidade. Também, por meio da observação, foi possível apreender imagens e descrever sobre o meio físico, organização e disposição de espaços, capturando trânsitos e usos desses espaços pelas(os) jovens e demais sujeitos na comunidade.

As observações se deram de maneira bastante atenta, tranquila, amistosa e proveitosa. Cheguei ao Vale da Esperança por indicação e intermédio da professora Valéria Silva, uma das organizadoras da Feira UFPI (Feira de Base Agroecológica da Universidade Federal do Piauí) - da qual a comunidade faz parte -, minha ex-professora da graduação em serviço social e, na época, minha professora no mestrado, na disciplina de Sociologia Rural. Ela transitava pela comunidade e me passou o número de telefone de uma das jovens moradoras do assentamento. Assim, meu contato inicial com a comunidade foi com Karla, uma jovem de 23 anos, que reside

⁵ A ideia de **memória** não como uma lembrança do passado, mas como uma forma de narrar sobre o passado no presente, como apresenta Portelli (2017) em seu artigo *Un travail de relation: quelques observations sur l'histoire orale*.

na comunidade, é técnica agrícola, ex-aluna de uma EFA (Escola Família Agrícola), estudante de serviço social na UFPI, e participa como bolsista de extensão no projeto da Feira UFPI. Apresentei-me a ela e expus, de maneira geral, os objetivos do meu trabalho. Ela foi bastante solícita em contribuir com a pesquisa, teve uma boa receptividade, e prontamente, se dispôs a prestar-me informações e ajudar em minha inserção na comunidade para a realização da pesquisa de campo. Naquele momento, marcamos minha primeira visita ao assentamento.

Realizei a primeira visita, e a jovem Karla me levou diretamente para sua casa, no Vale da Esperança, onde fui acolhida calorosamente por toda sua família e vizinhança, especialmente, por sua mãe, que logo se dispôs, com muito entusiasmo, a também contribuir com o trabalho, sendo ela figura importante na comunidade. A partir dali, e em todas as demais visitas, a casa da jovem Karla tornou-se a minha base de apoio, onde eu sempre ficava hospedada quando visitava a comunidade. Foi a partir de Karla, que é uma representante liderança jovem na comunidade, que cheguei às(aos) demais jovens, que também se dispuseram, sem reservas, a contribuir com meu trabalho, e aos poucos, consegui estabelecer uma relação de confiança, igualdade, troca e até amizade com as(os) mesmas(os). Crianças, jovens, adultas(os) e idosas(os), todas(os) na comunidade me abraçaram de maneira extremamente calorosa. À medida que o tempo da pesquisa ia passando, e que eu estava mais presente na comunidade, passaram a afirmar, de maneira carinhosa, que eu já era um membro do Vale da Esperança. O que para mim é uma honra.

Nesta pesquisa, também fiz uso de um diário de campo, onde registrei o percurso da pesquisa de campo, o contato com a comunidade, com os sujeitos, as principais observações sobre espaços, atividades, o desenrolar das entrevistas, os eventuais percalços e imprevistos que surgiram, enfim, o caminho trilhado nas idas ao campo. Esses registros foram de grande importância para a construção do trabalho, pois continham análises e inquietações sobre aspectos da realidade observados e refletidos *in locus*, no calor do estranhamento, no contato com sujeitos em campo. Também recolhi imagens de diversos espaços e acontecimentos na comunidade, no intuito de apresentar as estéticas dos espaços e, com isso, enriquecer a compreensão sobre o território de contexto da pesquisa.

Enfim, a observação sistemática foi demarcada a partir da necessidade requisitada pela realidade, levando em consideração a natureza da mesma e ainda o caráter qualitativo adotado neste estudo. Teresa Haguette (1990), afirma ser a História Oral um dos recursos essenciais no processo da observação, pois as narrativas pessoais, recheadas de memórias sobre as experiências dos sujeitos põe em evidência sentidos e significados sobre suas realidades. Exige um planejamento a seguir, com vistas a não comprometer as narrativas. Desse modo, as

entrevistas, com base na metodologia de história oral, devem ser vistas no conjunto das narrativas que informam o todo de uma determinada pesquisa. Contudo, foram as entrevistas embasadas na história oral que me forneceram os significados e sentidos dos sujeitos, por meio de suas narrativas. Foi a partir delas que busquei apreender seus modos de vida, suas aceções, suas verdades e vivências sobre suas juventudes e lazeres,. Mas também como é ser jovem no Vale, suas relações com a comunidade, como a relação rural-urbano interfere em seus modos de vida e os significados que elas(es) atribuem ao Vale. Em suma, elas(es) me apresentaram a comunidade a partir de suas referências. Considerando ser a entrevista um momento que possibilita os sujeitos expressarem o que pensam e fazem sobre o tema investigado.

Busquei valorizar a capacidade reflexiva das(os) jovens, pois não é possível tratar sobre como são seus lazeres, de como se processa sua relação com o rural, sem recorrer às suas próprias narrativas como principal fonte de conhecimento. Nesse caso, as entrevistas tiveram como base fundamental os princípios da história oral temática, conforme destacam Holanda e Meihy (2007, p. 38-39): “[...] como metodologia ou técnica e, dado o foco temático no projeto, tornar-se um meio de busca de esclarecimentos de situações conflitantes, polêmicas, contraditórias”. Portanto, o foco central são as oralidades invisibilizadas de classes não hegemônicas, como apresentam diversas(os) autoras(es) na obra *Usos e Abusos da História Oral*, (AMADO e FERREIRA, 2006). Almejei, efetivamente, tornar as(os) entrevistadas(os) realmente sujeitos da pesquisa. Na realização das entrevistas busquei um relacionamento honesto com as(os) entrevistadas(os), pautado pela ética da fidedignidade nos diversos momentos, desde o recolhimento da entrevista, até a interpretação das narrativas apreendidas. Para tanto, minha relação com os sujeitos foi baseada na troca, na confiança e na igualdade. O propósito não era apenas recolher informações, mas produzir conhecimento a partir das narrativas dos sujeitos: “Fazer história oral significa, portanto, produzir conhecimentos históricos, científicos, e não simplesmente fazer um relato ordenado da vida e da experiência dos ‘outros’” (AMADO e FERREIRA, 2006, p. 17).

Utilizei roteiro de entrevista aberto, desta forma, o ritmo e a dinâmica da entrevista foram construídos na relação estabelecida com as(os) entrevistadas(os), com roteiro circunscrevendo apenas a temática, para que as perguntas funcionassem apenas como guias condutores. Os registros de imagens e de áudio preservaram a identidade dos sujeitos, com respeito a confidencialidade ou privacidade. No entanto, em relação à privacidade, decidi manter os primeiros nomes das(os) entrevistadas(os), nas narrativas apresentadas ao longo do trabalho, segundo o consentimento das(os) mesmas(os), tendo em vista a possibilidade de tratar-se de sujeitos invisibilizados, tanto socialmente, quanto na literatura acadêmica. Esses

sujeitos carregam histórias de lutas, que merecem ser compreendidas e reconhecidas, preservando suas identidades, pois, são nelas que estão toda a carga de sentidos e significados de suas vivências. Eu mesma realizei a transcrição das entrevistas, com essa ação, meu intuito foi de aproveitar o momento da transcrição para registrar as emoções expressas durante as entrevistas: silêncios, pausas, gestos, movimentos e demais ações ocorridas e por mim registradas.

De posse das entrevistas transcritas e dos registros das observações livres e sistemáticas feitos no diário de campo, passei a análise de todas as informações coletadas, o que me ajudou a visualizar toda a pesquisa e a possível estrutura do trabalho. Nesse sentido, quanto ao espaço onde encontrar os sujeitos, iniciei encontrando-os em suas residências, em seguida, passei a encontrá-los em outros locais, dentro da própria comunidade, definidos previamente pelas(os) próprias(os) jovens, locais que para elas(es) haviam alguma simbologia e que refletia suas identidades. Entendo que os espaços de lazer podem extrapolar o campo de pesquisa já acima delimitado, pois o lazer nesta pesquisa é compreendido como dimensão da vida que deve garantir excitação e ser propício para a criação, e por assim ser, não há como haver homogeneidade nele. Deste modo, o lazer aqui não está restrito a espaços específicos, mas é livre e pode acontecer em todo e qualquer espaço, dependendo da decisão dos sujeitos envolvidos. Como investigadora sempre estive aberta a percorrer todos os espaços propostos, desde que fossem indicados pelos próprios sujeitos.

Foi por meio das entrevistas que elas(es) narraram abertamente dos seus saberes e sentidos. E algo significativo que aconteceu nas entrevistas foi que, embora eu houvesse planejado que elas fossem realizadas individualmente, quando eu chegava a campo, nos momentos das entrevistas, ao observar as conversas e o comportamento das(os) jovens, sempre agrupados, interpretei que o desejo das(os) mesmas(os) era de que fossem entrevistadas(os) em grupo. Quando as(os) questionava, elas(es) confirmavam. E assim eu o fazia, conforme o desejo delas(es). Realizei todas as entrevistas em grupo, para que se sentissem mais confiantes e seguras. Essas(es) jovens me trouxeram saberes muito além das minhas expectativas em relação ao trabalho, corroborando com Portelli (2010), quando o autor afirma que na pesquisa:

Há duas agendas que se encontram: a agenda do historiador, que tem perguntas, algumas coisas que queremos saber; e a agenda do entrevistado, que aproveita a presença do historiador para contar as histórias que quer contar, as quais não são necessariamente as histórias que buscamos. E talvez, amiúde, são mais interessantes do que as histórias que buscamos (p. 2-3).

Desse modo, essa mudança de estratégia, em nada interferiu na coleta de informações. Pelo contrário, em todas as entrevistas as(os) jovens se expressaram livremente, e o conteúdo

colhido foi além do esperado, tornando a análise das informações ainda mais complexa, rica e interessante. Tantos saberes me abriram um leque muito grande de possibilidades de explorar diversas faces dos modos de vida dessas(es) jovens, e a minha tarefa de delimitar e tomar decisões sobre que caminhos seguir não foi fácil.

Essas estratégias teóricas metodológicas foram assim pensadas em vista de possibilitar uma melhor apreensão das juventudes e dos lazeres das(os) jovens, suas relações com o rural e seus significados, tendo por referências as narrativas das(os) próprias(os) jovens. Contudo, quero destacar que parte deste trabalho foi realizado em meio a pandemia de Covid-19⁶, que atingia, até o momento da escrita desta dissertação, o mundo inteiro, e que vem tendo como principal estratégia de enfrentamento para evitar sua disseminação, o distanciamento físico. Toda a pesquisa de campo, bastante extensa e prazerosa, e o ensaio do primeiro capítulo, foram realizados antes da pandemia. No entanto, a escrita da maior parte do trabalho, ocorreu em pleno caos pandêmico. Essa realidade trouxe inúmeros desafios para a elaboração da escrita deste trabalho, tendo em vista todo quadro de incertezas, medo e comoção que abalou a todas(os), inclusive a mim e aos jovens que narraram sobre suas realidades. Nessas condições, durante esse período, permaneci mantendo contato remotamente com algumas(uns) das(os) jovens entrevistadas(os), por meio de aplicativos de mensagens, para assim construir a escrita ainda em conexão com o campo, no intuito de cultivar a relação de troca permanente entre pesquisadora e sujeitos, durante todo processo investigativo. Distância física necessária, que assegurou a todas(os) nós, segurança em saúde. Dessa forma pude acompanhar os impactos da realidade pandêmica no cotidiano das juventudes do Vale, assim como o modo como a enfrentaram. Nesse contexto, muitos outros aspectos das juventudes do Vale foram revelados ante a essa nova realidade que vivemos, conforme explicitarei com mais detalhes na conclusão deste trabalho, assim como os desafios por mim enfrentados nesse período.

A lógica da pesquisa e as análises por meio dela desenhadas, possibilitaram-me expor este trabalho em três capítulos, de modo que, desde o início até o fim, o leitor poderá identificar que há uma interação teoria/sujeito, entendendo que ambos são fontes de conhecimento. Estruturei o trabalho da seguinte forma:

No primeiro capítulo destaco aspectos para compreensão da dimensão das sociabilidades no Vale, apresentando espaços e relações sociais. Desenvolvo reflexões sobre os fundamentos da dicotomia urbano x rural. Em sequência, explicito o processo de construção

⁶ **COVID-19**, do inglês Coronavirus Disease 2019, é uma doença infecciosa causada pelo coronavírus da síndrome respiratória aguda grave 2 (SARS-CoV-2). Fonte: Wikipedia.

desse território e seu desenho atual. Seguido de uma apresentação da estruturação atual do território Vale e considerações sobre a história do mesmo.

No segundo capítulo, inicialmente, explicito o que é ser jovem no Vale, a partir das narrativas das(os) próprias(os) jovens. Em seguida, discuto a dimensão de “ida” e “volta”, entre o campo e a cidade, vivida por essas(es) jovens. E, por fim, faço uma discussão sobre como se processam as relações de sociabilidades entre jovens do Vale.

Por fim, no terceiro e último capítulo apresento uma reflexão acerca dos significados do lazer e das principais características do lazer do Vale da Esperança. Em seguida, desenvolvo uma discussão acerca de cultura como dimensão do lazer e apresento elementos cambiantes na cultura do Vale da Esperança. Na última sessão, trago a reflexão acerca das sociabilidades entre jovens do Vale nos espaços/tempos de lazer e cultura, e suas implicações nas relações sociais entre jovens da comunidade.

2. O VALE É A NOSSA CASA! Dicotomia, sociabilidades e trocas

O Vale é minha família, o Vale é meus amigos, o Vale é meu futuro e o futuro dos filhos dos meus amigos, que são a juventude. Para mim o Vale é tudo. É o Vale da Esperança!

(JOVEM CLEDSON, 42 anos, Vale da Esperança, 04.08.19)

A narrativa acima, de um dos jovens entrevistados, assemelha-se à narrativa de várias(os) outras(os) jovens. Reflete a importância e o significado do Vale para todas(os) essas(es) jovens. Evidencia que, além de apenas um lote de terra conquistado por meio de muita luta, o Vale é um território que guarda sentidos e significados que ultrapassam a simples relação privada do lar.

Neste capítulo serão destacados alguns elementos para compreensão dessa dimensão das sociabilidades no Vale, explicitando espaços e relações de trocas e afetos que as sustentam. Antes, porém, desenvolverei algumas reflexões sobre as origens e fundamentos da dicotomia urbano x rural. Em seguida, tratarei sobre o processo de constituição desse território, bem como sobre como se configura seu desenho hoje.

2.1. Elementos para compreender a dicotomia urbano x rural

O início desse capítulo com essa epígrafe, teve como propósito possibilitar elementos para uma compreensão de que as relações de proximidade e familiaridade existentes nessa comunidade extrapolam a vida privada do lar como temos concebido comumente, pois lá, o Vale todo é a casa de todas(as), é a família, é o lugar de todas(as). Porém, esse lugar de todas(as) é marcado, desde muito tempo, como a grande maioria das comunidades rurais, por estigmas e preconceitos, oriundos de uma concepção dicotômica opositiva entre o urbano e o rural. Nela, o urbano se sobrepõe ao rural, sob o pressuposto de que as tecnologias e o desenvolvimento em comunicações, construções e demais âmbitos tornam a cidade superior ao campo. Porém, o que se observa é a existência de relações de trocas constantes entre ambos territórios. Por esta razão, não há como admitir a subalternização do rural, tratando-o como lugar atrasado e sem valor, pois, tendo como referência uma célebre frase do MST: “Se o campo não planta, a cidade não janta! ”.

Em diferentes tempos históricos o surgimento das cidades vai ser marcado por relações sociais diferentes. Na região que hoje conhecemos como América Latina, por exemplo, formas de acumulação dos países europeus como Portugal, Espanha, Holanda e Inglaterra, que invadiram⁷ a região, definiram a organização sócio espacial das cidades aqui criadas. Os principais objetivos dos invasores⁸ eram ganhar novos mercados, explorar riquezas e obter mão de obra escrava. Por essa razão, as cidades criadas por eles, eram situadas em pontos estratégicos do ponto de vista bélico, mas também em regiões já habitadas por outros povos com identidades diferentes. Esses povos foram tidos como mais fracos e inferiores, e tiveram suas culturas negadas e destruídas, além da apropriação de suas riquezas. Por outro lado, nos territórios dos invasores, o processo de industrialização desenvolvia-se em franca expansão e, conseqüentemente, possibilitando um expressivo crescimento urbano, em razão do desenvolvimento de transportes e comunicações, proporcionando, a partir dessa articulação, o surgimento das redes urbanas para fluxo de mercadorias a menor custo e em abundância. Esse movimento quase resulta na extinção da produção de subsistência do campo, transformando a(o) camponesa(es) na(no) agricultora(r) especializada(o). Todo esse desenvolvimento era alicerçado na exploração dos territórios invadidos.

Com o passar do tempo, as inovações da indústria urbana europeia também revolucionam o campo, como o desenvolvimento de novas técnicas e tecnologias. Dessa forma, esse espaço urbano tornou-se não somente o lugar de acúmulo e distribuição do excedente de alimentos, mas também o lugar onde circula praticamente todo processo de produção agrícola, tendo em vista que por ali transitam os instrumentos de trabalho, os produtos agrícolas, que são comercializados, transformados pela indústria e, em parte, redistribuídos ao campo.

Portanto, há uma aceleração do processo de crescimento das cidades dos invasores, e duas principais condições se acentuaram: a necessidade de mão de obra nas indústrias e a redução do número de trabalhadoras(es) no campo. Simultaneamente, a industrialização desencadeou a expulsão do campo e a atração pela cidade na Europa. Com o crescimento industrial intensifica-se a busca por mão de obra barata e necessitada, oriunda justamente das

⁷ Ao longo da história, diversas denominações são utilizadas para fazer referência ao processo que deu origem ao que hoje se denomina América Latina. Durante muitos anos predominou uma narrativa sobre “descobrimto”, que significa, dentre outras coisas, a ideia de negação das **populações originárias** (aqueles indivíduos que já viviam e desenvolviam sua cultura e modos de vida nessa região), e mais ainda, serve para justificar a imposição da construção de uma região “única”, América Latina, negando a diversidade de povos, línguas e culturas identificadas. Optei aqui pela utilização da denominação **invasão**, no sentido de evidenciar o processo de usurpação de tudo o que foi encontrado nessa região, desde as terras, ao povo, até suas subjetividades.

⁸ Optei por me referir aos **invasores**, neste trabalho, apenas por meio do gênero masculino, pois parto do pressuposto que o movimento de invasão foi orquestrado e infligido por homens brancos, tendo em vista que a opressão, dominação e silenciamento dos demais gêneros se desenhou e partiu das terras destes invasores.

camadas rurais marginalizadas, em razão da espoliação da propriedade da terra e dos meios de produção.

Essa fase do capitalismo é apenas o ápice do modelo de dominação erigido sob a lógica da *colonialidade*, sendo a instrumentalização do rural como marginal em relação ao urbano, um elemento demarcador da ideia de rural atrasado em relação ao urbano, já que nas cidades dos invasores as indústrias detêm as tecnologias e meios para uma produção em massa. Assim, no ocidente, marcado pelo domínio colonialista eurocêntrico e, na América Latina em especial, com a sedimentação dessa dicotomia rural x urbano, a partir do processo de invasão, em que o invasor traz a concepção da superioridade da metrópole sobre as colônias, e, junto com ela, a ideia da separação do urbano e do rural, dos seres e dos povos, da superioridade de uns sobre os outros. Os saberes dos povos originários, residentes nas terras invadidas, foram ignorados, omitidos, silenciados, subalternizados e excluídos. Situação imposta assim que tiveram seus territórios invadidos a partir de 1492. A partir desse processo, a maioria desses povos foram sujeitos à inferiorização, qualificados como povos bárbaros; objetos da homogeneização cultural. Aspecto da colonialidade, que na concepção de Castro-Gomez e Grosfoguel, (2007) é entendida como um legado de lógicas coloniais, heranças do colonialismo, que está entranhado nas estruturas e instituições e ainda nas subjetividades, epistemologias, mentalidades e imaginários, dando forma e conteúdo às sociedades contemporâneas. Essa lógica reforça a perspectiva dicotômica desde o colonialismo.

Segundo Castro-Gomez e Mendieta (1998), Mignolo considera que a América Latina tem uma história de dominação e resistência muito fortes, pois, em sua análise, o continente foi crucial para o desenvolvimento do capitalismo mundial. Para ele, foi, na verdade, o primeiro espaço geográfico cultural a ser maculado pelas perpétuas sequelas do sistema colonial/imperial moderno. Da mesma forma, Almeida e Silva (2015) afirmam:

Portanto, é a partir da criação da América que a Europa funda-se como centro geopolítico do mundo, e entre os séculos XIX e XX com as elites crioulas e o Estado nacional instalados, será consolidada como Latina caracterizada como: politicamente instável; estrutura produtiva atrasada; dependente do capitalismo internacional; com crescimento demográfico acentuado; estrutura fundiária reorganizada pelo capitalismo monopolizado, e com uma população culturalmente atrasada cuja forma de produzir, sistematizar e publicizar conhecimento é dependente da Europa e da América do Norte. A latinidade foi um projeto da França que no século XIX quis recuperar a sua liderança em relação à Itália, Portugal e Espanha, com o objetivo de enfrentar a união anglosaxônica (protestante) e latina (católica), ou seja, a escolha de um nome não é puramente semântica, e nominativa, pelo contrário, envolve realidades históricas concretas e específicas (p. 56).

A reflexão desses autores traz elementos para problematizar a história da América Latina, narrada pelos parâmetros do colonizador. Nesse sentido, coloca em evidência a

contestação dessa narrativa, a que ficou conhecida como perspectiva decolonial. Nessa perspectiva, o período entre os séculos XV e XVI é denominado como primeira modernidade, cuja marca é a invasão e colonização da América e a subsequente formação do Sistema-Mundo-Moderno, processos instaurados por Portugal e Espanha (DUSSEL, 1994, 2005). Assim, a modernidade tem início “quando se deram as condições históricas de sua origem efetiva: 1492 – sua empírica mundialização, a organização de um mundo colonial e o usufruto da vida de suas vítimas, num nível pragmático e econômico” (DUSSEL, 2005, p. 33). De acordo com Dussel, o conquisto, logo existo, antecede em 150 (cento e cinquenta) anos ao ‘penso, logo, existo’ cartesiano, por meio da expansão colonial espanhola e portuguesa. Nessa conjuntura histórica é onde são construídas novas identidades sociais, geoculturais, raciais, centradas na lógica binária como primitivo/civilizado. A modernidade é uma exterioridade anterior à constituição da América. Para Dussel (1994):

[...]el descubrimiento de América no es un determinante constitutivo de la Modernidad. Deseamos demostrar lo contrario. La experiencia no sólo del "Descubrimiento", sino especialmente de la "Conquista" será esencial en la constitución del “ego” moderno, pero no sólo como subjetividad, sino como subjetividad "centro" y "fin" de la historia (p. 21).⁹

Os contatos que se sucederam entre povos invasores/colonizadores e os povos nativos/colonizados se realizaram sob a lógica colonialista, e estão assentados na perspectiva da dominação política, epistêmica, social, religiosa e educacional da metrópole sobre as colônias. Como afirma Mignolo (2007), o colonialismo é ancorado numa relação de dependência geográfica que pode ser localizada ao longo da história em distintos lugares e é nutrida por uma lógica interna denominada de colonialidade.

A dominação colonial infligida pelos europeus sobre as populações latino-americanas, inclusive sobre povos africanos traficados para estas terras, alicerçou-se na concepção de que existe uma raça superior a outra. Deste modo, pela lógica de classificação social estabelecida pelos colonizadores, os povos inferiores seriam aqueles encontrados nos territórios. Portanto, os objetivos e interesses dos colonizadores deveriam prevalecer. Dussel (2005) desta forma descreve o Projeto Moderno como: 1. “Superioridade eurocêntrica”, 2. “Desenvolvimento baseado na moral europeia”, 3. “Desenvolvimento educativo unilinear no padrão europeu”, 4. “Guerra justa colonial”, com violência em nome da modernização, 5. Violência como ato inevitável, vítimas de um sacrifício salvador realizados pelo herói colonizador, 6. Povos

⁹[...] a descoberta da América não é um determinante constitutivo da modernidade. Desejamos demonstrar o contrário. A experiência não apenas da "Descoberta", mas principalmente da "Conquista", será essencial na constituição do "ego" moderno, mas não apenas como subjetividade, mas como subjetividade "centro" e "fim" da história (DUSSEL, 1994, p. 21 – tradução livre).

“bárbaros” são culpados ao opor-se ao processo civilizador, 7. Sofrimentos inevitáveis para a modernização dos povos atrasados.

Para Quijano (1997), a colonialidade, como uma concepção que transcende as peculiaridades do colonialismo histórico, não chega ao fim com os conhecidos processos de independência ou descolonização, pois a modernidade é um processo intrinsecamente ligado à colonização. A diferença entre as concepções de colonialidade e colonialismo nos leva a compreender e esclarecer a continuidade das formas coloniais de dominação, ainda que já não mais existam as administrações coloniais. Mesmo assim, suas estruturas de poder e subordinação continuaram a ser reproduzidas pelos mecanismos do sistema-mundo capitalista colonial-moderno em que, para Wallerstein (1992):

La colonialidad va más allá del colonialismo, el cual es apenas una parte de ella. Ni siquiera es simplemente una jerarquía política sino también una jerarquía sociocultural. Por esta razón, prevalece sin tropiezos aún después de que las colonias obtuvieron su independencia formal. La colonialidad ha existido como parte del sistema mundial moderno hasta hoy es el producto y la justificación de las desigualdades entre las zonas centrales y las zonas periféricas de la economía -mundo capitalista. Se manifiesta política, económica y culturalmente, en nuestra forma de pensar, hablar y proceder. La colonialidad se reproduce así mismo, pese a que las personas que se encuentran en los niveles más bajos de la jerarquía tratan, obviamente, de luchar contra ella (p. 3).¹⁰

Desse modo, a perspectiva da colonialidade vincula o processo de colonização das Américas à composição da economia-mundo capitalista, compreendendo ambos como elementos constitutivos de um mesmo processo histórico que teve início no século XVI (CASTRO-GOMEZ; GOSFROGUEL, 2007). Existe um pós-colonial, porém não há uma pós-colonialidade.

Por conseguinte, a colonialidade não significa o mesmo que colonialismo. Para Maldonado-Torres (2007), cotidianamente respira-se colonialidade. Para ele, a colonialidade manifesta um padrão de poder, desenvolvido junto ao colonialismo e se refere ao modo como a autoridade, o trabalho, o conhecimento e as relações intersubjetivas se articulam entre si, por meio do sistema capitalista. Já o colonialismo caracteriza-se pela relação econômica e política entre dois povos, de modo que um deles tem seu território invadido e fica subjogado à autoridade e domínio do outro. A colonialidade tem sua gênese eurocentrada e produz um

¹⁰ A colonialidade vai além do colonialismo, que é apenas uma parte dele. Não é simplesmente uma hierarquia política, mas também uma hierarquia sociocultural. Por esta razão, prevalece suavemente mesmo após as colônias terem conquistado sua independência formal. A colonialidade existe como parte do sistema mundial moderno, até hoje é o produto e a justificação das desigualdades entre as áreas centrais e as áreas periféricas do mundo econômico-capitalista. Manifesta-se política, econômica e culturalmente, em nosso modo de pensar, falar e proceder. A colonialidade se reproduz, mesmo que as pessoas que estão nos níveis mais baixos da hierarquia estejam obviamente tentando lutar contra ela (WALLERSTEIN, 1992, p. 3, tradução livre).

modelo para procedimentos e processos como padrão para diversos aspectos da vida social. O colonialismo precede, pois, a colonialidade e esta não findou com o término do regime colonial. Encontrando-se entranhada, ainda hoje, no modo como se vive e como se sente no continente latino-americano, na África, na Europa na relação com migrantes não brancos. Para Santos (2018), nada escapa à colonialidade.

É possível observar ainda que houve, ao longo da história, uma construção de modos de apropriação dos recursos naturais e da terra, que podemos dizer ser paralelas à constituição de uma divisão internacional do trabalho e dos territórios, sempre caracterizadas por relações assimétricas entre economias de “centro” e “periféricas”. Como apontado anteriormente, são essas referências históricas de poderes que vão construindo a ideia de que o urbano é superior ao rural, tendo em vista o avanço tecnológico, oportunidades e circulação de informações que haviam nas cidades. Como também nela se concentrou a classe dominante, os poderosos que comandavam processos produtivos e o comércio de mercadorias. O colonizador trouxe às colônias, a perspectiva da superioridade do urbano sobre o rural. Junto com ela a ideia da separação de seres, de povos e da superioridade de um sobre o outro. A colonialidade forja e consolida essa perspectiva dualista desde o colonialismo.

Por essa lógica, diferentes saberes, culturas, modos de vida, sociabilidades e formas de lidar com a natureza dos povos colonizados foram silenciadas historicamente, assim como ocorreu e ocorre com povos camponeses. Os povos camponeses, em especial, são considerados fora da concepção de totalidade da modernidade, tidos como resquícios ou localismos não racionais. Destarte, é por essa dicotomia que os hierarquiza, que o rural é compreendido a partir da representação do urbano.

Agregando mais elementos sobre esse processo, importa destacar que a dicotomia se reproduz também no modo como se constrói a subalternização das populações do campo em relação àquelas residentes em territórios urbanos. Por meio do seu lugar já estabelecido de subalternidade na sociedade capitalista e da construção de um modelo de identidade camponesa deturpado pela colonialidade, as relações com essas populações são tecidas. Desse modo, relações entre lugar de subalternidade e identidade inferiorizada são constantemente reforçadas em diversos aspectos da vida social, seja nas relações sociais, ou na formação de mentalidades: materiais educativos; concepções do que seja cultura; aceções sobre o que seja trabalho, lazer, entre outras dimensões da vida social. Isso é resultado do padrão de identidade urbana, que ignora o que é produzido nos territórios rurais. No projeto da colonialidade/modernidade para o “desenvolvimento” dos povos, as possibilidades confessadas como válidas têm necessariamente de estar no território urbano ou requerer o êxodo rural para o alcançar. Essa é

a concepção de desenvolvimento idealizada pela colonialidade/modernidade, que se alimenta dela.

Porém, é preciso questionar: que tipo de desenvolvimento é esse? Um desenvolvimento resultante de possibilidades declaradas como válidas por um projeto único e “fechado”, que obedece a lógica eurocêntrica. Deste modo, as referências dos povos campestres, seus saberes e sujeitos são permanentemente ignoradas como válidas e significativas a esse projeto de desenvolvimento, ou seja, estão totalmente fora das probabilidades de construção de outros futuros. Nesta lógica, o desenvolvimento declarado para esses povos significa o crescimento do urbano e a saída do rural. A substituição dos costumes, hábitos, comportamentos, culturas, valores e outros constituintes do ser rural, pelo ser urbano, desejado para o alcance do sucesso e futuro. Há uma negação do presente e do passado dos sujeitos campestres, em nome de um futuro impreciso que se enquadra na perspectiva do urbano.

Na lógica da colonialidade há um verdadeiro processo de silenciamento dos povos do campo em diversos aspectos da vida social, seus modos de vida, sentidos e significados são ativamente produzidos como inexistentes, como não significativos. Ao longo desta pesquisa observei a colonialidade presente na vida de jovens do Vale, principalmente, em suas perspectivas de futuro, em que algumas(uns), apesar do livre acesso à terra, por meio de seus assentamentos, algumas(uns) até com formações técnicas em Escolas Família Agrícola, nas áreas de zootecnia e agronomia, optam por empregos nas cidades, possibilitados pelo desenvolvimento propagado pela lógica colonial/moderna. Porém, tratarei mais adiante desse tema conflitante em um outro capítulo.

O projeto global caracteriza a visão de mundo e as relações entre os indivíduos na colonialidade. Nessa perspectiva, o particular e o local são construídos como inexistentes, propensos ao desaparecimento. Nessa trilha, a consolidação da supremacia europeia se processou impulsionada pela ambição do alcance à universalidade. Porém, nesse processo a lógica sempre foi tornar a localidade europeia como hegemônica e designá-la como global, em detrimento dos demais territórios designados por esta como locais. Essa perspectiva de valorização do global e inferiorização do local, além da imposição do projeto global aos territórios locais/particulares, reflete-se nos territórios campestres, vistos como realidades que são passíveis ao desaparecimento, por não serem desejáveis, em razão do cada vez mais crescente capitalismo industrializado e urbano. O desenvolvimento e a modernização são as justificativas utilizadas como estratégias para o aniquilamento dos territórios campestres que “por obrigação” têm de aderir ao projeto colonial/moderno (FERNANDES e MOLINA, 2004).

Assim, as populações que tendem a essa supressão, inevitável pela via do projeto colonialidade/modernidade, tem seus saberes e significados invalidados. Por esse motivo, suas histórias não são contadas, suas vivências são invisibilizadas por populações urbanas e até pelas(os) próprias(os) campesinas(os), que, por uma imposição “goela a baixo”, comungam com esse projeto colonial.

Uma das formas de expressão e exercício da colonialidade é a colonialidade do saber relacionada à epistemologia, com as configurações da reprodução de regimes de pensamento (MALDONADO-TORRES, 2007). Essa epistemologia reforça a hierarquia epistêmica da racionalidade eurocentrada hegemônica, instituída sobre quaisquer outras formas de produção de conhecimentos que não pertencem ao parâmetro epistêmico colonial eurocentrado. “Deste modo, ocorre a reestruturação da injustiça cognitiva dos povos colonizados, não apenas na dificuldade de acesso ao conhecimento considerado válido, como também na impossibilidade de afirmar critérios outros de validação epistêmica” (SILVA e SILVA, 2014, p. 165). É nessa lógica em que se robustece a dualidade antagônica entre rural e urbano, esta última se sobrepondo à primeira. A partir dessa dualidade tendemos a pensar um mundo cheio de separações, tais como a cultura no rural e no urbano. Como duas culturas separadas em que uma se sobressai, ou é considerada melhor que a outra. Conforme corrente na narrativa de muitas(os) jovens, o urbano como melhor que o rural, ou o rural como melhor que o urbano (numa espécie de retorno ao pensamento bucólico¹¹).

Por conta da colonialidade, temos a dificuldade de ter uma cosmovisão, de pensar macro. De ir além das separações e dualidades e pensar apenas nas diferenças culturais, de modos de vida, dentre outros aspectos. A partir dessa lógica colonial, é corrente, tanto no senso comum quanto para algumas(uns) pesquisadoras(res), considerar a ideia do “fim ou morte do rural” sob a justificativa de que, com o avanço capitalista, o rural perde sua existência, por ser tomado pelas características do urbano moderno e contemporâneo. Porém, é necessário avançar nesse pensamento e entender que, na verdade, pode-se falar em novos conceitos em relação ao rural, tais como novo rural, continuum (r)urbano, pluriatividade e capital social, entre outros (JEOLÁS, PAULILO, CAPELO, 2013, p.247). Contrapondo essa lógica, Mauro Almeida (2007) chama a atenção para o fato de que os atributos que conferem identidade ao rural ainda existem, e que na verdade aconteceram mudanças no aspecto conceitual que pode sugerir a morte do rural. Segundo o autor:

¹¹ Derivado do **Bucolismo**, termo utilizado para designar uma espécie de poesia pastoral que descreve a qualidade ou o caráter dos costumes rurais, exaltando as belezas da vida campestre e da natureza, característica do arcadismo e do romantismo na literatura.

[...] o anúncio da morte da antropologia do campesinato requer no mínimo uma autópsia mais cuidadosa do suposto cadáver. Quem diz “morte do campesinato” está usando um conceito que unificava, nas várias narrativas agrárias, uma multidão de objetos e de características. Esses objetos e suas características não foram eliminados pela modernização e globalização. Talvez seja o conceito de “campesinato” que perdeu a capacidade de iluminar como antes esses objetos (ALMEIDA, 2007, p. 166).

As novas formas de pensar o rural ultrapassam a corrente ideia, entre o que pensam pesquisadoras(res) e senso comum, da dicotomia, da polarização e da oposição rural e urbano. Quando se observa as realidades urbanas e rurais, entende-se essa relação como permeada de trocas e preservações, consensos e contradições, numa verdadeira complementariedade constituída nos processos históricos de ambas, numa relação totalmente dinâmica, dialética e complexa. Por esta razão, é insuficiente buscar o conceito de rural apenas em comparação e/ou oposição ao urbano, mas deve-se pautar na totalidade das relações. É necessário romper com esta visão dicotômica tradicionalista, que define o rural numa condição de inferioridade em relação à esfera urbana. Neste sentido Silva (2016) afirma:

Dialogando com tais condições, o rural e o urbano se distanciam cada vez mais de uma essencialidade que os caracterize exaustiva e separadamente enquanto contextos díspares. Na atualidade, o rural e o urbano rompem qualquer entendimento de lugares isolados de tradução e se constroem processualmente como realidades interdependentes e complementares; manifestas quanto aos sujeitos, às paisagens, ao trabalho, ao lazer, etc (p.93).

No entanto, romper com esses discursos, tanto no senso comum quanto na academia, ainda se mostra um desafio. São diversas as necessidades impostas a quem vive nesses diferentes territórios, que os fazem transitar entre ambos, enfrentando vários desafios. A título de exemplo, um dos sujeitos jovens da pesquisa também compreende os territórios urbano e rural como apartados, com uma explícita ideia da influência dos aspectos do urbano no rural como sendo negativas. Na narrativa abaixo identifica-se elementos que comungam ser o rural puro, isolado, sem circulação de pessoas, preservando-o dos “perigos” da cidade:

Ah... **o Vale da Esperança para mim, ele já foi aquele momento de paraíso**, já foi aquele lugar que a gente chegava e via sossego, não era aquela coisa de movimento de carro e moto todo tempo, não era aquela coisa de: “Ah...fui assaltado!” **E também não era aquela coisa de muita turbulência, como a gente vê lá na cidade, né?** Então, era, se tornava assim, algum lugar de paraíso mesmo. [...] Mas é um lugar mesmo muito bom de se morar. Porque eu digo “era”, hoje em dia, com o tempo, a gente foi perdendo essa privacidade de a gente ter o nosso, só o nosso Vale da Esperança. Só nós aqui dentro, e sem muita coisa! Não, mas hoje em dia já teve caso de roubo. Então, a gente já foi perdendo aquela privacidade, aquela coisa que a gente não esperava tão cedo, né? E aí também já teve o movimento ali da BR [o Rodoanel que circula a cidade, construído nas proximidades do assentamento] que já construíram ali embaixo, que no tempo que a gente veio não tinha. Então, era aquela coisa de que não tinha muito movimento de gente para cá, e muitas coisas. Mas hoje em dia a gente já perdeu um pouco, não muito como a gente vê lá na cidade, não é um caso assim de todo dia, de uma vez por mês, não. Mas já aconteceu de morador ser assaltado aqui dentro, e de ladrão vir de fora e vir aqui roubar e ir embora, e essas

coisas. **Mas era um lugar que eu definia, assim, como um paraíso mesmo**, era um lugar assim que não era só de passar um final de semana, ter um sítio aqui e passar um final de semana, não, era um lugar muito bom mesmo de se morar, se não fosse a questão da dificuldade de ir e voltar para trabalho essas coisas. Porque também tem aquela coisa de a gente ter um transporte, poder ir e voltar. Mas hoje em dia não é mais aquela mesma segurança, porque a gente poderia sim ir e voltar quando não tinha a BR. Porque hoje, o fato de ter a BR ali, já teve também muito, muito assalto. Meus pais já foram vítimas de assalto, vindo para casa de moto, e aí levaram a moto dele, e isso aconteceu já com muitas pessoas aqui do assentamento. Então, é aquela coisa, não tem mais aquela privacidade de poder ir e voltar. Num lugar que a gente achava que nunca ia pessoas, iriam reconhecer esse lugar, de saber que existia. Porque o fato de a gente não ser reconhecido, não era um fato ruim, tornava-se um fato bom, uma coisa boa para gente, entendeu? Para mim, particularmente, eu achava bom, não ter muito conhecimento do pessoal querer vim aqui e pronto. **Então, para mim era o paraíso mesmo** (JOVEM SYOMARA, 19 anos, Vale da Esperança, 04.08.19) [Grifos meus].

Talvez neste caso específico, há que se considerar a questão de a jovem, seus familiares e pessoas da comunidade, sofrerem consequências ruins em razão desse contato com o urbano. É exemplo o fato de terem sido assaltadas(os) após o aumento do número de pessoas circulando pela região. Porém, em sua narrativa, observa-se que ela e sua família são obrigadas(os) a fazerem esse trânsito com a cidade; estudam e trabalham lá. A falta de postos de trabalho e de instituições educativas no Vale, obriga-os a sair todos os dias. Por outro lado, a construção de estrada para circulação de transporte coletivo, possibilita a toda sua família trabalhar e estudar na cidade. Deste modo, é preciso refletir acerca da realidade das constates negociações entre rural e urbano, que, muitas vezes, os sujeitos envolvidos não se dão conta. Porém, esses processos resultam em ganhos e perdas para ambos os territórios, pois essa dubiedade faz parte de suas realidades cotidianamente. A reflexão sobre ganhos e perdas é complexa e envolve diversas outras variantes. Sobre isso, durante uma de minhas visitas ao Vale relato no diário de campo:

Durante a caminhada nos deparamos com máquinas para asfaltamento de ruas. As jovens explicaram que haverá o asfaltamento de parte da estrada dentro do assentamento, mas apenas na parte que dá acesso a uma propriedade de um político. Elas disseram que não gostaram do asfalto na comunidade, pois irá aumentar o fluxo de carros, aumentar a temperatura, e trazer perigo às crianças, que transitam e brincam livremente pela estrada interna da agrovila. Enfim, para elas, irá assemelhar-se à cidade. Em seguida fui à casa de Dn. Lulu para almoçar, quando lá estava almoçando, ela falou que o asfalto seria bom para a comunidade, pois, traria maior desenvolvimento, e melhoraria no tráfego de veículos. A partir disso, podemos trazer a discussão da relação rural e urbano. Tendo em vista que o asfalto é um elemento que diferencia os dois territórios e que caracteriza o urbano, o trânsito e a vida corrida da cidade. Para algumas(uns), o fato de trazê-lo ao rural é como se o descaracterizasse de seus hábitos tradicionais, enquanto que para outros, o desenvolvimento, propagado pelos agentes do capital é bom e necessário ao rural. Mas o que de fato devemos nos perguntar é: em que contexto se dão a inserção de alguns elementos do urbano no rural? Neste caso, pelo que me foi informado, o objetivo é apenas beneficiar um político da região, e não de fato a comunidade em questão, que não foi consultada de suas necessidades em momento algum (DIÁRIO DE CAMPO, Timon, 04.08.19).

Diante do exposto, é necessário partir primeiramente da compreensão do que é o rural hoje, suas novas configurações e significados. Não é possível mais pensar o rural como no passado, tendo em vista que estamos diante de novas ruralidades, de profundas, inegáveis e irreversíveis transformações no mundo rural, pautadas por mudanças nas relações de produção que ocorrem no mundo inteiro e que, inevitavelmente, atingem o rural. No entanto, o que se pode ver é que a cidade vai chegando impositivamente e assustadoramente no campo e o campo vai chegando aos poucos na cidade, o que demonstra a falta de equilíbrio dessa relação.

Por essas e outras razões, conforme destaca Silva (2016), o que chamamos de rural, “[...] distante da imagem de isolamento e tradição, encontra-se atravessado no seu cotidiano por aspectos de natureza cultural, social, política, econômica, ambiental, etc., que, atuando articuladamente, modificam contextos antes nitidamente apartados das cidades” (p. 95). No entanto, é imperativo reconhecer como força e resistência, a preservação de antigos modos de vida e arcabouço cultural e tradicional existente ainda hoje em diversos territórios rurais. Resistência que pode ser compreendida sob a base decolonial, pois se contrapõe a pensamentos da modernidade/colonialidade, norteados pela ideia do urbano como fonte de padrões de cultura e modos de vida para o “desenvolvimento” e “avanço” da humanidade, e ao longo do trabalho apresentarei como jovens do Vale vivem essa resistência, preservando aspectos dos seus modos de vida rural.

Da mesma forma, é necessário também, romper com a visão simplista essencialista do rural como apenas um lugar de relações tradicionais, com características “atrasadas”, tão-somente na perspectiva do trabalho com a produção agrícola e pecuária, da(o) camponesa(es) “matuta(o)”. De acordo com Siqueira e Osório (2001):

Com a agregação de novos elementos às representações do rural e do urbano e graças aos efeitos que estas exercem sobre as realidades que representam, torna-se mais difícil “achar” um rural que equivalha ao definido no conceito tradicional. Mas as mudanças não se dão somente neste nível, dão-se também em vários outros (p. 75).

O rural contemporâneo é um imbricado de relações sociais, econômicas e culturais permeadas de características do rural tradicional, mas também do urbano moderno. Novas(os) e velhas(os) personagens, relações de produção do passado, mas também do futuro, que podem ser classificadas sob a escala do capital. Pensar o rural é considerar suas multifuncionalidades, heterogeneidade de relações e de seus diversos atores. Em relação a esses últimos, uma infinidade de sujeitos compõe o rural, para além da imagem limitada do agricultora(r):

“Campo” é parte do mundo e não apenas aquilo que sobra além das cidades. O campo não é só lugar da produção agropecuária e agroindustrial, do latifúndio e da grilagem de terras. É o território dos camponeses, dos quilombolas, das nações indígenas, dos assentados, dos acampados, dos ribeirinhos, dos reassentados.... É no campo que estão

as florestas, o lugar de renovação constante da vida e, sobretudo, de uma forma especial de socialização e sociabilidade. Nesse sentido, as pessoas que podem ser identificadas como pertencentes ao campo são muitas. O campo abriga agricultores, criadores, quilombolas, pescadores, roceiros, hortifrutigranjeiros, caboclos, meeiros, porcenteiros, além de diferenças de gênero, etnias, religiosidades, espacialidades, temporalidades, histórias de vida, concepções de mundo, modos de viver, de resistir e de lutar (JEOLÁS, PAULILO, CAPELO, 2013, p. 222).

É preciso ultrapassar a compreensão do rural limitado apenas à perspectiva da produção agrícola e pecuária, definido pela ótica da escassez, da falta e do atraso, Carneiro (2005). Para a autora, o rural é um espaço de sociabilidades, de (re)produção de vida, de culturas, pleno de vivências, pois:

Um intenso debate tem ocupado o meio acadêmico em diferentes áreas disciplinares no esforço de construir parâmetros mais adequados à definição do ‘rural’ na sociedade contemporânea. Apesar de o consenso não ter ainda se estabelecido, é possível falar de uma tendência à concordância quanto à necessidade de ampliar a definição do rural para além do setor agrícola. Este ‘rural’ ampliado, que inclui um número cada vez mais diversificado de ocupações – o que mereceu o rótulo de ‘novo rural’ – é resultado de processos recentes que têm transformado o mundo rural em um espaço cada vez mais heterogêneo e diversificado (CARNEIRO, 2005, p. 245).

Carneiro (2005) também sugere a superação da concepção da “morte do rural” ou de que as diferenças entre o rural e o urbano são abolidas totalmente, em razão do desenvolvimento capitalista, da urbanização, modernização e globalização. Nesse sentido, a autora destaca que estas são realidades em trânsito constante (rural – urbano) e que há, na verdade, com as fortes transformações do mundo rural, uma separação material e simbólica cada vez menor entre estes espaços, tornando-se relações de trocas materiais e de sentidos. Portanto, é preciso: “Pensar a ruralidade como um processo dinâmico em constante reestruturação dos elementos da cultura local, mediante a incorporação de novos valores, hábitos e técnicas” (CARNEIRO, 2008, p.35).

Ante a significativas transformações, tanto na realidade material das comunidades rurais quanto no aspecto conceitual, o modo de pensar o rural e investigá-lo deve também ser transformado. Não é possível estudá-lo sob a orientação de metodologias e formas de pensar que já não dão conta de compreendê-lo, pois, os parâmetros analíticos estão centrados na perspectiva dicotômica rural/urbano, que submete o primeiro ao segundo. Sobre esse aspecto, Carneiro (2008) afirma ser o rural permeado de heterogeneidade e diversidade social e cultural. A colonialidade teceu a dicotomia urbano e rural, e hoje essas realidades são inevitavelmente *intercambiantes*, em que cada espaço guarda características, como destaca a autora:

As transformações provocadas pela intensificação das trocas entre universos culturais distintos (grosso modo, os “urbanos” e os “rurais”) não resultam, necessariamente, na descaracterização de um sistema cultural e social, tido como “original” ou “autêntico”, sobretudo por aqueles que vão em busca de uma autenticidade. Mudanças nos hábitos, na maneira de relacionar-se com os outros e com a natureza, e na percepção do mundo, se expressam de maneira irregular e diversificada, segundo os interesses e a posição

social dos atores, o que não implica, necessariamente, uma ruptura decisiva no tempo nem no espaço (CARNEIRO, 2008, p. 33).

Ambos espaços devem ser compreendidos a partir de suas realidades simbólicas e também práticas sociais. Um dos fundamentos para esta compreensão é a interpretação dos significados atribuídos pelos sujeitos que atuam tanto no rural, quanto no urbano, sobre suas relações sociais, de poder, de trocas, entre outras. Relações que, sem dúvidas, refletem a vida prática desses sujeitos, e constroem e constituem suas identidades individuais e dos grupos sociais. “Estamos diante, portanto, do processo de construção das múltiplas identidades que conformam o indivíduo na sociedade contemporânea” (CARNEIRO, 2008, p. 34).

É preciso, ainda, compreender as realidades rurais a partir das condições políticas, históricas, econômicas e de produção que influenciam decisivamente na dinâmica desses espaços e que se materializam, consciente ou inconscientemente, por meio dos sujeitos, conduzindo-os a ocupar papéis na estrutura social. Silva (2016) aponta como se configura na prática esta influência:

A notória diminuição das distâncias físicas e simbólicas entre os ditos meios rural e urbano guardam estreita relação com a maior facilidade de deslocamento das pessoas e das informações que, no Brasil, consolida-se no Século XX e ganha complexidade no século atual. A comunicação de massa, a diversificação e rapidez dos transportes, o constante surgimento e uso de novas tecnologias e, especialmente, a internet ocasionaram uma retradução das noções de tempo e espaço, possibilitando, em tempo real, a convivência de referências objetivas e manifestações culturais diversas, não apenas entre países, mas também entre áreas ermas dentro de um mesmo território (p. 91).

Portanto, é no *território* que se processam as relações sociais. A perspectiva de território aqui trabalhada é a de Santos¹² (2006), que o compreende como delimitado, construído e desconstruído por relações de poder que envolvem uma infinidade de atores que *territorializam* suas ações no decorrer do tempo. Obviamente, a delimitação do território certamente não ocorre de maneira estática, mas pode ser irregular e transformar-se historicamente, assim como ocorre uma diversificação das relações sociais numa trama de poder cada vez mais complexa. No próximo item, antes de tratar da estruturação atual do território Vale, farei uma breve consideração sobre a história desse território.

¹² Compreendo que há várias concepções acerca de **territórios**, nas quais eu poderia fundamentar meu trabalho, no entanto, a escolha pela concepção de **Milton Santos**, que engloba território e espaço, se deu, em razão do autor, considerar em suas acepções as relações sociais, de maneira dialética, considerando a historicidade e as condições materiais. O que se afina e conjuga com as bases das minhas concepções sociológicas.

2.2. “Vida de assentada(o) é difícil, mas persistindo, né? ”: elementos para compreender a história do Vale

Para falar do que é o Vale da Esperança, sua história, sentidos e significados que permeiam esse território, conforme as(os) jovens sujeitos desta pesquisa narram, é imprescindível desenvolver alguns apontamentos sobre Reforma Agrária no Brasil e a influência do MST para a conquista de terras pelos trabalhadores rurais. O Vale é um assentamento constituído a partir de um processo de luta pela terra. Assim, inevitavelmente, a história de sua constituição se mistura com a história do MST no Piauí, expressando na prática a própria história da Reforma Agrária, ou seja, as lutas dos trabalhadores sem terra pela terra.

A história do Brasil é marcada pela distribuição desigual de terras desde 1530, quando da criação das capitâneas hereditárias e do sistema de sesmarias, resultado do colonialismo. Até os dias atuais, há uma distância abismal entre os possuidores de terra e aqueles que necessitam da terra para sobreviver, o que reflete, na prática, os resquícios da colonialidade. No Brasil, um dos primeiros sinais de pretensão de criação de algum controle da propriedade da terra, ocorre na década de 1960, com o Estatuto da Terra, em 1964. O Estado assumiu a garantia do direito ao acesso à terra para aquelas(es) que nela vivem e trabalham. Porém, na prática, essa “obrigatoriedade” não é cumprida e o Estatuto não é levado em conta, prevalecendo a “lei do mais forte”. Com isso, um grande contingente de famílias camponesas é expulso do campo todos os anos, das mais diversas formas, inclusive violentas, tendo suas terras tomadas pelos grandes latifundiários.

Nesse sentido, a reforma agrária, como instrumento que iria proporcionar a redistribuição das propriedades rurais, isto é, a repartição da terra para a realização de sua função social, sempre esteve no horizonte infinito. Responsabilizar o Estado a redistribuir terra, visando cumprir a função de comprar ou desapropriar terras de grandes latifundiários e distribuí-las entre as famílias camponesas que não possuem propriedade, essa era a estratégia ideal, mas nem sempre uma realidade. A expropriação conforme prevista na Lei 8.629/93, é a modalidade original para obter terras para a Reforma Agrária. O INCRA (Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária) foi criado em 1970 para viabilizar uma política de função social da terra de acordo com o previsto em lei, tendo por referências indicadores de produtividade preestabelecidos sobre a produtividade ou não da terra.

No entanto, a constituição do INCRA só robusteceu uma política de colonização agenciada pelo Regime Militar que tinha como objetivo a ocupação estratégica do território nacional. A princípio, as políticas de formação das colônias, e, a partir dos anos de 1980, a dos

assentamentos rurais, durante e pós-regime militar aparentemente foram compensatórias, pois tentaram minimizar os conflitos agrários, de maneira que não alterasse a estrutura de concentração fundiária pelos grandes proprietários. Nas narrativas oficiais, a política fundiária e a própria reforma agrária brasileira, mostram-se sempre alinhadas à política de governo vigente e não se configuram de fato como políticas de Estado. Um dos problemas da compra de terras pela União é que, ao pagá-la, o governo abre caminho para reverter o ganho recebido com a terra em recursos financeiros à disposição dos capitalistas-proprietários de terra o que só aumenta e reafirma a desigualdade social.

Contudo, a efetivação das ações de Reforma Agrária no Brasil é lenta e esbarra em diversos entraves. Dentre os quais o maior e principal é a questão da resistência e o poder dos grandes proprietários de terras, que se reflete em muitos atos de violência contra as populações camponesas sem terra. Além do desinteresse dos governos em de fato buscar alternativas para a solução das desigualdades na distribuição de terra, entre outros aspectos. Porém, a democratização da estrutura fundiária é de extrema importância para a efetivação da justiça social no país, pois possibilita aos povos camponeses sem terra propriedades para trabalhar em sua produção agrícola, o que se reflete na redução das desigualdades sociais.

Obviamente, o surgimento de vários assentamentos rurais em todo país, não significou um passo à democratização da terra, apenas se perpetuou como aparato de autoridade colonial que reflete a colonialidade, já que:

[...] nos projetos e planos de reforma agrária que têm sido propostos, o pensamento é de um departamento administrativo federal centralizado e essencialmente burocrático. Parece-me ilusão supor que um órgão deste seja capaz de levar a tempo, ou sequer dar impulso sério à reforma. A imensidade do país, a variedade e a complexidade das situações que se apresentam no campo brasileiro, tornam imprescindível uma larga descentralização e grande flexibilidade dos aparelhos administrativos incumbidos de aplicar a reforma e realizar seus objetivos (PRADO JUNIOR, 2000, p. 124).

Essa análise do autor reflete na ausência de um aparato jurídico constitucional que norteia a Reforma Agrária como uma política de Estado. Em 1988, a Constituição Cidadã define princípio que resguarda a promoção da melhoria das condições sociais estabelecidas até então, cujas bases estão nas relações de poder que reafirmavam as desigualdades sociais e econômicas das populações camponesas. Se, de fato, esta Constituição se concretizasse, teríamos relações regionais e locais balizadas em fundamentos mais equitativos. Grande parte da população sem terra viu nessa Constituição a possibilidade de garantir o cumprimento de políticas fundiárias e da própria Reforma Agrária, numa realidade em que havia um significativo déficit agrário. Porém, as forças políticas que manipulavam o jogo do poder conduziram à desarticulação de toda perspectiva progressista que, com efeito, tornasse a questão agrária uma política de Estado.

A título de exemplo, transcorridos vinte e um anos da promulgação da Carta Magna, no que se refere à compra direta de terras, de acordo com o INCRA, entre 2003 e 2009, o Governo Federal comprou mais de 40 milhões de hectares para a Reforma Agrária, enquanto a expropriação resultou em apenas 3 milhões de hectares.

Da mesma forma, passados trinta anos, oito governos federais eleitos democraticamente, a estrutura fundiária permanece quase que inalterada. Em 2016, já haviam 9.000 projetos de assentamentos rurais, com 1.348.484 famílias assentadas em todo país. Porém, alterações na estrutura fundiária e na qualidade de vida das famílias não foram substanciais e profundas como se esperava. De maneira geral, as reflexões sobre os pequenos assentamentos relatadas em vários trabalhos acadêmicos, como os relatos das(os) moradoras(es) do Vale da Esperança, evidenciam que, ao invés de os assentamentos representarem melhoria para as(os) assentadas(os), na realidade reproduzem mais fortemente as desigualdades vividas no cotidiano dos povos pobres rurais, como a dificuldade de acesso à educação, saúde e crédito fundiário. Desse modo, os assentamentos se constituem como realidade possível para operacionalizar o debate acerca de como as relações de poder os atravessam indicando níveis locais em que a colonialidade atua.

É nesse cenário de desigualdade social, marcado pela expropriação fundiária, que surge na década de 1980 o MST. Desde o início, exerce papel fundamental na organização das(os) trabalhadoras(es) pela Reforma Agrária, dando grande importância à formação política dos camponeses, para pressionar grandes latifundiários e governos a efetivar a distribuição de terras para os sem terra ocuparem terras improdutivas.

Segundo Porto Gonçalves (2005), o MST está inscrito em uma extensa trajetória de lutas sociais no campo brasileiro. Nasce formalmente em janeiro de 1984, como parte de um novo circuito de protestos sociais em meio a lutas democráticas contra o regime militar entre 1964 e 1985. Anteriormente, as lutas do campo eram encabeçadas pelos sindicatos de trabalhadores rurais, articulados nacionalmente em torno da CONTAG (Confederação Nacional dos Trabalhadores na Agricultura). Passados todos esses anos de desenvolvimentos de lutas sociais, é possível afirmar que, desde a constituição, esses movimentos já se desenhavam no Brasil em uma densa reorganização societária. O MST surge, como Porto-Gonçalves (2005) caracteriza, da síntese criativa das referidas experiências emancipatórias gestadas em meio a toda instabilidade em que a história mundial se encontrava naquele momento. O autor afirma ainda que, podemos observar tais elementos por sua teatralidade, com expressivo elemento místico, permeado de raízes religiosas, heranças de ideologias socialista e comunista, declaradas por seus mais importantes líderes e expressas no vermelho de suas bandeiras nas lutas do campo

brasileiro. Para o autor, a aproximação de vertentes ideológicas tão remotas ao longo da história, tal como católicas(os) e comunistas, carrega marcas de um processo repressivo dramático que foi o golpe de 1964. Trate-se de um período em que o Brasil passa a investimentos políticos de processos de interiorização:

[...] novas contradições geopolíticas globais, com o anticomunismo cujo maniqueísmo se sobrepõe ao maniqueísmo de longas raízes históricas coloniais que, entre nós, já negava ao outro, ao diferente, até mesmo a condição de humanos, onde os indígenas, os mestiços, os caboclos, os latinos, os negros, os camponeses, enfim, os pobres em geral são selvagens, bárbaros, preguiçosos (PORTO-GONÇALVES, 2005, p. 25).

É assentado sob tais bases ideológicas da colonialidade que vai desenvolver-se uma intensa transformação sociopolítica do país, denominada “modernização conservadora”. A compreensão sobre a mesma é fundamental para entendermos a importância do MST e toda sua potencialidade emancipatória na questão agrária. Contudo, o mais importante a ressaltar, é que o centro dos objetivos e das ações do MST é a luta pela Reforma Agrária. A luta contra os grandes latifundiários que fomentam e amparam toda uma estrutura de extrema desigualdade de poder no Brasil. Tudo isso por meio da rica e abundante concentração fundiária nas mãos dos poderosos. Desde 2000 a principal estratégia política de atuação do MST são as ocupações de terra e formação de acampamentos. Entretanto, não significa totalmente que lograram êxito, dada a expressiva realidade da lentidão da Reforma Agrária. Mesmo nos governos do PT (Partido dos Trabalhadores), considerado aliado das(os) trabalhadoras(es) rurais, a concentração fundiária no país, não reduziu, como se esperava, a despeito do sucesso localizado das atividades do MST.

É nesse mesmo contexto de luta pela terra, que a história do Vale da Esperança começa a desenhar-se, em 2002, com a ocupação ocorrida na localidade Cocal, zona rural do município de Teresina. Como resultado de muita luta, o Vale floresce.

O Vale da Esperança é um território criado a partir da necessidade material de viver do próprio trabalho na terra de 25 famílias, que lançaram sua sorte em busca da conquista de um “pedaço de chão”. Essas famílias eram originárias de diferentes zonas periféricas da cidade de Teresina. Diante de situações de pobreza, vislumbraram, nestas ocupações, uma oportunidade de melhorar de vida. Contudo, a luta foi muito árdua:

O processo de construção iniciou-se em 2002, com a articulação e mobilização em bairros periféricos da cidade de Teresina com reuniões semanais, encabeçadas pelo Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST). A maioria vivia em favelas, vilas e/ou em condições precárias. Embora, no geral, sejam pessoas que tiveram alguma relação com o campo, tanto de forma direta quanto indireta, isto não se constituiu necessariamente em pré-condição. Pode haver pessoas que se caracterizavam como modo de vida urbana, entretanto, devido ao contexto social e

econômico, elas veem nos assentamentos de reforma agrária, uma possibilidade de melhoria e (re)construção de suas vidas (LOPES, 2014, p. 114).

A partir de então, iniciou-se um duro e árduo processo de luta pela terra por meio da ocupação, em que famílias se submetiam a situações de precariedade, sem conforto algum. Em um discurso, proferido por uma jovem e um jovem no aniversário de treze anos do assentamento relataram que, durante a ocupação, homens, mulheres e crianças, passaram a viver em barracos de lona e de palha, sem água, energia, muitos até mesmo sem alimento. Algumas(uns) jovens narraram lembranças dos momentos de muita dificuldade, como quando eram crianças e tinham que se dividir em grupos para dormirem em um sofá, em baixo de uma árvore, vendo suas mães cozinham em fogueiras o pouco de alimento que tinham, entre outras situações de extrema dificuldade. Enfim, é possível observar a partir das narrativas como as histórias dessas(es) jovens foram construídas em concomitância com a história do próprio assentamento:

Vida de assentado é difícil, mas persistindo, né?... Ver aqui nossa situação, está maravilhosa, né? Antigamente a gente vinha de acampamento, que não tinha água, não tinha energia e a gente banhava de manhã, só banhava no outro dia, né? Então... A não ser que a gente morasse perto de açude. Tinha as dificuldades, mas como a gente era ainda criança, e tudo, para nós tudo era diversão, banhar sujo, para nós era nada a ver. Ô, dormir sujo para gente era nada a ver, então... [Risos] (JOVEM ALINE, 21 anos, Vale da Esperança, 04.08.19) [Grifos meus].

E assim, sem terem uma dimensão dos riscos a enfrentar naquele momento, a memória de infância comungava vivências lúdicas, enquanto os adultos iam construindo seus barracos, suas participações em manifestações, seus modos de produzir, seus modos de vida como sem terra. Embora não esteja presente na memória de todas(os) as(os) jovens hoje, a preocupação com a produção agrícola para a reprodução da vida já estava presente, conforme registrado no diário de campo, reflexões desenvolvidas a partir de conversa com uma jovem:

A jovem Karla, de 23 anos, narrou que a comunidade sempre teve bases agroecológicas, pois desde sua organização as produtoras(es) sempre buscaram realizar uma produção orgânica, e que o assentamento é formado por famílias que vieram de alguns bairros periféricos de Teresina, e de outras ocupações da região. Narrou que seus pai e mãe, sempre estiveram à frente do movimento de ocupação do Vale da Esperança, e após muitas lutas e dificuldades enfim conquistaram a terra como assentadas(os). Sua mãe permaneceu na luta, mesmo após o falecimento de seu pai e até hoje é liderança na comunidade, mesmo não estando à frente, participando da diretoria da Associação de Moradores (DIÁRIO DE CAMPO, Timon, 24.06.19).

No entanto, mesmo em meio a tantas dificuldades, as(os) ocupantes desta área permaneceram resistentes, pois confiavam que era apenas por meio da luta e da resistência que conquistariam sua terra. Em 2003, essas famílias realizaram uma nova ocupação, agora, na fazenda Funil, localizada na BR 343, km 22, zona rural de Teresina, inicialmente com 150 famílias. Lopes (2014) chama a atenção para o fato de que esta tenha sido a primeira ocupação

no Governo Lula, o que trouxe ao grupo um grande significado de renovação política a favor dos trabalhadores rurais. Talvez por esta razão, o acampamento foi intitulado de Nossa Esperança. Por toda esta expressividade política, este acampamento foi visto por integrantes do MST, à época, como uma possibilidade política efetiva de realização da Reforma Agrária, assim como também um espaço rico de aprendizagem, especialmente, na perspectiva da partilha na vida em comunidade. Ainda no mesmo ano, em razão da divulgação da experiência exitosa nesta ocupação, tornaram-se numerosos os acampados, 750 famílias, simbolizando o ápice do movimento de ocupação. De acordo com Lima (2019), esses movimentos tão expressivos de ocupações na zona rural de Teresina, chamam a atenção da sociedade piauiense para a problemática da concentração de terra por grandes latifundiários e a falta dela por trabalhadores sem terra. Comungando com o apontado anteriormente: as ocupações realizadas nesse período fizeram com que o MST ganhasse visibilidade na capital, Teresina.

Não só no Piauí, mas as pressões realizadas pelo MST fizeram propagar em todo o país um número de assentamentos sem precedentes desde os anos 2000. Além de trazer e fixar na cena política o tema da Reforma Agrária, por meio de suas ações, como as cooperativas, escolas e brigadas, como afirma Porto-Gonçalves (2005):

[...] vem sendo responsável por dinamizar economicamente regiões antes ‘adormecidas’ que, com a chegada da organização dos sem terra e seus líderes, ou seja, por um novo conjunto de ‘agricultores-tornados-dirigentes-municipais’, que passaram a pressionar mais intensamente as instituições locais, interferindo mais incisivamente na implantação das políticas governamentais e, em especial, passando a exercer maior vigilância sobre as práticas políticas (p. 26).

Por todos os lados, esse movimento proporciona um incremento da quantidade de pessoas que tiverem acesso à terra e assim, deixaram de engrossar fileiras de desempregadas(os) nas cidades, para onde migram muitos trabalhadores rurais sem terra.

O Vale também agregou muita gente, porém, em 2004, houve uma divisão do acampamento Nossa Esperança, ocasionada por mobilizações e conflitos políticos. Um grupo de 80 famílias se deslocou para outro território, dando origem a um novo assentamento, denominado Resistência Camponesa, situado à margem da BR 343. No entanto, apenas em 2005, o decreto de desapropriação da fazenda Santa Isabel, onde hoje é situado o Vale, foi expedido. Da área total de 1.162,469 ha, foram desapropriadas 884,66 ha. A emissão de posse ocorreu em 2006, neste período com 64 famílias acampadas. A essa altura, depois de tantas idas e vindas entre bairros periféricos de Teresina e acampamentos, muitas lutas, conflitos, adversidades, sonhos construídos e reconstruídos pelo caminho, finalmente a alegria da conquista da terra, as famílias chegam ao Vale da Esperança. Lugar onde, enfim, vislumbraram

a conquista de uma “terra prometida” e passaram a, coletivamente, de acordo com narrativas de jovens de lá, construir suas casas e planejar suas vidas. Agora, com outra perspectiva, começavam a utilizar a terra, sua terra, para plantar, colher e construir suas histórias de vida.

No entanto, nos últimos anos, essas ações do MST desenvolveram-se em meio a um delicado momento de crise de toda a cultura política de esquerda¹³, suas organizações, instituições e movimentos, nas quais o próprio MST estava alicerçado. Neste contexto, cabe questionar: diante de tal crise de identidade da esquerda brasileira, enquanto movimento social, até que ponto o MST tem mantido um discurso coeso acerca da relação entre institucionalidade e autonomia, reforma e revolução, de maneira equilibrada e fiel aos seus objetivos iniciais de luta pela reforma agrária? A resposta a esse questionamento só será sanada a partir das implicações práticas de suas ações, na mudança de vida dos povos sem terra, na luta pela reforma agrária daqui por diante.

Analisando narrativas de jovens, como das demais pessoas da comunidade, é possível afirmar que, nos últimos anos, a relação do assentamento com o MST e com outros assentamentos do MST, tem estado enfraquecida. Segundo as(os) mesmas(os), também desarticula, desanima e desmobiliza as(os) próprias(os) moradoras(es) do assentamento em relação às suas raízes de luta e mobilizações que as(os) moveram inicialmente na conquista da terra, situação que pode ser observada no trecho do diário de campo, fundamentado em conversa com uma jovem liderança da comunidade:

Após a comemoração do aniversário de treze anos do assentamento, algumas(uns) jovens ficaram concluindo a organização do Barracão, guardando cadeiras, fechando a sala do bar e fazendo a limpeza. Fiquei para ajudar na limpeza, depois segui para a casa da jovem Karla, juntamente com a jovem Ana Cleide, para almoçarmos. No caminho conversávamos sobre a comemoração de hoje. Ela falava o quanto estava cansada, pois havia trabalhado e se esforçado bastante, durante toda a semana, para a realização dos dois dias de festa de aniversário do assentamento. Lamentava, pois apenas poucas(os) jovens se envolveram efetivamente na organização de tudo, tanto na festa do dia anterior, quanto da comemoração de hoje. Lamentou, principalmente, pois fizeram um belo e muito grande bolo, uma linda festa hoje, com a expectativa de que toda a comunidade pudesse participar, porém, não haviam tantas pessoas quanto o esperado, e isso, de fato entristeceu a muitos, como ouvi em muitos comentários, durante toda a comemoração, inclusive, sobrou bastante bolo. Ela atribui essa situação, ao fato de que a comunidade, inclusive as(os) jovens, estão desmotivadas(os) e desmobilizadas(os). Segundo a mesma, isso se dá pelo fato de que muitos têm esquecido da história de lutas pela qual o assentamento passou, e também em razão do afastamento que hoje há entre as lideranças do assentamento e as do MST do Piauí, o que influencia muito para que haja essa desmobilização, pois, a comunidade acaba

¹³ De acordo com o Professor Luiz Carlos Bresser Pereira (1990), “há hoje uma **crise na esquerda**. Uma crise que começou há quase vinte anos e provavelmente está agora chegando ao seu auge e provavelmente ao seu final. Nos países desenvolvidos esta crise é a crise do Estado do bem-estar. Nos antigos países comunistas é a crise do Estado e do estatismo. Na América Latina é também a crise do populismo e do nacional -desenvolvimentismo”.

não se envolvendo e tomando conhecimento das lutas e movimentações que vem acontecendo no Estado e em todo país (DIÁRIO DE CAMPO, Timon, 29.09.19).

Esta preocupação em relação ao enfraquecimento da conexão com as bandeiras de lutas no passado, expressa-se por meio de narrativas, quando as(os) jovens também são responsabilizadas(os) por esquecer essas bandeiras de lutas. Em discursos, a exemplo dos discursos de lideranças no aniversário de treze anos do assentamento. Mas também em trechos de entrevistas, como pode ser observado no trecho da entrevista da jovem a seguir:

A gente também chegou um tempo em que a gente tinha um contato muito grande com o acampamento que tem aqui também, do MST, do movimento. E aí, no tempo de arraiá, de festa de aniversário, eles sempre vinham para cá e a gente fazia um coletivo. Eles eram muito amigos meu, vinham para cá, sempre fazia almoço para eles ali, para eles ficarem limpando, cantando, divertindo-se aqui. Para ver se andava o trabalho, né? Todo mundo reunido. E hoje também não tem mais esse vínculo com eles e a gente aqui, para gente estimular eles e eles estimularem a gente. Para a gente botar o trabalho a diante! (JOVEM SAYONARA, 20 anos, Vale da Esperança, 04.08.19).

Esse sentimento de esquecimento também está presente em narrativas de moradoras(es), dentre os que cumprem papel fundamental de liderança, como se observa no fragmento do diário de campo a seguir:

Ficamos lá apenas conversando e chegou o seu Tião, presidente da Associação de Moradores, e conversamos com ele, sobre diversos assuntos. Dentre os assuntos, ele nos deu a entender que hoje o relacionamento com a direção do MST está enfraquecido, que ele, como presidente da associação, não tem muito contato com a direção estadual, porém, ele não explicou o motivo (DIÁRIO DE CAMPO, Timon, 07.09.19).

Deste modo, é necessário questionar: o estado de desmotivação e desmobilização, vem somente do fato da distância em relação à organização MST ou é fruto de um processo tão profundo e abrangente de transformações que vem ocorrendo em todas as partes do mundo (mundo que somos levados a tomar como referência)? Nesse aspecto, Hall (2003) questiona se não é a própria “modernidade” que passa por uma transformação e afirma que, no que se refere ao descrito como mundo pós-moderno, nós, sujeitos, não temos mais uma identidade fixa, estática ou essencialista. Pelo contrário, ela é transformada continuamente em relação aos sistemas que nos rodeiam. E, nesse sentido, refiro-me à modernidade implantada pela lógica colonial. No entanto, pensando por meio da perspectiva da colonialidade, sempre fomos levados a olhar para este mundo da modernidade, e toda sua totalidade, de fato ignorando e esquecendo os localismos. Talvez essa tenha sido a armadilha para essa tal “crise de identidade” no qual o Vale, assim como outros espaços sociais de luta, vem passando. Entretanto, em relação à retomada ou não desse relacionamento com a direção do MST Piauí, acredito que está sinalizada uma reaproximação, com a eleição do novo presidente da Associação de Moradores

do Vale, o Sr. João Luís, dirigente do MST a nível nacional e de Piauí. Portanto, uma liderança do próprio movimento dentro da comunidade. Contudo, é interessante observar que, mesmo com essa distância em relação às ações do MST, ainda é muito presente, em narrativas e em outras ações das(os) moradoras(es), a existência de vínculos com o movimento. Em narrativas de jovens também identifiquei o uso constante de termos que são bastante característicos do movimento como “companheiros e companheiras”. Ainda quando se referem a mutirões de trabalho para a construção de atividades diversas ou limpeza de alguma área, elas(es) usam o termo “coletivo”. Quanto a momentos de brincadeiras usam termos como “sem-terrinha”, apesar de já terem conquistado sua terra. A importância do MST em suas trajetórias sempre é referida nas narrativas e em pequenas ações em seus cotidianos, como na foto a seguir, em que podemos ver o orgulho com que a jovem, apelidada de “sem-terrinha” nessa ocasião, posa para foto com a camisa e o boné carregando emblema do MST, em um aniversário do assentamento:



Figura 1- Jovem do Vale – Setembro 2019 - Fonte: Rayane Santos

No que diz respeito à natureza jurídica, o assentamento é organizado, desde sua fundação, por meio da ATRAVE (Associação de Trabalhadores Rurais do Vale da Esperança), com uma diretoria composta por: Secretária(o) Geral (Presidente); Secretária(o) Adjunta(o), Secretária(o) executiva(o); Secretária(o) de finanças; 1º Suplente da(o) Secretária(o) executiva(o); 2º suplente da(o) Secretária(o) executiva(o); Conselho Fiscal 1º, 2º e 3º; Suplente da(o) Conselho Fiscal 1º, 2º e 3º. A diretoria é eleita democraticamente por meio de assembleia geral, a cada dois anos, podendo haver apenas uma reeleição. A associação tem por finalidade questões burocráticas relacionadas a regulamentações normativas; mediar conquistas de benefícios junto a programas sociais governamentais; questões administrativas concernentes à manutenção dos equipamentos públicos da comunidade em geral, entre outras atribuições que mantenham a organização social da comunidade.

Segundo narrativas de jovens entrevistadas(os), após a conquista da terra houve a divisão de lotes para cada uma das famílias, por meio de sorteio. O propósito era que ninguém obtivesse privilégios. No entanto, é importante ressaltar que os laços familiares consanguíneos foram considerados como critério do sorteio, de maneira que, as famílias que tinham relações de parentesco, necessariamente seriam vizinhas, como está explícito no trecho da entrevista abaixo:

[...]sobre a história do assentamento, foi porque quando a gente ganhou essa área aqui, aí teve aquela questão do sorteio das casas. O sorteio das casas aconteceu assim, se você tinha parente também, junto, né? Na luta, para ganhar a casa, aí acontecia de um pegar o número, aí pegava o número 07, e aí os parentes dele ficariam próximos entendeu, até a 08, a 09, se tivesse até o último parente para ficarem próximos. Aí depois, quando acabasse, iam sorteando o restante. Mas aí os parentes, eles prezavam para ficar próximos, entendeu? Já não era mais de pegar número, se um da família pegou, então o filho, ou a mãe ficaria do lado. Tipo aqui é um caso [apontando para duas casas]: ali é a mãe, e aqui é o filho, eles ficaram próximos (JOVEM SYOMARA, 19 anos, Vale da Esperança, 04.08.19) [Grifos meus].

Essa é uma demonstração de como as relações de familiaridade, e aqui, mais especificamente de parentesco, são preservadas e respeitadas no mundo rural, inclusive, influenciando em aspectos organizacionais da comunidade, desde sua fundação. O fato de haver numerosos grupos familiares dentro do assentamento reforça mais ainda o ambiente de proximidade, conforme referido no início deste capítulo. O Vale como um todo, é um lar que abriga a todas(os). Ainda quanto à divisão de lotes, segundo narrativa de outra jovem, durante esses anos, algumas(uns) moradoras(es) do assentamento desistiram da terra, abandonaram suas casas e deixaram o Vale. Essa afirmação não foi acompanhada de informações acerca dos motivos da saída dos mesmos da comunidade, apenas que a casa fica à disposição de novas(os) moradoras(es) da própria comunidade, que formam novas famílias. Quando alguma(um) moradora(dor), sem herdeiras(os), falece, sua casa fica à disposição, para novas famílias que se formam dentro da comunidade, conforme pode ser observado no trecho a seguir:

A maioria das casas já tinha assentado antes. Tipo, a referência dessa daí. Tinha um casal que morava aí, que começou na luta com a gente, e aí, querendo ou não, por incrível que pareça, ainda tem gente que desiste, mesmo a gente já tendo casa, tendo tudo, ainda desistiu. Não é quem já estava construindo aqui as casas. Aí as pessoas desistem, e fica aí parada, fechada, no caso. Aí, quando junta um casal e se casa, vai para o sorteio, né? São cinco casais, só tem uma casa, vai para o sorteio. Quem tirou, a casa é sua, tudo assim. Aí, não tem mais aquela questão de família, se pegou lá longe da sua mãe, aí a gente não tem culpa, né? Foi o terreno que a gente tinha liberado. Ou quando falece algum companheiro, se não tiver filho, aí a gente passa para um outro companheiro, para fazer o cadastro e tudo (JOVEM SAYONARA, 20 anos, Vale da Esperança, 04.08.19).

No assentamento a distribuição de lotes, até hoje, observa a preferência por pessoas da própria comunidade, para que não haja rompimento de vínculos familiares já constituídos na

comunidade. Mesmo assim, a disponibilização de moradia a alguns jovens casais que se formam posteriormente, não consegue lotes no assentamento. A esses resta a construção dos “puxadinhos”¹⁴ nos lotes de seus pais. Os “puxadinhos” são formas de construção que marcam a paisagem da periferia nas cidades e do Vale. Como a terra não chega para todas(os), eles também vão imprimir alterações nos lotes originalmente desenhados na comunidade, com essa extensão da casa, feita de formas diversas de construção; taipa, alvenaria, palha, entre outros; atrás ou ao lado das residências. Também comportam várias funções; para servir como um segundo cômodo a mais; para abrigar uma(um) nova(o) moradora(dor) ou o mais comum, acolher uma família inteira.

No entanto, no Vale a extensão da casa, vai muito além do fato de resolver uma questão de moradia para a nova família que está formando-se. Serve para garantir a permanência da mesma no assentamento, já que não há lotes disponíveis para todas(os). Sem dúvida essa é a solução encontrada para que a família não se separe. Desse modo, podemos analisar que, apesar de estar diante de mais uma característica do urbano adentrando ao rural, é possível perceber que ela passa por ressignificações, próprias do mundo rural: formas de manter os familiares próximos, para facilitar as trocas de alimentos, os cuidados com as crianças e a casa, enfim, para diversas partilhas.

Apesar disso, algumas(uns) jovens entrevistadas(os) e as narram conquistas alcançadas pelo assentamento ao longo do tempo, relacionadas à implantação de equipamentos sociais públicos, fruto de reivindicações das(os) moradoras(es). Porém, apontam lutas que precisavam ser continuadas para garantir respostas a outras necessidades tão básicas à permanência e sobrevivência nesses espaços, como pode ser observado a seguir:

A gente é formada aqui e é aquela coisa, a gente ainda não conseguiu escola, a gente ainda não tem hospital próximo, próprio, nosso, da comunidade. Mas aí o que a gente conquistou aqui hoje, hoje a gente já tem o poço tubular, tem energia elétrica e água encanada e essas coisas. É um assentamento que vem evoluindo bastante, porém, ele parou, entendeu? Era para a gente já ter muito mais. O Vale da Esperança, já era para estar bem mais evoluído, se tivesse alguém aqui que realmente tomasse de conta, entendeu? Porque hoje aqui não tem. Não tem essa pessoa que vá atrás, que consiga tudo aqui para dentro. A gente conseguiu uma praça. O Vale da Esperança também conseguiu uma praça, na qual a comunidade por si toda se desleixou e deixou a praça para lá mesmo, porque hoje é, hoje a praça já é desligada pelo fato de ninguém, ninguém vai lá e tal essas coisas. Aí, já está cheio de mato. Os meninos, a gente conseguiu também um campo, um campo bem grande, todo equipado com nome e tudo, no qual também a comunidade desleixou e deixou o mato tomar de conta. Então, é aquela coisa é... O Vale da Esperança é um lugar muito bom de morar, mas também é... Menos... É um lugar onde a gente não tem muito, muitos benefícios, entendeu? A gente chegou aqui hoje, a gente já está tipo, o que a gente tem é a nossa casa e pronto!

¹⁴ **Puxadinho** é um termo popular, para referir-se a uma construção anexa à principal, em um mesmo terreno, geralmente construída de forma irregular, com o objetivo de anexar mais ambiente(s) ao já existente, ou até mesmo uma nova unidade residencial/comercial. Fonte: Wikipedia.

Não tem aquela coisa de: ‘Ah, vamos ali na padaria, tem uma pizzaria, tem uma coisa, tem um campo, não tem isso!’ (JOVEM SAYONARA, 20 anos, Vale da Esperança, 04.08.19).

Segundo ela, anteriormente haviam vários cursos de capacitação ofertados na comunidade. Observa-se que na comunidade, embora seja considerada como um “lugar bom para morar”, a educação e a saúde, como necessidades básicas para a permanência das pessoas naquele território, não são garantidas, evidenciando as desigualdades vivenciadas no cotidiano das populações rurais, especialmente, aquelas que vivem em assentamentos rurais, resultado de como a colonialidade se reproduz nessa realidade.

Da mesma forma, a jovem atribui a não conquista de novos equipamentos sociais necessários à vida na comunidade, à inexistência de liderança que possa articular a luta na busca das atuais necessidades. Embora exista uma diretoria da Associação de Moradores que, em tese, cumpriria a tarefa, moradoras(es) ainda demonstram insatisfações para com o desempenho de ações na defesa dos interesses coletivos.

Essa insatisfação evidencia o reconhecimento de uma fragilidade nas lideranças locais. Talvez isso seja resultado de comparações com desempenhos de lideranças anteriormente existentes no território. Também pode ser reflexo sobre a não resposta, pelo poder público, às demandas da comunidade. Com isso, a falta de lideranças ou mau desempenho dessas, é visto como razão para a não obtenção de mais equipamentos sociais na comunidade. Porém, é preciso problematizar e considerar as dificuldades que resultam na capacidade reivindicatória, não apenas de lideranças da comunidade, mas dos movimentos coletivos como um todo, em especial, os movimentos sindicais. Muito provavelmente, como na cidade, em tempos de acirramento das políticas neoliberais que privilegiam o financiamento ao agronegócio em detrimento da agricultura familiar¹⁵. Essas e outras questões têm impacto na luta da classe trabalhadora, com a conseqüente fragilização da luta coletiva em todo mundo e no nosso país, em todos os territórios. Um exemplo particularmente importante no Vale, é o sentimento de distanciamento em relação à principal organização de base, o MST.

Em sendo esse desamparo óbvio para moradoras(es), a continuidade de respostas às suas necessidades, muitas(os) delas(es) reclamam também da ausência de “figuras” políticas que

¹⁵ Para aprofundar o debate sobre temas relacionados ao **impacto da política neoliberal e a desmobilização da luta coletiva**, ver: Lutas Sociais, Neoliberalismo e limites democráticos no Brasil: Gênese, Desenvolvimento e Perspectivas da Campanha (Inter)Nacional contra a ALCA de Roberto Della Santa Barros; Neoliberalismo e Lutas Sociais: perspectivas para as políticas públicas - retrocessos, recorrências e avanços de Laura Tavares Ribeiro Soares; Neoliberalismo e Lutas Sociais: a emergência dos movimentos piqueteros e altermundialistas no contexto neoliberal de Elaine Regina Aguiar Amorim e Santiane Arias; Neoliberalismo, uso de agrotóxicos e a crise da soberania alimentar no Brasil de Ary Carvalho de Miranda, Josino Costa Moreira; René de Carvalho e Frederico Peres.

possam mediar conquistas de direitos sociais para suprir as necessidades da comunidade. Para uma das jovens entrevistadas: “Muitos [políticos] aparecem, prometem, mas vão embora” (JOVEM SAYONARA, 20 anos, Vale da Esperança, 04.08.19) [Grifos meus]. Como resultante desse contexto, tudo converge para o “vai e vem” entre rural e urbano. São variadas as razões pelas quais essa cruzada entre campo e cidade ocorre: para trabalhar, estudar; resolver assuntos ligados às obrigações domésticas, etc. O certo é que parte do tempo é consumido com o “correr atrás”:

Por que não tem mais? Acho que como eu tinha lhe dito, porque a gente não tem mais aquele tempo dedicado somente para cá. E ficou muito pequeno o tempo para cá. Ficou só final de semana, supomos. E aí não tem como a gente correr atrás. Final de semana e meio de semana a maioria não tem como ir. Quem é da frente, quem é o coordenador, quem é a secretária, quem é o tesoureiro, não tem como andar atrás, porque trabalha e tem filho também não pode, né? Aí ficou meio por fora (JOVEM SAYONARA, 20 anos, Vale da Esperança, 04.08.19).

Assim, fica evidente como a relação rural x urbano produz transformações até mesmo nos aspectos organizacionais do próprio assentamento. Isso implica, como nos lembra Carneiro (2012), pensar essas modificações como resultado das novas dinâmicas que provém da imposição do modelo de produção urbano-industrial, intrínseca a como a colonialidade funda e sustenta essa relação. Porém, este estado de transformações não significa o fim do rural, mas sinaliza a necessidade de novas formas de pensá-lo e vivê-lo.

Quanto aos equipamentos sociais públicos conquistados pelo Vale, os de uso coletivo marcam a paisagem do assentamento e se constituem como espaço de agregação da comunidade, no sentido coletivo do termo. O Barracão, onde são realizadas as reuniões e principais eventos festivos ou não; o orelhão¹⁶, referido como uma conquista importante para ajudar na comunicação das(os) moradoras(es); a Praça com a recente inauguração da academia popular, com um campo de futebol e um de vôlei que funciona como uma espécie de complexo de lazer; a Casa de Beneficiamento Agrícola, utilizada para o beneficiamento de alimentos produzidos pelas(os) assentadas(os); um outro campo de futebol, que fica próximo à casa de beneficiamento; a Horta Comunitária e o Cinturão Verde. Esses últimos que são destinados à produção agrícola comunitária. A comunidade ainda conta com três igrejas de diferentes denominações, uma Católica, uma Adventista do Sétimo dia e uma outra Assembleia de Deus. No item seguinte farei uma descrição minuciosa de todos estes espaços.

No que diz respeito à produção da terra no Vale, como já tratado anteriormente, o assentamento conta com uma horta comunitária e um cinturão verde. Áreas irrigadas para o

¹⁶ **Orelhão** é um aparelho telefônico recoberto por uma grande concha acústica, instalado nas ruas para uso do público. Fonte: Wikipédia.

cultivo da comunidade com área de aproximadamente 22,8 ha. Na horta comunitária são cultivados alface, rúcula, coentro, abobrinha, cenoura, cebolinha, alho poró, tomate, tomate cereja, manjeriço, mastruz, couve, pepino, pimentão, pimentinha, beterraba, batata, mamão, salsa, quiabo, entre outros. E no cinturão verde, macaxeira, milho, feijão, melancia, mandioca, maxixe, quiabo, entre outros. Com muito orgulho jovens narraram o quanto a sua terra é produtiva, dos seus envolvimento com a produção, das brincadeiras enquanto seus pais, e também eles mesmos cultivam. Que tudo pode ser plantado, pois o solo é bastante fértil, para além do que já é produzido na atualidade.

Parte dessa produção é destinada à subsistência das famílias, e o excedente é comercializado por algumas famílias na Feira UFPI. Nessa Feira, inclusive, uma das jovens entrevistadas, Aline, participa juntamente com sua família. O cinturão verde, foi-me apresentado com muita animação e orgulho por essa jovem, e ela narrou com orgulho sobre seu projeto de plantio de macaxeiras. Na narrativa abaixo, fica evidente a dimensão que permeia seu envolvimento com a terra e com a produção:

Ali é meu projeto [apontando para plantação de macaxeiras]. Aqui nessa área os produtores produzem mais é macaxeira e feijão, porque como é uma área que eles não utilizam todo tempo, eles botam a macaxeira para o mato não tomar, e ficar todo tempo tendo a macaxeira. Aí nesse período eles plantam mais é feijão. Aí, quando termina o feijão, plantam a macaxeira para ficar a área sempre com legumes. Milho planta, mas não é muito, na parte do cinturão verde. Ainda não chegamos na horta. Aí, na horta produzimos vários tipos de legumes. Aí, nesse tempo de inverno, não dá muito porque é muito mato, a gente capina hoje, e amanhã já tem tudo de novo. Aí [risos], não produz muito, mas... quando chega no verão fica mais bonita a horta (JOVEM ALINE, 21 anos, Vale da Esperança, 04.08.19) [Grifos meus].

No assentamento algumas(uns) jovens têm envolvimento com a produção agrícola. Essa jovem, por exemplo, desenvolve seus projetos e ainda se responsabiliza pela comercialização. Contudo, o envolvimento de famílias é infinitamente maior. No assentamento, dois projetos englobam um total de quarenta famílias; vinte escolheram participar do projeto da horta comunitária e as outras vinte do projeto dos aviários (criação de galinhas). No entanto, o projeto dos aviários não teve continuidade, enquanto que o da horta continua até hoje, com as mesmas vinte famílias que o iniciaram:

No começo do projeto aqui, que teve o projeto das hortas, tinha uns galinheiros ali, onde tiveram moradores que escolheram horta e tiveram outros que escolheram ter projeto de galinhas, aí, fizeram ali uns galinheiros, criaram galinhas, mas depois o projeto das galinhas já foi saindo. Aí, não teve mais nenhum, nenhum ficou com o projeto de galinha. Aí, o que ficou fixo mesmo foi só a horta, mas já teve projeto de galinha aqui também, junto com o projeto da horta, quando veio, veio os galinheiros e tudo, para moradores que gostariam de criar galinha (JOVEM SYOMARA, 19 anos, Vale da Esperança, 04.08.19).

Contudo, narrar o que é o Vale envolve subjetividades, significados e vai muito além de uma mera e simples descrição de sua trajetória histórica ou territorial, como apresentarei a seguir. Para as(os) jovens, sujeitos desta pesquisa, o Vale da Esperança tem significados que nos mostram que suas histórias estão entrelaçadas com a própria história do assentamento. Algumas(uns) dessas(es) jovens chegaram e viveram, ainda quando crianças, momentos de luta pela garantia de condições de permanência no Vale da Esperança. Muitas vezes, até sem compreender, como narra a jovem Sayonara, ao evidenciar o carinho por esse lugar onde ela cresceu junto com suas(seus) amigas(os), testemunhando a luta de sua família e participando dela à medida em que foi crescendo:

Ah, nossa! [Sorriso carinhoso]. Eu sempre, passo assim, a maioria do tempo eu passo na cidade, por conta de estudar e trabalhar, mas só eu sei o quanto eu amo aqui. O quanto eu valorizo e luto por aqui. Minha mãe costuma dizer, que era para eu ter nascido homem por conta de que eu gosto do mato, eu gosto de plantar, de cultivar. Não tenho... Nossa! Eu sou aquela menina, que não tem frescura com nada. Então, o Vale para mim é uma segunda mãe, por que foi ela que me acolheu. Foi aqui que eu me criei, foi aqui que eu me desenvolvi, foi aqui que eu criei contato com todo mundo, criei amizades para sempre que vão ser sempre meus amigos, né? E que eu lutei por aqui e então que eu valorizo bastante. O Vale para mim, nossa! É uma coisa tão grande que eu não sei nem descrever assim, da forma que eu possa te explicar. Mas eu valorizo muito, porque eu lutei por aqui, mesmo pequena, mesmo sem entender muitas das vezes, no começo. Mas hoje eu entendo, e sou grata demais a quem trouxe nós para cá, quem lutou para chegar até aqui e eu sei o meu papel que daqui para frente quem tem que lutar somos nós jovens, nosso grupo de juventude [demonstrando empolgação]. Então, é isso, o Vale para mim é ótimo (JOVEM SAYONARA, 20 anos, Vale da Esperança, 04.08.19) [Grifos meus].

São vários os sentimentos de afeto e de pertencimento expressos por ela, que dá significado e delimita a própria definição do Vale como um território que a jovem afirma ter dificuldade até de descrever. Outro aspecto importante evocado pela jovem, é seu compromisso em prosseguir com a luta pelo assentamento, juntamente com outras(os) jovens, demonstrando o quanto a dimensão da luta deve ser perpetuada, pois faz parte do próprio significado do que é o Vale. A ênfase nos processos de luta pela terra estão presentes na maior parte das narrativas das(os) jovens entrevistadas(os) e expressam perspectivas profundas da complexidade da luta pela terra, tanto no decorrer da história do Vale, quanto no cenário atual:

Ah, o Vale para mim é uma conquista, né? É a conquista de muita luta que a gente teve. Da gente que vem de muitos anos, passou por tantos obstáculos, e aí hoje, a gente tem concretizado nosso pedaço de chão. E é nosso, é fruto de muito suor, de muita luta que a gente viveu a cada dia. E que hoje a gente continua a luta de uma forma totalmente diferente, também com muitas dificuldades, muitas adversidades, por conta da situação de hoje. Mas é o que a gente conquistou e que a gente ainda tem muito a conquistar para poder continuar aqui, né? Que a dificuldade agora é a gente conseguir continuar diante dessa situação que está hoje aqui (JOVEM ALANA, 25 anos, Vale da Esperança, 04.08.19).

É possível identificar nesta narrativa uma perspectiva de futuro ainda com lutas a travar. Há um entendimento dessa jovem de que as batalhas e bandeiras na luta pela terra continuam as mesmas, transformara-se apenas o *modus operandi* delas diante da realidade atual. Em outro momento de suas narrativas, a jovem Alana ainda cita as mídias sociais como um grande agente transformador destas lutas, pois ao mesmo tempo que facilita a articulação por meio da comunicação instantânea, é também um problema para a(o) jovem rural, tendo em vista que ela(e) não consegue adaptar-se nesse mundo globalizado das mídias, pela dificuldade de acesso e compreensão delas. Entretanto, tratarei acerca desse tema da relação entre a juventude rural e as tecnologias e mídias em outro momento do trabalho.

Ainda pensando em perspectiva de futuro, outro jovem, Jenilson, 23 anos, companheiro da jovem Alana, ao tratar de significados do Vale, evidencia um aspecto interessante quando ele o caracteriza como um lugar que lhe traz esperança na construção de uma nova sociedade. Isso corrobora com a ideia da permanência na luta que os impulsionou para a chegada até aqui. O Vale como resultado de uma construção em que cada um é “responsável”. Como um território que:

Já está dizendo, é uma esperança. Uma esperança que a pessoa possa encontrar o seu caminho, o seu futuro. Porque é isso que o movimento proporciona, né? Acho que o nome do Vale está caracterizado aí na esperança de vida, na esperança de que a gente possa colher bons frutos, que a gente possa construir uma vida para melhor, para os nossos companheiros numa nova sociedade (JOVEM JENILSON, 23 anos, Vale da Esperança, 04.08.19).

É uma narrativa acerca de um território de esperança individual, mas também coletiva. Portanto, de *utopia* em busca de um mundo melhor. Um sentimento coletivo presente também na narrativa de uma das lideranças da juventude do Vale, ao expressar diversos significados acerca da história com o movimento que a jovem Ana Cleide tem empreendido, por sua trajetória no MST. Chamou atenção a emoção e o sentimento com que descreveu, tanto em palavras, quanto no olhar, o Vale. Quanto ao vínculo com o MST, a mística, como algo de significativo que movimenta a luta. Um fazer apaixonado e apaixonante pela luta que pulsa entre as(os) participantes do movimento, conforme será explicitado melhor no último capítulo. O Vale é tão “entranhado” em sua história que ela o descreve como seu lar, como sua casa, como parte dela mesma. Território de luta de seus pais por um lugar para viver. Uma luta em que a jovem garantiu o que considera ser importante para seu futuro, mas também para o futuro de outras gerações, como aqueles de que fazem parte suas filhas:

Ah, o Vale para mim é minha casa. Eu até me emociono quando falo, porque foi onde eu me encontrei, foi onde eu descobri quem eu sou. Quem realmente sou. Onde minha mãe conseguiu um lar para gente. Foi uma luta, foi muito difícil e hoje a gente tem uma casa. Então, para mim é meu lar, é tudo. É onde as minhas filhas nasceram, estão

crescendo e vão viver e com certeza vão ter um futuro para elas, vai ser aqui. Para mim é especial, não tenho nem palavras para falar do meu Vale. Não me vejo sem ele, não me vejo, não me vejo. De jeito nenhum. Um lugar mágico, para mim. É tudo! [Emocionada, chorou um pouco] (JOVEM ANA CLEIDE, 32 anos, Vale da Esperança, 04.08.19) [Grifos meus].

É interessante identificar que as(os) jovens se envolveram na conquista do Vale da Esperança, sendo protagonistas e atuando como construtoras(es) do futuro na continuidade da luta pela terra. Herdeiras(os) das bandeiras levantadas por seus pais durante toda a trajetória da história do Vale como sua casa, seu lar. Uma herança similar de lutas é tratada por Castro (2005) em pesquisa sobre jovens de um assentamento rural no interior do Rio de Janeiro, em que, adultas(os) depositam nas(os) jovens suas expectativas de desenvolvimento da comunidade, de continuidade da luta, inclusive, formando-as(os) para que aprendam sobre o movimento sem terra. Como exemplo dessa relação, nessa imagem a seguir é possível observar o envolvimento com a luta entre crianças, jovens, adultas(os) e idosas(as), mulheres e homens, todas(os) juntas(os) carregando de maneira orgulhosa a bandeira símbolo do MST:



Figura 2 - Caminhada em comemoração ao aniversário do Vale - Setembro de 2019 – Fonte: Rayane Santos

No próximo item os apresentarei o Vale. Faremos um “passeio” pelo mesmo, tendo como referências meus olhares, mas também, olhares das(os) jovens, assim como de todas(os) moradoras(es) que narraram suas histórias para dar corpo à escrita deste trabalho.

2.3. Territórios, estruturas, espaços: andanças pelo Vale

Autores como Haesbaert (2016), Massey (2008) e Escobar (2014) defendem que, partindo de uma base decolonial os territórios se materializam como espaços-tempos vitais de inter-relação com o mundo natural. Para os autores a defesa deles alimenta um projeto de vida que abrange a autonomia dos povos, conhecimentos e práticas culturais, além da segurança alimentar e da defesa da biodiversidade, especialmente nas comunidades rurais. Desse modo,

dentro dos territórios a persistência das comunidades junto aos movimentos de base territorial envolve defesa, oposição, afirmação e resistência. Defesa que envolve o direito ao território vinculado ao direito à identidade; a uma visão própria de futuro; ao exercício de ser; a uma visão própria de desenvolvimento social, econômico e ecológico e às formas tradicionais de organização social e produção.

Assim o Vale se caracteriza por ser um território marcado por uma árdua luta pela terra, que envolve uma infinidade de atores, dentre os quais, as(os) jovens sujeitos desta pesquisa, referências para compreendermos como se territorializa a construção do Vale ao longo do tempo. Essa compreensão se reafirma no campo de pesquisa quando observo que o território conquistado pelas(os) moradoras(es) do Vale da Esperança não significou e não significa até hoje apenas um “pedaço de chão” para que elas(es) pudessem construir suas casas e produzirem para seu sustento. É um território que carrega histórias, sentidos, significados, constituído com base em relações sociais tão fortes que o torna um lar para todos, extrapolando os simples limites de um lote de terra, como descrito no trecho do diário:

Quando as(os) interroguei sobre o que era o Vale para elas(es), identifiquei sentimentos, um vínculo profundo com a terra conquistada ali. Algumas(uns) até se emocionaram ao narrarem acerca desse lugar que para eles é família, é acolhida, é lar, é a concretização de uma luta. É a materialidade do passado, presente e futuro, como elas(es) mesmas(os) resumiram. É tudo para elas(es)! O Vale é a casa (DIÁRIO DE CAMPO, Timon, 04.08.19).

Existe uma relação sociedade e natureza bastante imbricada que, na direção do afirmado por Santos (2006), o *território* em si não comporta o status de categoria de análise para as ciências sociais, o que de fato constitui uma categoria de análise é o *território usado*. Para Santos (2006), o território é sinônimo de espaço geográfico. Território esse constituído como totalidade indivisível e única. Território usado, ou espaço, é composto por continuidades e fluidez marcadas por um conjunto de fixos e fluxos constituídos por forma, função, conteúdo, estrutura e processo (SANTOS, 2006). Elementos fixos como aqueles em que incide a ação do homem, e que, literalmente, estão fixados no lugar. Enquanto os fluxos são resultantes destas ações sobre os fixos. São elementos fixos estradas, construções, pontes, barragens, entre outros. Os fluxos são os movimentos condicionados pelas ações que incidem nos fixos. Há uma interação entre fixos e fluxos construindo e reconstruindo o espaço. Os fixos produzem fluxos, e os fluxos levam à reprodução de fixos e vice-versa:

Os elementos fixos, fixados em cada lugar, permitem ações que modificam o próprio lugar, fluxos novos ou renovados que recriam as condições ambientais e as condições sociais, e redefinem cada lugar. Os fluxos são o resultado direto ou indireto das ações e atravessam ou se instalam nos fixos, modificando a sua significação e o seu valor, ao mesmo tempo em que, também, modificam-se (SANTOS, 2006, p.38).

Em síntese, o autor busca compreender o espaço a partir da paisagem e das relações que dela decorrem e nele se processam. Para Santos (2006): “espaço é formado por um conjunto indissociável, solidário e também contraditório, de sistemas de objetos e sistemas de ações, não considerados isoladamente, mas como o quadro único no qual a história se dá” (p.39).

É no âmbito local que o espaço vivido se materializa em território usado. É onde o território usado se apresenta como medida de contradições e embates que ali incidem. No âmbito local, o território se realiza como presente, por meio das perspectivas de transformações que são possibilitadas pela ação dos seres humanos. Como passado a partir das memórias fixadas no espaço no decorrer dos tempos. Por outro lado, é no dia a dia dos sujeitos sociais, que podemos tomar consciência da concepção de território usado, por meio da busca pela satisfação das necessidades materiais imediatas, individuais e coletivas. É nesse tempo cotidiano que se materializam os processos de construção de alternativas para as necessidades sociais demandadas. Assim, por meio do conjunto de fixos e fluxos que compõem o território usado, ações e objetos vão sendo acionados como facetas de uma mesma totalidade (SANTOS, 2006).

Desse modo, o território é aqui compreendido como território usado, sinônimo de espaço, constituído como uma totalidade. Apenas assim podemos apreender o rural em suas multidimensionalidades. Nesta perspectiva não é possível pensarmos o território rural sob o ponto de vista reducionista, apenas como matéria, pois ele é também resultante da materialidade espacial que a sociedade lhe concede. O território usado/rural é um substrato material delimitado pela sociedade que lhe confere uso, forma, função e estrutura. Simultaneamente, é resultante da própria sociedade, da materialização da existência contraditória das relações sociais que o define.

Partindo deste pressuposto, compreendo o território rural em constante transformação, impactando os modos de vida dos sujeitos sociais que o vivem. Assim, podemos afirmar que a conformação do território rural se constituiu de diversos “momentos” da história, construído e reconstruído em locais diferentes e sob distintos modos de produção como já afirmara Lefebvre desde a década de 1970:

La comunidad rural se mantiene, se defiende. desaparece o se reconstituye bajo modos de producción muy diferentes: esclavista. feudal, capitalista, socialista. Persiste, más o menos viva, en ascensión o disolución, desde los tiempos más remotos hasta nuestros días; ciertamente no extraña a las vicisitudes de la Historia y las

transformaciones económico-políticas, pero con vida e historia propias (LEFEBVRE, 1975, p.27).¹⁷

Cada “momento” da conformação do território rural deixa sua marca e influencia no seguinte. São essas referências que me fazem entender o emergir de novas ruralidades e novos sentidos para o território rural, carregados de passado, presente e futuro. São realidades cercadas pela cristalização de aportes físicos e por novas configurações nas relações societárias, tudo num mesmo processo. Associa-se a esse processo as características físico-ambientais de cada lugar. Desse modo, o que expressa a complexidade na trama de relações do território rural e conseqüentemente, sua constante reconfiguração, são os inúmeros elementos que o envolvem e definem.

De forma genérica, é possível elencar alguns aspectos que caracterizam as mudanças ocorridas no território rural. Dentre essas, o processo histórico de ocupação dos locais, expressões culturais e modos de colonização; formas de produção agrícola, inclusive, as mudanças ao longo do tempo, resultantes dos efeitos da “modernização” agrícola; as relações com o urbano em diferentes níveis; as modificações em relação à questão ambiental. Esses aspectos exemplificam todo esse processo de construção e reconstrução permanente do território rural, o qual é constituído de elementos e infraestruturas nele sedimentados e que testemunham os momentos históricos; e da dinâmica social local existente, que é influenciada pelos testemunhos sedimentados no local num conjunto de fixos e fluxos. Essas referências contribuem para entender o processo de construção da história do Vale da Esperança em seu território, atribuindo significados ao que é na atualidade, suas relações com o mundo e as organizações sociais e com os sujeitos que compõem esse território.

O Vale da Esperança fica situado na zona rural sudeste de Teresina, a 27 km do centro da capital. Há duas vias de acesso ao Assentamento Vale da Esperança, uma é seguindo pela estrada da Usina Santana. Após uma rotatória, entra no rodoanel, percorrendo por cerca 6,5 km entra à direita numa estrada carroçal. Após cerca de 2,5 km, chega ao Vale da Esperança. Outra via de acesso é a BR-343, sentido Teresina - Altos, em torno de 7 km após a Polícia Rodoviária Federal, entra-se à direita no rodoanel. Percorra em torno de 7 km, entra à esquerda em uma estrada carroçal e após cerca de 2,5 km chegamos ao assentamento.

Para o trabalho de campo realizado no Vale, utilizava meu próprio transporte, percorria ambas as vias de acesso. Inicialmente, ia pela estrada da Usina Santana. No entanto, a estrada

¹⁷ A comunidade rural é mantida, defendida, desaparecida ou reconstituída sob modos de produção muito diferentes: escravo, feudal, capitalista, socialista. Persiste mais ou menos viva, em ascensão ou dissolução, desde os tempos mais remotos até os dias atuais; certamente não perde as vicissitudes da história e das transformações econômico-políticas, mas com a vida e a própria história (LEFEBVRE, 1975, p.27 - tradução livre).

tem uma pavimentação bastante precária e desgastada, com presença de muitos buracos, mal sinalizada, escura e estreita. Além de insegura, por conta de constantes assaltos em trechos próximos aos redutores de velocidade. Em decorrência de tais dificuldades, passei a acessar o Vale pela BR-343, o que facilitou bastante, pois a estrada conta com uma pavimentação em melhores condições, mais plana, com escassos buracos e melhor sinalizada. No entanto, o tempo de chegada não reduziu, mas hoje é a principal via de acesso que utilizo para chegar ao Vale. Ambos os acessos são também utilizados pelas(os) jovens moradoras(as) do Vale para chegar ao assentamento.

Durante esses percursos, realizados, principalmente, aos finais de semana, diversas reflexões vinham à tona. Dentre elas: que riscos e perigos as(os) jovens da comunidade enfrentam nessas estradas diariamente ou aos finais de semana, para manter seus estudos e trabalhos na cidade? Como já mencionado anteriormente, uma parte das(os) jovens mantém a rotina Vale-Teresina, algumas(uns) delas(es) possui moto e não faz esse percurso nas condições em que as(os) demais jovens realizam. Outras(os) não têm onde permanecer em Teresina e precisam voltar todos os dias para o Vale. Enquanto outras(os), aos finais de semana, permanecem em casas de parentes em Teresina. Essas(es) jovens poderiam ser poupadas(os) desses riscos, caso trabalhassem em suas próprias terras. No entanto, em nome de um desenvolvimento que foi “soprado em seus ouvidos” por gerações, em nome de ideais colonializantes, elas(es) e seus pais compreendem que só há salvação, só há “vida melhor” com os estudos e trabalhos na cidade, pois no campo é “só sofrimento e atraso de vida”.

Em relação ao transporte público coletivo, há apenas uma linha de ônibus que atende a comunidade. Esse ônibus passa apenas no turno da manhã, para recolher quem vai à cidade e ao final da tarde para trazer de volta pessoas ao Vale. Acerca dessa situação uma jovem afirma:

A gente também tem ônibus. A questão de acesso, do lado positivo também foi essa, porque a gente ganhou um transporte coletivo, que aí pelo fato das vias de BR a gente conseguiu isso. É, esse também foi um dos lados positivos nosso. Que aí o ônibus vem pela manhã, umas 5:00h ou 6:00h da manhã ele está passando por aqui, e só retorna... 17:00h ele está passando por aqui. Sai de lá do verdão umas 15:30h, 16:00h. Às 17:00 ele está chegando aqui (JOVEM SAYONARA, 20 anos, Vale da Esperança, 04.08.19).

O horário em que o ônibus passa pela manhã para buscar as(os) passageiras(os) no Vale é bastante cedo, o que, para muitas(os) moradoras(es), como as(os) jovens, que trabalham e estudam na cidade e dependem unicamente deste transporte para locomover-se, torna-se bastante cansativo. Há um transtorno, pois são forçadas(os) a iniciarem suas tarefas matinais ao alvorecer, para não chegarem atrasadas(os) no ponto do ônibus, já que este é o único horário em que o mesmo passa pela comunidade para as(os) pegar. Além de, no caso da ocorrência de

alguma circunstância adversa, correrem o risco de perderem o transporte de volta para o assentamento, para seus lares, já que há apenas um horário de retorno do transporte coletivo.

O assentamento tem uma área total de 78 hectares, com formato em círculo. A circunferência central tem em torno de 1,6 km e abrange toda a área coletiva e social da comunidade, onde ficam instalados os equipamentos sociais públicos, além das instituições sociais, como igrejas, conforme mencionado na sessão anterior. Na narrativa de uma jovem pode-se identificar outros elementos existentes no território:

A gente tem dois campos de futebol, dizia antes que era masculino e feminino, mas, não tem essa, todo mundo joga! [...]. Mas temos também o campo de vôlei. Temos a casa de farinha, temos o barracão, que é onde a gente se reúne para fazer reunião, para fazer brincadeiras, para fazer festa das mães, festa dos pais, a gente sempre comemora assim. As festinhas assim, mesmo simples, mas a gente não deixa passar em branco. Temos as igrejas, tudo aqui no meio no caso. Temos a igreja católica, a do sétimo dia, e a assembleia de Deus. Temos a praça também, temos o orelhão, temos a horta, que é a horta comunitária e temos os aviários, que no momento estão desinstalados, no caso não estão funcionando, mas tem aí no meio. Todos construídinhos, feito a tela, tudo direitinho. É isso que a gente tem aqui no meio, até agora, né? Também, temos os poços tubulares, que são instalados aí no meio também (JOVEM SAYONARA, 20 anos, Vale da Esperança, 04.08.19).

No entorno, ao atravessar uma rua carroçal, circulando a área coletiva e social, ficam as casas das(os) assentadas(os), dispostas uma ao lado da outra. O formato em círculo tem um sentido; as instituições sociais ficaram localizadas no círculo interior para manter vínculos de proximidade na comunidade. Para que todos tenham possibilidades iguais de acesso aos bens sociais:

Porque assim, a gente sempre presou pelo, apesar da distância, a gente sempre presou pela proximidade aos companheiros. Companheiros e companheiras. E a gente entendeu que por círculo a gente ia ter um contato bem maior com todos, né isso?! E aí preservava também o círculo, que no caso ia ser o momento cultural, que ia ser os campos, a horta, onde o lazer seria no meio, para todo mundo. Igreja, telefone, praças. Então, isso fez com que a gente tomasse essa decisão do assentamento em si, ser um círculo. Assim... a gente, por esses mesmos motivos do círculo, a gente presou o círculo por esse motivo, que as casas ficariam, além da proximidade dos companheiros com as companheiras no caso, no caso são todos vizinhos próximos, para criar aquela intimidade toda, e preservar o que a gente fosse adquirindo como o campo, horta, ficar tudo a frente assim. Para ficar visível para todos nós, para não ter: “Ah, vai lá embaixo ver onde é que fica a horta”. Para ficar bem mais próximo para todo mundo, né? Para ter acesso para todo mundo (JOVEM SAYONARA, 20 anos, Vale da Esperança, 04.08.19).

Tendo por referência essa e outras narrativas de jovens da comunidade, é possível observar que mais que uma característica adquirida pela comunidade ao longo do tempo, por carregar as tradições comuns do meio rural, a atmosfera de familiaridade e proximidade é de fato uma prática no assentamento desde sua fundação. Pode-se afirmar, ainda, que faz parte de seus princípios organizativos. Ser uma casa para todas(os), ser o um lugar de aconchego e

acolhimento, fazer com que todas(os) se tornem uma só família, são indícios dos objetivos principais do Vale da Esperança e de suas lideranças. São princípios que se refletem tanto nos aspectos relacionais quanto territoriais. A imagem abaixo ajuda a compreender mais sobre a configuração espacial do Vale, tendo o círculo como elemento estruturante de processos de relações sociais, culturais, políticas e territoriais:

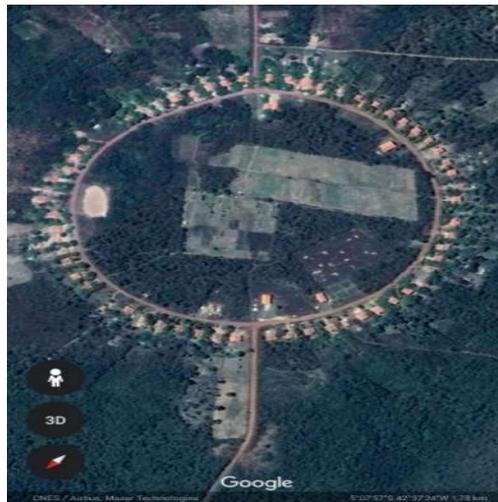


Figura 3 – Setembro, 2019 - Fonte: Google Earth - Acesso em: 12.09.2019

Seguindo a caminhada pelo território do Vale, entra-se nessa estradinha carroçal, sem que nenhuma placa indique ser ali um assentamento. No meio da estradinha, há uma parte calçada. Segundo algumas(uns) jovens, essa foi construída para evitar que em tempos de chuvas, os carros deslizassem ou ficassem empossados. Seguindo mais à frente, chega-se à comunidade. A primeira imagem que existe é de uma pequena igrejajinha Católica, conforme descrita no Diário de Campo:

A igreja é bastante simples, e o templo foi construído há apenas 2 anos. Pequena, fica ao lado do Barracão, em frente à entrada do assentamento, onde logo avistamos uma cruz de madeira, em cima de uma estrutura de cimento, tudo branco. À frente da igreja tem uma parede grande, rebocada e com uma cruz acima. Há ainda à frente, um pequeno pátio no cimento bruto, com um púlpito de cimento pintado de branco, aberto e não coberto. A construção é em alvenaria simples, construída pelos próprios assentados; piso bruto de cimento; pintura bruta (sem massa) na cor branca; telhado em madeira serrada e telha de cerâmica, sem forro; lâmpadas e ventiladores de teto; três portas de ferro na cor marrom, duas nas laterais, próximas ao altar, e a maior e principal ao fundo; janelas de ferro na cor marrom nas paredes laterais do templo (DIÁRIO DE CAMPO, Timon, 28.09.19).

Mas, e o interior, como é? Em seu interior o pequeno templo tem:

Um altar em pequena plataforma de cimento, com um crucifixo de quase um metro de altura, centralizado na parede ao fundo, que tem duas entradas para um outro cômodo, uma à direita e outra à esquerda. Um púlpito de madeira coberto por um tecido de renda e um arranjo de plantas no chão à sua frente. Uma mesa com dois tecidos de renda e dois castiçais de velas grossas nas duas extremidades da mesa, com um arranjo de plantas no chão à frente da mesa, três cadeiras de madeira para o padre e os dois ministros, um banner com a imagem de São Miguel Arcanjo à direita do

altar. Havia imagens sequenciais que representam a *via crucis* (para o cristianismo é o relato do percurso de Jesus Cristo até sua morte) espalhadas pelas paredes laterais do templo. No canto direito, à frente da congregação, havia uma imagem de São Miguel Arcanjo, envolto por flores, em cima de uma pequena mesa, coberta por um tecido de renda, com dois arranjos de plantas no chão à frente da mesinha. Logo atrás havia uma caixa de som e uma cadeira de madeira, logo ao lado esquerdo estava uma mesa de plástico branca com um computador e um data show. Entre a imagem do santo e a congregação, em frente à porta lateral direita ficavam as cadeiras para os músicos, microfones e um violão, todos conectados à caixa de som. Os assentos da congregação eram cadeiras de plástico brancas para os adultos e cadeiras pequenas de macarrão e ferro para as crianças (DIÁRIO DE CAMPO, Timon, 28.09.19).

A seguir uma imagem da igreja:



Figura 4 – Templo Igreja Católica – Junho, 2019 - Fonte: Rayane Santos

Dobrando à direita, localiza-se o Barracão, quase ao lado da igreja. Entre os dois há bastante vegetação, mas é possível vê-lo bem próximo, pois estão localizados a apenas alguns metros de distância entre as construções. Logo à frente, ao lado esquerdo do Barracão, há um orelhão, bastante significativo para a comunidade, conforme narrado por uma jovem: “A gente ganhou um orelhão que fez bem, até porque a gente não tem muito acesso a área de telefone, aí, ele ajudou bastante a gente” (JOVEM SYOMARA, 19 anos, Vale da Esperança, 04.08.19), em razão da dificuldade de acesso à comunicação na comunidade. Quanto ao Barracão, ele é de grande importância para a comunidade, pois é onde são feitas as principais reuniões, como assembleias da Associação de Moradores, festas e comemorações, cursos e palestras. O Barracão funciona como uma espécie de espaço político e social da comunidade. Com uma pequena mureta no entorno do espaço aberto, uma entrada lateral à direita e outra à frente:

O Barracão é uma área aberta usada como salão de eventos de, aproximadamente, 10x15m, construído em alvenaria; coberto com telhado em madeira serrada e telha de cerâmica; piso bruto de cimento; pintura bruta (sem massa) na cor branca; há um cômodo que funciona como espécie de bar, onde ficam dois frízeres e algumas estantes de ferro, com uma entrada e uma janela grande usada como balcão. Havia bandeiras do MST fixadas na parede acima da janela do “bar”, e em algumas colunas da área aberta, e uma pintura do símbolo do movimento pintada na parede do salão, ao lado da mesma janela. As caixas de som e os instrumentos dos músicos estavam no lado esquerdo do salão, deixando um espaço grande para as pessoas dançarem. Havia cadeiras e mesas dispostas em torno do barracão, à frente e do lado esquerdo. Do lado esquerdo do barracão, depois das mesas e cadeiras, havia uma grande barraca de palha, com mesas vendendo lanches (DIÁRIO DE CAMPO, Timon, 28.09.19).

A baixo uma imagem do Barracão:



Figura 5 – Barracão e orelhão – Junho, 2019 - Fonte: Rayane Santos

Ao lado do Barracão observamos a praça que, na narrativa de uma das jovens, estava em: “situação precária”. De fato, a praça estava com muito “mato”, dificultando o acesso a ela. A praça é o ponto onde há melhor sinal de internet. No entanto, até o momento em que foi realizada a pesquisa de campo para fundamentar a escrita deste trabalho, não havia energia elétrica de qualidade na praça, apesar de já haver estrutura para abrigar fiação energética. Após o maior período de chuvas, moradoras(es) fizeram limpeza para retirada do mato da praça. Desde meados do ano de 2019, ela permanece limpa e recebeu da prefeitura de Teresina uma Academia Popular para prática de exercícios físicos ao ar livre. No final da tarde, a praça fica bastante movimentada, principalmente, por pessoas idosas e adultas, para a prática de exercício físico. De crianças brincando e algumas(uns) jovens sentadas(os) nos bancos conversando umas(uns) com as outras(os). É no final da tarde que todo este espaço se torna uma espécie de complexo de lazer.

No entanto, em razão da precariedade em relação à energia elétrica, a praça se torna um espaço pouco utilizado durante a noite. Segundo relatos de jovens, a responsabilidade pela precária energia é atribuída ao poder público, a despeito de solicitação já realizada diversas vezes pela Associação de Moradores, além de muitas outras promessas de figuras políticas que visitam a comunidade. A seguir duas imagens da praça, a primeira no período chuvoso, em que havia bastante mato, e a segunda após a realização do trabalho de capina, feito pelas(os)

moradoras(es) e a instalação da Academia Popular, realizada pela prefeitura de Teresina:



Figura 6 - Praça – Junho, 2019 - Fonte: Rayane Santos



Figura 7 - Praça – Agosto, 2019 - Fonte: Rayane Santos

Atrás da praça há um campo de futebol e um campo de vôlei, onde todos os dias, no final das tardes, há jogos de futebol para pessoas do sexo masculino e vôlei para pessoas do sexo feminino. Porém, é importante ressaltar que, somente após diversos conflitos entre ambos é que o campo foi dividido, sendo parte do mesmo destinado à prática do vôlei das “meninas”. Até então o espaço era monopolizado pelos “meninos”. Identificou-se aí disputas de gênero explicitadas na organização espacial do território. Segundo narrativas das próprias jovens, foi necessário que as “meninas” disputassem para conquistar o direito a um território que, na verdade, é concedido a todas(os). O campo de futebol, quando construído pela prefeitura, foi intitulado como “Carlitão”, em homenagem a um morador do assentamento já falecido, pai da jovem Karla, considerado pela comunidade um dos seus principais líderes. A prática do futebol nesse tipo de estrutura simples, como é o campo “Carlitão”, é bastante frequente em comunidades rurais, como prática de lazer importante nesses espaços, inclusive, com a realização de campeonatos envolvendo comunidades vizinhas de uma mesma região, como acontece na realidade do Vale. Mas também o futebol em campos com pouca estrutura, é elemento comum em zonas periféricas da cidade, demonstrando a convergência de interesses e estruturas entre ambos os territórios, ocupados predominantemente pelas populações pobres. No entanto, é interessante destacar que, apesar do vôlei ser um tipo de esporte mais comum na zona urbana, ele figura no Vale como também uma prática de lazer presente no rural, evidenciando as trocas e preservações de práticas de lazer e desportivas entre esses territórios. Como nos mostra a imagem, o campo de vôlei, é na terra batida, contendo apenas uma rede própria para o esporte, e o campo de futebol, também na terra batida e sem grama, apenas com uma estrutura básica de traves, ambos sem alambrado:



Figura 8 - Campo de futebol Carlitão – Junho, 2019
- Fonte: Rayane Santos



Figura 9 - Campo de vôlei e futebol Carlitão – Junho, 2019 - Fonte: Rayane Santos

É interessante observar a localização destes três espaços instituídos no assentamento: Igreja Católica, Barracão e Praça (com campos desportivos em volta). Levando em consideração o aumento da quantidade de templos de outras igrejas no assentamento, é possível afirmar que a Igreja Católica está perdendo adeptas(os), essa realidade reflete o que vem acontecendo em todo o mundo. Porém, a mesma ainda tem grande força e influencia na vida das(os) moradoras(es) da comunidade, provavelmente por preservar com mais afinco, costumes e tradições mais antigas. Talvez seja esse um dos motivos de sua localização na entrada do assentamento, como uma forma de destacar sua função social na “recepção” aos que chegam à comunidade, bem como para demarcar a vinculação religiosa “oficial” da comunidade, em razão de a maior parte das(os) moradoras(es) se declararem católicas(os). Ao lado da igreja funciona o principal equipamento sócio-político da comunidade, o Barracão. Espaço religioso e político próximos, é uma estrutura comum em pequenas cidades, em que o centro administrativo concentra os poderes executivos, a polícia - delegacia - e outras instituições no entorno da Igreja Católica da cidade, geralmente disposto ao redor de uma praça. Ter a praça compondo essa típica paisagem, juntamente com os campos desportivos, principais equipamentos de lazer e cultura da comunidade, pode significar a expressão do controle dos entes, religioso e político, sobre o lazer e a cultura. Essa disposição espacial assim edificada, são similares a cidades coloniais, construídas pelos portugueses e espanhóis, cujo objetivo era o de facilitar a administração da colônia e o controle da vida cotidiana dos indivíduos, inclusive, no que se refere ao lazer e à cultura. Uma marca hereditária da colonialidade entranhada, também, na organização espacial deste território, que evidencia o fato de que o colonialismo acabou, no entanto, seus vestígios permanecem por todos os lados.

Caminhando mais um pouco na circunferência interior observa-se bastante vegetação verde, o que demonstra uma preservação da paisagem natural, comum no rural, e a relação de respeito à natureza. Um verde que inspira tranquilidade e calma. A seguir, uma imagem da

estrada de terra que circula, na parte interna, toda a agrovila, que proporciona a construção do vínculo de proximidade e vizinhança entre moradoras(es):



Figura 10 - Rua do Vale – Junho, 2019 - Fonte: Rayane Santos

Nas residências identifica-se pessoas sentadas nas portas conversando, também dispostas em suas mesas ao lado de fora da casa. Mulheres varrendo terreiro, aguando os muitos e muitos vasos das mais variadas espécies de plantas que embelezam as varandas, tratando das outras lidas de casa. Crianças brincando nos terreiros. Vez, por outra, algumas(uns) jovens passam por mim em suas motos, alguma(um) moradora(o) mais adulta(o), ou idosa(o), passam a pé e me cumprimentam. E, em meio à calmaria, surpreendo-me com um som bastante alto de músicas vindo da direção do principal bar da comunidade. Porém, há dois outros bares localizados, assim como esse, em casas de moradoras(es). Esse principal bar é denominado Bar do Golão e se estrutura conforme a foto a seguir:



Figura 11 - Bar – Junho, 2019 - Fonte: Rayane Santos

A presença de bares na comunidade é bastante questionada pelas(os) moradoras(es), dividindo opiniões sobre a relevância dos mesmos para a convivência em comunidade. Há narrativas que apenas apresentam aspectos negativos da presença destes bares na comunidade. No entanto, as(as) próprias(os) jovens que narram tais aspectos negativos, também frequentam os bares, mesmo que de forma esporádica em festas, o que nos sugere diversas questões que

perpassam a relação rural e urbano, lazeres e juventudes. Tratarei dessas questões em outras sessões deste trabalho. Para apresentar uma ideia da estrutura de um bar da comunidade, segue a descrição do Bar do Golão que fiz no Diário de Campo em um dia de festa no mesmo:

O bar fica na casa de um dos moradores. Sua fachada é cercada por talos de palmeiras, bem juntos, e cobertos por uma lona preta, para preservar a privacidade no interior do mesmo. Na porta de entrada foi improvisado, com a mesma lona preta, uma bilheteria. Há vários cartazes anunciando promoções e valores de bebidas, fixados na cerca ao lado de fora. No interior do espaço, à direita, localiza-se o palco, com iluminação de canhões de luzes coloridas voltadas para o espaço onde ficam os músicos, em uma área aberta, com piso de cimento bruto, coberta com telhas de cerâmica, sustentada por vigas de madeira, medindo aproximadamente 4x10m. O espaço do palco era dividido em duas partes, à direita ficava a banda/músicos e à esquerda a pista de dança. As mesas e cadeiras ficavam dispostas no terreiro da casa, enquanto as comidas eram vendidas na varanda da casa. A venda de bebidas ficava em um cômodo interior da casa, quase ao lado do espaço do palco, com um portão que estava fechado e havia apenas uma abertura para a passagem da bebida. À esquerda da varanda havia, um pouco mais em direção ao quintal da casa, um banheiro confeccionado com lona preta (DIÁRIO DE CAMPO, Timon, 15.09.19).

Outro espaço de significativa importância para a comunidade, é a Unidade de Beneficiamento Agrícola, ou Casa de Farinha, como é comumente chamada, construída pela Prefeitura de Teresina. É um equipamento público de grande importância para a comunidade, pois é onde são realizados os beneficiamentos de alimentos produzidos por agricultoras(es) do Vale da Esperança, tanto para o consumo próprio, quanto para a comercialização. Lá é beneficiada, por exemplo, a macaxeira, para produzir goma e farinha. A Casa de Farinha contém vários equipamentos necessários ao manejo e benefício de alimentos produzidos por meio da terra. Além de abrigar expressões culturais importantes, como a farinhada, que na comunidade é uma tradição valorizada pelas(os) jovens, envolvendo aspectos do lazer, do trabalho, da cultura e do modo de vida rural, no último capítulo irei trazer uma discussão mais profunda relacionando a farinhada à cultura e ao lazer. O uso da Casa de Farinha do Vale (Unidade de Beneficiamento Agrícola) é regulado pela Associação de Moradores que cobra uma taxa para as famílias. Essa taxa é destinada à manutenção e à aquisição de novos equipamentos. A Casa de Farinha é assim estruturada:

Uma construção de alvenaria, de aproximadamente 10x20m, cercada e com um portão de entrada. Com uma calçada de cimento bruto, com uma rampa de entrada. Sua fachada é branca com inscrições azuis. À esquerda há dois banheiros, com portas azuis. No canto direito da fachada há um reservatório de água, com o interior revestido por cerâmica branca de aproximadamente 1x1x1,5m, e uma torneira. Em todo o entorno da casa há uma mureta de aproximadamente 1,20m de altura. A cobertura é de madeira serrada e telha de cerâmica, sustentadas por colunas de cimento; piso bruto de cimento, paredes pintadas de branco. Na parte interior, à esquerda, atrás dos banheiros, há uma sala fechada com uma porta e uma janela. À direita da casa, há uma sequência de equipamentos destinados ao processo de beneficiamento da macaxeira. Inicialmente, há um ralador elétrico que fica entre dois reservatórios, sendo um acoplado ao outro. Mais à frente há mais quatro reservatórios juntos, lado a lado. Ao lado deles, já no fundo da casa há uma prensa manual, atrás dela mais um reservatório.

No canto esquerdo, ao fundo fica o grande forno. À frente do forno, encostada na parede esquerda há uma bancada, com a parte de cima revestida de cerâmica. À frente da bancada, ao lado da sala, ficam o misturador de ração e o moedor. Todos os reservatórios são semelhantes e têm, aproximadamente, o mesmo tamanho do reservatório externo. A parte central é aberta (DIÁRIO DE CAMPO, Timon, 07.09.19).

A seguir imagem da Casa de Farinha do Vale:



Figura 12 – Casa de Farinha/Unidade de Beneficiamento – Junho, 2019 -
Fonte Rayane Santos

Percorrendo um pouco mais a única “rua” que circunda o Vale, encontramos residências, dispostas em lotes divididos por pequenas cercas. Porém, na maior parte dos casos, com aberturas para acesso entre as casas, numa referência de que as cercas são apenas separações simbólicas, porque o Vale é uma casa só. Uma das jovens narra, em tom de brincadeira, que é possível circular o Vale passando pelos terreiros das casas, atravessando tais aberturas nas cercas. Todas as residências são construídas em alvenaria, seguindo um mesmo padrão de construção, com poucos detalhes que se diferenciam. Todas as residências possuem instalação elétrica. É importante lembrar que o lote não é apenas para a construção da casa, mas “além do seu terreno, da sua morada, tem o seu terreno fora que você pode fazer sua roça, sua capoeira, como eles chamam” (JOVEM SAYONARA, 20 anos, Vale da Esperança, 04.08.19), em referência aos “quintais produtivos¹⁸” na extensão dos lotes. Há ainda dois poços tubulares na comunidade para o abastecimento de água; um para atividades agrícolas, outro para o consumo humano. Como podemos observar na imagem abaixo, os lotes são bastante amplos, podendo abrigar grandes famílias, além da possibilidade da realização de atividade agrícola e de criação de animais:

¹⁸ No semiárido nordestino, os quintais são áreas geralmente nos arredores das casas, onde há produção diversificada, com criação de pequenos animais (aves, caprinos, ovinos, porcos) e cultivo de plantas medicinais, frutíferas, hortaliças. A partir disso o uso do termo **quintais produtivos**. Fonte: Esplar.



Figura 13 - Rua de entrada/saída e casa ao lado – Junho, 2019 - Fonte: Rayane Santos

Mais à frente, encontra-se o templo da Igreja Assembleia de Deus, construído em alvenaria, fachada na cor amarelo claro, com o nome da igreja bem ao alto e à frente, quase apagado. Na parede da frente há uma porta e duas janelas de ferro e uma calçada em piso bruto, com uma pequena rampa de acesso a cadeirantes. Ao lado uma pequena barraca com telhado de telhas cerâmica. Não consegui ter contato com nenhum jovem desta igreja, as notícias que tive são de que há apenas dois jovens da comunidade congregando ali, os quais não tive contato durante a pesquisa de campo. Por esta razão, não fui a nenhum culto dessa igreja, muito menos tive acesso ao espaço interno da mesma. Porém, a imagem abaixo possibilita uma ideia da dimensão desse Templo:



Figura 14 - Templo igreja Assembleia de Deus – Junho, 2019 - Fonte Rayane Santos

Logo ao lado desse Templo, fica a entrada para a horta comunitária e o cinturão verde, cujo acesso é realizado por uma pequena cancela de madeira, pois todo o entorno da área de produção é cercado. Quando entramos, a primeira área que conhecemos é o cinturão verde, que é uma “um campo irrigado para quem quiser produzir. Todos os assentados têm seu terreninho lá, para plantar seu feijão verde no tempo da seca, tudo irrigado, na forma adequada” (JOVEM SAYONARA, 20 anos, Vale da Esperança, 04.08.19). Já a horta comunitária, como já

explicitado na sessão anterior, é um projeto que apenas vinte moradoras(es) da comunidade aderiram e, como a jovem Aline mostrou-me “a horta se divide em dois lados, tem esse lado e tem um outro. Aí, esse lado aqui, são de 10 pessoas e do outro também, são de 10” (JOVEM ALINE, 21 anos, Vale da Esperança, 04.08.19). Porém, para facilitar ainda mais o acesso, algumas(uns) moradoras(es) que produzem em alguns desses campos, horta ou cinturão, abrem caminhos direto para a área de produção em frente às suas casas, “só para atravessar a rua e já ter uma entradinha, por isso que a gente teve um lugar que a gente passou e tinha umas entradinhas, mas tudo leva para a horta” (JOVEM SYOMARA, 19 anos, Vale da Esperança, 04.08.19). Abaixo imagens da horta e do Cinturão Verde. Na imagem da horta temos a presença de uma assentada em mais um dia de trabalho, embaixo de um sol bastante forte, em seu espaço da horta, evidenciando um pouco da rotina de labuta na vida de muitas trabalhadoras e trabalhadores do campo, como esses do Vale da Esperança:



Figura 15 - Cinturão Verde – Junho, 2019 - Fonte: Rayane Santos



Figura 16 - Horta Comunitária – Junho, 2019 - Fonte: Rayane Santos

Mais à frente, chegamos a outro campo de futebol, menor em comparação ao descrito anteriormente. Esse campo foi construído pelos próprios jovens da comunidade. Foram os rapazes que capinaram a área e o construíram, antes da inauguração do outro campo, situado atrás da praça e que, por sinal, é melhor equipado. Esse campo de futebol menor é pouco utilizado, mas esporadicamente ainda acontecem jogos. Na imagem abaixo observa-se que o campo tem uma estrutura bastante simples:



Figura 17 - Campo de futebol menor – Junho, 2019
- Fonte: Rayane Santos

Seguindo mais adiante, encontramos o Templo da Igreja Adventista do Sétimo Dia. Trata-se de um templo pequeno e simples. A construção é de taipa, cobertura de telha cerâmica, com fachada pintada de branco, estampando o nome da igreja em alto relevo, em material semelhante a aço. Há uma porta de ferro branca e uma árvore bem à frente. Conheci algumas(uns) jovens participantes dessa Igreja, inclusive, na comunidade, há um grupo expressivo de jovens que participam da mesma. Porém, não tive oportunidade de participar de uma reunião do grupo de jovens, por isso não visitei o Templo. Apesar de bastante pequeno, o Templo tem uma conformação estrutural semelhante àquela de algumas casas, por exemplo o espaço externo se assimila a de um terreiro:



Figura 18 - Templo da igreja Adventista do Sétimo Dia
– Junho, 2019 - Fonte: Rayane Santos

Continuando a caminhada um pouco mais, concluímos a volta pela circunferência da agrovila Vale da Esperança, ao chegar ao ponto de partida, a bucólica estradinha de carroçal, que nos leva de volta, à vida frenética da cidade.

E é nesse território que as pessoas vão “levando” suas vidas. Construindo e reconstruindo, cotidianamente o Vale da Esperança, em que elementos estruturais se misturam com as subjetividades das(os) moradoras(es). Nessa dinâmica social esses sujeitos guardam

histórias sedimentadas, mas também transformam, criam e recriam novos caminhos e novas narrativas. Um território onde há conflitos, mas também negociações com outros territórios, inclusive, o urbano. Esse é o Vale da Esperança.

2.4. Sociabilidades e trocas na casa Vale

Para as famílias que constituem o Vale da Esperança, a conquista não foi apenas de um lote de terra para morarem, mas de um território inteiro. De um lugar de identificação, de uma comunidade para construir e partilhar seus próprios costumes e tradições. De um lugar para fincar raízes, construir e reconstruir histórias como um povo. Tudo isso marcado por relações de proximidades e familiaridades entre moradoras(es) do assentamento, que o constrói como uma casa de todas(os), processando-as em pequenas ações na vida cotidiana. Apesar de minhas visitas à comunidade terem se concentrado nos finais de semana, observei em minúcias do viver na comunidade o quanto cada espaço do assentamento era experimentado como um “cômodo de suas próprias casas”. No trecho do diário, descrevo um momento em que observei esse processar da vida na comunidade, acontecendo em meio a um dos eventos de que participei, o festival de sorvete:

Algo interessante é como as crianças ficam “soltas” e são cuidadas e recebem carinhos de todas(os) da comunidade por onde passam, mesmo numa relação de família, como se estivessem todas(os) em casa. Todas(os) as seguram nos braços e elas passam muito tempo até longe dos pais, pois todas(os) as pegam para cuidar e fazer carinhos. Mais uma vez vi essa relação de coletividade, de proximidade, de unidade, de ser um só. Algumas(uns) vinham de casa, “com a roupa do corpo”, a que estavam na intimidade do seu lar, sem se “arrumar”. Vinham apenas para “dar uma olhadinha no movimento”. Depois voltavam para casa, tomavam banho, se “arrumavam”, trocavam de roupa e vinham para festa. Isto demonstra o quanto há essa sensação de familiaridade, o quanto a comunidade toda é “uma casa só” (DIÁRIO DE CAMPO, Timon, 16.08.19).

Um exemplo que simboliza essa relação, como mencionado anteriormente, é a existência das cercas físicas apenas como forma demarcatória dos lotes de terra. Porém, na realidade, o que observei foi que elas não existem na divisão da vida privada entre uma casa e outra. Entre uma cozinha e outra, o acesso é livre. No caso da casa da jovem Karla, há uma cerca entre sua casa e a da vizinha ao lado, porém, há uma abertura na cerca, entre as casas, possibilitando livre acesso dos vizinhos. Além disso, o portão que abre para o terreiro não tinha cadeado ou qualquer outra forma de fechadura, era de fácil acesso também, como uma expressão de confiança.

Sobre relações de intimidade e familiaridade no assentamento, observei o mesmo em relação às(aos) moradoras(es) de outras casas durante minhas diversas caminhadas pelo assentamento. Porém, no que refere ao modo como está disposto, destaco no Diário que:

Outra característica dessa relação de intimidade e familiaridade é a questão da mesa de jantar estar do lado de fora, na varanda das casas. Observei isso em diversas casas, inclusive, na casa da jovem Karla e de sua vizinha. A mesa é o lugar do alimento, da conversa e da partilha. É onde a intimidade do lar é compartilhada entre as famílias vizinhas, entre a grande família. Inclusive, durante o almoço, as famílias ficavam circulando entre uma casa e outra, partilhando o alimento (DIÁRIO DE CAMPO, Timon, 24.06.19).

Em algumas realidades do campo, as relações entre os indivíduos, em variados âmbitos da vida social, são de outra natureza de relacionamento, que tem marcantes diferenças em relação aos indivíduos da cidade capitalista¹⁹. No campo existe uma maior relação de proximidade entre as pessoas, enquanto que, na cidade, as relações influenciadas pela lógica do capital e do trabalho assalariado, tendem a ser mais superficiais.

É muito interessante esse acolhimento afetivo que é construído no mundo rural, que muito se difere das relações urbanas das grandes cidades, que são calcadas na individualidade, na lógica capitalista de “cada um por si” numa constante luta “para que vença o melhor”. Enquanto no rural, especialmente, em comunidades marcadas pela história da luta pela terra, outra lógica, em geral, alicerça as relações entre as pessoas; a base geralmente está na coletividade, na partilha, na construção e fortalecimento de vínculos afetivos que ultrapassam vínculos consanguíneos. Há uma atmosfera de proximidade e confiança, baseados na familiaridade e pertencimento. É possível sentir que as relações ocorrem em um ambiente familiar, com pessoas que lhe são queridas e íntimas, como observei durante a realização de uma das entrevistas e registrei no diário:

Foi interessante ver que à medida que caminhávamos pela comunidade as jovens mulheres paravam para cumprimentar outras(os) moradoras(es) que passavam ou estavam na porta de suas casas. Abraçavam e perguntavam por outras pessoas da família, demonstrando a proximidade da vivência em comunidade e como isso é valorizado e cultivado também pelas jovens, pois mesmo estando comigo, no meio de uma entrevista gravada, elas não se limitavam a apenas dizer um “oi” como forma de cumprimento a quem passava. O intuito era, dar atenção a seus pares, independente da minha presença, ou se iria me atrapalhar na entrevista gravada (DIÁRIO DE CAMPO, Timon, 04.08.19).

Esse acolhimento é tão explícito e abrangente, que consegue alcançar, até mesmo, quem vem de fora. Faço essa afirmação porque, durante todo o período de pesquisa de campo, mais de dois anos em que frequento a comunidade, senti um acolhimento surpreendente. Ouvi

¹⁹ O interesse nesse trabalho é explicitar e refletir acerca do modo como se particulariza as sociabilidades no Vale.

frequentemente, de várias(os) moradoras(es) do assentamento, que já era um membro do Vale da Esperança, como uma forma de dizer: “Aqui, você está em casa, sinte-se à vontade!” Como costumamos dizer com amigas(os) íntimas(os) que chegam em nossas casas. Não observei isso apenas comigo. No diário de campo relato esta mesma experiência com uma jovem e um jovem que conheci na comunidade que, apesar de não residirem lá, são recebidos e acolhidos como se estivessem em casa:

Dois desses jovens me chamaram especialmente a atenção, pois segundo a jovem Karla, diferente dos demais, não moram no Vale, nem mesmo tem familiares lá, mas têm um nível de familiaridade com a comunidade que é “como se fossem de lá”, como disse a jovem Karla. Esse vínculo foi constituído por meio das relações de religiosidade, pois ambos fazem parte de grupos de jovens da igreja católica da paróquia da qual a igreja do Vale pertence, e acabaram se conhecendo em eventos para jovens da mesma paróquia. A amizade foi tão grande que em um dos eventos estes dois jovens foram madrinha e padrinho de algumas(uns) das(os) jovens do Vale. Além disso, a mãe da moça, é ministra de eucaristia (auxiliar do padre), da igreja do Vale, porém ela também não mora no Vale. Todas(os) demonstravam muita familiaridade entre elas(es), a jovem e o jovem chamavam a mãe da jovem Karla de “tia”, e Dn. Lulu perguntava notícias a ambos sobre seus familiares. Essa impressão foi ainda maior quando observei que, apesar da existência de uma cerca que há no perímetro da casa, que, segundo a jovem Karla, apenas existe para delimitar o lote, havia uma “abertura” de passagem entre as casas, dando livre acesso à porta da cozinha de ambas as casas vizinhas (DIÁRIO DE CAMPO, Timon, 24.06.19).

Contudo, apesar da constatação da realidade dessas relações de proximidade e familiaridade, que ultrapassam os limites da vida privada, presentes no campo, é necessário refletir acerca também dos conflitos que atingem as relações sociais neste território. Neste caso, no Vale, não podemos cair na armadilha de pensarmos um rural romantizado que não sofre influências, ou não realiza trocas com o urbano, na perspectiva das relações sociais. “Não é aquela coisa de você chegar aqui e ver tudo bonitinho. Porque a gente chega e vê tudo verdinho, aí, é aquela coisa: ‘Meu Deus do céu, é a coisa mais linda do mundo!’ Mas a gente vê, não é realmente assim!” (JOVEM SAYONARA, 20 anos, Vale da Esperança, 04.08.19). Essa e outras narrativas evidenciam a existência de mudanças nesse rural, conforme pensado tradicionalmente. Inclusive, na perspectiva das relações sociais que, embora ainda pare sob a comunidade essa atmosfera de proximidade, alguns aspectos da unidade entre assentadas(os) se perderam ao longo do tempo, como identificado no trecho da entrevista abaixo:

Ultimamente não está sendo assim, mas antes, **quando um fazia farinha, vinha todo mundo ajudar a descascar**. A gente botava aqui no meio, né? Ficava aquela coisa de noite, fazia um café. **Não sei o que está acontecendo, no momento a gente acha que estamos distantes**. Mas tem momento em que a gente se reúne e a gente vê como é bom! Tem grupo que se senta, às vezes começa a falar: “Ah, naquele tempo...”. A gente sempre relembra, apesar de não ter sido um tempo bom para a gente. Mas querendo ou não foi um tempo em que eles viviam juntos, próximos. E era uma história para eles, né? E hoje não está mais aquela coisa de antes, mas, não que tenha se desligado todo mundo, somos companheiros da mesma forma, mas não é a mesma

coisa de antes (JOVEM SAYONARA, 20 anos, Vale da Esperança, 04.08.19) [Grifos meus].

Não é por acaso que a farinhada é citada por essa jovem como expressão de mudança nas relações no Vale. Juntar a comunidade na farinhada é uma prática cultural que reflete o costume do trabalho coletivo na produção de coisas, que é tradicionalmente um hábito rural, desde a antiguidade, e que guarda resquícios até os dias atuais, em que não somente a família produzia seus produtos, sejam eles quais fossem, mas o grupo, a tribo, a coletividade construía junta, como se todas(os) fossem parte de uma unidade. E aqui trato a farinhada apenas pelo aspecto da produção. Em outra sessão tratarei sob a perspectiva da cultura.

Outra expressão semelhante dos conflitos no trabalho coletivo, é a narrativa de jovens acerca de que antes havia “coletivos” de limpeza de áreas na comunidade, de construção ou reparo de algum bem coletivo do assentamento, ou até mesmo “coletivos” nas casas, que beneficiassem famílias, seja com a limpeza de parte do lote para o plantio, ou alguma construção dentro do lote. Segundo essas(es) jovens, hoje, esses “coletivos”, praticamente, não existem mais, inclusive, quando houve a festa em comemoração aos treze anos do assentamento, as jovens organizadoras do evento solicitaram a colaboração da comunidade, em uma assembleia da Associação de Moradores e em reuniões de jovens, para que houvesse um coletivo de limpeza e montagem de banheiros para a festa. No entanto, segundo relato das mesmas, o “coletivo” não aconteceu e apenas algumas(uns) poucas(os) jovens compareceram para ajudar. Essa realidade, de fragilidade do trabalho coletivo, é mais um elemento que caracteriza as mudanças que vêm ocorrendo no mundo globalizado e que se refletem nas relações sociais no campo. Essas transformações, que se expressam nas cidades, e como tem sido visto, tem alcançado o âmbito rural, abrangem relações de produção, que são cada vez mais individualizadas, tendo em vista a exigência de um sujeito superespecializado para exercer tarefas específicas que abrem mão do trabalho coletivo. Na imagem abaixo, é possível observar algumas jovens envolvidas no coletivo de limpeza e reparos no Barracão em prol das preparações para o aniversário do Vale:



Figura 19 - Coletivo de jovens para limpeza e reparos no Barracão – Setembro, 2019 – Fonte: Rayane Santos

A partir dessa perspectiva das relações sociais e com base no cotidiano das(os) moradoras(es) do Vale da Esperança, é necessário pensarmos que o rural é constituído por elementos que preservam seus aspectos tradicionais, mas também por outros elementos e influências que vêm do urbano, numa relação de permuta inevitável e constante entre estes territórios. No decorrer deste trabalho apresentarei estas mediações, rural e urbano, perpassarem os mais diversos aspectos das vidas dos sujeitos desta pesquisa.

3. MODOS DE VIDA JUVENIS NO VALE: subjetividades e sociabilidades

Mas assim, o que a gente queria era estar junto. A gente planejava, planejava, no final queria estar junto.

(JOVEM ULISSES, 26 anos, Vale da Esperança,
04.08.19)

Ser jovem nunca foi fácil. Porém, é comum pessoas desejarem ser jovem, pois a juventude está na moda. Ter corpo jovem, vestir-se como jovem, falar como jovem, são formas comuns de se sentir jovem. Mas afinal o que é ser jovem? O que é juventude? Essas são palavras sobre as quais, geralmente, as pessoas sempre têm algo a dizer. Assim, cotidianamente ouvimos: jovens são o futuro do mundo; a juventude é uma fase perigosa da vida! Ou mesmo, a juventude é revolucionária! Ainda há quem afirme ser a juventude um estado de espírito.

Enfim, são muitas as definições atribuídas ao segmento juvenil. Também são muitos os discursos e compreensões, com sentidos e significados diferentes. Essa dificuldade de compreender esse segmento social, que todo mundo quer ser, vai além das discussões em senso comum, mas ocorre entre as(os) próprias(os) pesquisadoras(res) do tema, por essa razão, estudá-lo também esbarra em grandes desafios e dificuldades.

Essa dificuldade em estudar e compreender a juventude decorre, em certa medida, de ser essa uma categoria social complexa, dada a diversidade a ser considerada para sua compreensão, como suas sociabilidades, aspectos sociais, seus modos de vida, que permitam oportunizar a apreensão de um olhar diferente sobre a juventude, conforme seu contexto histórico, social em um território particular.

Essas e outras questões também atravessam as perspectivas de estudo sobre o tema das juventudes rurais. Portanto, neste capítulo vou explicitar, inicialmente, o que é ser jovem no Vale a partir das narrativas das(os) próprias(os) jovens, com ênfase nos sentidos e significados apontados por elas(es). Faz parte desse esforço de análise, a dimensão de “ida” e “volta”, entre o campo e a cidade, vivida por essas(es) jovens. Desse modo, trarei para a discussão algumas implicações que provém desta relação. Por fim, discutirei como se processam as relações de sociabilidades entre as(os) jovens do Vale, relações de afetos, diferenças entre grupos, entre outras questões.

3.1. Ser jovem no Vale da Esperança: modos de vida, sentidos e significados da juventude

Em tempos de renegação do conhecimento, como forma de mediar a compreensão da realidade, em especial da realidade social, parece-me fundamental, antes de tratar do ser jovem no Vale, destacar algumas reflexões sobre as juventudes no Brasil.

Como é de conhecimento, os estudos sobre o tema, nas ciências humanas e sociais brasileiras, ganharam maior visibilidade das últimas décadas do século passado em diante, momento em que se verifica um crescimento expressivo de estudos com distintos enfoques. Entretanto, ainda é possível identificar, nessas reflexões, certa dificuldade de construir uma definição sobre o que de fato seja juventude. Como destaca Abramo (2005):

Juventude é um desses termos que parecem óbvios, dessas palavras que se explicam por elas mesmas e assunto a respeito do qual todo mundo tem algo a dizer, normalmente reclamações indignadas ou esperanças entusiasmadas. Afinal, todos nós somos ou fomos jovens (há mais ou menos tempo), convivemos com jovens em relações mais ou menos próximas, e nas últimas décadas eles têm sido tema de alta exposição nos diferentes tipos de mídia que atravessam nosso cotidiano (p. 37).

Essa dificuldade apresenta-se em vista do universo juvenil e suas identidades se mostrarem de uma composição complexa e plural. Além disso, a referência etária como demarcadora das fases da vida, cada vez menos dá conta de definir o que seja juventude. Essa complexidade, torna-se ainda mais difícil de ser sedimentada, quando analisamos as experiências sociais que marcam as identidades juvenis em contextos específicos. Obviamente, os enfoques dos estudos sobre juventude percorrem a trilha das transformações que se operam na vida em sociedade, mas, sobretudo, procurando compreender e explicar as complexidades das perspectivas que norteiam a leitura da forma de viver e de ser de uma parcela significativa da população do planeta: as(os) jovens. Ao mesmo tempo, à medida que esses estudos vão sendo socializados, eles inspiram a construção de imaginários sociais sobre as(os) jovens, alimentando olhares preconceituosos, dentre os quais aqueles que entendem serem as(os) jovens “delinquentes”, “revoltadas(os)”, “rebeldes sem causa”, “revolucionárias(os)”, dentre outros.

Essas referências orientam a compreensão da juventude “como problema social”, visto que a tratam como uma fase de transição para a vida adulta, marcada por uma “turbulência”, “inquieta”, “arriscada”. Um olhar centrado em uma compreensão homogênea de juventude. Pensando o oposto disso é que ancore minhas reflexões na ideia de juventude abarcando a diversidade de modos de vida juvenil. Portanto, *juventudes*. Juventudes, pois, marcada pela

condição de classe, raça e gênero; juventudes como condição social, contextualizada no tempo e no espaço.

A partir desse pressuposto, minha intenção aqui não é conceituar a juventude rural, mas, a partir dos sujeitos, compreender como se particulariza as juventudes do Vale. Pretendo apresentar o que é ser jovem no Vale da Esperança, a partir de seus modos de vida. Obviamente, essa narrativa é construída na mediação entre o que apreendi como investigadora, e o que as(os) jovens narraram sobre suas vivências no Vale.

Minha referência aqui é a especificidade dos modos de subjetivação e vida das juventudes do Vale, com o cuidado de não reproduzir hierarquizações ou homogeneidades em relação a outras juventudes rurais, tendo em vista que neste mesmo território há diversas e distintas juventudes. Assim parti da abordagem decolonial para compreender tal juventude que, entre outras concepções, advoga pela necessidade de legitimação do conhecimento a partir dos saberes e experiências no contexto local (BALESTRIN, 2019).

Como fio condutor para esta reflexão, parto da perspectiva de análise da juventude pensada como *condição* e como *modo de vida e fase da vida*. Guiada, é claro, primordialmente, pelas narrativas. Como: “Óh, sabe o que é juventude? Juventude, é a melhor fase da vida” (JOVEM CLEDSON, 42 anos, Vale da Esperança, 04.08.19). Pensar a juventude exige considerar suas múltiplas determinações e certamente nos obriga a pensar em *pluralidade*, o que remete à necessidade da ressignificação dos estudos e teorias sobre juventude, direcionando para a vertente, entre outras, dos *estudos culturais*. Da mesma maneira, ainda há de considerar-se o contexto sócio histórico nos quais as(os) jovens criam e recriam seus modos de vida, sua *condição juvenil*. Essas três regularidades demarcatórias devem nortear as abordagens dos estudos sobre a juventude.

Portanto, o significado de juventude não se encerra em um conceito de faixa etária, com suas características fixas e perfil próprio, mas é uma realidade construída a partir das várias expressões de identidades que transitam umas pelas outras e que assumem versões diferentes, em espaços sociais diferentes, comportando o que atualmente denominamos *juventudes*. Desse ponto de vista, é fundamental ressaltar a necessidade de a sociedade compreender e tomar para si a ideia de diversidade, no sentido de respeitar e aceitar a(o) jovem em sua subjetividade com suas múltiplas identidades que direcionam suas práticas em todos os âmbitos.

A juventude do Vale se caracteriza, justamente, por essa fluidez, heterogeneidade e pluralidade, não sendo possível enquadramentos em padrões e limites demarcatórios pré-estabelecidos nos marcos de um conceito de juventude. Não estabelece limites etários fixos, ou outros marcadores de transição pré-estabelecidos comumente, como casamento, nascimento de

filhos, saída da casa dos pais, independência financeira, entre outros. Neste trecho do diário de campo, apresento um dos momentos em que observei algumas dessas características:

Algo que fiquei refletindo, foi sobre uma diferença interessante que encontrei neste grupo de jovens. Tanto em minha vida pessoal, quanto na profissional, já participei de várias reuniões em grupos de jovens em áreas urbanas, sejam eles religiosos (estes com mais frequência), em escolas, em universidades, em espaços de lazer, entre outros. Nesses grupos, a reunião, geralmente, tem a presença de jovens apenas, no máximo de alguma liderança adulta. E transcorre num ritmo em que as(os) jovens não têm a necessidade de preocupar-se com outros afazeres naquele mesmo instante. Durante toda a reunião que participei de jovens do Vale, havia um número expressivo de crianças brincando dentro da casa da jovem Ana Cleide, filhas e filhos das(os) jovens que estavam ali. E iriam fazer inclusive, uma “festa do pijama” lá, depois da reunião. Havia, entre elas(es), até uma bebê de colo, que era cuidada por algumas jovens moças que se revezavam no cuidado. Muitas das jovens mães, ou amigas, dispersavam-se frequentemente da reunião para o cuidado com as crianças e em alguns momentos, tinham que deixar o espaço da reunião. Observei ali uma diferença expressiva das experiências vividas, por mim, anteriormente com grupos de jovens urbanos e cheguei à conclusão de que esta é uma das expressões de peculiaridades e especificidades das juventudes do Vale, que as tornam únicas, e por esta razão, diferentes das demais (DIÁRIO DE CAMPO, Timon, 07.09.19).

Desta perspectiva, Pais (2003) entende ser necessário superar a visão adultocêntrica da realidade, e perceber a juventude como heterogênea, diversa. Propõe o estudo das juventudes a partir de seus significados em seus cotidianos, entendendo-as como um período de efervescência, mas que não pode ser vista numa unicidade. Nesse entendimento significa, por exemplo, não reduzir o conceito a apenas a dimensão biológica ou a uma transição para a vida adulta. De acordo com Pais (2003), a juventude deve ser observada como aparente unidade, quando nos referimos a uma fase de vida, e diversidade, quando estão em jogo diferentes atributos sociais que permitem distinguir as(os) jovens umas(uns) das(os) outras(os).

As(os) jovens do Vale, cujas narrativas fundamentam a escrita desse texto, organizam-se em um grupo social intitulado Sementes do Vale, nome que faz referência ao aspecto de que as(os) jovens se veem como o futuro da comunidade, conforme referido no capítulo anterior. Reuniam-se com pouca regularidade, pois, segundo suas narrativas, a organização do grupo girava primordialmente em torno da organização dos lazers e das atividades culturais da comunidade. No entanto, durante a realização do trabalho de campo, o grupo evidenciou empenhado em voltar seus esforços para se organizarem em torno também da produção coletiva na terra, com propósito de obter renda individual e para o grupo. Por esta razão, o grupo passou a se reunir com mais frequência naquele período. Obviamente, esse coletivo de jovens, não abarcava todas(os) as(os) jovens da comunidade, pois nem todas(os) participam das atividades organizadas na comunidade. Por esta razão, não pode ser entendido como representante do todo, mas uma parte. Porém, foi com essas(es) que mantive mais e intensos contatos.

Estas(es) jovens têm seus próprios atributos sociais, características que os fazem percorrer essa fase da vida, do modo único como as percorre. Como me referi anteriormente, para estas(es) jovens, não há limites etários fixos. Por meio das observações, e das narrativas, foi possível entender que são consideradas(os) jovens, tanto pela comunidade, quanto pelas(os) próprias(os) jovens, todas(os) aquelas(es) que se sentem como parte do grupo de jovens, independentemente da idade. Sempre que o grupo de jovens está reunido, as idades são muito variadas, há desde jovens de doze anos a jovens de quarenta e dois anos de idade. Jovens em condições sociais totalmente diversas, codividindo residência com alguém ou não, solteiras(os) ou não, com filhas(os), sem filhas(os), residindo ou não na casa dos pais, com trabalho fixo ou não, frequentando ou não instituição de formação.

Observei ainda que, em relação a jovens com maior idade, não há preconceito acerca de sua participação no grupo, elas(es) participam ativamente das atividades e ali são aceitas(os) como iguais. São reconhecidas(os) por seus pares como jovens, como explica um dos jovens ao ser questionado: o que é ser jovem para você: “É assim, é animação, é euforia, e também é um estado de espírito, né? Ou seja: Não! Tu não é mais jovem, não! Tu já tem trinta e poucos anos! O que é isso? O Cledson tem 42 anos, não tem quem diga!” (JOVEM ULISSES, 26 anos, Vale da Esperança, 04.08.19).

Já em relação a jovens com uma idade menor, estas(es) são incentivadas(os) a participar das atividades do grupo, pelas(os) jovens de idade maior, geralmente, que tem algum grau de parentesco com esses, pais, mães, tios, tias, entre outros. Como é o caso da jovem Ana Cleide, de 32 anos, que incentiva sua filha Karine, de 12 anos, a interagir ativamente à frente das atividades do grupo de jovens, como ela e sua tia Karla, de 23 anos, o fazem: “E minha filha, ela é totalmente parada. Eu queria tanto que ela fosse que nem eu e a Karla, assim interagisse: ‘Mamãe, eu vou na frente, eu quero!’ Mas não, não é! Acho que a Cecília vai ser mais assim” (JOVEM ANA CLEIDE, 32 anos, Vale da Esperança, 04.08.19). Nessa narrativa, assim como em outras, identifico que este incentivo à participação de jovens de menor idade se dá em razão de uma expectativa de que essas(es) assumam os espaços de liderança do grupo. Mais ainda, por serem consideradas(os) responsáveis pelo “futuro” do grupo, como aquelas(es) que levarão o trabalho realizado até ali por gerações anteriores, adiante. Inclusive, a expectativa de futuro é depositada, não apenas nas(os) jovens de menor idade, mas, também, nas crianças. Ao concluir sua narrativa, a jovem Ana Cleide cita a criança Cecília, de 7 anos, sua outra filha, na qual ela deposita suas esperanças, de que essa seja mais proativa no grupo de jovens. Inclusive, a participação de crianças é muito presente nas atividades realizadas pelas(as) jovens, no

assentamento, como em reuniões, atividades políticas, de produção, religiosas, culturais e de lazer, como é possível observar em diversos trechos no decorrer deste trabalho.

Em outro trecho da narrativa dessa mesma jovem, essa expectativa de futuro é explicitada quando a jovem narra que, durante a história da formação do grupo de jovens do Vale, as crianças foram ensinadas sobre os princípios fundantes da comunidade e do grupo de jovens. Assim se manifesta: “A gente sempre também, assim no grupo, a nossa juventude, sempre a gente colocou as crianças. E a partir daí já ir aprendendo, como é que trabalha, a união, o coletivo” (JOVEM ANA CLEIDE, 32 anos, Vale da Esperança, 04.08.19). Esse trabalho de formação se reflete na postura de algumas(uns) jovens que hoje participam do grupo que, quando crianças, eram instruídas(os) e tiveram os valores basilares do grupo “encucados” ao longo de seu crescimento, como se observa na imagem a seguir, quando crianças carregam não apenas a bandeira da principal organização de luta pelos sem terra, mas carregam também todas as marcas e histórias de luta do seu povo:



Figura 20 - Crianças carregando a bandeira do MST – Setembro, 2019
– Fonte Rayane Santos

As reflexões desenvolvidas por Pais (2003) oferecem pistas para uma melhor compreensão acerca da juventude como um tempo social marcado pela reunião de uma pluralidade de interesses, aspirações, origens sociais e perspectivas de ver o mundo, dada as diferentes formas de ser jovem. Uma compreensão de juventude como *condição social*. Nesse sentido o autor afirma:

Insisto, pois, neste ponto que me parece essencial: a juventude tanto pode ser tomada como um conjunto social cujo principal atributo é o de ser constituído por indivíduos pertencentes a uma dada fase de vida, principalmente, definida em termos etários, como também pode ser tomada como um conjunto social cujo principal atributo é o de ser constituído por jovens em situações sociais diferentes entre si (PAIS, 2003, p. 34).

Nessa rota, um significativo espaço de construção de identidades juvenis diz respeito ao pertencimento territorial, sendo o rural um desses. No rural vive uma parcela de jovens

brasileiras(os) ainda pouco estudada e entendida. Desse modo, torna-se imperativo pensar nesses sujeitos sociais que vivem, trabalham e desenvolvem formas de vida nesse território. No entanto, é necessário considerar as transformações que têm ocorrido no rural brasileiro, tendo em vista processos de modernização da agricultura, fortalecimento das relações capitalistas no campo e os novos contornos na relação rural-urbano. Frente a tantas mudanças, a juventude rural figura como um dos grupos sociais mais atingidos por tais mudanças que alcançam o campo brasileiro, especialmente a relação dela, juventude, com a agricultura familiar.

Entretanto, é importante observar que não apenas em relação ao “norte” e a Europa, mas o urbano também tem sido o centro das principais produções teóricas acerca da juventude em geral, o que induz a (re)produção de estereótipos que forçam um enquadramento moldal partindo de um olhar euro/norte americano, um “olhar de fora”, que não legitima as diversidades, por exemplo, das juventudes rurais (BALESTRIN, 2019).

Considerando esse aspecto da heterogeneidade, tratado por Pais (2003), desperta minha atenção o modo como as(os) jovens rurais ainda são tratadas(os), no senso comum e, em certa medida, por algumas(uns) teóricas(os), como “inferior”, “ingênua(o)”, “matuta(o)”, “ignorante”, “cafona”, “rude”, e por aí vai. Também como um grupo homogêneo, em oposição a(ao) jovem urbano(a). Homogeneidade que contraria a diversidade presente no segmento juvenil. Como destaca Martins (2008): “A primeira imagem ao qual o jovem rural é associado – e à qual ficou durante muito tempo restrito – consiste na do jovem filho de agricultores familiares ou camponeses” (p. 12). Tal visão é permeada de estigmas e preconceitos que as(os) fazem passar por situações de discriminação, principalmente, em espaços tidos como urbanos. Também, suscitando, em algumas ocasiões, um sentimento de inferioridade na(o) jovem rural em relação as(aos) demais. O que pode ser destacado, nessas atitudes, é mais uma expressão da colonialidade, em que a sociedade guarda resquícios dessa negação da alteridade e da diferença, em que o diferente é inferior. Nessas referências, identifico a invisibilidade das juventudes rurais, também o rural pela perspectiva da escassez, do atraso, do difícil, do ruim. Isso se reflete na imagem preconceituosa e excludente forjada a respeito de jovens rurais, as(os) quais são associadas(os) a “matutas(os)”, forma pejorativa de as(os) caricaturar. Essa visão resulta por influenciar a forma de a(o) jovem rural enxergar-se, posto que muitas(os) delas(es) assumem a inferioridade em relação às(aos) jovens urbanas(os) e passam a valorizar menos seus lugares, os rurais. Sobre isso, Silva (2016) afirma:

A escassez histórica, acompanhada de um percurso cultural urbanizado/urbanizante vivido pelo Brasil, gera marcas simbólicas e materiais que definem o interior como um espaço menor, feio, insuficiente, atrasado e indesejável. Tal realidade concorre

para que os próprios jovens rurais também construam visão estigmatizada acerca do seu lugar (p. 103).

Esse aspecto do rural como um lugar atrasado, ainda se reflete em alguns pontos das narrativas e detalhes do cotidiano de jovens do Vale da Esperança. Isso se expressa em algumas de suas “escolhas” e “preferências”, em diversos aspectos, pelo urbano, para trabalhar, estudar e divertir-se, que parece os conduzir a viverem numa realidade de vai e vem entre rural e urbano. Tratarei melhor dessas questões em outro momento do trabalho. Embora haja um grande e admirável empenho dessas(es) jovens em valorizar o seu território rural e enaltecê-lo, ainda lhes restam resquícios dos fortes e constantes bombardeios da influência da lógica colonialista que as(os) permeia diariamente, por meio do avanço dos aparatos da modernidade para esse tal “desenvolvimento” do mundo contemporâneo.

Na perspectiva da conceituação do que venha a ser juventude, é importante destacar dificuldades enfrentadas, ou mesmo alternativas de algumas(uns) pesquisadoras(res), em especial latino-americanas(os), ao considerarem jovens rurais como pertencentes à categoria juventude. A justificativa é de que estas(es) não expressam características identitárias marcantes do ser jovem, salvo a referência etária e biológica, (CANGAS, 2012). Segundo o autor, alguns fenômenos levaram estas(es) pesquisadoras(res) a afirmar a não existência de juventude no meio rural:

(...) un contacto temprano y próximo con el mundo del trabajo; una socialización conflictiva que tiene a la familia como agente fundamental y en la cual la escuela, el mundo del trabajo, el grupo de pares y otros agentes de socialización tienen una relación secundaria; un periodo de moratoria de roles más acotados en el tiempo que en el contexto urbano, dada la temprana asunción de responsabilidades laborales, la difícil permanencia en el sistema educativo y la temprana formación de familia (CANGAS, 2012, p.3).²⁰

O autor afirma que a dificuldade de conceituação da juventude se baseia em duas principais questões, que, aos olhos de muitas(os) pesquisadoras(res), são inconciliáveis e contraditórias. De um lado a juventude como “símbolo” da modernidade urbana e alvo do avanço capitalista. Do outro, o rural como o oposto desta modernidade, com a característica de atraso e tendo como principal símbolo o homem adulto:

El primero es un fruto del capitalismo, la industrialización, la urbanización y la modernización, y en consecuencia de la superación de la sociedad comunal, "tradicional", "simple", rural. Desde esta óptica, la juventud histórica y occidentalmente descansa en el meollo de la modernidad-urbana, es el fruto y motor de su

²⁰ (...) um contato precoce e próximo com o mundo do trabalho; uma socialização conflitiva que tem a família como agente fundamental e na qual a escola, o mundo do trabalho, o grupo de pares e outros agentes de socialização têm um relacionamento secundário; um período de moratória de papéis mais limitados no tempo do que no contexto urbano, dada a suposição inicial de responsabilidades trabalhistas, a difícil permanência no sistema educacional e a formação inicial da família (CANGAS, 2012, p.3 - tradução livre).

expansión. La carga semántico-teórica de "lo rural", elaborada clásicamente desde la ideología de la modernidad industrial, es la arcadia atrasada, reactiva, conservadora, homogénea, con un solo actor protagónico: el campesino, hombre y adulto. Por tanto, la juventud rural aparece como un interregno, una categoría sitiada en intersticios oscuros, casi invisibles (CANGAS, 2012, p.3).²¹

Porém este tipo de análise considera as juventudes rurais apenas pela ótica do urbano, tentando enquadrá-las, exclusivamente, nas características mais comuns relacionadas à juventude urbana, como aspectos relacionados à *moratória social*²², às relações familiares, com pares, com a escola, entre outros.

Para a(o) jovem rural, por exemplo, não é “concedido” esse período de “carência” da moratória social, para que ela(ele) possa preparar-se para exercer os papéis da vida adulta. Pelo contrário, logo desde muito cedo, essas(es) jovens lidam com diversas responsabilidades que lhe são atribuídas pelas condições materiais da vida. Deste modo, para a compreensão da moratória social em ambos os territórios, é necessário que se considerem as realidades das(os) jovens, e não apenas dados etários, conforme definem ser condição de existência de moratória social, para esses autores:

Ser joven, por lo tanto, no depende sólo de la edad como característica biológica, como condición del cuerpo. Tampoco depende solamente del sector social a que se pertenece, con la consiguiente posibilidad de acceder de manera diferencial a una moratoria, a una condición de privilegio (MARGULIS e URRESTI, 2000, p.15).²³

E mais:

En esta distinción radica una de las grandes dificultades de los estudios sobre juventud; los de estilo estadístico, que unifican en una población sin fisuras elementos que sólo tienen en común la fecha de nacimiento y sacan conclusiones comunes para

²¹ O primeiro é um fruto do capitalismo, industrialização, urbanização e modernização, e como consequência da superação da sociedade comunal, "tradicional", "simples", rural. Deste ponto de vista, a juventude histórica e ocidental está no centro da modernidade urbana, é o fruto e o motor de sua expansão. A carga teórico-semântica do "rural", elaborada classicamente a partir da ideologia da modernidade industrial, é a arcada atrasada, reativa, conservadora, homogénea, com um único ator protagonista: o camponês, o homem e o adulto. Portanto, a juventude rural aparece como um interregno, uma categoria situada em interstícios escuros, quase invisíveis (CANGAS, 2012, p.3 - tradução livre).

²² “Após desenvolver a noção sociológica de gerações, **Mannheim**, de modo semelhante ao que já fizera o estrutural-funcionalismo, esboça o que seria a **moratória social**, pretensa condição da juventude no mundo moderno: separação relativa dos jovens do mundo adulto e público para o aprendizado de hábitos e valores básicos, que os predisponham a assumir papéis sociais requeridos pela sociedade quando se tornarem adultos. Entretanto, Mannheim acrescenta um novo elemento neste esboço da moratória social, noção que ainda não foi nominada explicitamente: seria um tempo permitido para experiências, inovações, contatos com alternativas no que se refere a valores sociais, hábitos e atitudes, que permitiriam ensaios e erros importantes não apenas aos sujeitos jovens, mas para a própria renovação da sociedade, quando isto se demonstrar necessário.” (GROPPO, 2015, p.12) [Grifos meus].

²³ Sendo jovem, portanto, depende não só da idade como uma característica biológica, como uma condição do corpo. Também depende apenas do setor social, ao qual ele pertence, com a consequente possibilidade de acesso diferencial a uma moratória, ao estatuto de privilégio (MARGULIS e URRESTI, 2000, p.15 - tradução livre).

todos ellos como si estuvieran uniformados por ese simple hecho (MARGULIS e URRESTI, 2000, p.19).²⁴

Nesse sentido, os atributos sociais das juventudes do Vale devem ser observados e analisados a partir de seus modos de vida, e não apenas sob a ótica do urbano. Às(aos) jovens do Vale, como já mencionado anteriormente, a elas(es), desde a infância, é atribuída a responsabilidade política de carregar as bandeiras de luta do movimento sem terra; muitas(os) destas(es) jovens, trabalharam, junto com seus pais, na luta pela terra, e em seguida no cultivo dela. Existem ainda aquelas(es) jovens, que, logo cedo, durante o ensino fundamental e médio, são enviados para as EFAs (Escolas Família Agrícola) onde passam quinzenas do ano distantes de suas famílias e comunidade, e precisam aprender a viver fora dos cuidados de casa. Enfim, são estas e muitas outras as responsabilidades enfrentadas por essas(es) jovens no decorrer dessa fase em suas vidas.

Entre outras questões que permeiam a realidade dessas(es) jovens, que não lhes dá “tempo” para parar e elaborar a “organização” de sua vida adulta, ou mesmo de como viver a própria juventude. O curso da vida é atravessado por questões das mais diversas, multifacetárias, como pode ser observado no trecho da narrativa a seguir, em que a jovem lamenta nunca ter concluído seus estudos, tanto por ausência de condições objetivas, como o estabelecimento escolar, quanto por questões subjetivas, como ter que cuidar da filha e do matrimônio:

Eu ainda comecei a fazer um curso de agente de saúde comunitário, era pelo PRONERA [Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária], na época, não era, Ulisses? O que eu fiz foi 2007, na época. 2008! Eu tive a Karine em 2007, aí em 2008 a gente.... Eu fui para primeira etapa, fui começar o curso. Foi um mês lá em São João do Piauí. Aí teve outra segunda etapa, que já foi em junho. Já foi dois meses, muito maravilhoso. Quando a gente voltou, quando foi para a gente voltar em outubro, ou setembro, para a gente voltar, não ia ter mais. O nosso curso foi cancelado, porque não tinha mais verba. Eu sofri tanto, porque, assim, eu abandonei meus estudos. [Ela ficou um pouco emocionada]. Eu nunca fui de: Ah, hoje eu não vou para a escola. Enquanto eu quis ir, eu fui. Nunca fui de desistir. Mas aí, eu parei. Quando eu parei de uma vez, pronto, veio a Karine. Então, eu vi nesse curso uma oportunidade de formar-me, e aí, não deu certo! Aí, não fiz mais outro curso, porque tive a Karine. Aí, depois fui morar com o Diego, o tempo foi passando, tempo foi passando, aí, até hoje.... Nunca consegui concluir (JOVEM ANA CLEIDE, 32 anos, Vale da Esperança, 04.08.19) [Grifos meus].

O exercício da maternidade e o trabalho para construir o matrimônio, é outro aspecto importante presente na realidade da juventude rural. É comum que estes dois aspectos atravessem os modos de vida de diversas juventudes rurais, especialmente, das jovens mulheres,

²⁴ Esta distinção é uma das grandes dificuldades dos estudos de juventude; estilo de estatístico, que unifica em um elemento de população sem costura, que apenas têm em comum, data de nascimento e tirar conclusões comuns a todos eles como se eles foram informados por esse feito simples (MARGULIS e URRESTI, 2000, p.19 - tradução livre).

tendo em vista que, como no caso dessa jovem, algumas sejam levadas a abandonar os estudos para cuidarem das(os) filhas(os), realidade que também se apresenta nas cidades. No entanto, no território rural, a maternidade e o matrimônio entre jovens, assumem significados diferentes, por tratar-se de uma realidade diferente, em que as relações sociais ocupam outros fundamentos. No caso específico do Vale, há muitos jovens casais com filhos e/ou filhas, e algumas jovens mães solteiras também. No entanto, não adentrei a esta questão, para compreender as razões, pois senti ser um tema delicado a tratar-se entre as(os) jovens do Vale.

Este aspecto parece não estar relacionado diretamente aos objetivos da pesquisa que fundamentou a escrita deste trabalho, porém sim. Algumas jovens limitam, em algumas situações, sua socialização com as(os) demais jovens da comunidade, deixando de participar de algumas atividades, como as de lazer e as político-organizativas, em razão de terem que cuidar de suas filhas e/ou filhos. Além, é claro, do seu precário, ou mesmo, inexistente, acesso à formação educacional e ao trabalho.

Por isso, embora eu não articule aqui reflexões que vinculem diretamente esses aspectos ao tema aqui tratado, acredito ser relevante citá-lo como forma de suscitar outros questionamentos aos leitores:

Verifiquei a existência de muitas jovens mães nas atividades de lazer, culturais, religiosas e político-organizativas, entre as(os) jovens do Vale. Constatei que na comunidade há um número significativo de jovens mulheres que engravidam com pouca idade. Observei que no festival do sorvete havia um grande número de crianças pequenas. Fiquei pensando em um conjunto de fatores que poderiam responder a essa realidade; primeiro a frequência de casamentos entre jovens, desde muito cedo, nas comunidades rurais, como uma tradição; segundo por ser comum que famílias de comunidades rurais sejam ainda mais tradicionais quanto ao diálogo com os filhos em relação à sexualidade. Outro aspecto que pode ser considerado é a ausência de serviço de saúde e assistência social na comunidade para proporcionar a promoção em saúde sexual às(aos) moradoras(es), especialmente às(aos) jovens; enfim, há ainda a questão do déficit na educação sexual em todas as escolas em ambos os territórios, rural e urbano; entre outros fatores que podem ser relevantes a esse respeito (DIÁRIO DE CAMPO, Timon, 16.08.19).

Quanto a este aspecto, o que quero chamar a atenção é que, ainda que essas(es) jovens sejam pais e mães, tenham contraído matrimônio ou em alguns casos sejam mães solteiras, isto não as(os) retira da condição de jovens, tanto para a comunidade, quanto para elas(es) mesmas(os), no próprio grupo de jovens. Pelo contrário, a maternidade e o matrimônio, não são considerados ritos de transição para a vida adulta, mas eventos normais na vida delas(es).

Além disso, é necessário considerar outro aspecto. Alguns desses jovens casais com filhos e/ou filhas, geralmente aquelas(es) jovens que contraíram vida conjugal há mais tempo, moram em seus próprios lotes, conquistados após sorteio, como expliquei no capítulo anterior. Já outros casais de jovens que contraíram vida conjugal apenas recentemente, com filhos e/ou

filhas, e as jovens mães solteiras, também com filhos e/ou filhas, geralmente residem em casa de seus pais, devido ao limite reduzido de lotes disponíveis. O fato de compartilhar moradia com os pais, ou ter sua própria casa, não os diferencia, no *status* de serem jovens no Vale, pois basta que se reconheçam como tais.

Cangas (2012) relata que, só no início dos anos 1970, iniciaram-se tímidos estudos e produções intelectuais acerca da população rural. Porém, no que se referia à juventude no geral, esta ainda era analisada na perspectiva denominada “população tendenciosa: homens urbanos, com culturas juvenis espetaculares”. O autor ainda afirma que nesse período de início dos estudos rurais as(os) pesquisadoras(res) passaram a assumir a existência da juventude no meio rural, porém ignorando a identidade geracional das mesmas, e tomaram por base apenas critérios biológicos, como idade e residência espacial. Fato que decorre de graves limitações teóricas e conceituais. Desse modo, por muito tempo a trajetória teórica da juventude, embora quase sempre divergente, seguiu tendo como suporte referencial a juventude urbana.

Destarte, o que a realidade do Vale me fez entender, como pesquisadora, a partir das narrativas e observações, é que a(o) jovem rural, é sim jovem. E que a categoria juventudes pode ser sim estudada a partir da análise da realidade delas(es).

Neste sentido, as narrativas de jovens do Vale trazem alguns interessantes elementos para análise, quanto ao que as(os) próprias(os) jovens pensam sobre o que é juventude. Para este jovem, é: “[...] um estado de espírito. Tanto que assim, eu cresci vendo as pessoas que não eram jovens, mas tinha aquele espírito de luta, né? De juventude, de sempre acreditar. É por isso que, para mim, juventude é um estado de espírito” (JOVEM ULISSES, 26 anos, Vale da Esperança, 04.08.19). Nessa narrativa, a juventude é narrada como um “estado de espírito”, como algo que transcende limites etários, e é lançada para o campo das subjetividades, reafirmando o já mencionado, de que ser jovem no Vale, basta, sentir-se jovem. Quanto a essa definição, é necessário aprofundar a reflexão, dado o fato de que, na atualidade, como explica Kehl (2004), é comum que todas(os) queiram ser jovens. Por esta razão, esta expressão vem sendo bastante utilizada para conceituar a juventude, no intuito de prolongar esta fase da vida e salvaguardar os sujeitos de serem chamados de velhos:

Difícil precisar o que é juventude. Quem não se considera jovem hoje em dia? O conceito de juventude é bem elástico: dos 18 aos 40, todos os adultos são jovens. A juventude é um estado de espírito, é um jeito de corpo, é um sinal de saúde e disposição, é um perfil do consumidor, uma fatia do mercado onde todos querem incluir-se. Parece humilhante deixar de ser jovem e ingressar naquele período da vida em que os mais complacentes nos olham com piedade e simpatia e, para não utilizar a palavra ofensiva – velhice –, preferem o eufemismo “terceira idade. Passamos de uma longa, longuíssima juventude, direto para a velhice, deixando vazio o lugar que deveria ser ocupado pelo adulto (KEHL, 2004, p.89-90).

Da mesma forma, para Chmiel (2000), há um verdadeiro milagre da eterna juventude, ideia semelhante ao que aparece em algumas narrativas de jovens do Vale. “Nós somos um grupo de jovens, e nosso grupo nunca vai morrer! ” (JOVEM CLEDSON, 42 anos, Vale da Esperança, 04.08.19). E ainda: “Nós vamos ser eternamente jovens, enquanto vivermos” (JOVEM ANA CLEIDE, 32 anos, Vale da Esperança, 04.08.19). Para a autora, as reflexões sobre o tema nos ajudam a compreender ser esse imaginário de eterna juventude uma construção midiática que torna público modelos ideais de indivíduos com base na imagem do “ser jovem”, convidando todas(os) a serem jovens, tal qual esses modelos. Deste modo, a juventude passa a ser convertida em estética e é propagada a todos os públicos, de todas as idades, em todos os lugares, para todos os grupos e em todos os territórios.

Nessa perspectiva, Pais (2003) lembra que as trajetórias juvenis devem ser pensadas também como parte de um processo de *juvenilização*, que se refere a toda influência da(do) jovem sobre a sociedade. O modelo do “ser jovem” é relacionado, muitas vezes, ao modo de viver irreverente das(dos) jovens. É esta felicidade que povoa os anúncios em que a juventude protagoniza momentos de prazer e alegria. Em que a(o) jovem é mostrado como superativo. Nesse processo de *juvenilização*, tal estética influencia toda a sociedade, impulsionada pela mídia, a ser como o jovem:

Los jovens viven en constante movimiento y por ello sus horas diurnas e noturnas se distribuyen en una participacion paralela y continua en varios ámbitos disímiles: es la permanentemente multiplicidad de apuestas a futuro. Son a la vez entusiastas miembros de diversos grupos, incluso incompatibles entre sí, ávidos de conocer desde adentro, de probar, de consumir y así aprehender y aprender. Se entregan de maneira entusiasta a variadas actividades y pasatiempos: ver television, escuchar e hacer música, leer historietas, videojuegos, cursos, proyectos. Em estos tempos es clara la influencia que tienen los médios para imponer um “modelo” (CHMIEL, 2000, p. 99).²⁵

Em um trecho da narrativa da jovem Ana Cleide, a concepção de juventude, além de reforçar a ideia de que ser jovem é um estado de espírito, apresenta o ponto de vista de que a juventude deve estar sempre em movimento, semelhante ao problematizado por Chmiel (2000), quando afirma que este é o modelo oferecido pela mídia:

Eu faço das palavras do Ulisses as minhas. Era realmente o que ia dizer, porque é um estado de espírito. Porque eu me sinto jovem. Eu fiz 32 anos ontem, e para mim eu sou jovem, e você é um perfeito jovem. Eu gosto de estar com a juventude, gosto de trabalhar, gosto de brincar, gosto de divertir-me, eu gosto de viver, entendeu? Eu acho

²⁵ Os jovens vivem em constante movimento e, portanto, suas horas diurnas e noturnas são distribuídas em uma participação paralela e contínua em vários campos diferentes: é a multiplicidade permanente de apostas futuras. Ambos são membros entusiasmados de vários grupos, até incompatíveis entre si, ansiosos por conhecer de dentro, tentar, consumir e assim apreender e aprender. Eles são entregues com entusiasmo a várias atitudes e hobbies: assistir televisão, ouvir e fazer música, ler quadrinhos, videogames, cursos, projetos. Nestes tempos, a influência dos meios para impor um "modelo", é clara (CHMIEL, 2000, p. 99 - tradução livre).

que juventude é isso mesmo, é estado de espírito. Não é parar, não, você está parado? Porque acho que o jovem que está parado, não é um jovem. Ele não tem aquela força de vontade de fazer, de acontecer, ir atrás, né? De se formar, né? O trabalho de fazer tudo isso. Um esporte, divertir-se, isso é viver, isso é ser jovem (JOVEM ANA CLEIDE, 32 anos, Vale da Esperança, 04.08.19).

Nesse aspecto, acredito ser necessário haver cautela em conferir às(aos) jovens a tarefa de ser sempre esse sujeito em movimento, que nunca para, pois, as individualidades, subjetividades e identidades de cada sujeito e grupo social precisam ser consideradas.

Da mesma forma, os olhares, reflexões e ações de políticas públicas, em sua maioria, são voltados para a óptica do urbano, em razão de a grande parte dos estudos sobre juventude abrangerem apenas as realidades de jovens urbanas(os). Esquecendo-se de uma infinidade de outras(os) jovens que experimentam a juventude de outras formas, diferentes dos moldes urbanos. Com essas bases, ao estudar outras experiências de juventude, como as rurais, vendo-as como urbanas, tenta-se apenas encaixá-las em uma teoria de perspectiva urbana. Esse movimento gera problemas. Dentre os quais, o não reconhecimento da juventude rural com categoria de estudo, por não se encaixar em modos de vida de padrões urbanos. Tudo isso recai no não reconhecimento, também, das práticas sociais de jovens rurais. Para a decolonização da Sociologia da Juventude é fundamental suplantar a miopia colonial que persiste na subalternização da juventude rural, subestimando sua forma, existência e o modo como estes sujeitos interpretam e elaboram acerca de si mesmos e do mundo (BALESTRIN, 2019).

Contudo, ficam aqui alguns questionamentos como forma de instigar reflexões acerca dessas questões discutidas e apresentadas até aqui: A compreensão do que é a juventude de jovens do Vale evidencia de fato, que elas(es) são influenciadas(os) pelos modelos midiáticos da *juvenilização*? Ou é apenas uma visão, desprendida dos padrões etários, que abarca subjetividades, afetos e está calcada na coletividade, princípio fundante deste grupo? O ser jovem no Vale é influenciado por essa lógica da *juvenilização*, e por isso as(os) jovens de maior idade prolongam sua juventude? Ou as(os) jovens de idades maiores não conseguem desprender-se do trabalho com o grupo, por insegurança de o deixar nas mãos das(dos) jovens de menor idade por estas(es) ainda não estarem preparadas(os), ou não se interessarem pelo grupo? Por fim, pensando a partir da realidade identificada no Vale da Esperança, se essas juventudes rurais são capazes de pensar sua própria juventude de uma maneira tão plural e diversa, será mesmo que ela deve ser julgada como “matuta”, “ingênuas” ou “atrasadas”?

Quando se pensa a(o) jovem rural apenas na perspectiva do agricultor camponês, esquece-se de que a juventude, como um todo social e em suas mais diversas expressões, deve ser pensada a partir da diversidade, da heterogeneidade e dos mais diversos âmbitos da vida

social das(os) mesmas(os). Como um construto sócio histórico que perpassa vários modos de ser e viver essa fase da vida. Portanto, ser jovem no Vale, não significa ter idade X ou Y, ter contraído ou não matrimônio; ter ou não filhos e/ou filhas, compartilhar ou não moradia com os pais, ter emprego formal ou não, estudar ou não. Ser jovem no Vale é cotidianamente ter seus modos de vida atravessados por variantes relacionadas às condições sociais, territoriais, históricas e políticas que permeiam este grupo social. Por fim, as(os) jovens rurais têm outros modos de viver a juventude, múltiplas identidades, que precisam ser compreendidas a partir dos espaços que ocupam, de realidades cambiantes e diversas. De relações com o mundo e com seu meio social, pleno de significados e sentidos que atribuem às relações sociais que tecem. De possibilidades e potencialidades. Tudo isto e muito mais os inserem no segmento social juventude, como uma de suas mais variadas expressões de ser jovem.

3.2. Fazeres e afazeres entre o Vale e a Cidade

É tipo, se desse para conciliar, né? O assentamento, com a educação, com o trabalho fora [na cidade].

(JOVEM ANA CLEIDE, 32 anos, Vale da Esperança, 04.08.19) [Grifos meus]

Refletir sobre jovens rurais não é tarefa fácil, visto que o segmento juvenil é comumente identificado a partir de representação dominante de juventudes, consubstanciada na compreensão urbana do que seja ser jovem. Além disso, no caso de jovens rurais, a construção social de suas juventudes tem por base estereótipos relacionados à vida no campo, em geral marcados por sinônimos como “atrasada”, “tradicional”, “feia” e apartado da cidade, conforme nos evidencia Silva (2016):

Um esforço maior pode identificar os jovens rurais como aquele segmento juvenil que vive numa condição de certo isolamento, compartilhando certas tradições e construindo suas relações com o mundo a partir da adoção do trabalho enquanto centralidade da vida (CASTRO, 2010), ganhando menor relevância as demais condições de reprodução, como lazer, sexualidade, moradia, alimentação, informação, religião, etc. Os jovens rurais são vistos como partilhando tradições – por vezes, entendidas como sinônimo de atraso – e estando menos sujeitos à volatilidade do mundo contemporâneo. Essa impressão leva em conta as ideias de vínculo à terra, sistemáticas tradicionais de trabalho, observância à disciplina familiar, respeito aos mais velhos, ausência de maiores expectativas que não o casamento, uma vida simples, material e simbolicamente falando, a qual ancoraria a reprodução do modo de vida dos seus antepassados (p. 94-95).

No entanto, um olhar mais acurado sobre os modos de vida de jovens rurais, possibilita apreender uma realidade bem mais complexa e plural, fortemente influenciada por diversas experiências vividas por jovens urbanas(os), nos mais variados âmbitos da vida social. Esse relacionamento de jovens rurais com as experiências urbanas, tem se tornado possível em razão de intensa troca entre campo e cidade, viabilizada por inovações como transportes, comunicação, equipamentos tecnológicos, dentre outros. O denominado “mundo rural”, revestido da imagem da tradição e do isolamento, hoje tem seu cotidiano atravessado por diversos aspectos da vida urbana, sejam eles de natureza econômica, cultural, social. Tais aspectos operam trocas de maneira articulada, de modo a provocar notórias transformações em contextos que outrora eram separados das cidades. Silva (2016) ao tratar sobre essas muitas trocas entre os dois territórios, destaca:

Além das trocas territoriais, fenômenos como os processos produtivos, as relações de trabalho (CARNEIRO, 1999), as relações afetivas, as experiências de lazer, possibilidades comunicativas, aspectos estéticos adotados, etc. têm povoado com força os dois ambientes e, repito, implicando em certa dificuldade de leitura acerca do observado na contemporaneidade como sendo de natureza só rural ou exclusivamente urbana (p. 95).

A autora chama a atenção para o fato de que não podemos mais olhar o rural ou o urbano, como territórios “essencialmente puros” em sua natureza. Entretanto, a realidade exige de nós, novas interpretações, tendo em vista que estão em constante fluxo, não apenas os territórios, mas também a vida dos sujeitos que os compõem e seus grupos sociais.

Dentre os sujeitos que compõem o território rural, estão as(os) jovens, que têm seus modos de vida totalmente atravessados por esse intercâmbio entre rural e urbano. A propósito, em todas as pesquisas a que tive acesso durante a construção deste trabalho, as quais tratam sobre realidades de juventudes rurais de várias partes do país, observei que há uma condição sempre presente no cotidiano destas(es) jovens, e que ela é repetidamente discutida e problematizada, dado seu importante impacto nos mais diversos âmbitos da vida destes sujeitos. Refiro-me à dimensão de ida e volta entre campo e cidade, presente na realidade da maior parte das(os) jovens rurais brasileiras(os). A partir desta condição, emerge o dilema entre “ficar” e “sair” apontado por Castro (2005) em trabalho que desenvolve uma etnografia com jovens moradoras(es) de um assentamento rural. Segundo a autora, esse trânsito faz parte da construção social da juventude rural, visto que suas identidades estão atravessadas pelo trânsito dessas(es) jovens em distintos ambientes entendidos como “rurais” e/ou “urbanos”, além, é claro, de suas relações com família e comunidade:

“Ficar e sair” do campo é mais complexo que a leitura da atração pela cidade, e nos remete à análise de juventude rural como uma categoria social chave pressionada pelas

mudanças e crises da realidade no campo. A realidade cotidiana que atinge a pequena produção familiar recai fortemente sobre os “jovens rurais”. Mas, também, “ser jovem” no campo implica enfrentar “antigos” problemas, como o peso da autoridade paterna. Essas relações são reveladoras das construções e disputas de significados da categoria juventude rural, e da posição que os assim identificados ocupam na hierarquia das relações sociais (CASTRO, 2009, p. 205).

Foi, inclusive, no âmbito da realidade de ida e volta, que tive o contato inicial com os sujeitos desta pesquisa, conforme narrado no diário de campo acerca do observado durante esses percursos:

O primeiro contato que tive com alguém da comunidade foi com Karla, uma jovem de 23 anos, residente na comunidade. Ela é técnica agrícola, estudante do curso de Serviço Social na UFPI, ex-aluna de uma Escola Família Agrícola. Participa como aluna de extensão do projeto da Feira UFPI, onde a comunidade em que vive é uma das integrantes e comercializa seus produtos. Cheguei até a jovem por intermédio da professora Valéria Silva, uma das organizadoras da Feira e minha professora no mestrado, à época, da disciplina de Sociologia Rural. Para minha primeira apresentação à jovem e explicação dos meus objetivos em pesquisar o lazer de jovens de sua comunidade. A primeira conversa que tive com Karla foi na universidade (UFPI) mesmo, entre uma aula e outra de ambas, devido nossa correria para responder as tarefas acadêmicas. É interessante que, já a partir deste contato, pude observar o primeiro indício, a partir da realidade desta jovem, de que eu encontraria no cotidiano de jovens do Vale a dinâmica entre rural e urbano em busca da educação e do emprego (DIÁRIO DE CAMPO, Timon, 20.06.19).

Obviamente, as juventudes rurais devem ser observadas em suas heterogeneidades, e, no que diz respeito às juventudes do Vale da Esperança, apesar de possuírem suas próprias singularidades e particularidades que condizem com seus próprios modos de vida, observei e se tornou explícito nas narrativas das(os) jovens entrevistadas(os), que boa parte das(os) jovens do território também vivenciam esta mesma realidade de ida e volta entre o campo e a cidade, semelhantemente a numerosas(os) outras(os) jovens rurais em todo o país. No Vale essa rotina de ida e volta entre campo e cidade está fortemente presente na vida de muitas(os) das(os) jovens. De acordo com suas narrativas e minhas observações, boa parte das(os) jovens só se encontra na comunidade aos finais de semana. Destacam ainda, que esse “vai e vem” entre rural e urbano as(os) atrapalha para que contribuam mais com o crescimento da comunidade. As(os) jovens lamentavam bastante, terem que viver essa realidade, afirmando que muitas(os) delas(es) têm o desejo de ajudar a contribuir mais com o desenvolvimento da comunidade, mas que “não tem mais tempo para ela”.

A exigência de consumo presente no mundo, que infelizmente a renda do campo não lhes permite, afasta cada vez mais essas(es) jovens de suas(seus) familiares e amigas(os), do seu lugar de pertencimento. O tempo também as(os) escapa, pois elas(es) afirmam não terem mais controle, conforme indica o trecho a seguir:

E aí o que está acontecendo, pelo fato de não estar indo para frente mais, o assentamento, como estava antes, porque os jovens não veem lucro aqui dentro, apenas aqui dentro, aí, estão indo trabalhar fora. Aí, se encontram um final de semana sim outro não, aí, fica...! Está distanciando-se e está deixando de trazer benefício por conta disso. A gente não tem mais tempo para cá. A gente tem que ir buscar algo fora, infelizmente! (JOVEM SAYONARA, 20 anos, Vale da Esperança, 04.08.19).

O contato com a cultura urbana aguça na(o) jovem rural o desejo e o vislumbre da realização de projetos individuais, o que é reforçado pela flexibilização da hierarquia familiar, em razão do afastamento do núcleo familiar e da comunidade ocasionado pela rotina de idas e vindas. Desse modo, a busca desse trabalho fora, pode figurar como uma opção de autonomia e até a saída do controle dos pais.

Outra necessidade que gera esse processo de ida e vinda é a de estudar para ter uma formação profissional. Na comunidade, a educação é concentrada ao ensino técnico, relacionado à formação para o trabalho no campo. Além disso, por outro lado, a formação profissional que lhes é apresentada pela dialética urbana, como um requisito imprescindível para alcançar seus projetos individuais, é outra (SILVA, 2016). No Vale, na narrativa de algumas(uns) jovens fica evidenciada a necessidade de buscar outras oportunidades de trabalho fora da comunidade, em geral na cidade de Teresina, tanto para ajudar a família, como para ter autonomia financeira.

Esse parece ser um anseio também de jovens de outras ruralidades, pois, nos estudos a que tive acesso, observei que a escolarização e a capacitação profissional são muito valorizadas tanto entre as(os) jovens quanto entre as(os) adultas(os) (a maior parte pais dessas(es) jovens). Capacitação essa considerada pré-requisito para alcançar um bom futuro, conforme essa jovem indica no trecho da narrativa a seguir:

E aí assim, a juventude sempre teve aquela questão; os mais interessados[no grupo de jovens do assentamento] sempre são os que são interessados também por estudo. O Ulisses, né? Começou a interagir no grupo. Está interagindo...: “Mas, não, tem os meus estudos!” “Aqui não tem como eu estudar, não tem facilidade para eu ir, para eu voltar.” A gente corre o risco! Então, teve que se afastar do assentamento aqueles que, né?... Que tem mais vontade. E isso também interfere muito, porque eles não podem deixar de estudar para ficar aqui, focando no grupo de jovens, né? Tem que procurar um futuro. Isso vai acontecer com muitos (JOVEM ANA CLEIDE, 32 anos, Vale da Esperança, 04.08.19).

Nessa e em outras narrativas, identifiquei referências sobre experiências de jovens que vivem a dualidade rural-urbano, em que são vistas(os) como tendo mais interesse em atuar como lideranças, seja no grupo de jovens, seja na comunidade, no intuito de buscar o melhor desenvolvimento da comunidade. São essas(es) mesmas(os) que mais prolongam os estudos. Por esse motivo, acabam afastando-se e não tendo tanto “tempo” para a comunidade. Ao se envolverem com seus estudos, após conclusão desses, constroem seus futuros na cidade, onde

parecem encontrar mais oportunidades, consideradas mais atraentes, para responderem às exigências postas pelo mundo contemporâneo. Observei que essas(es) jovens muitas vezes se sentem frustradas(os), em razão da impossibilidade de contribuir com a construção do futuro do seu lugar, pois, de alguma forma, não têm mais o domínio do seu próprio tempo.

Em várias narrativas há indícios de que essa busca por oportunidades no urbano, gera, nas(os) jovens do Vale, uma fragilização dos vínculos com a comunidade e até mesmo com a própria dinâmica do rural. Fragilizam-se os relacionamentos, a vinculação com a terra e até com a própria luta e organização delas(es) mesmas(os) como grupo, considerando sua história. A configuração da movimentação das(os) jovens em grupos na comunidade será abordada no próximo item.

Observei ainda que, em razão desse vai e vem entre os territórios, algumas(uns) jovens do Vale constroem relacionamentos na cidade e, em alguns finais de semana, deixam de ir para o assentamento para ficar na cidade, em outros compromissos, pois, inevitavelmente, há transformações em seus estilos de vida, amizades e escolhas de lazer. Outra situação narrada pelas(os) jovens, é que, aos finais de semana, algumas(uns) voltam para o assentamento após uma rotina semanal exaustiva de trabalho e/ou estudo, e, por isso, não têm disposição para reunir-se com o grupo de jovens da comunidade. Nessa situação, a única disposição é para descansar, ou divertir-se, “desestressar”, jogando bola ou fazendo qualquer outra atividade de lazer, que, segundo as(os) mesmas(os), enfraquece os laços com o grupo.

E assim, as(os) jovens do Vale vão para a cidade qualificar-se para “ser alguém na vida” e cumprir com as exigências do mundo moderno. Depois voltam e não encontram onde trabalhar, por isso mudam a perspectiva, mudam as necessidades, mudam os interesses. Mais uma vez a análise de Silva (2016) ajuda-nos a compreender essas experiências de jovens do Vale:

Na cultura hegemônica que partilhamos, as prerrogativas de ser alguém, ter uma profissão definida, ter visibilidade social, etc. são todas associadas aos valores ditos urbanos, aos jovens urbanos. Assim, ter acesso à escola, emprego, salário regular são questões que passam ao largo das considerações feitas em relação à juventude rural, que frequentemente, aparece associada ao estigma da pobreza, pouco estudo, atraso; pessoas que falam errado e não sabem conduzir-se (diga-se, na cidade...), explicitando, a partir de uma posição notadamente etnocêntrica, a distância cultural e social existente entre os jovens da cidade e os jovens do campo. Assim, ao buscar afirmar-se nos grupos de relação a partir das prerrogativas ditas urbanas, o jovem rural não encontra ali um lugar de pertença, pelo contrário (p. 96-97).

Movidos por essa lógica, essas(es) jovens são levadas(os) a construir seus futuros no urbano e aos poucos afastam-se de seus lugares, evidenciando em suas próprias narrativas esse afastamento. Porém, quando fazem referências à dificuldade de fortalecer e unir o grupo de

jovens da comunidade, a justificativa é que as(os) jovens do Vale mudaram e que não se interessam mais pelo movimento da luta política. Porém, na realidade, as mudanças foram globais, alterando os contextos rural e urbano, que implicam em alteração em relações entre as pessoas. Por outro lado, a construção de nossas cidades, inspiradas na lógica da colonialidade, obviamente, também interferem profundamente na realidade de jovens do Vale, mesmo que pareçam não ter relação alguma.

As condições de vida no Vale são por demais difíceis. Ter onde ficar é outro problema enfrentado para garantir o tão sonhado trabalho e/ou estudo. Segundo as narrativas das(os) jovens, algumas(uns) delas(es) que estudam ou trabalham em bairros que não são tão “próximos” da comunidade, passam a semana na casa de parentes ou amigas(os) na cidade, indo para a comunidade apenas aos finais de semana. Essas(es) deixam de ir para a comunidade todos os dias, não apenas em razão da grande distância, mas, principalmente, pela dificuldade de transporte coletivo, em horários adequados às necessidades das comunidades. Mesmo aquelas(es) que possuem o próprio transporte, boa parte delas(es) não se arriscam em razão da violência e dos assaltos na estrada que dá acesso à comunidade. As(os) jovens reclamam da ausência de escolas de formação técnica distintas da existente nas proximidades da comunidade. Reclamam, ainda, da ausência de espaços de trabalho para aquelas(es) que têm formação universitária e técnica outras. Segundo elas(es), essa situação poderia ser solucionada com a criação de equipamentos sociais como, posto de saúde, escolas, centros de referência ou outros espaços que garantissem postos de trabalho para que as(os) jovens pudessem, quando dessem seus estudos por concluídos, voltar a viver na comunidade e lá trabalhar. A instalação desses equipamentos propiciaria, ainda, uma melhor assistência, em diversas áreas, à comunidade. Identifiquei nas narrativas de jovens que, mesmo a(o) jovem alimentando o desejo de voltar após o término dessa formação, na comunidade não há posto de trabalho para ela(e), e logo vão embora. No trecho da narrativa a seguir, identifiquei a questão da formação para uma das jovens entrevistadas:

Assim, e colocando novamente o movimento MST na história, o movimento tem assim um... Como se diz...? Ele é fator muito importante, porque ele sempre focou no jovem para formar, para não sair do assentamento. Formar, ter um curso de pedagogia para ser um professor, para trabalhar numa escola dentro do assentamento; o assistente social para estar no posto de saúde dentro do assentamento, entendeu? Ele nunca abandonou, sempre foi assim. Só que muitos jovens se formaram pelo movimento, porém, para ir para outro lugar, abandonaram o seu assentamento, foram para outro lugar (JOVEM ANA CLEIDE, 32 anos. Vale da Esperança, 04.08.19).

Na atualidade, as(os) jovens rurais, além de carregarem suas experiências culturais relacionadas ao campo, também estão vinculadas(os) intimamente com a cosmovisão urbana

em todos os níveis, local, nacional e internacional. A partir de seus lugares, experimentam no cotidiano, de maneira simultânea, as inovações e conflitos advindos de todo o mundo, explicitados pelos mais diversos meios de comunicação (SILVA, 2016). Junto a essas informações que chegam até elas(es), chegam, também, a *telemática* da sociedade de mercado, que seduz a partir de disposições psicológicas, para o consumismo, mudando toda relação delas(es) com o mundo dos objetos, conforme analisa Costa (2004):

Consumismo, é o modo que o imaginário econômico encontrou de legitimar-se culturalmente, apresentando mercadorias como objetos de necessidades supostamente universais e pré-culturais, e ocultando, por esse meio, as desigualdades econômico-sociais entre os potenciais compradores (p.77).

Dessa maneira, a influência da lógica do capital, muito embora esta chegue de modo relativamente lento ao campo, tem promovido profundas transformações nas relações sociais entre as(os) jovens, delas(es) com suas famílias, com o restante da comunidade, com o seu território e com o mundo. Tais transformações incidem e se refletem expressivamente nas juventudes rurais, seja em suas relações familiares, com a terra, no trabalho, com a comunidade, com suas identidades, suas culturas e com seus pares. Isto porque a juventude é o principal “alvo”, além de ser também “ferramenta” do avanço capitalista na realidade global, tendo em vista que a figura jovem se tornou símbolo do capital em referência ao consumo e a vitalidade. Silva (2016) chama a atenção para os díspares paralelos de realidade promovidos por essas trocas entre rural e urbano, tradicional e moderno. Nesse confronto de realidades:

É entre fronteiras esmaecidas que situam miséria e celular; enxada e colheitadeira, falta de escola e cartão de crédito, hierarquia patriarcal e internet, festejos e tatuagens, namoro na porta e mechas californianas nos cabelos... o leque de atributos é extenso e surge costurado no leito das contingências, mediações e possibilidades da realidade local em que se inserem. É no deslocamento ‘entre uma coisa e outra’ que as falas apontam o que é o rural e o urbano. É trançando questões econômicas, ambientais, culturais, etárias, estéticas, sociais, geracionais e de gênero, que marcam as compreensões expostas sobre suas juventudes (p. 118).

Neste caminho, o avanço da lógica capitalista no meio rural, principalmente, por intermédio do crescimento e popularização das tecnologias de informação (TVs, Computadores, *Smartphones*, *Tabletes*, etc.), e da forte influência da indústria da mídia orientada pelo mercado, informações, produtos, imagens, pessoas e outras figuras do cenário global (mais presentes na realidade das metrópoles) chegam de maneira impositiva ao campo, apresentando-se como necessidades reais e indispensáveis, sem qualquer diálogo cultural. O principal alvo nesse contexto é a(o) jovem rural, que recebe esse bombardeio diariamente em seu cotidiano no campo, causando-lhe um agressivo choque de realidades e cultura. Nessa

perspectiva, Siqueira e Osório (2001) analisam como esse avanço chega a todas as realidades do globo, transformando-as e destacam:

O universo do consumo constrói-se enquanto instância legitimadora da transnacionalização que se contrapõe cada vez mais a outras instâncias, tais como o Estado, a escola e a família. O mundo do consumo está em cada país, mas de maneira vinculada à “modernidade do mundo”. O consumo poderia ser definido como uma nova territorialidade transnacionalizada e simultaneamente diferenciada: universo do consumo e universo de estilos de vida (p. 68).

Essa influência forte da mídia, sua inevitável chegada ao mundo rural e seus desdobramentos na vida social, é percebida pelas(os) próprias(os) jovens do Vale que, ao problematizarem sobre o assunto, afirmam:

A mídia hoje, ela, aqui no Vale, por exemplo, eu trabalhei uns anos em escola, né? Técnica agrícola, Escola Família, e lá tinha muitos, a grande maioria alunos daqui do Vale, do assentamento, alunos que eu conhecia a realidade deles e quando eles chegavam lá, com outras realidades de outros alunos, aí, a gente começava a ver um aluno, querendo celular, e aí, eu começava a ver e dizia: ‘Poxa, mas a realidade dele lá no Vale, eles nem pegam em celular, nem mexem em celular, aí, aqui quer mexer em celular, fazendo questão por internet, coisa que aqui não tinha’. Tem hoje as facilidades de celular, de internet em algumas casas, que até tem, mas eu chegava e ficava vendo e dizia: ‘Poxa, a família dele é tão simples, não tem isso.’ Mas de outra forma, eu conseguia entender, por que o mundo está tão globalizado e está chegando internet em todos os cantos, então, por que não chegaria aqui e não chegaria na família dele, né? De uma forma isso atrapalha, por que acaba mexendo, acho que, culturalmente, não só com ele como pessoa, mas com a família, porque acaba englobando todo mundo e aí o meio que ele tá... A escola, acaba interferindo, ajudando, porque por um lado ajuda e traz a informação para mais perto, mas por outro acaba atrapalhando, porque se você não usa direito, se você não tem informação para conseguir utilizar a internet, as mídias sociais, você acaba perdendo-se dentro dela. Complicado! (JOVEM ALANA, 25 anos, Vale da Esperança, 04.08.19).

Nesse aspecto, novas necessidades são impostas a essa(e) jovem. São necessidades distantes de suas realidades e possibilidades. Necessidades geradas pelo mercado transnacional e que lhes trazem um sério conflito: necessidades x possibilidades. E assim a realidade se configura: o Estado oferece condições precárias de desenvolvimento social à(o) jovem do campo, sempre numa lógica colonialista urbana, de maneira a desvalorizar a especificidade de sua realidade local, histórica e cultural. Diante dessas condições, limita as(os) jovens tanto a desenvolver as potencialidades do seu campo local real, quanto a obter, de fato, os reais “produtos globais”, que são oferecidos pelo mercado, potencializado pela mídia. Daí conflitos são gerados na vida da(o) jovem rural, muitos desses as(os) forçando à migração para a zona urbana em busca de “melhores condições de vida”, entre outras implicações. As reflexões de Silva (2016) sobre jovens no sudoeste do Piauí, fazem-nos compreender parte dessa realidade conflitiva, que também parece processar-se no Vale:

[...] ser jovem rural é viver na dubiedade de trazer consigo referências urbanas e rurais, é ser “os dois juntos”, é ter “um pouco de cada um; um pouco daqui, um pouco de lá”,

como resultante dos intercâmbios que operam, fazendo do hibridismo, do nomadismo as marcas maiores dos diálogos construídos acerca de si e dos territórios de suas vidas. (...). Assim, é também sofrendo as vicissitudes do tempo em que vivem, recebendo todas as influências do contexto histórico – e gerando outras – que experimentam, que os jovens constroem dialogicamente o espaço a que pertencem e a si próprios. Constroem o rural, o urbano e os sujeitos por mim e por eles delimitados enquanto os jovens rurais do Sudoeste Piauiense (p. 118-119).

Essas novas necessidades impõem às(aos) jovens estar na cidade, para ter uma renda e para suprir tais necessidades. Elas(es) vão para as cidades, vendem suas forças de trabalho, em geral, por baixos salários; em algumas situações submetem-se a relações de trabalho precárias, ficam distantes da convivência de seus pares em sua comunidade e deixam de participar da vida em comunidade.

Nesse contexto, é necessário pensar na importância do trabalho na vida dessas(es) jovens, tanto como perspectiva de futuro, quanto na realidade prática. Algumas narrativas revelam que a falta de postos de trabalho compatíveis com suas formações acadêmicas, as(os) impedem a viverem no Vale. Mas, que tipo de espaços de trabalho elas(es) estão ocupando na cidade? As exigências do trabalho na cidade, atrapalham a vida como era antes?

Assim como a maior parte das(os) jovens rurais do país, algumas(uns) jovens do Vale submetem-se a condições precárias de trabalho, baixos salários com ausência de direitos trabalhistas. Além de se deixarem levar pelos ventos incertos do mercado. O interessante é como em alguns casos, no Vale, a carreira escolhida para trilhar na cidade é totalmente distinta da vida no campo, e não tem qualquer ligação com suas formações técnicas nas EFAs, as quais versam, geralmente, entre agronomia e zootecnia. As(os) poucas(os) jovens que ainda demonstram algum desejo de trabalhar na terra, no próprio assentamento e o fazem no tempo livre, ainda assim, demonstram a necessidade de construir uma formação e realizar um trabalho fora. Como é o caso da jovem Aline, 21 anos, filha de produtores do assentamento, que tem sua própria produção e a vende na Feira UFPI. Mesmo assim, ela faz o curso de enfermagem na cidade, pois deseja ser enfermeira. Segundo sua narrativa, suas férias são passadas no assentamento produzindo macaxeira. Durante o período de aulas e estágios, ela volta para a cidade para concluir seus estudos.

A jovem Sayonara, 20 anos, é outra que representa muito do dilema sofrido por outras(os) jovens de comunidades rurais que, apesar de desejarem permanecer em seus lugares, se veem pressionados, por diversos fatores, a sair do campo e buscar outro modo de vida nas cidades. Em suas narrativas, ela revelou que, apesar de já ser técnica em zootecnia, fez o curso de necropsia para trabalhar na cidade, na mesma profissão em que seu pai trabalhava. Narrou que hoje trabalha numa distribuidora de combustíveis, mas que seu sonho mesmo, era fazer

agronomia e trabalhar com a terra. De fato, ela narrou com bastante paixão sobre sua terra e sobre seus planos futuros de produção. Afirmou que seu sonho é não sair do Vale e um dia viver apenas do que produz lá. No entanto, hoje ela precisa trabalhar fora, na cidade:

Eu fiz Necropsia, terminei o ano passado. Fiz necropsia, mas terminei e agora só estou trabalhando mesmo. Mas eu quero voltar a estudar também, porque eu quero fazer agronomia, né? Já tenho o curso de zootecnia que mexe com aves, mas eu quero muito agronomia (JOVEM SAYONARA, 20 anos, Vale da Esperança, 04.08.19).

Muitas(os) jovens enfrentam essa mesma situação, porque a lógica de estruturação da relação cidade x campo, centrada na colonialidade, desvaloriza seu lar, sua terra. Seu lugar não tem valor algum. Esse movimento de tensão que existe na vida da(o) jovem rural, fruto dessa lógica colonial, é centrada na negação da importância do campo e da supremacia da cidade. Nessa lógica, as exigências postas às(aos) jovens são para que elas(es) acompanhem esse tempo presente desse modo, perseguindo o ritmo da globalização, para que elas(es) possam conseguir todos os produtos globais. Mas isso não significa que elas(es) abandonam totalmente seu território, ou que elas(es) neguem totalmente suas raízes do rural, só por terem acesso a toda essa tecnologia, pois elas(es) ainda alimentam a possibilidade da volta para o seu lugar.

No mundo globalizado, as mudanças impostas a essas(es) jovens, as exigências de consumo, que antes não existiam, passam a existir. Ante a essa realidade, a cidade é lhes apresentada como esse lugar propício para buscar-se a “melhoria de vida” para responder às exigências de consumo. Porém, em muitos casos, elas(es) não conseguem mais voltar. Em algumas situações elas(es) já vão para a cidade estudar cientes de que não terão para onde voltar, porque em sua comunidade elas(es) não vão ter onde trabalhar.

Nesse sentido, tendo como referência as reflexões sobre colonialidade, compreende-se toda essa carga do rural como lugar atrasado e ruim, sendo essa uma das razões pelas quais as(os) jovens são obrigadas(os) a sair de sua comunidade e irem para as cidades. A elas(es) também é alimentada a ideia de que o trabalho no rural é sofrido e sem retorno financeiro significativo. Deste modo, os pais dessas(es) jovens são levados a incentivá-las(los) a estudar “para ser gente” e sair daquela “vida de sofrimento” do campo, para ter uma “vida melhor” na cidade. Tudo isso gera a tensão de ficar ou não ficar em seu território. Se sair e, conseqüentemente, distanciar-se de suas raízes. Tensão que não é igual para todas(os) as(os) jovens, nem todas(os) a vive igualmente. Nem todo mundo quer sair, nem todo mundo quer ficar. Nesta perspectiva, não podemos pensar as ideias de “ficar” e “sair” como articulações definitivas na vida dessas(es) jovens, já que se trata de todo um jogo de negociações em constante movimento, que dependem de inúmeros fatores.

Nas narrativas de jovens do Vale, é recorrente o desejo de permanecer. Porém, elas(es) veem nessa dinâmica de ida e volta, algo que as(os) atrapalha em seus planos de contribuir mais com a comunidade, como já explicitado anteriormente. Expressaram o desejo de permanecerem na terra e, de alguma maneira, conciliar outras experiências de trabalhos externos, na cidade, com as atividades de produção rural. No entanto, para muitas(os), encontrar essa combinação é um grande desafio, por diversas questões como por exemplo, as cansativas jornadas de trabalho a que são submetidas(os), a dedicação aos estudos e outros diversos fatores já pontuados:

Então, o acesso da gente é mais para o final de semana para cá. Também porque a gente, como eu já tinha citado, **valoriza muito aqui, e se eu pudesse eu ficaria aqui mesmo a semana inteira, mas o que tem um impasse entre eu, é a questão do trabalho.** Eu trabalho na SP combustível, distribuidora de combustíveis (JOVEM SAYONARA, 20 anos, Vale da Esperança, 04.08.19) [Grifos meus].

Não apenas as jovens do sexo feminino, os jovens do sexo masculino também partilham dessa necessidade. No trecho da narrativa abaixo, a saída é para seguir estudando:

Porque também tem que perceber que, olha, o assentamento precisa de bons professores, né? A Karla estuda, faz serviço social, né? Claro que o olhar da Karla é um olhar para o campo, né? Porque não tem como tirar dela, está dentro da vivência dela. Então, assim, quando as pessoas dizem: ‘Ah, Ulisses, por que tu não está no assentamento?’ Mas assim, eu acho que nos meus estudos eu sempre coloco a minha vivência, que não tem como eu fugir. Então, assim tento sempre trazer um pouco para cá, né? Nos meus trabalhos da universidade, fizemos vários trabalhos aqui: é sementes crioulas. Trabalhamos com sementes crioulas, trabalhamos a horta agroecológica com as mulheres. Assim, eu tento sempre trazer um pouco, até para não perder minha identificação com a origem, sabe? **Para eu poder balancear. Não é o fato de eu estar lá fora que pronto, eu consegui lá fora, eu vou sair de vez. Eu trabalho também na expectativa de um dia poder voltar, que essas oportunidades possam aparecer e eu possa retornar** (JOVEM ULISSES, 26 anos, Vale da Esperança, 04.08.19) [Grifos meus].

Essas(es) jovens, inicialmente, na sua maioria, não narraram sobre a terra como um lugar para trabalhar, para produzirem. Uma terra que é delas(es), de suas famílias, que elas(es) têm para trabalharem lá mesmo, “sem sair de casa”. Considerando, ainda, que boa parte delas(es) tem formação técnica em zootecnia ou agronomia em EFAs. Fica a indagação: O que leva essas(es) jovens a não considerarem esse lugar, a própria terra, como possível oportunidade de trabalho e renda? Mas, afinal, realmente não tem nenhum espaço de trabalho no assentamento?

No Vale há uma horta comunitária, há um cinturão verde (área irrigada) disponível para produção de alimentos na comunidade; há os quintais que podem servir para produzir frutas, além de toda a extensão do lote de suas famílias; há uma casa de beneficiamento; há galpões disponíveis para criação de animais. Enfim, há lugar para produzir e há pessoas produzindo e sobrevivendo por meio desse trabalho. Muitas(os) jovens só conseguem permanecer na cidade

porque seus pais as(os) mantêm com o trabalho no campo, ou mesmo com o trabalho na cidade. Então, porque muitas(os) jovens da comunidade não desejam trabalhar nestes espaços? O assentamento foi constituído sob o fundamento da produção na agricultura familiar, faz parte de sua história. No entanto, muitas(os) jovens não veem seu lugar nesses processos. Também não veem a comunidade como um lugar capaz de garantir sua sobrevivência e acabam indo procurar oportunidades na cidade, a exceção de algumas(uns) delas(es) que buscam animar as(os) demais para desenvolverem projetos de produção na terra:

Existe um fator muito importante neste assentamento aqui onde nós moramos, você pode andar arrodado de técnicos, por exemplo aqui, ó, [apontando para os demais], eles são técnicos, são formados. A gente pede para.... Vamos para cima fazer alguma coisa, coisa que progrida, para a gente mesmo, mas só que.... Não está acontecendo, mas existe técnico que não quer interessar-se pelas coisas da gente, mas é nosso. Olha, pode ver, quem está falando com vocês bem aqui, ó, colocaram-me para ser presidente do grupo de jovens. Eu chamo os jovens: “Rapaz, ‘umbora’ participar das reuniões e tudo”, “Mas nós não temos verbas”, “Vamos procurar verbas, nós temos campo agrícola, bora fazer uma horta, da horta a gente tira o recurso e vamos fazer, né?” (JOVEM CLEDSON, 42 anos, Vale da Esperança, 04.08.19).

No entanto, durante o período da pesquisa, observei o início de um belo processo de transformação entre as(os) jovens do Vale da Esperança, a partir de um projeto proposto por uma equipe técnica, vinculada à Feira UFPI, da qual a comunidade já participa. Este projeto busca incentivar e prestar assessoria técnica ao grupo de jovens da comunidade para que elas(es) desenvolvam projetos de produção agrícola e criação de animais para geração de renda, tanto individual, quanto coletiva. O intuito é de que jovens não necessitem mais buscar essa renda fora, na cidade. Que possam ter sua autonomia financeira, a partir da produção da terra no próprio Vale. O projeto procura desenvolver potencialidades de jovens e em sua própria terra, por meio de capacitações para os preparar para a produção. Identifiquei empenho e empolgação de algumas(uns) jovens para essa mudança de perspectiva. No entanto, trata-se de um processo, e ainda nem todas(os) as(os) jovens estão dispostas(os) a envolver-se. Porém, acredito que levará um tempo para que haja uma mudança de pensamento, tendo em vista que, diariamente, essas(es) jovens são levadas(os) a crer que não há futuro no rural. O projeto tem se desenvolvido desde o segundo semestre de 2019 com a formação de um pomar, ainda que com poucas(os) jovens envolvidas(os), a tendência é que mais jovens possam envolver-se no mesmo. A seguir, algumas imagens de atividades realizadas com as(os) jovens do Vale como esforço para o desenvolvimento do referido projeto de produção agrícola coletiva:



Figura 21 - Oficina de preparação para produção coletiva realizada pelo grupo de apoio da Feira – Setembro, 2019 – Fonte: Rayane Santos



Figura 22 - Jovens na produção coletiva da terra para formação do Pomar – Março, 2020 – Fonte: Rayane Santos



Figura 23 - Oficina de produção de cajuína realizado pela Emater-PI (Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Piauí) – Outubro, 2019 – Fonte: Rayane Santos

Todas essas dificuldades são resultantes do processo de vivências nos dois territórios, urbano e rural, os quais são constantemente bombardeados pelas transformações globais. Por essas e outras razões, as atividades por elas(es) realizadas, as necessidades que elas(es) têm de qualificar-se, o contato com as tecnologias de informação e mídias sociais, não as(os) retiram da condição de jovens rurais. Nesse sentido, segundo Silva (2016), é necessário outro olhar sobre a juventude rural, pois:

Compreender as juventudes rurais, portanto, implica na tarefa de situá-las nos contextos novos das ruralidades, onde o que é urbano e o que é rural escorregam entre os cenários, desenhando várias possibilidades de configuração de ruralidades e urbanidades. Assim entendido, não poderíamos pensar de modo diferente também em relação aos segmentos que vivenciam o cotidiano dessas territorialidades. Com isso não quero dizer que inexistam diferenças entre os segmentos juvenis que habitam as cidades e aqueles que habitam o meio rural, mas indicar que portadores de uma experiência cultural vinculada ao campo, os jovens rurais, na atualidade, também se relacionam intensamente com a cosmovisão urbana, tanto em nível local, como nacional e internacional (p. 95).

Foram essas bases analíticas que me permitiram entender que entre as(os) jovens do Vale, ao mesmo tempo em que há a resistência para a manutenção da essência do lugar e da história que carregam, há também, um diálogo com os trânsitos inevitáveis entre rural e urbano.

A partir de negociações entre ambos universos. Condição semelhante é analisada por Castro (2009) acerca das(os) jovens rurais alvo de pesquisa desenvolvida por ela:

Morar no assentamento rural aonde as relações são mais próximas, e frequentar outros espaços, considerados “urbanos” ou “rurais”, implica constantes negociações quanto a percepções sobre essas diferentes realidades. Embora não utilizem o termo “jovem rural”, os que se autodenominam jovens constroem sua identidade em diálogo com imagens de um universo rural e espaços “urbanos”, em um “bricolage” que configura auto-percepções sempre em movimento, através de um diálogo marcado pelo tempo e no espaço (p. 191).

Contudo, as(os) jovens rurais ao permanecerem nessa zona fronteiriça entre os dois territórios, o rural e o urbano, desenvolvem necessidades em relação a diferentes dimensões de suas vidas atinentes, por exemplo, aos estudos, emprego, lazer e cultura. Necessidades essas que são partilhadas pela maioria das(os) demais jovens. Todavia, as respostas a essas necessidades muitas vezes sequer constituem demandas juvenis. Pelo contrário, em geral impõem-lhes sacrifícios, como se fossem questões a serem solucionadas na esfera individual. Em assim configurando-se a realidade, muitas(os) jovens convivem com a frustração de seus “sonhos” nesses percursos de vida. Em geral essa frustração é resultado da realidade excludente e impeditiva que insiste em apartar estes territórios.

Nesse contexto, é importante lembrar que não cabe julgar às(aos) jovens do Vale acerca de suas decisões de permanência e continuidade no campo, colocando-as(os) como personagens heroicas(os) capazes de reverter, individualmente, este quadro de saída para a cidade. Estas(es) jovens do Vale estão sim buscando sua autonomia, mas isso não exime a necessidade de políticas públicas efetivas que deem conta de suas demandas e das demandas de outras juventudes rurais que têm realidades semelhantes. Portanto, é necessário problematizar essa condição partindo, obviamente, da compreensão de que deve haver uma mudança de pensamento, que não inferiorize o campo como lugar de atraso, mas como um território cheio de potencialidades e possibilidades, para que as(os) jovens que nele residam, também o considerem como um lugar de oportunidades. É preciso, ainda, pensar numa transformação social profunda que demanda grandes ações coletivas de caráter público que, de fato, transformem a enorme desigualdade social que atinge as juventudes, especialmente, as rurais, como as juventudes do Vale.

3.3. “Os jovens daqui tem seus grupinhos”: agrupamentos juvenis como espaço de sociabilidades no Vale

O processo de construção da identidade da(o) jovem é um movimento subjetivo que está situado espacial e temporalmente no jogo das interações sociais, onde ela(e) busca seus próprios códigos de identificação. Nesse processo, uma característica importante na relação estabelecida entre identidade e identificação é a afetividade. Deste modo, as sociabilidades juvenis são fundamentais na compreensão das identidades das juventudes.

É possível caracterizar as sociabilidades como práticas de interação, trocas e construção das identidades, nas quais significados são partilhados e atuam como norte e suporte na constituição de outras significações. No que diz respeito à sociabilidade juvenil, são nas mais diversas formas de agrupamento que as(os) jovens vão em busca de identidade e identificação, a partir das interações sociais constituídas nos grupos.

De acordo com Mannheim (1978), comumente jovens integram grupos ou determinados movimentos, pois estão passando por um processo de constituição de suas identidades e busca de identificação. Assim, negam padrões estabelecidos por adultas(os) e, buscam na convivência com estes grupos de pares, aquelas(es) que partilham sentidos, significados e ideias semelhantes aos seus. Ou seja, segundo o autor, a inserção de jovens em grupos influencia no processo de sedimentação de suas identidades.

Nesse processo de identificação administrado nos grupos, as(os) jovens constituem vínculos de afetividade ligados a ideias, significados e sentidos compartilhados entre os pares. Os grupos juvenis funcionam como uma espécie de canal de articulação de identidades coletivas, e configuram-se como espaços de inspiração cultural.

Conforme Pais (2003), é no tempo cotidiano das(os) jovens, profundamente vinculado às práticas de sociabilidade e de lazer, que se desenvolvem as redes grupais. Tais redes grupais e suas práticas, estão associadas a identidades juvenis, de modo a interferir na imagem que a(o) jovem cria de si mesmo e das(os) demais. Em grupos, os indivíduos partilham gostos semelhantes, o que expressa a identificação de cada um com o grupo e a identidade do próprio grupo. Assim como as(os) outras(os) diversas(os) jovens, as(os) jovens rurais também sedimentam suas sociabilidades com seus pares em suas comunidades a partir de códigos de identificação próprios, construídos a partir de suas interações sociais. Apesar de viverem em comunidade, e partilharem de um território, uma história e signos culturais comuns, é possível apontar, a partir das narrativas e observações, que, no Vale da Esperança, entre as(os) jovens, existe a formação de alguns grupos juvenis distintos, para compartilhar distintos afazeres, além do grupo de jovens geral Sementes do Vale, citado anteriormente, o que mais atribui referência grupal à juventude da comunidade.

Inicialmente, a primeira divisão entre grupos que observei e é narrada pelas jovens, foi uma divisão territorial entre dois grupos juvenis. As(os) que ficam de um lado do assentamento, onde se localiza, além da casa de moradoras(es), a Igreja Católica, a Igreja Adventista, o barracão, a praça, o campo de futebol principal, e principal entrada e saída da comunidade, enfim, onde se concentram as principais instituições, e conseqüente maior fluxo de pessoas. E as(os) jovens que residem do outro lado, local onde a maioria são casas de moradoras(es). Na narrativa a seguir, as jovens apontam um afastamento entre estes grupos, e narram que, só a partir do início das atividades de lazer, como a prática do vôlei, é que tem havido uma aproximação maior entre elas(es):

Porque hoje, os jovens daqui, quando a gente vai falar dos jovens daqui, não é do jeito que a gente pensa, que fosse por morar perto. Os jovens daqui se tornam distantes, tornam-se umas pessoas de **grupinhos**. Porque tipo, tinham uns moradores “prali”, que eles... Eu não sei, acho que eles se privam e ficam mesmo mais para lá, entendeu? Não é aquela coisa de a gente juntar-se e dizer assim: “Ah, não... vamos fazer uma atividade e vamos juntar todo mundo, entendeu?”. Ai, eu acho que eles se privam um pouco para lá (JOVEM SYOMARA, 19 anos, Vale da Esperança, 04.08.19) [Grifos meus].

Mesmo com os *grupinhos* estando separados social e territorialmente, há momentos em que algumas(uns) integrantes dos mesmos se juntam para o lazer, enquanto outras(os), em razão da não identificação, preferem não se envolver nessas atividades de lazer coletivas:

A gente tem um momento de lazer aqui, que é o vôlei, que vai alguns, só que tem outros que já não se sentem bem com os outros jovens e acabam privando-se, não vai, não se divertem. Não vai para o lazer porque não tem aquela intimidade toda, entendeu? Ai é aquela coisa, tem suas vantagens e suas desvantagens também... Grupo de jovens quando a gente faz aqui, não é aquela coisa de... Porque é uma comunidade pequena e todos os jovens vão, não é? É grupo de jovens, mas nem todos os jovens da comunidade participam, por mais que seja uma comunidade pequena que daria sim de reunir todos os jovens, mas nem todos vão para reunião, nem todos participam. É isso! (JOVEM SYOMARA, 19 anos, Vale da Esperança, 04.08.19).

Independente da finalidade, os grupinhos já existem há um tempo razoável, distinguindo as(os) jovens da comunidade. Mas são nos espaços de lazer que os grupinhos encontram motivações comuns e se juntam:

Mas já teve um tempo em que os grupos eram bastante distantes. Hoje, pelo fato do vôlei, do futebol, as pessoas se tornam mais próximo uns dos outros. Já teve um tempo que era bastante mesmo. Em até que o grupo de jovem, era... ficava aquela, marcava a reunião e ficava dias: “Umbora... arrastando um e outro”. Hoje não, fala: “ah, vai ter um baralho”, uma coisa que vai distrair eles, eles comparecem na hora, entendeu? Então, já teve um tempo sim, em que era bem distante um do outro. Mas agora pelo fato do lazer, alguma coisa do tipo, está bem mais próximo (JOVEM SAYONARA, 20 anos, Vale da Esperança, 04.08.19).

É interessante chamar a atenção que o grupo de jovens que afirma que se movimenta mais, é o que se localiza num ponto bem mais estratégico, onde há maior circulação de pessoas,

e onde se concentra a maior parte das atividades, sejam elas religiosas, políticas ou de lazer. E, ainda neste mesmo lado, ficam as casas das principais lideranças jovens da comunidade, que corroboram com a articulação de todas as atividades voltadas para as(os) jovens da comunidade. Enquanto que, do outro lado, ao outro grupo de jovens, aparentemente, cabe-lhes, “seguirem a maré”, do que é decidido pelo outro grupo. O que não significa que o grupo que engloba as principais lideranças, não busque alianças e a participação de todas(os) as(os) jovens da comunidade nas atividades e decisões concernentes às(aos) jovens do Vale como um todo, independentemente em que área do assentamento residam. Pelo contrário, o intuito do referido grupo, das(os) que residem neste ponto estratégico, é sempre envolver a todas(os) as(os) jovens do assentamento. Porém, isso nem sempre acontece, e ambos os grupinhos acabam afastando-se. Observei, ainda, essa distância entre algumas(uns) jovens, quando participei em uma das reuniões com as(os) jovens do grupo Sementes do Vale. Ela chamou tanto minha atenção que registrei o seguinte no diário de campo da pesquisa:

Nos sentamos, outras(os) ficaram de pé e ficamos aguardando chegarem mais jovens para iniciar a reunião. Vimos que havia um grupo, em torno de cinco jovens, meninas e meninos, na casa ao lado, aparentemente alterados em razão de consumo de bebida alcóolica, conversando e ouvindo músicas em alto som. A jovem Karla foi convidá-los para participar da reunião, elas(es) disseram que iriam depois, porém, não foram. Outras(os) jovens passavam de moto e não paravam para ficar, o que intrigava as(os) demais jovens (DIÁRIO DE CAMPO, Timon, 07.09.2019).

O que pude inferir, a partir da observação acerca destes referidos grupos, é que a situação formada no qual componentes de um grupo afirmam que desenvolvem mais atividades, e que as(os) componentes do outro grupo não participam com frequência, dá-se em consequência da própria localização em que as(os) componentes de cada grupo residem, da representatividade na comunidade das(os) próprias(os) componentes de cada grupo e da identificação e sentimento de pertença das(os) jovens com cada grupo. Um, considerado mais ativo, tem suas(seus) participantes residindo no perímetro em que se encontram as principais instituições e espaços de decisão e lazer da comunidade, além da principal entrada do assentamento, o outro, suas(seus) participantes residem do outro lado da agrovila, onde há menos atividades coletivas desenvolvidas. Um possui jovens que atuam como lideranças na comunidade e são filhas(os) de famílias que também exercem liderança, o outro não. Assim se desenvolvem diferentes níveis de identificação em cada grupo, determinando que jovens se sentem pertencentes ou não aos distintos agrupamentos juvenis. Dessa forma, observei que o grupo considerado mais ativo, das(os) que residem em uma região mais estratégica, do ponto de vista de atividades coletivas, é o mesmo que organiza e compõe de fato o grupo de jovens intitulado Sementes do Vale, que é considerado aquele que representa as(os) jovens da

comunidade como um todo, o qual já mencionei anteriormente. O outro grupo, “do outro lado”, com aquelas(es) consideradas(os) menos ativos, não tem muito envolvimento com o Sementes do Vale, com baixa frequência em suas atividades. Este tal grupo que não se envolve, com participantes residentes na região do assentamento com menos atividades, foi intitulado como “grupo” por participantes do Sementes do Vale, no entanto, há indícios de que ele não existe como grupo formado, apesar da narrativa das jovens ler como tal.

Para Lapassade (1989), todo grupo distribui tarefas e se organiza, é composto por um conjunto de pessoas que estabelecem relação umas com as outras, que se vinculam a partir de finalidades comuns e prezam pela totalização, evitando o retorno à dispersão e a massificação dos indivíduos que constituem o grupo. Assim, chamo atenção para o fato de que na verdade, há certa dificuldade de ler, pela literatura, tal divisão territorial entre as(os) referidas(os) jovens como grupos de fato, pois, de acordo com as observações, os referidos “grupinhos” não carregam as características marcantes de um grupo social referidas por Lapassade, o qual uso como referência. No entanto, evidentemente, pelas narrativas as(os) jovens os colocam como tal.

Para o autor, o grupo preserva sua manutenção em razão da constante luta contra a volta à dispersão. Desse modo, define-se não como um ser, mas como uma ação, que se trabalha permanentemente, sendo instituído simultaneamente na autogestão, na autodeterminação e autocrítica. Entretanto, o grupo se dispersa e morre quando não possui mais objetivo a ser atingido. Os sentidos partilhados e o trabalho da organização devem ser assumidos, com responsabilidade, pela totalidade de integrantes do grupo, a fim de que se torne uma *práxis* comum, em que todas(os) juntas(os) procurem efetivar, de maneira recíproca, as relações que fundam o grupo. Nesse sentido, para o autor, os grupos consistem em configurações mais simples de ajuntamentos, porém, ainda que simples, portam vestígios institucionais para organizar e normatizar o aprendizado, desse modo, os indivíduos vivem instituídos em todos os espaços (LAPASSADE, 1989). A partir dessas referências, observamos como grupo de fato, o Sementes do Vale, a partir de suas configurações, compromisso das(os) integrantes, e práticas a fim de objetivos comuns a todas(os) participantes. Este último é composto, em sua maioria, por jovens do sexo feminino, sendo estas suas principais lideranças, demonstrando a ocupação e a força deste gênero nos espaços de poder entre jovens do Vale. Na imagem a seguir, é possível observar uma reunião do grupo de jovens Sementes do Vale, na qual foram discutidos diversos assuntos referentes a atividades voltadas para toda a comunidade e especialmente para todas(os) as(os) jovens. São nesses espaços em que há a tomada de decisões e encaminhamentos são direcionados:



Figura 24 - Reunião do grupo de jovens Sementes do Vale – Setembro, 2019 – Fonte: Rayane Santos

Além destas citadas anteriormente, de acordo com as narrativas, há outras formas de agrupamentos juvenis no Vale da Esperança, como narra a jovem:

Questão de jovens de igreja católicas, evangélicas se tornam... Sempre tem um grupo da igreja que se torna distante. É isso que ainda faz existir essa distância entre os jovens. Que a gente tem várias religiões aqui, né? Tem a católica, tem Sétimo Dia e tem Assembleia. E isso, todas essas igrejas têm uns jovens, que aí eles participam. Aí, tem um ritual, uma cultura diferente das outras religiões, né? Aí, torna-se aquela coisa extensa assim. Além de ser pequena a comunidade, mas se torna distante por fato disso, né? Não é a mesma cultura, não é a mesma brincadeira, não é o mesmo ritmo das religiões (JOVEM SAYONARA, 20 anos, Vale da Esperança, 04.08.19).

É possível afirmar que estes grupos, citados pela jovem, os quais também observei na comunidade, têm tanto formação quanto características diferentes dos grupos que apresentei anteriormente, os quais encontrei na comunidade. Em relação a esses grupos, fica evidente que o principal elemento constituinte de ambos é a religiosidade, que tanto funciona como elemento identificador dos grupos, quanto, neste caso, diferenciador e distanciador entre ambos, como refere a jovem, tendo em vista que se tratam de grupos vinculados a religiões diferentes. No sentido tratado por Elias (2000), na obra *Os estabelecidos e os outsiders*, cada grupo funda sua distinção com base em seus próprios atributos. Para o autor, quando o intuito é compreender as fronteiras que os indivíduos delimitam ao estabelecer uma distinção entre grupos, os quais se referem como “nós” ou como “eles”, é imperativo reestabelecer o caráter temporal dos grupos e suas relações como processos na sequência temporal (ELIAS, 2000).

No entanto, apesar deste relato do distanciamento dos grupos juvenis religiosos em relação às suas atividades, também encontrei narrativas que remetem ao respeito entre ambos, vinculado à compreensão de comunidade e familiaridade de que me referi no capítulo anterior. Há o que Elias (2000) chama de uma *interpenetração* entre os grupos, que convergem devido aos princípios coletivos do assentamento, e se diferenciam por suas características próprias, tornando-se interdependentes. Ambos convivem harmoniosamente em um mesmo território.

Tudo isso, engendra relações, inclusive, aquelas entre jovens participantes de grupos diferentes, como se pode observar na narrativa a seguir:

Nós duas aqui, nós somos católicas, né? Mas a Aline, ela é da igreja evangélica do Sétimo Dia. Não que crie um atrito entre nós. A gente continua sendo companheiros e companheiras, amigas. Mas a religião dela não é a mesma da minha, mas não que quer dizer que a gente não permita ser o que a gente é hoje. Mas têm restrições com questão das brincadeiras, amizades e tudo, né? Por conta da religião (JOVEM SAYONARA, 20 anos, Vale da Esperança, 04.08.19).

O controle e as escolhas sobre o que fazer, brincadeiras e demais atividades religiosas e de lazer limitam a convivência pública entre jovens de grupos diferentes, mas não há rompimento de laços afetivos, da amizade entre essas jovens:

Mesmo que as religiões sejam diferentes, eles têm aquele hábito de passar de casa em casa, mesmo sabendo que aquela pessoa é de outra religião, mas eles têm aquela, como que eu digo, aquela coisa de ficar passando de casa em casa para chamar para eventos de outras coisas sem ter nenhum... com todo respeito. Mesmo que não vá, mesmo que chame uma ou duas, três vezes e não for, mas ele continua chamando (JOVEM SYOMARA, 19 anos, Vale da Esperança, 04.08.19).

Essa relação amistosa e de respeito entre os grupos juvenis religiosos, reflete-se, inclusive, nas atividades que alguns membros de ambos os grupos realizam em conjunto, pois alguns destes estão inseridos no mesmo grupo de jovens da comunidade, o Sementes do Vale. Dessa forma, é possível inferir que o grupo Sementes do Vale procura adesão do máximo de jovens possível em suas atividades, contemplando as diferenças e procurando uma integração entre as(os) jovens da comunidade como um todo. É possível observar esta questão no trecho do meu diário de campo:

Algo que observei de interessante foi que durante a reunião haviam algumas(uns) participantes do grupo de jovens da igreja Adventista do Sétimo Dia, e no momento de marcar o encontro com a professora, para dar início ao projeto, foi levantada a questão que esta religião segue a doutrina de guardar o sábado. Então, todas(os) as(os) outras(os) jovens presentes, praticantes de outras religiões, procuraram datas e horários que respeitassem a observância da religião das(os) jovens adventistas. Por fim, ficou definido que a jovem Karla iria falar com a professora sobre as datas disponíveis. Esta atitude mais uma vez me demonstrou o respeito e a convivência harmoniosa em comunidade familiar existente no Vale (DIÁRIO DE CAMPO, Timon, 07.09.2019).

O grupo de jovens vinculado à igreja católica é intitulado como JAV (Jovens Arcanjos do Vale), ele é formado tanto por jovens da comunidade, em sua maioria do sexo feminino, quanto por jovens de fora da comunidade, pois, ele foi constituído por influência desses últimos. Esta configuração se dá em razão da própria forma de organização da referida religião, que se organiza hierarquicamente num sistema em que as capelas, como a de São Miguel Arcanjo, que é a da comunidade do Vale, estão subordinadas e são organizadas pelas paróquias, como a de São Sebastião, que é a paróquia de referência da comunidade de São Miguel Arcanjo. As(os)

jovens que não são do Vale e participam do grupo, são pertencentes à paróquia de São Sebastião, e cumprem função de liderança no JAV. Portanto, a participação em um grupo juvenil pode transpor barreiras territoriais, o sentido de pertença ultrapassa esse seguir a mesma filosofia.

A questão da nossa igreja é que também há um ano, veio uns jovens para cá com projeto para fazer um grupo de jovens aqui, né? E aí eles são da igreja católica. Aí, a gente fez o grupo de jovens, e aí ficou que a gente fala daquela coisa de religião, é porque a gente chama todo mundo. A gente já chamou muita gente e aí, fica aquela coisa de não vai porque acha que vai ser só coisa de igreja. Mas já teve gente que foi, e viu, e disse: “Ah, não é aquela coisa de católico mesmo, de ajoelhar-se e ficar rezando e tal”. Era aquela coisa bem divertida, mas também aquela coisa de ver que: “Ah, porque a gente acha que é porque é católica e não...” Mesmo que seja grupo de jovens, não tem mais isso, de querer participar. O último grupo de jovens que a gente tentou montar foi há pouco tempo, mas mesmo assim não foi muito longe. Até onde foi, foi até o tempo das quadrilhas, que a gente ainda conseguiu fazer um arraial aqui no assentamento. Ainda conseguiu levar nossa quadrilha, mesmo pequena, a gente conseguiu levar nossa quadrilha para apresentar-se em outros lugares. E aí foi assim, mas depois disso aí já desmanchou, não foi mais aquela coisa de: “Ah, vamos se reunir! ”. Não teve mais, entendeu? (JOVEM SYOMARA, 19 anos, Vale da Esperança, 04.08.19).

Como se pode inferir nesta narrativa, as reuniões do JAV não acontecem com tanta frequência, e, conforme observei, de fato, há pouca frequência nas reuniões. O grupo se reúne mais em ocasiões de festividades na comunidade, especialmente, nos festejos da capela da comunidade, como descrevo em meu diário de campo:

O grupo de músicos entoava as canções de louvores que embalavam toda a espiritualidade e rezas da missa. O grupo era composto de jovens, rapazes e moças, todas(os) com camisas personalizadas com o nome que o identifica, JAV. Segundo a informação de uma das jovens componentes do grupo, Karla, o grupo também é denominado por elas(es) de coral. Essa era a primeira apresentação oficial diante da comunidade, após a formação do mesmo. Ao final da missa todas(os) se dirigiram à parte externa da igreja para a segunda parte do festejo, onde haviam bandeirolas penduradas e já estava montada uma pequena barraca de palha destinada à venda de lanches, tais como (arrumadinho, creme de galinha, mingau de milho, bolo com refrigerante e abacaxi temperado). A organização e venda dos alimentos nesta barraca estava a cargo do grupo JAV, no intuito de arrecadar fundos para as despesas do grupo. As(os) jovens do grupo eram quem estavam dentro da barraca vendendo os lanches, havia apenas duas mães de jovens contribuindo com as tarefas, mas não muito. Muitas pessoas compravam os lanches, formavam fila para a compra, inclusive eu, pois estava delicioso. Elas(es) conseguiram vender a maior parte dos alimentos. (DIÁRIO DE CAMPO, Timon, 28.09.19).

Na imagem, o grupo de jovens JAV após a missa realizada no último dia dos festejos de São Miguel Arcanjo de 2019, no Vale:



Figura 25 - Grupo de jovens JAV – Setembro, de 2019 –
Fonte: Rayane Santos

Quanto ao grupo de jovens vinculado à igreja Adventista do Sétimo Dia, este também é composto por jovens da comunidade, e por jovens de fora da comunidade, aparentemente composto por uma paritária divisão entre jovens do sexo feminino e jovens do sexo masculino. Não tive a oportunidade de participar de nenhuma atividade do grupo de jovens da Adventista, mas, de acordo com as narrativas de algumas(uns) dessas(es) jovens, observei que, assim como a célula da igreja na comunidade, também o grupo de jovens é apoiado por igrejas maiores que ficam em bairros próximos ao assentamento, como as igrejas do Renascença I e do Dirceu I. Além disso, o grupo de jovens é também apoiado pelo grupo Desbravadores Alfa Celeste, uma espécie de grupo de escoteiros, que é bem comum em igrejas Adventistas:

Assim, a gente no sábado frequenta a igreja, mas tem as nossas horas sociais também que são realizadas no sábado. Tem o JA [Jovens Adventistas] que a gente faz, que é o culto de jovens, onde a gente vai aprender mais um pouco da Bíblia. Aí a gente faz isso (JOVEM ALINE, 21 anos, Vale da Esperança, 04.08.19) [Grifos meus].

Contudo, os grupos juvenis têm sido qualificados como plurais nas diferentes concepções teóricas que os acercam. É possível dizer que seu desenvolvimento, em especial, aqueles grupos menos formais, em ambientes mais populares, têm sido característicos da atualidade e precisam ser reconhecidos e valorizados, como espaços educativos. No Vale há uma ampla gama de agrupamentos juvenis, que contempla a maior parte de jovens da comunidade. Ao passo que essa multiplicidade de formações grupais promovem a distinção entre as(os) jovens da comunidade, é interessante ressaltar que há entre as(os) jovens, componentes desses grupos, diversas finalidades comuns que trazem consenso e até convergência entre os diferentes grupos, tais como os princípios colaborativos de luta, unidade, familiaridade, respeito, e as práticas de lazer e excitação desenvolvidas coletivamente na comunidade. Atualmente, existe uma infinidade de novos contornos de participação juvenil e o desenvolvimento desses grupos aponta para a disposição juvenil em cooperar para construção

de um mundo melhor, com mais respeito à diversidade, indo na contramão dos discursos generalistas de que a(o) jovem é desinteressada(o).

4. FESTA, FESTEJO, FARINHADA, FUTEBOL E FOFOCA: espaços de lazer dos jovens do Vale

A educação do campo do povo agricultor
Precisa de uma enxada, de um lápis e de um trator
Precisa educador para trocar conhecimento
O maior ensinamento é a vida e seu valor.

Dessa história nós somos os sujeitos
Lutamos pela vida pelo que é de direito
As nossas marcas se espalham pelo chão
A nossa escola ela vem do coração.

Se a humanidade produziu tanto saber
O rádio, a ciência e a cartilha do ABC
Mas falta empreender a solidariedade
Soletrar nossa verdade está faltando acontecer.

(Educação do Campo - Gilvan dos Santos)

Essa é a letra de uma canção que algumas(uns) das(os) jovens entrevistadas(os) cantaram para mim no dia de uma das entrevistas, na casa de farinha, quando conversávamos acerca de seus lazeres. As(os) mesmas(os) lembravam as viagens que faziam para participarem em formações do MST que, além dos ensinamentos que recebiam, aqueles eram momentos importantes para diversão, prazer e excitação.

Como já discuti em sessão anterior, na vida das(os) jovens um aspecto importante no processo de formação de identidade é sua inserção em grupos de pares, pois nestes grupos são criadas relações de confiança. O lazer tem uma dimensão de experiência cultural coletiva para as(os) jovens, em que, por meio das relações de troca nesses espaços, são construídas as identidades individuais e coletivas. A partir dessa compreensão, dedico este capítulo a tratar das atividades de lazer e cultura desfrutadas pelas(os) jovens do Vale.

Neste capítulo, apresento uma reflexão acerca dos significados do lazer, para assim tratar sobre as principais características do lazer no Vale da Esperança. Em seguida, discutir o lazer como existência e resistência das(os) jovens rurais, tendo em vista que o lazer mercadoria não é consumido pela maior parte de jovens do Vale, e, no lugar disso, há a valorização dos lazeres produzidos na própria comunidade.

Em seguida, desenvolvo uma reflexão de cultura como dimensão do lazer a partir da concepção de cultura de Canclini (2009), que a pensa de maneira ampla, processual e cambiante. E pensando nessa cultura que se transforma, a partir do que as(os) jovens narraram, discuto os elementos cambiantes na cultura do Vale da Esperança, suas mudanças a partir do curso das mudanças globais. Situo alguns elementos que permanecem com características do rural tradicional, enquanto outros se mesclam com atributos do urbano e do rural, tais como a farinhada, a mística e os festejos. Também discuto como os sujeitos se relacionam com sua cultura e as transformações por ela sofrida.

Por fim, desenvolvo uma breve discussão acerca das sociabilidades entre as(os) jovens do Vale, suas implicações nas relações sociais entre as(os) jovens da comunidade. Especialmente, trato sobre “fofoca”, considerada elemento deteriorador de relacionamentos sociais para a maior parte da sociedade, mas que, na realidade do Vale, contribui para uma melhor socialização entre as(os) jovens da comunidade, quando entendida como elemento integrador nos grupos sociais.

4.1. “Nossa forma de entretenimento era procurar o entretenimento para o acampamento!”

Dialogo com a realidade rural tendo-a como vivida e presente, no território do Vale, que deve ser compreendido como de trabalho, de moradia e também de lazer e descanso, para aquelas(es) que nele vivem. Partindo desse pressuposto, compreendo ser necessário nos debruçarmos sobre as questões das manifestações do lazer de jovens rurais, não como um contraponto ao mundo trabalho, mas como uma manifestação que é integrante da vida do ser humano, e produtora de sentidos, portanto, cultura. Lazer na dimensão circunscrita por Elias e Dunning (1992), pois:

De uma maneira simples ou complexa, a um nível elevado, as atividades de lazer proporcionam, por um breve tempo, a erupção de sentimentos agradáveis fortes que, com frequência, estão ausentes nas suas rotinas habituais da vida. A sua função não é simplesmente, como muitas vezes se pensa, uma libertação de tensões, mas a renovação dessa medida de tensão, que é um ingrediente essencial da saúde mental (p. 137-138).

Entretanto, assim como os estudos juvenis, destacados na sessão anterior, a maior parte dos estudos sobre o lazer no rural, são referenciados nas análises centradas em territórios urbanos. Chega-se a dizer que no rural, não tem lazer! Todavia, é necessário pensar que moradoras(es) de comunidades rurais têm outros interesses nas atividades de lazer, que podem

fugir dos elementos convencionais, criados por padrões colonialistas que apenas tomam o mundo moderno e urbanizado como referência. Afinal, o lazer, como promotor de cultura, tradições e de bem viver, não é apenas direito concedido aos centros urbanos, mas também condição *sine ne qua non* ao rural.

De acordo com Maziero (2019), quando revisitamos a literatura que trata do lazer de populações rurais, é possível observar que o lazer no rural é, em sua maioria, estudado na perspectiva urbana, econômica, do trabalho, ou mesmo da saúde. Assim, afirma o autor:

Ao revisarmos a literatura sobre o lazer para a população rural, percebemos alguns fatos importantes: 1. Os estudos existentes sobre lazer estão focados em sua maioria nos centros urbanos para os operários, idosos e pessoas com deficiências; 2. Os estudos pesquisam sobre as atividades de lazer no rural com o intuito de um segmento econômico, ecoturismo ou turismo rural como uma atividade lucrativa, ou seja, o turismo rural como uma atividade de trabalho para o agricultor, e não um momento de relaxamento ou gozo; e 3. Algumas pesquisas estão focadas para os idosos no rural, geralmente, vinculados aos profissionais da educação física e da saúde na terceira idade (p. 513).

Em consonância com o destacado por Maziero (2019), também observei na literatura que acessei para a construção da pesquisa que originou a presente dissertação, que a maior parte dos trabalhos referentes a lazer de jovens rurais, tratam de lazer no rural sempre em referência ao urbano, na perspectiva da inexistência do lazer no rural. Essa noção de inexistência refere-se ao fato da não identificação, no território rural, de práticas ou espaços de lazer semelhantes àqueles encontrados no território urbano. Trata-se de uma visão colonialista do saber, pois considera apenas uma perspectiva do saber, a moderna/urbana como válida. Foi a partir da intensificação da industrialização e da urbanização, nas cidades europeias, que se concretizaram as formas de ver e viver o lazer, atreladas à lógica colonialista, que limita as práticas de lazer a padrões urbanos. Assim, se torna imperativa a necessidade de buscar novos olhares para diferentes modos de viver e produzir lazer, dos mais diversos povos, especialmente aqueles que são invisibilizados nas construções teóricas dessa área, que comumente são influenciadas pela lógica colonial eurocentrada:

Além disso, também reconhecemos a urgência e importância de trazeremos experiências e resistências latino-americanas para o bojo das discussões no campo do lazer, entendendo que é no chão da aldeia, das ruas e das festas que banham movimentos e os incômodos e, também nascem as lutas e as bonitezas que potencializam nossa caminhada na produção de conhecimentos escritos (MAURÍCIO e EUGÊNIO, 2021).

Conforme Gomes e Elizalde (2014) sobre o Lazer na América Latina, é fundamental “construir concepções próprias, contextualizadas, problematizadoras, críticas, criativas e alternativas sobre o tema” (p.126). Acerca dessa questão, os autores afirmam que as concepções sobre o lazer podem perpetuar as relações colonialistas, quando partem de produções de

conhecimento euro/norte americanizadas; mas tem total potencial para promover novas perspectivas de análise, assim como elaborar outros espaço-tempos contra-hegemônicos, quando são focadas em outros modos de vida, produzindo uma rica ampliação de leituras e construções decolonizadas. Essa atitude traz à centralidade expressões e práticas de lazer que historicamente estiveram à margem dos debates acadêmicos:

Portanto, pensar em outros caminhos a partir de uma compreensão contra-hegemônica é buscar olhares para o campo do lazer a partir de experiências étnicas/raciais nas quais os sujeitos estão inseridos em outras temporalidades e territorialidades – seja na festa, na aldeia ou na rua – o que nos convida a um cotidiano de resistências que, nos desafia na construção de nossas pesquisas no âmbito político e social, vislumbrando como perspectiva de caminho a aproximação com os estudos decoloniais, que nos apresentam um desafio epistemológico de construir com o outro e não sobre o outro (MAURÍCIO e EUGÊNIO 2021).

Não obstante, para melhor compreensão das principais práticas de lazer de jovens do Vale, considero interessante desenvolver algumas reflexões para compreensão do lazer como um conceito analítico. A preocupação é discutir, analisar e compreender a articulação entre lazer e tempo livre, tendo como suporte a realidade contemporânea, em que o trabalho é reconhecido como atividade central de inserção social. Existe, porém, uma grande dificuldade na diferenciação desses conceitos, o que torna essa discussão muito complexa. Por muito tempo, esses conceitos foram confundidos, sobretudo, por serem pouco estudados no âmbito acadêmico.

No contexto das cidades europeias, em razão das excessivas horas de trabalho, as pessoas, especialmente, aquelas inseridas no mercado de trabalho formal, passaram a exigir um período fora das obrigações cotidianas, tornando o tempo livre essencial, e elemento indispensável para o desenvolvimento do lazer. Esse tempo considerado totalmente livre, de modo criativo e de acordo com as escolhas dos indivíduos. Embora seja atribuído ao lazer o caráter libertador, realizado em um tempo livre, resultado de uma livre escolha, há de considerar-se que as escolhas de lazer não são de todo livres, pois quase inevitavelmente, estão condicionadas por fatores socioeconômicos, políticos e culturais.

Elias e Dunning (1992) desenvolvem importante discussão acerca do lazer e afirmam ser fundamental a distinção entre tempo livre e lazer, bem como a compreensão de sua relação. Para tanto, esses autores propõem uma classificação preliminar do tempo livre em cinco esferas diferentes: Trabalho privado e administração familiar; repouso; provimento das necessidades biológicas; sociabilidade e categoria das atividades miméticas ou jogo.

Essa prévia tipologia de divisão do tempo de Elias e Dunning (1992) apresenta as mais comuns atividades cotidianas do ser humano e torna evidente que não se pode conferir ao tempo

livre um significado único, como por exemplo, a clássica identificação de tempo livre como sinônimo de lazer. Por esta razão, a polarização tempo livre/lazer versus trabalho é inadequada, pois nem todo tempo livre é despendido com o lazer. Desta forma, o lazer se apresenta como uma das dimensões do tempo livre, porém não a única atividade possível de ser realizada. De acordo com Almeida e Gutierrez (2005), entende-se por tempo livre o tempo vivido fora das obrigações cotidianas, compreendendo não apenas as obrigações profissionais, mas também as familiares, religiosas e sociais; nele o ser humano se permite a sensações inúmeras e diversificadas, não permitidas no mundo das obrigações. Para Marcellino (1996), o lazer é uma atividade relaxante, sociabilizante, sem fins de lucro e liberatória, devendo ser associada a duas variáveis: atitude e tempo.

Essas referências possibilitam uma importante compreensão sobre lazer, pois ressalta sua importância para a vida em nossas sociedades. Porém, é preciso problematizar essa compreensão a partir das realidades que as inspira, nos mais diversos territórios, seguindo na contramão do processo unificador das práticas de lazer, promovido pela globalização. Desse modo, considero extremamente relevante ampliar a compreensão de outras formas de viver e experimentar o lazer, evidenciando outras perspectivas alternativas de mundo e de lazer, que estabelecem relações diferentes com as práticas culturais que permeiam o cotidiano de pessoas, grupos e comunidades.

Quanto à questão do lazer não ter um fim lucrativo, não significa dizer que no lazer não haja dimensão econômica. Nesse sentido, as(os) jovens do Vale, em seu lazer, também desenvolvem atividades com propósitos de ganhos financeiros, tanto para manutenção de suas atividades religiosas, quanto aquelas relacionadas ao lazer do grupo Sementes do Vale. Em todas as comemorações dos festejos da comunidade, o grupo de jovens vinculado à igreja católica organiza a venda de lanches para a manutenção das atividades do grupo. Os festejos são caracterizados como espaço de lazer para jovens da comunidade, mas também para aquelas(es) que os frequentam com objetivo de diversão. Outro momento em que há dimensão econômica realizada pelas(os) jovens no momento do lazer, é na festa em comemoração ao aniversário da comunidade, quando as(os) jovens se utilizam da venda de bebidas para arrecadar recursos para a manutenção das atividades do grupo de jovens Sementes do Vale. Em uma visita à comunidade registrei um diálogo com uma moradora sobre esse assunto:

Dn. Lulu me informou que a renda arrecadada pelo bar, com a venda de bebidas (cervejas e refrigerantes) seria integralmente destinada à Associação de Moradores. O grupo de jovens da comunidade ficou responsável pela venda de coquetéis alcoólicos e que a renda, se houver uma boa arrecadação, seria rateada, 90% para o grupo de jovens e 10% para a Associação de Moradores. Ao tempo que vendiam as bebidas, também brincavam, dançavam, sorriam e divertiam, demonstrando que a atividade,

não lhes parecia trabalhosa, mas sim prazerosa (DIÁRIO DE CAMPO, Timon, 28.09.19).

A venda de bebidas na festa envolvia muitas(os) jovens, as tarefas eram divididas e todas(os) compartilhavam da responsabilidade de cuidar do “negócio”. Mas aquele também é um espaço de trocas de afetos, de sociabilidade. Para Elias e Dunning (1992), o lazer é uma dimensão de interação e sociabilidade. Portanto, um processo de construção de laços sociais e interdependência, que se distingue em muito das obrigações sociais do dia a dia, como as escolares, as de trabalho, as familiares e as religiosas, espaços em que todas(os) são submetidos à repressão e controle. Essa permissividade torna o indivíduo protagonista nos momentos de lazer. No entanto, a realidade revela que, em alguns contextos juvenis, a organização do lazer pode aparecer como uma obrigação social a ser cumprida em um grupo social determinado e ao mesmo tempo como uma prática de lazer, deste modo, o indivíduo também se torna protagonista da produção do lazer.

Na realidade de jovens do Vale, a promoção do lazer figura como uma das obrigações do grupo de jovens da comunidade, pois ele é responsável pela organização de alguns dos principais eventos culturais da comunidade, assim como atividades e práticas de lazer para as(os) jovens em geral do assentamento. E o grupo se diverte muito nesses momentos, como pude verificar nas observações das organizações das festas que presenciei e como se pode identificar nessa narrativa, de um dos ex-líderes do grupo:

Mas assim, o que a gente queria era estar junto. A gente planejava, planejava, no final queria estar junto. Outra coisa que a gente fazia muito era organizar as festas culturais do assentamento. A gente sempre, quando falava em festa no assentamento. Ah, não, a festa é dos jovens, festa é só os jovens. No caso, a nossa forma de entretenimento, era procurar o entretenimento para o acampamento. E aí, a gente sempre trouxe isso para a gente. Depois era quase como regra. Quando eu fui coordenador a primeira vez, eu disse: ‘Não! Tem que fazer a serenata das mães, né? Que é tradicional aqui. Eu não posso deixar perder. Se eu deixar perder, para mim, eu vou ficar mal visto no assentamento. Tem que fazer a quadrilha.’ E aí a forma da gente entreter-se era organizar essas festas, né? (JOVEM ULISSES, 26 anos, Vale da Esperança, 04.08.19).

Elias e Dunning (1992) reafirmam também que o lazer não é uma dimensão em que as relações são sistemáticas e pré-estabelecidas como no campo do trabalho, pois nesse espaço o indivíduo passa por sensações que vão a seus extremos, do amar ao odiar. Portanto, uma característica marcante do lazer é o não controle. Segundo Elias e Dunning (1992), o lazer é uma dimensão de busca por um descontrole desmedido, ou seja, “descontroles” que, em certa medida, são permitidos pelo social. É um espaço da busca pela excitação, numa maneira de procurar aliviar as repressões sociais. Por esta razão, lazer tem uma função desestressante que, para os autores, funciona como uma válvula de escape de uma vida repleta de dominações.

Ainda de acordo com estes autores, as atividades de lazer ocorrem no limiar do descontrole total e têm uma ligação íntima com outras esferas sociais como a cultura, os grupos de amigas(os) e as possibilidades sociais.

Na realidade do Vale, as(os) jovens lidam com o controle exercido pelas(os) adultas(os) em relação às suas práticas de lazer. Porém, esse controle é questionado, sob a argumentação diante do fato de elas(es) terem o direito de desfrutarem do lazer, já que a elas(es) é conferido o dever de organizá-lo. Outro argumento utilizado pelas(os) jovens, refere-se à própria condição de ser jovem, conforme expresso no trecho da narrativa a seguir:

Porque a gente queria fazer uma festa, a gente queria estender até aonde a gente aguentasse, né? Aí, o pessoal: ‘Não! Tem que desligar o som 2h!’ Queria limitar, e para a gente era muito difícil. Porque já era difícil organizar uma festa, trazer os jovens, aí, a gente ainda seria podada, limitado. Jovem não gosta disso, nenhum jovem gosta disso, [risos]. Claro que às vezes a gente tem, né? Tinha que usar o bom senso que.... Baixar o som. A gente também sempre foi muito consciente sobre isso (JOVEM ULISSES, 26 anos, Vale da Esperança, 04.08.19) [Grifos meus].

Em suma, os indivíduos realizam suas atividades de lazer também como alívio das pulsões, e a busca da excitação é uma necessidade social, conforme destacam Elias e Dunning (1992). Esta e outras razões tornam o lazer uma esfera da sociabilidade humana tão importante quanto as demais. De acordo com Brenner, Carrano e Dayrell (2004):

(...) é preciso considerar o lazer como tempo sociológico no qual a liberdade de escolha é o elemento preponderante e que se constitui, na fase da juventude, como campo potencial de construção de identidades, descoberta de potencialidades humanas e exercício de inserção efetiva nas relações sociais. Assim considerando, o lazer pode ser espaço de aprendizagem das relações sociais em contexto de liberdade de experimentação (p.178).

Entendo que são inúmeras as formas de desfrutar do tempo livre, assim como também são diversificadas as práticas de lazer. Essa diversidade provém do caráter liberatório do lazer e do tempo livre, pois cada indivíduo opta, dentro das condições sociais possíveis, sobre a atividade de lazer que pretende realizar. Contudo, considero que as práticas de lazer são construídas no âmbito das relações sociais, e são delineadas pela história pessoal, pela trajetória social e pelo modo de inserção social do sujeito.

O lazer, definido apenas a partir da categoria tempo pode promover invisibilidades de importantes experiências sociais que fogem das lógicas temporais moderno/coloniais; experiências fundadas e conectadas à dimensão do cotidiano, da existência, da luta, da celebração, da devoção (MAURÍCIO e EUGÊNIO 2021). Por essa razão, é fundamental destacar que as práticas de lazer das(os) jovens rurais e seus modos de ocupar o tempo livre têm suas características próprias, não necessariamente iguais àquelas experimentadas pelas(os) jovens que vivem no urbano. No rural, existem outras temporalidades possíveis, que em muitos

casos, se difere do padrão urbano/colonial. No entanto, isso não significa dizer que também não guardam semelhanças, dadas todas as trocas existentes entre esses territórios. No Vale, as práticas de lazer das(os) jovens têm características marcadas por traços tanto do urbano quanto do rural. Porém, algo interessante a destacar é o fato de o lazer funcionar como mola propulsora para a organização da juventude enquanto grupo social. As narrativas e a observação demonstram que a organização da juventude se estrutura em torno das festividades, atividades culturais e de lazer do assentamento. É na organização das festas, festejos, jogos esportivos e outras atividades relacionadas às comemorações culturais ou de lazer, que a “galera do Vale se junta”, porém, não todas(os). Apenas um grupo se junta para organizar e no momento do evento a maioria participa. Mas a juventude do Vale também já se organizou para outros projetos, como horta medicinal e banco de sementes crioulas, mas pouquíssimos se envolveram e os projetos não seguiram em frente.

São várias as atividades de lazer em que as(os) jovens do Vale se envolvem para criar espaços do prazer, da excitação, do não controle. Porém, no Vale, como na maioria das comunidades rurais, as atividades de produção são consideradas prioritárias, deixando, de certo modo, em segundo plano, o usufruto do lazer. Talvez essa seja uma das razões pelas quais, seja possível encontrar, em alguns casos, que o espaço dedicado à vida cotidiana e ao trabalho são os mesmos. Não há uma separação espacial ou temporal entre labuta/produção e o tempo livre, e menos ainda o lazer. Existe a dificuldade da separação entre o tempo livre e o trabalho, dada a dinâmica livre de controle de produtividade. Esta característica contribui para que o trabalho no território rural aparente ter o caráter de trabalho em tempo integral, sem tempo livre, descanso ou convívio social, corroborando com a visão do trabalho penoso atribuída ao campo, que cada vez mais afasta às(aos) jovens de suas comunidades. No entanto, é necessário ressaltar que, tradicionalmente, o trabalho no campo e o lazer, na vida de crianças e jovens, confundem-se também sob o aspecto da transmissão de saberes entre gerações, pois são nesses momentos, em que a(o) jovem vai ao campo com os pais, para “brincar”, que ela(e) toma conhecimento das técnicas e conhecimentos tradicionais e culturais de cultivo daquela terra e daquele território.

Assim, o debate sobre a permanência da(o) jovem rural no campo, deve levar em consideração as práticas de lazer e ocupação do tempo livre em geral, como de suma importância a serem discutidas e valorizadas. A valorização dessas práticas de lazer, além da preservação dos espaços de lazer, precisa ser considerado como uma necessária estratégia de fortalecimento e permanência das(os) jovens nessas comunidades rurais, pois nesses espaços os indivíduos constituem importantes laços sociais, além de experimentarem sensações únicas.

Desse modo, o lazer deve ser pensado como uma dimensão importante da existência da juventude, como significativo para sua reprodução social. Maziero (2019), nos chama a atenção para a importância do lazer, não apenas para as(os) jovens rurais, mas para toda a população que vive nesse território multifuncional, e destaca:

Embora a redução e/ou deslocamento das famílias rurais seja visível, percebemos que seus índices prevalecem sobre a população urbana, demonstrando ainda mais a necessidade de incentivos voltados à permanência desses moradores no meio rural e o aprimoramento das alternativas de lazer. Dessa forma, na reconstrução do rural, o lazer é classificado por Martignoni (2013) como o elemento primordial, pelo fato de perpassar variadas dimensões de caráter multifuncional na agricultura: reprodução socioeconômica das famílias, preservação dos recursos naturais e do cenário rural, promoção da segurança alimentar e manutenção do tecido social e cultural. Esse fenômeno tem sido apontado como imprescindível na percepção da nova realidade do espaço rural, configurado a partir desse momento não como um lugar de produção agrícola, mas sim para viver dignamente, ou seja, onde a vida acontece. Com isso, se dá início às novas possibilidades de organização da produtividade e valorização espacial e cultural, em que a busca pelo reconhecimento da natureza renova o olhar de pertencimento desse meio, categorizado como área de lazer e ambiente para habitar (p. 514).

Em relação ao Vale, identifiquei que algumas(uns) das(os) jovens que vivem o trânsito campo/cidade, são atraídas(os) à comunidade por meio das atividades de lazer, de modo que os momentos de lazer contribuem para o fortalecimento de seus vínculos com a comunidade. Mesmo passando a semana na cidade, as(os) jovens mantêm um grupo de Whatsapp (do qual faço parte), em que compartilham informações do grupo de jovens, e também, promovem a organização dos eventos de lazer. Observei, que algumas(uns) jovens se esforçam para conciliar suas atividades na cidade com as atividades de lazer na comunidade, no intuito de valorizar as práticas de lazer do seu território, pois elas lhes são caras e promovem prazer e excitação.

Ainda nesse sentido, muitos aspectos do lazer no rural podem ser interpretados sob a perspectiva decolonial, de resistência a práticas de lazer, distante da lógica centrada nos modelos urbanos de lazer, comumente vinculados à lógica de mercado. Estas(es) jovens valorizam seu lugar, a sua cultura, e seu modo de buscar a excitação. Elas(es) cultivam práticas tradicionais que são mais comuns ao rural, e lhes conferem o caráter de práticas de lazer, como a farinhada, os festejos, as brincadeiras da semana santa. É comum que se busque no lazer das juventudes rurais características que a enquadrem no lazer mercadoria, que é consumido por muitas(os) jovens urbanas(os) e que foi estrategicamente idealizado em favor do modelo colonialista de mundo. Deste modo, o que foge deste padrão é colocado no lugar do não lazer.

É interessante o modo como as(os) jovens do assentamento constroem seus lazeres, não apenas alicerçado no consumo, mas em práticas coletivas, que têm por fundamento os princípios tradicionais e organizativos da comunidade. Desse modo, podemos caracterizar o

lazer da juventude do Vale como um lazer não mercadoria, dada a dimensão de criarem e recriarem dos mesmos. Obviamente, o lazer, como forma de *lazer mercadoria*, é característico de zona urbana, sobretudo, de cidades em que não há investimento público em atividades de lazer. Em Teresina, por exemplo, são escassos os espaços e equipamentos de lazer público gratuito, por isso predomina o *lazer mercadoria*, conforme analisou Oliveira (2014).

No Vale, boa parte do lazer é vivido ainda fora da lógica urbana do mercado capitalista, onde predomina a venda de serviço. Lá as(os) jovens têm a possibilidade de ter acesso a quase todas as atividades que acontecem na comunidade, a maioria protagonizada por elas(es) mesmas(os). No entanto, isso não quer dizer que o lazer da juventude do Vale é totalmente isento de influências, ou características do lazer urbano, pois elas são inevitáveis, dadas as relações de trocas entre esses territórios.

Outro aspecto importante presente no lazer de jovens do Vale, é a dimensão política e cultural; o prazer e a excitação típicos do lazer, se expressam por exemplo na realização da mística (que será melhor explicada no próximo item) e na participação de encontros de formação política, conforme apresentado nas narrativas a seguir: “O encontro estadual do MST é um momento em que a gente se encontra, não só a juventude, mas todas as lideranças de forma geral. Mas aí tem todo um espaço cultural também, tem a noite cultural” (JOVEM ALANA, 25 anos, Vale da Esperança, 04.08.19). E mais: “Fazia lista de espera. Gente! Quando dizia, tem encontro, chega me dava aquela dor de barriga, aquela coisa, aquela euforia...” (JOVEM ANA CLEIDE, 32 anos, Vale da Esperança, 04.08.19).

Nas narrativas de jovens do Vale, são caracterizadas como únicas atividades de lazer os jogos de futebol e de vôlei. Porém, à medida em que observei mais de perto as atividades desenvolvidas por elas(es), outros elementos foram revelando-se, como práticas de lazer dessas(es) jovens, em razão da dimensão característica da busca da excitação. São exemplares as festas nos bares, as festas culturais no assentamento, os festejos, as farinhadas, as viagens para formações (organizadas pelo MST), vivências em acampamentos no meio da mata, as atividades religiosas, as rodas de conversas entre amigas(os). Identifiquei todos esses como espaços/tempo de lazer para viver a excitação na comunidade. Mas, dentre todas essas, as práticas de lazer que mais se destacam, narradas pelas(os) jovens, e que também foram por mim observadas, são, de fato, as de caráter esportivo; o jogo de futebol e de vôlei:

É como a Ana falou aí, que a questão hoje mesmo está mais voltada é para o vôlei e a questão do futebol. Mas não é nem aquela coisa assim, é único, bem dizer lazer que a juventude hoje em dia tem aqui, tem alguns jovens que ainda procura algum lazer fora, que é o que, um campeonato fora, torneio. Geralmente, acontece isso, mas são uns 3 ou 4, são poucos (JOVEM JANILSON, 23 anos, Vale da Esperança, 04.08.19).

Ambas as atividades acontecem diariamente, como elas(es) dizem, “faça chuva ou faça sol”, em um campo dividido para ambas atividades, conforme descrito anteriormente: “Mas o vôlei é todo dia de tarde. Não tem como errar, a bola pode estar seca, pode estar cheia demais, todos os dias. Segunda, terça, quarta, quinta... Porque as mulheres que têm filhos, que têm mãe, que elas jogam aqui também” (JOVEM SAYONARA, 20 anos, Vale da Esperança, 04.08.19). De um lado do campo ocorre o jogo de vôlei, que é, predominantemente, uma atividade voltada para as pessoas do sexo feminino, mas que, ainda assim, há algumas pessoas do sexo masculino participando; do outro lado, ocorre o jogo de futebol, frequentado, predominantemente, por pessoas do sexo masculino. Nas narrativas e nas observações realizadas, é possível inferir questões de gênero envolvendo estas práticas de lazer entre pessoas do sexo feminino e masculino, em que as do sexo masculino tentam sobrepor suas preferências de lazer às demais. Além disso, ainda tentam interferir nas práticas de lazer organizadas pelas pessoas do sexo feminino como uma demonstração de força e no intuito de as invisibilizar como sujeitas, conforme destaque nas narrativas a seguir:

Que aí, eles têm os meninos; e aí fica com pareia, porque não cabe todo mundo no campo [no futebol]. Aí, os que ficam na pareia querem, porque querem, as pobres ficam aqui jogando. Eles querem porque querem tirar as meninas para jogar aqui [no vôlei]. Ao invés de estarem jogando lá, querem estar jogando aqui [no vôlei]. Depois que saem daqui querem jogar lá, aí ficam aquele negócio: ‘Ah, é minha vez, minha pareia, minha pareia...’ [Risos] (JOVEM SAYONARA, 20 anos, Vale da Esperança, 04.08.19) [Grifos meus].

E acrescenta a jovem, explicitando mais informações que possibilitam entender como ocorre a organização pela utilização do espaço:

Porque o campo de lá era para ter ficado para as meninas. Exclusivamente para as meninas. E aqui para os meninos [o Carlitão]. Aí, quando recebeu aqui, os meninos começaram a jogar aqui, jogou, jogou, jogou até que o mato tomou de conta. Aí não: ‘Pois, vamos lá para o campo das meninas, [risos] que já está tudo limpo e tal.’ E foram indo, foram indo metendo-se.... Até que tomaram de conta. Aí, ficou no campo das meninas! Ficaram, ficaram, ficaram, ficaram.... Aí, as meninas sem lazer, sem lazer.... E aí não! Pois agora a gente vai limpar lá, onde era o campo dos meninos. Vieram aqui, limparam, fizeram a coisinha de vôlei. Pois os meninos não acharam pouco, aí vieram: ‘Vamos limpar lá também, e vamos ficar é lá do lado delas.’ Aí, ficaram aí, limparam e tão aí [Risos] (JOVEM SYOMARA, 19 anos, Vale da Esperança, 04.08.19) [Grifos meus].

Acerca da “pareia” registrei no Diário de Campo o seguinte:

Tanto o futebol quanto o vôlei funcionavam com o revezamento de jogadores, que é o que elas(es) chamam de “pareia”, para que todas(os) possam participar. Observei que no jogo de futebol só os meninos jogam e algumas meninas ficam observando. Aparentemente meninas com interesse amoroso nos meninos. Já no jogo de vôlei das meninas, alguns meninos jogam, na verdade torna-se um jogo misto. Durante o jogo de vôlei observei que os meninos centralizam o jogo muito entre eles, e às vezes pouco deixam as meninas pegarem na bola e terem melhores chances de jogada. Por esse motivo elas ficam reclamando para terem mais oportunidades no jogo. Mais uma vez,

no momento do lazer, vemos as relações desiguais de gênero se manifestarem, e a superioridade machista em relação aos esportes falar mais alto em uma atividade que, neste caso, foi inicialmente, organizada e destinada especificamente ao lazer das meninas (DIÁRIO DE CAMPO, Timon, 22.02.20).

Na imagem abaixo é possível observar a configuração de ambos os campos, e os jogos de vôlei e futebol acontecendo simultaneamente durante a festa de Carnaval que aconteceu na comunidade, “CarnaVale”, promovida pelo grupo de jovens Sementes do Vale. À frente o jogo de vôlei e ao fundo o jogo de futebol:



Figura 26 - Jogos de vôlei e futebol – Fevereiro, 2020 – Fonte: Rayane Santos

Identifiquei dimensão de lazer de jovens do Vale também durante a realização de atividades religiosas. São exemplares os festejos da igreja Católica, que movimentam toda a comunidade, sobre os quais será discutido no item seguinte. Da mesma forma, outro importante grupo de jovens, as(os) evangélicas(os), especificamente jovens frequentadores da Igreja Adventista do Sétimo Dia, realizam diversas atividades para ocuparem seus tempos livres, organizadas por elas(es) mesmas(os), que podem ser caracterizadas como lazer, por possibilitarem prazer e excitação. Este grupo é menor e, geralmente, não partilha das mesmas práticas de lazer partilhadas pelas(os) demais jovens. Essas(es) jovens, desenvolvem suas próprias práticas de lazer, seja no Templo localizado na comunidade, ou participando de encontros com congregações, da mesma denominação, em outras comunidades rurais vizinhas. Também participam de grandes encontros, envolvendo um número maior de jovens, em congregações maiores, da mesma denominação, mas que ficam localizadas na cidade. É possível identificar na narrativa a seguir uma breve descrição da rotina de atividades destas(es) jovens, bem como o respeito que há entre as(os) jovens quanto à escolha religiosa:

Assim, a gente no sábado, frequenta a igreja, mas tem as nossas horas sociais também, que são realizadas no sábado. Tem o JA (jovens adventistas) que a gente faz, que é o culto de jovens, onde a gente vai aprender mais um pouco da bíblia. Aí, a gente faz isso. Mas assim, em relação a conflito, coisa, não existe. Quando a igreja dela tem algum evento que a gente pode.... Convida todo mundo! Eu vou quando posso. A minha também quando tem, né? Evangelismo, a gente convida elas, elas vêm. Sei que não tem isso, né? (JOVEM ALINE, 21 anos, Vale da Esperança, 04.08.19).

Uma também significativa prática de lazer de jovens do Vale são as festas, com características interessantes e diferenciadas. Dentre as festas identificadas, é possível classificar festas “populares”, públicas e festas “pessoais ou familiares”, particulares. As festas populares são comuns a todas(os) as(os) comunitárias(os); geralmente são realizadas em datas comemorativas, quando outras comunidades são convidadas; a atração sempre fica sob a responsabilidade de uma ou duas bandas da comunidade, cujo cachê ocorre mediante o pagamento de um valor bem abaixo da média. As festas são sempre realizadas no Barracão (espaço coletivo da comunidade), onde a entrada é livre (sem a cobrança de ingressos), e são organizadas pelo grupo de jovens com apoio da Associação de Moradores. Nessas festas, a arrecadação com a venda de bebidas tem um percentual destinado à Associação de Moradores e outro ao grupo de jovens. Há, ainda, a venda de comidas em barracas no entorno do Barracão, realizada pelas(os) moradoras(es) que se inscrevem previamente, cujo o lucro também tem percentuais divididos entre famílias e associação, conforme registrado no trecho diário:

Segundo Dn. Lulu, a venda na barraca de comidas ficou aberta às famílias que tivessem interesse em vender algum alimento; as famílias que se interessaram na venda de comidas procuraram previamente a direção da associação, inscreveram-se e ficou acordado que, havendo uma boa arrecadação, a renda seria rateada tal qual fora acordado com o grupo de jovens, 90% para as famílias que vendiam as comidas e 10% para a associação (DIÁRIO DE CAMPO, Timon, 28.09.19).

As festas são alusivas a alguma data comemorativa, como carnaval, festa junina, aniversário da comunidade, ou algum evento organizado com objetivo específico, como o festival do sorvete, que ocorre todos os anos no mês anterior aos festejos, cuja finalidade é arrecadar fundos para ajudar financeiramente na organização do próprio festejo. Como exemplo as imagens das festas a seguir:



Figura 27 - Festa em comemoração ao Aniversário do Vale – Setembro, 2019 – Fonte: Rayane Santos



Figura 28 - Festival do Sorvete no Vale – Agosto, 2019 – Fonte: Rayane Santos

Quanto às festas particulares, elas são fechadas, realizadas em bares, localizados em casa de moradoras(es), os quais são proprietárias(os) dos mesmos. O acesso a essas festas, ocorre mediante pagamento de ingressos. Quanto à venda de bebidas e comidas, ocorre no

interior do estabelecimento, ficando o controle sob a responsabilidade do proprietário da casa. Existe ainda na porta da festa a presença de seguranças. Geralmente, a atração são duas bandas, primeiro uma da comunidade e depois uma de fora. A seguir uma imagem de uma festa no Bar do Golão, que mostra muita alegria, pessoas dançando ao som da banda:



Figura 29 - Festa no Bar do Golão – Setembro, 2019 – Fonte: Rayane Santos

Há em comum entre ambas as festas a animação; as pessoas se cumprimentam, confraternizam e brincam muito. As festas contam com a presença de jovens, adultas(os), idosas(os) e crianças; quanto aos trajés, geralmente meninas vestidas com shorts ou saias, blusinhas e chinelos ou rasteirinhas, rapazes de short, camiseta, chinelo, alguns de tênis e alguns de boné; há muita dança, danças individuais, danças em casais, trocas de casais nas danças, sempre com bastante respeito e muita naturalidade, reforçando a ideia de familiaridade, além de dança entre pessoas do mesmo sexo, mulheres com mulheres e homens com homens. Os estilos de música predominantes são a *pisadinha*²⁶ e o *piseiro*²⁷, por vezes são tocados alguns

²⁶ A **pisadinha**, também conhecida pela sua derivação, o piseiro, é uma vertente do forró. A vertente foi criada no interior do Nordeste brasileiro nos anos 2000, entre populações de distritos pequenos, com situações mais precárias, que se animavam pegando um simples teclado eletrônico e começando a tocar. A pisadinha ficou, assim, caracterizada pela simplicidade da união do teclado eletrônico com a voz, criando um tipo de forró mais suingado, tocado nos paredões (grandes estruturas de som). A forma mais tradicional de pisadinha é conseguida apenas com teclado e voz. Fonte: Wikipedia.

²⁷ O **piseiro** tem traços da pisadinha, apresentando uma coreografia marcada por passos arrastados e mãos posicionadas junto ao corpo. Esta derivação do forró tradicional tem batida mais rápidas, propondo uma dança solo. O nome "piseiro" deriva da designação do sítio onde se dança a pisadinha. Fonte: Wikipedia.

*forrós estilizados*²⁸, *swingueiras*²⁹ e *sertanejos universitários*³⁰; sempre há a presença de pessoas de outras comunidades; no geral, não há excesso de uso de bebida alcoólica; há pessoas fumando, mas não identifiquei o uso de drogas ilícitas nas festas, e me foi narrado por jovens que de fato não há. No entanto, de acordo com narrativas de jovens e de adultas(os) da comunidade, os bares não são considerados lugares necessários na comunidade, apesar de muitas(os) jovens e adultas(os) frequentarem as festas que ocorrem nos mesmos. Essa insatisfação com a existência de bares na comunidade pode ser observada nas narrativas a seguir:

Aquí antigamente, né? Ainda era para ser assim, não era para ter bar. Porque a gente defendia mesmo, era que não poderia ter bar aqui no meio, pelo menos no meio do assentamento, né? Hoje em dia já fizeram mesmo e a gente não teve mais como recorrer para impedir. Aí, hoje a gente já tem três bares aqui no assentamento [sorriso de constrangimento]. Mas antigamente não podia, né? Não era para ter. Até mesmo porque a gente presava por essa questão de silêncio, de calma, de conforto, né? Aquela coisa que a gente não queria. A gente queria prezar pelo interior mesmo, o interior mesmo de raiz, sem ter aquela coisa de barulho, de não ter sossego e muito movimento. Mas aí hoje em dia não é mais assim, hoje em dia já temos três bares. A gente já tem festa, essas coisas. Mas aí, a gente não pode mais fazer mais nada e impedir. Já tem três (JOVEM SYOMARA, 19 anos, Vale da Esperança, 04.08.19) [Grifos meus].

Essa preocupação em “prezar pelo interior mesmo” pode ser compreendida como a preocupação que boa parte da comunidade tem, inclusive muitas(os) jovens, em relação ao uso frequente e abusivo de bebida alcoólica. Elas(es) narraram que sempre enfrentaram a dificuldade de manter a regularidade na união entre as(os) jovens, pois sempre enfrentaram alguns problemas, um deles é a bebida alcoólica. Segundo as(os) mesmas(os), algumas(uns) jovens do Vale canalizam para a bebida a única alternativa de divertimento. E mais de uma vez

²⁸ O **forró estilizado** ou forró eletrônico, é um subgênero do forró originado no início da década de 1990, que procura mesclar elementos tradicionais do forró com outros gêneros musicais, adotando fortes influências da pop, do rock, do sertanejo, do axé *music* e da lambada, mas não discernindo a base original do ritmo. A zabumba, instrumento básico do forró tradicional, perdeu espaço nessa nova vertente, enquanto o sax adquiriu, em especial nos primeiros anos, papel de destaque. Na verdade, o forró eletrônico teve sua origem em meados da década de 1980, agregando elementos da lambada e do axé *music*. Não existe, contudo, uma definição acadêmica sobre em que consiste e quais as distinções entre o forró eletrônico e o tradicional. Fonte: Wikipedia.

²⁹ **Swingueira** é o mesmo pagode baiano, por vezes também chamado pagodão ou quebradeira. É uma variante do pagode criada em Salvador, capital do estado da Bahia. Por ser um gênero de origem baiana, é erroneamente confundido com o axé *music*. O pagode baiano atual se caracteriza por letras de duplo sentido com refrãos simples e a swingueira típica da Bahia marcada pela percussão, sendo mais popular em áreas periféricas de Salvador. O gênero é muito criticado por questões morais. Muitos evidenciam suas letras como sendo machistas e pornográficas, além de fazer apologia à violência e às drogas. Fonte: Wikipedia.

³⁰ O **sertanejo universitário** é um estilo musical brasileiro, vertente da música sertaneja. Suas origens encontram-se na capital do estado de Mato Grosso do Sul, Campo Grande, com a dupla João Bosco & Vinícius, que passaram a cantar suas canções num compasso mais rápido e com uma maior valorização dos sons acústico. Neste estilo predominam canções consideradas mais simples, e por conta dos cantores do gênero serem em sua maioria jovens é considerado "universitário". Em vez dos tradicionais acordeões e violões, sintetizadores e guitarras elétricas começaram a ser usadas com mais frequência nesse estilo de música. Esta variação se diferencia do sertanejo por ter mais elementos do pop, e linguagem informal. Fonte: Wikipedia.

ouvi das(os) jovens que a existência dos bares no assentamento é um problema, e que houve resistência por parte de algumas(uns) para que não houvessem bares na comunidade. Para elas(es) é como se houvesse uma “concorrência” com os bares, pois algumas(uns) jovens associam o divertimento apenas ao uso de bebidas alcoólicas, e, por isso, deixam de participar do grupo de jovens da comunidade, não se sentem motivados. Em última análise, para as(os) jovens do Vale, a situação da mercantilização do lazer, em que o bar se torna o lugar por excelência de encontro e de venda de bebida, apresenta-se como um dos entraves para o fortalecimento do grupo de jovens, Sementes do Vale, enquanto coletivo que agrega a maior parte dos jovens e desempenha importantes funções sociais na comunidade.

Além disso, o desejo de que não haja bares na comunidade, está relacionado, dentre várias outras razões, à preservação de suas culturas, suas práticas de lazer, seus modos de vida, suas tradições. Uma forma de resistência decolonial à importação de práticas de lazer que não lhes são próprias e que de algum modo deformam e descaracterizam seus modos de vida. Na comunidade as principais práticas de lazer não seguem a lógica do lazer mercadoria, o que foge do óbvio no lazer da lógica moderna, pois além disso “as atividades de lazer transcendem, e muito, o espaço de intervenção do poder público e podem manifestar-se além do mercado e de seus fluxos financeiros” (GUTIERREZ 2001, p.109). Contudo, o fato de jovens rurais, extrato subalternizado da sociedade, consumir esse lazer mercadoria, como as(os) jovens do Vale que frequentam as festas nos bares, causa em muitas(os) estranheza, tendo em vista que o rural é colocado no lugar do atraso em relação à modernidade. Portanto, sem condições de acessar mercadorias destinadas apenas àqueles sujeitos enquadrados à lógica do consumo. Mas elas(es) não teriam direito à tal condição? Os produtos desse lazer mercadoria já alcançaram o rural e isso é inevitável; podem ser acessados por quem possa pagar por eles, sem que por isso possa sofrer julgamentos, pois, à medida que os acessam, elas(es) o transformam e os ressignificam.

Contudo, o lazer vivenciado pelas(os) jovens no Vale é o lazer compreendido como dimensão da vida que deve garantir excitação e propício para a criação. Aquele que vai contra ao processo de alienação forjado pelo padrão da colonialidade. Nessa lógica, o lazer é considerado mercadoria, cuja marca é a não valorização de práticas de lazer que não estejam circunscritas ao mercado, reconhecido e referendado pela sociedade, a exemplo de algumas práticas de lazeres de jovens do Vale.

Desde a criação, o lazer na sociedade vem com a carga de ser apenas "apêndice" do trabalho, com apenas uma função repositora. E, assim, sua concepção e função social vai transformando-se, até que ele esteja oposto ao trabalho, como um tempo perdido e não

produtivo. E o que vemos na contemporaneidade é o lazer mercadoria, o lazer tomado a favor do mercado que anula a criatividade dos indivíduos, característica fundamental do lazer.

Essa lógica de supervalorização do trabalho para o acúmulo de riquezas, tem suas bases na ideia do corpo como instrumento de produção de mercadoria. Por essa razão, as(os) jovens muitas vezes abdicam do ócio e do tempo de lazer para dedicar-se apenas às atividades produtivas, seguindo a mecânica colonialista, que se mostra como perfeita e ideal para todas as culturas. Sob essa base, para alcançar os produtos ofertados pelo mundo moderno e globalizado, é necessário dedicar-se com afinco ao trabalho, e qualquer tempo liberado do trabalho, é “vadiagem”³¹. No Vale as(os) jovens têm suas rotinas atravessadas pelo trabalho, interferindo sobremaneira nos lazeres dos mesmos. Por isso, impera, para a maioria das(os) jovens, o trabalho duro durante a semana, restando os finais de semana, para viver o esgotamento físico, que os impedem, em algumas ocasiões, de participar de algumas atividades de lazer da comunidade.

Porém, práticas embalam um fazer que parece romper com a consagrada separação trabalho x lazer. As(os) jovens do Vale, vivenciam variadas práticas de lazer que expressam suas identidades, modos de vida, tradições e cultura do seu povo. No íterim do espaço-tempo entre a circulação e a negociação por territórios distintos, rural e urbano, jovens produzem resistências, trânsitos e ressignificações, para assim usufruírem do lazer a seus modos, com excitação, prazer, liberdade e criatividade.

4.2. Tem muito trabalho no Vale, mas tem lazer! Farinhada, mística e festejo

No Vale, as atividades culturais são importantes práticas de lazer de jovens, dado o valor que os mesmos atribuem a essas atividades como partes de seus modos de vida e identidades.

Nesse sentido, a cultura é aqui tratada como uma das dimensões do lazer dessas(es) jovens, pois no lazer é possível encontrar conteúdos culturais que trazem satisfação e prazer aos indivíduos que os escolhem (MARCELLINO, 1996). Deste modo, os conteúdos da cultura

³¹ Para entender o processo de implantação do trabalho moderno no Brasil, ver Lúcio Kowarick em sua obra **Trabalho e Vadiagem**. O autor estuda a formação do mercado de trabalho livre no Brasil, da época da escravidão até o início do século XX e explica que nos tempos da escravidão o homem que nasceu livre, ou de algum modo foi “promovido” a essa condição, era estigmatizado enquanto força de trabalho. Quando da Abolição, ele, ao invés de ser empregado nas lavouras em lugar dos escravos, é preterido pelo imigrante europeu. Pois, para os fazendeiros, esses sujeitos eram considerados vagabundos, indisciplinados e incompetentes. O autor busca captar no decorrer da história do Brasil a origem da marginalização dos inúmeros contingentes da população, e nos leva a verificar um cenário semelhante ao encontrado no passado, quando se trata da mão de obra trabalhadora na atualidade.

tradicional da comunidade são incorporados como práticas de lazer das(os) jovens ali residentes, por trazer-lhes excitação e prazer, com conteúdo e caráter de lazer.

No Vale, assim como em diversas sociedades rurais, é comum a dificuldade de distinção entre lazer e trabalho. Diversas(os) autoras(es), ao tratarem da questão, afirmam que o lazer sempre existiu em sociedades antigas e que nessas, as festas aconteciam diretamente ligadas ao ambiente de labor, relacionadas às estações do ano e à temporada de colheitas. Ao longo do tempo, tais festas passaram a compor parte fundamental da cultura tradicional dos povos camponeses e a imprimir marcas em suas identidades e em seus modos de vida.

As atividades culturais em comunidades rurais, sempre assumiram papel fundamental na reafirmação do viver rural, funcionando como uma forma autêntica de resgate e manutenção de práticas tradicionais e elementos históricos locais para amalgamar a identidade coletiva de um povo, de um território. Esse processo de resgate e manutenção da cultura tradicional em um território rural acontece, especialmente, na relação entre gerações diferentes, geralmente por meio da oralidade, possibilitando a perpetuação de práticas consideradas valorosas na comunidade. No Vale as(os) jovens assumem papel fundamental nesse processo de transmissão, de dar movimento e articulação às práticas culturais de lazer, além de construir novas ressignificações.

No entanto, essa busca pela reafirmação dos aspectos da cultura tradicional no mundo rural, enfrenta a forte barreira imposta pela padronização da vida social. Canclini, (2009), ao tratar da imposição da lógica capitalista industrial sobre os saberes de povos subalternizados, aborda a questão pela perspectiva da cultura. Segundo o autor, há um “predomínio do mercantil sobre o estético, sobre os valores simbólicos e a representação identitária implica redefinições daquilo que se entende por cultura e do seu lugar na sociedade” (CANCLINI, 2009, p.51). A cultura é redefinida ao bel prazer de atores sociais específicos, aqueles que detém o poder mercantil, os quais dão valor aos bens culturais que alimentam o mercado naquele momento da história. Isso ocorre desqualificando quem foge da estética definida, por não fazerem “sentido” para o mercado. São exemplares as criações artesanais de povos camponeses.

Reafirmando essa “manipulação” das noções do cultural e seus valores, além do seu lugar social, Canclini (2009) nos lembra como a cultura é e sempre foi “ofertada” para o acesso dos indivíduos. Nessa chamada ‘modernidade’ o cultural foi-nos apresentado como um bem para todas(os), cultura para todas(os), que deveria ser amplamente difundido de maneira clara e acessível a todas(os). Já o neoliberalismo, apresenta o cultural como um conjunto opcional de bens adquiríveis, que apenas algumas(uns) têm acesso, não é para todas(os). Em ambos os casos a cultura apresentada é produzida e chancelada pelo padrão colonialista eurocentrado.

Trata-se de uma lógica colonialista que invade todos os espaços das cidades, e também do campo com tanta força, que terminam por influenciar as construções acerca de lazer de muitas(os) jovens rurais, inclusive, no Vale. Nesse sentido, no Vale, algumas(uns) das(os) jovens, ao serem indagadas(os) sobre o assunto, expressaram bastante dificuldade de elencar suas próprias atividades de lazer na comunidade, citando apenas o futebol e o vôlei como únicas opções. Ficam excluídos, por exemplo, as atividades culturais, com bastante participação e envolvimento de jovens, e, por sinal, marcadas por muita excitação e prazer. Nessa comunidade identifiquei indícios de como algumas(uns) jovens rurais são influenciadas(os) a classificar o lazer segundo os padrões pré-estabelecidos, excluindo as atividades culturais locais de suas narrativas, comumente realizadas, dando sinais de, em certo ponto, referendarem a lógica mercadológica.

No entanto, ao analisar com mais afinco narrativas e ampliar o horizonte de observação, identifiquei a valorização da prática de bens da cultura local do Vale por meio de ações no cotidiano da comunidade. Por exemplo, a valorização da transmissão das tradições e da sabedoria entre gerações, e o respeito e reverência das(os) jovens às(aos) velhas(os). No Vale essa referência é marcada pela possibilidade de que o tempo de fazer nada, o tempo livre, permite os encontros para transmissão de sabedoria das(os) mais velhas(os) às(aos) mais jovens, nos momentos em que, sob a luz do luar, sentados no “terreiro” de suas casas param para ouvir histórias e ensinamentos. A narrativa sobre essas trocas, é pontual, mas foi possível identificar, quando ouvi referências às(aos) mais velhos da comunidade. São exemplares a reverência e respeito de jovens fazendo menção ao seu Tintino, para lembrar de antigas tradições da cultura do Vale:

A gente já chegou um tempo de a gente levar a cultura muito além! De a gente ter a diversão de ter no tempo da semana santa³², né? Caçar o judas. A gente tinha muito o judas, muitos anos ... O pau de sebo³³. Que inclusive era um morador daqui, que é o seu Tintino, que ele tinha esse costume, né? De fazer! Geralmente, sempre era aqui ó! E tinha também o não sei o que do pato, né, Sayonara? (JOVEM SYOMARA, 19 anos, Vale da Esperança, 04.08.19).

Com o passar dos anos, essas brincadeiras vão deixando de ter a mesma importância que outrora tinham na comunidade, isso acontece em razão das intensas trocas com as cidades

³² A **Semana Santa** é uma tradição religiosa cristã que celebra a Paixão, a Morte e a ressurreição de Jesus Cristo. Ela se inicia no Domingo de Ramos, que relembra a entrada triunfal de Jesus em Jerusalém e termina com a ressurreição de Jesus, que ocorre no domingo de Páscoa. Durante a semana santa, é comum em comunidades rurais que sejam realizadas brincadeiras tradicionais na sexta-feira santa, como o pau de sebo e caçar o Judas, personagem bíblico que traiu Jesus.

³³ O **pau-de-sebo**, cocanha ou mastro de cocanha, ou ainda poste engraxado, é um mastro untado de sebo (gordura animal) que se presta a uma atividade recreativa típica das Festas Juninas. A brincadeira consiste em subir num alto mastro de madeira alta com o objetivo de alcançar um prêmio colocado no topo.

e sua lógica modernizadora, através da educação, e expansão dos meios de comunicação que impõe quais manifestações culturais são classificadas como valiosas e que devem ser mais experimentadas e compreendidas por todos os tipos de sociedades e setores (CANCLINI, 2009). Nesse processo, assistimos algumas práticas culturais tradicionais no Vale, sendo desqualificadas e desvalorizadas em razão da cultura urbana ter sido posta em foco e massificada, pois, esta obedece a padrões pré-estabelecidos para ser assim considerada cultura. É possível afirmar que esse é o projeto da modernidade/colonialidade, apesar de Canclini não enveredar por essa perspectiva de pensamento.

Por outro lado, a referência dessa jovem a essas lembranças expressa a permanência de tradições culturais na comunidade, pois incorporam a responsabilidade de perpetuar e preservar, e ainda de transmitir estes bens às gerações futuras. Elas(es) cumprem esse papel por meio da articulação das atividades culturais tradicionais na comunidade, envolvendo as crianças como forma de ensiná-las sobre práticas tradicionais e culturais, como exemplo nas apresentações da mística no aniversário do assentamento, as quais são marcantes para/na identidade cultural e história de lutas do Vale. Assim demonstram a fundamental importância da resistência na preservação de suas culturas tradicionais locais, de seu povo, seu território, com suas especificidades.

Entretanto, a cultura urbana chega com muita rapidez, via meios de comunicação de massa e outras ferramentas midiáticas globais, que tomam conta das casas e se massificam entre as(os) jovens do Vale. No Vale, talvez por isso, o desejo pela cultura urbana, também seja latente em algumas(uns) jovens, como pode-se inferir a partir dessa narrativa:

O Vale da Esperança é um lugar muito bom de morar, mas também é menos.... É um lugar onde a gente não tem muito, muitos benefícios, entendeu? A gente chegou aqui hoje, a gente já está tipo! O que a gente tem é a nossa casa e pronto! Não tem aquela coisa de: **“Ah, vamos ali na padaria. Tem uma pizzaria...”** **Tem uma coisa: tem um campo. Não tem isso!** (JOVEM SYOMARA, 19 anos, Vale da Esperança, 04.08.19) [Grifos meus].

Chegam ao Vale alimentados pelo ideário de um espaço de mercantilização de cultura e lazer, construindo um imaginário de um lugar que se assemelhe à cidade, e todo o seu “desenvolvimento”. Nessa perspectiva, a ausência desses lugares de referências do urbano, no campo, dificulta a percepção do existente na comunidade como lugar de cultura e lazer. Isso se dá, pois, o processo de produção de bens culturais mercantis, busca convergir para apenas um modo de ver a cultura de uma sociedade, o urbano, construindo assim, conceitos fechados de cultura, que são mais vendáveis. Porém, esquece-se de uma infinidade de outras especificidades dos povos que compõe essa sociedade.

Outra demonstração da limitação em relação à concepção de cultura e suas diferenças, influenciadas(os) por essa noção sectária da colonialidade, é o fato de que temos a dificuldade de pensar que a cultura se transforma, pois, a vemos apenas como algo estático, ofertado pela indústria capitalista. Tendenciamos a pensar as características culturais de um povo como imutáveis. Quando há mudanças, não aceitamos e protestamos (CANCLINI 2009). A exemplo temos a cultura dos povos camponeses, que é caracterizada, pela noção de mercado, como uma cultura do atraso, do tradicional, do rústico, e, quando vemos ela transformando-se, o rural adquirindo bens tecnológicos e hábitos da contemporaneidade, protestamos e afirmamos que o rural está morrendo, quando apenas está transformando-se. Obviamente, as diferentes imposições do mercado alimentam a negação da cultura camponesa, mas também imprimem transformações em alguns aspectos de atividades como os festejos. No Vale, em particular, essas transformações foram observadas em relação ao modo como se comemora essa festa hoje, em relação ao passado. No passado, envolviam-se mais as(os) adultas(os) da comunidade. Hoje, são as(os) jovens que mais participam, sobretudo, na organização do evento. Constatei também transformações das músicas: do forró tradicional ao piseiro e a pisadinha. Contudo, não se pode afirmar que a cultura dos festejos está morrendo na comunidade, mas sim, reinventando-se.

Entre outras transformações, outro elemento interessante em festejos são as vestimentas comumente utilizadas nesses tipos de festas religiosas, quando antes vestia-se com trajes formais, escolhidos especialmente para ocasião. Os festejos são esses momentos de mostrar no público as roupas novas, compradas para cada ocasião: missa, leilão, baile, etc. Nos festejos no Vale, a vestimenta principal que marca o tempo da festa, são as camisas personalizadas com o tema dos festejos, e/ou a figura do padroeiro³⁴ da comunidade, demonstrando mais uma marca da reinvenção das tradições na comunidade. No entanto, a marca da tradição está presente na permanência de atividades como a realização do leilão. Outra atividade tradicional é a realização das novenas³⁵ durante todo o mês comemorativo do festejo. Por fim, a realização da procissão³⁶ no primeiro e no último dia dos festejos, um momento solene e de muita importância

³⁴ O **padroeiro**, segundo o costume católico, patrono ou orago é um santo a quem é dedicada uma localidade, uma profissão específica, associação, animal (ou animais em geral) ou templo (capela, igreja etc.). Fonte: Wikipedia.

³⁵ A **novena** é a reza de um conjunto de orações, em particular ou em grupo, realizada durante o período de nove dias. Teve sua origem na tradição católica, mas pode ser encontrada também em outras religiões ou crenças. É normalmente realizada como uma manifestação de devoção a Deus Todo-Poderoso (Pai, Filho e Espírito Santo), ou à Santíssima Virgem Maria, ou aos anjos e santos. É comum sua realização na véspera do início da semana santa e no período dos festejos. Fonte: Wikipedia.

³⁶ As **procissões** são um corpo organizado de pessoas caminhando de uma maneira formal ou cerimonial. Muitas vezes acontece sob a forma de um cortejo religioso realizado em marcha solene normalmente pelas ruas de uma localidade, carregando imagens e entoando orações ou cânticos. Este ritual, segundo a crença, tornaria as pessoas e os locais abençoados. Dessa última forma é praticado em várias religiões cristãs, tais como o catolicismo, a ortodoxia, e algumas igrejas reformadas. No catolicismo, normalmente acontecem em devoção a um santo (ou

para os fiéis. Nessa trilha é possível afirmar que o urbano não acaba com o rural, mas pode transformá-lo, um ao outro, pela via da resistência decolonial na preservação de tradições. Abaixo uma imagem da procissão no Vale, que ocorre no último dia dos festejos de São Miguel Arcanjo:



Figura 30 - Procissão nos festejos do Vale – Setembro, 2019 – Fonte: Rayane Santos

Esse processo de mistura, aparentemente harmônica, entre o novo e o velho, faz parte da essência da cultura; sua natureza cambiante. Como nos lembra Canclini (2009), não apenas os objetos são ressignificados, mas os modos de realizar as atividades, também são ressignificados. A exemplo temos o retorno a usos de objetos característicos do sistema cultural rural em espaços urbanos, como na decoração de ambientes e eventos, que utilizam objetos do cotidiano do campo, mas que são ressignificados como objetos de decoração e assim ganham um novo valor de mercado. A concepção de cultura precisa dar conta da realidade global, de troca de repertórios culturais. “Não há por que argumentar que se perdeu o significado do objeto: transformou-se. É etnocêntrico pensar que se degradou o sentido do artesanato. Nestes movimentos, comunicam-se significados, que são recebidos, reprocessados e recodificados” (CANCLINI, 2009, p. 42).

Canclini (2009) apresenta um exemplo clássico desse intercâmbio entre o tradicional e o moderno, quando jovens rurais usam de tecnologias avançadas para o recolhimento das tradições orais de seus povos para a posteridade conhecer a sabedoria antiga, sem que desvirtue suas tradições e culturas, pelo contrário, as reafirmem como existentes. No Vale, o uso da tecnologia, como o aplicativo de mensagens, WhatsApp, contribui fundamentalmente para a

santos) quando são realizados os festejos em sua comemoração. Podem possuir um significado profundo para os fiéis e simbolizam a caminhada de oração do Povo de Deus, em comunidade, rumo à casa do Pai (Deus). Caminhar tem um sentido teológico muito caro aos cristãos: a Missão. Sair de sua casa, deixar seus familiares, para anunciar o Evangelho. Levar a imagem do Santo pelas ruas significa espalhar as bênçãos que a fé proporciona. Para os participantes, seguir uma procissão é seguir Jesus, que também andou em procissão rumo ao calvário, onde teria conquistado a salvação de toda a humanidade. Fonte: Wikipedia.

articulação da organização das atividades de lazer e culturais entre as(os) jovens, dado o fato de que, boa parte delas(es), apenas se encontram aos finais de semana e durante a semana estão separadas(os) pela distância física entre os territórios campo e cidade. Outro mecanismo tecnológico bastante utilizado entre as(os) jovens são as redes sociais. Todos são mecanismos utilizados para potencializar a divulgação dos eventos por elas(es) organizados. Apesar das crescentes tendências homogeneizadoras da modernidade, não podemos incorrer no erro de pensar que o contemporâneo apenas uniformiza, mas se este último for introduzido com o devido respeito às singularidades de cada cultura, pode sim, contribuir, e de fato, haver uma troca de saberes.

Para Canclini (2009) é necessário desconstruir sistemas binários que tornam as expressões culturais estáticas, que de um lado exalta o tradicional e o exclui do que é moderno e vice-versa. Esta concepção tem por fundamento a construção de projetos homogêneos e hegemônicos, que relaciono ao projeto da colonialidade/modernidade. Transformações são forçadas em nome da manutenção de um sistema mundo que tem por base esse projeto binário; uma lógica binária que sustenta a realidade em situações como: bom x ruim, progresso x atraso, hegemonia x heterogenia, norte x sul, oriente x ocidente, rural x urbano, enfim, o projeto constituído pela colonialidade. Nesse sentido, a lógica colonialista, o capital, o mercado, “furtam” e se apropriam de bens culturais próprios do território rural, para apenas mercantilizá-los, tornando-os mais um bem de consumo popular, colonizando-os, fazendo com que aquele bem perca toda a sua identidade cultural de raízes rurais, e seja apenas mais um produto na prateleira do mercado global. É imperativo questionar o fato da cultura de um grupo sofrer imposições de outros grupos ou mesmo do desenvolvimento corrente de novas tecnologias.

E como resistência decolonial a esse projeto, práticas culturais da tradição local continuam sendo desenvolvidas no Vale. Dentre essas, sem dúvidas a farinha ocupa importância significativa na vida de jovens, pois são expressas como momentos de prazer e excitação. Um dos espaços do Vale que simboliza resistência, é a casa de beneficiamento agrícola ou casa de farinha, pois é um espaço de trabalho duro, mas também de valorização da cultura local, de resgate do tradicional, de encontro e troca entre gerações, de reunião de amigos e familiares, de troca de informações e saberes, de divisão de papéis, de brincadeiras, de lazer e de excitação, para toda a comunidade e, especialmente, para jovens, conforme pode ser observado no trecho a seguir:

Ontem à tarde a gente estava aqui [na casa de farinha], aí, eu me lembrei de sua pesquisa, né? Aí, tinha uns meninos que estavam.... Tinha dois torrando massa, tinha dois prensando, aí, tinha os meninos chegando. Os meninos estavam aqui assim. Claro que estavam trabalhando, mas entretendo-se, estavam conversando. Poxa, tantas vezes

a gente está reunido e não está conversando entre si, está no celular... E ontem estava todo mundo aqui brincando, conversando. Os meninos torrando massa e outros caçando conversa. E assim, a farinhada é produtiva. É trabalho, mas é uma forma de entreter-se, né? Acho que era como os nossos pais, avós se entretiam antigamente. Entretiam-se descascando a macaxeira ou conversando as conversas paralelas mesmo (JOVEM ULISSES, 26 anos, Vale da Esperança, 04.08.19) [Grifos meus].

A farinhada, como esse espaço/tempo destinado a processar a mandioca e a macaxeira, que, em algumas regiões, recebe o nome de “desmancha”, é um elemento enraizado na cultura nordestina, e inspira outras artes que também alimentam as farinhadas do Vale. Um belo exemplo são os versos da canção “Farinhada” de Luiz Gonzaga, a qual expus a letra na epígrafe inicial deste trabalho. Embalada pela musicalidade compartilhada nos momentos de processar farinha e goma, a farinhada estreita os laços sociais e permite a troca de experiências entre gerações e a preservação dessa cultura de produzir alimentos. A participação de jovens nessa atividade é a garantia da preservação e perpetuação desse saber às novas gerações, tendo em vista, que ela constitui um espaço/tempo para trocas de informações sobre a vida na comunidade, sobre como torrar a farinha, sobre as brincadeiras, sobre como dividir o trabalho da farinhada e demais bens da cultura imaterial ainda presentes no Vale.

A região nordeste sofre com a pobreza e a fragilidade econômica, fruto da desigualdade social, e da fragilidade de políticas públicas direcionadas para essa região, e na zona rural, a situação se agrava devido às condições climáticas. Prolongados períodos de seca e estiagem, além, é claro, do esquecimento estrutural que há do povo sertanejo, pelos governantes. Diante dessa situação, os povos camponeses encontram alternativas de culturas agrárias resistentes à seca, e que podem ser consorciadas com outros cultivos, a exemplo a mandioca e a macaxeira. Segundo a narrativa de uma das jovens, o cultivo da macaxeira na comunidade ocorre durante todo o ano. Por ser uma cultura de fácil manejo, assume papel crucial na segurança alimentar e possibilita, também, renda para as famílias, não apenas o produto *in natura*, mas também seus derivados, como a farinha e a goma.

Nesse sentido, a farinhada é aqui compreendida como uma prática cultural, pois, o saber-fazer que a constitui, é marcado pela importância que suas(seus) produtoras(es) conferem aos alimentos também como processo cultural, dado que a alimentação “constitui uma das atividades humanas mais importantes, não só por razões biológicas evidentes, mas também por envolver aspectos econômicos, sociais, científicos, políticos, psicológicos e culturais” (PROENÇA, 2010, p. 2). Nessa perspectiva, é necessário superar a percepção da farinha e da goma, produzidas nas farinhadas, como apenas mais um produto agrícola destinado à subsistência de seus produtores ou para venda no mercado capital. Pois é necessário vê-los como alimentos tradicionais com importante lugar na construção da identidade da população

do Vale. Desse modo, é possível afirmar que, a gastronomia que envolve a raiz de mandioca e/ou macaxeira, que são alimentos tradicionais, possuem história e fazem parte da cultura local como matérias-primas para alimentos consumidos no cotidiano das(os) moradoras(es) do Vale, são também indissociáveis na construção dos modos de vida dessa população.

No Vale, por exemplo, o beiju³⁷, pode ser considerado como um dos patrimônios culturais da comunidade, pois evoca memória e identidade, e por isso a sua importância e simbolismo na tradição da farinhada, como sugere a narrativa: “A gente sempre fazia um beiju, comia com café, então para nós ali era uma distração, era um momento de lazer, mesmo na brincadeira, no trabalho” (JOVEM SAYONARA, 20 anos, Vale da Esperança, 04.08.19). A importância do beiju também foi destacada por meio das narrativas acerca do momento do preparo do beiju no processo da farinhada. Na verdade, esse parece ser o momento mais esperado pelas(os) jovens, por ser o mais divertido e, obviamente, aquele destacado como o mais saboroso. Nas farinhadas que participei, esse momento de saborear o beiju acontece no dia seguinte ao início do processo, e é chamado no Vale de o “Dia do beiju”, o qual é descrito com ansiedade e entusiasmo como o melhor dia da farinhada, que no Vale, geralmente, acontece durante um ou dois dias após a colheita da macaxeira. Na imagem a seguir, observamos essa “celebração” do processamento da macaxeira, que é o Dia do beiju, onde familiares se confraternizam e crianças brincam:



Figura 31 - Dia do beiju em farinhada no Vale – Setembro, 2019 - Fonte Rayane Santos

Na comunidade, as farinhadas são realizadas, geralmente, entre os meses de junho e outubro, na casa de beneficiamento, conhecida também por casa de farinha, e já descrita no primeiro capítulo. Nela, ocorre o beneficiamento da produção; as raízes se transformam em diversos produtos, utilizados tanto para consumo próprio, para a subsistência, quanto para

³⁷ O **beiju**, também chamado de tapioca, é uma iguaria tipicamente brasileira, de origem indígena e descoberta em Pernambuco, feita com a tapioca (fécula extraída da mandioca ou macaxeira, usualmente granulada), que ao ser espalhada em uma chapa ou frigideira aquecida coagula-se e vira um tipo de panqueca ou crepe seco. Fonte: Wikipedia.

comercialização. Como já mencionado anteriormente, os principais produtos provenientes desse processamento artesanal são a farinha, a puba e a goma, essa última muito importante por ser matéria prima para o beiju. Todos esses produtos também são processados industrialmente nas cidades, onde os mesmos não possuem a mesma carga cultural que aqueles produzidos no campo. Para moradoras(es) do Vale, a casa de beneficiamento/casa de farinha, é resultado de suas lutas coletivas. Um espaço familiar, onde é concretizado o sonho de ter um lugar para beneficiar a tão batalhada produção nos mais diversos cultivos. A seguir a imagem de uma das farinhadas de que participei no Vale, e as fases do processamento da macaxeira:



Figura 32 - Farinhada no Vale – Setembro, 2019 – Fonte: Rayane Santos

Por tudo isso, como podemos observar na imagem acima, a farinhada compreende um processo ritualístico com ritmo próprio, com delegações e divisões de papéis específicos em um trabalho coletivo e colaborativo. Para isso, a disposição dos ingredientes no espaço é propícia para que todas(os) tenham às mãos todo necessário ao bom desempenho de suas funções. Há a divisão de trabalho, envolvendo diferentes atores; idosas e idosos, homens jovens e adultos, mulheres jovens e adultas, crianças em geral. Toda essa dinâmica e processo acerca da farinhada, podem ser observados nas narrativas a seguir, construídas a partir de observações realizadas durante minha participação em uma farinhada no Vale da Esperança, atendendo convite da jovem Karla, e que foi organizada por sua mãe, Dn. Lulu:

As mulheres, a maior parte familiares de Dn. Lulu, outras suas vizinhas, estavam raspando a macaxeira, juntamente com dois homens idosos, também da família. Eu sentei e ajudei nesta tarefa, raspando a macaxeira. Havia uma grande lona preta em que estavam todas as macaxeiras. No centro as macaxeiras a serem raspadas, em redor as raspas e num canto as macaxeiras raspadas. Quem estava raspando sentava-se em tamboretas³⁸, cadeiras ou mesmo na lona preta, mas todos descalços. As macaxeiras raspadas, empilhadas em um monte, eram recolhidas frequentemente em carrinhos de mão por homens que as levavam para um reservatório onde eram lavadas por outro senhor, e em seguida ele as entregava em baldes a duas outras mulheres que as

³⁸ **Tamborete** ou banquetta é um pequeno banco, geralmente em madeira, baixo e pequeno, sem braços nem espaldar com assento para apenas uma pessoa. Muito utilizado em lares humildes e em bares. Fonte: Wikipedia.

colocavam no ralador elétrico, que fica acoplado a outro reservatório onde cai a massa da macaxeira. À frente delas haviam outros reservatórios em que elas lavavam a massa obtida após ralada, e em seguida colocavam-na na prensa manual que era manuseada por um homem. E só depois de prensada e com menos umidade possível é que a massa é colocada no forno para ser torrada, esse trabalho era feito por dois homens (DIÁRIO DE CAMPO, Timon, 07.09.19).

No processo da farinhada no Vale, a depender da família, a alguns homens a tarefa delegada é a de plantar, cuidar, arrancar, transportar a mandioca ou macaxeira e descarregar a colheita na casa de beneficiamento, além da sua atuação de “força” na prensa. Em algumas famílias a comercialização, assim como administração da renda obtida, fica também a cargo de homens, geralmente, o patriarca da família. Outro papel de destaque, que é exercido por alguns homens, é o do “fornheiro”, este requer habilidade específica, para dar o “ponto” certo da farinha. Algumas dessas funções masculinas, também podem ser desempenhadas por pessoas contratadas pela família que está promovendo a farinhada.

No entanto, é necessário ressaltar que é possível observar no Vale um significativo protagonismo feminino em diversos aspectos. No que se refere ao processo da farinhada, verifiquei em observações, além dessa descrita, mulheres, sejam aquelas que exercem papel de chefes de família ou não, que são capazes e desempenham as mesmas funções descritas acima, que em muitas culturas rurais, são apenas desenvolvidas por homens.

Nas diversas culturas camponesas e nessa farinhada que aqui descrevo, pude observar que a participação feminina é legitimada, geralmente, em parte do processo: raspar e tirar a goma, além da preparação das comidas para os trabalhadores e dos beijos e outros alimentos derivados da raiz. Em sua maioria, e neste caso específico, os principais papéis femininos são ocupados pelas mulheres da família. Nesse ritual, as(os) participantes vão galgando “funções mais complexas” durante o processo. Desse modo, para o coletivo a atividade de raspar é identificada como para iniciantes, e deve ser realizada pelas jovens, no entanto, as mulheres adultas e idosas, detêm uma posição fixa nesta etapa, a matriarca da família atua nessa etapa, dirigindo o trabalho. Quanto a essas questões descrevo no diário:

Havia claramente uma divisão sexual do trabalho que seguia a tradição das antigas farinhadas da zona rural, em que tarefas como a da raspagem da macaxeira e a obtenção da goma era ocupada por mulheres, e a torragem e prensagem é delegada aos homens. A importância da transmissão desta tradição é tão forte que todas(os) as(os) jovens que estavam presentes ocupavam suas funções obedecendo a ordem cultural, as meninas na raspagem, os meninos na torragem aprendendo o ofício. As mulheres conversavam e sorriam muito, trocavam brincadeiras, sobre quem estava raspando mais macaxeira, falavam sobre outras pessoas da família, “atualizando” as novidades sobre os parentes. Não haviam muitas(os) jovens, a maior parte da família, e praticamente todas(os) trabalhavam na farinhada, a maioria eram moças, que estavam na raspagem, mas haviam alguns rapazes na prensa e no forno (DIÁRIO DE CAMPO, Timon, 07.09.19).

A construção de novos atores na farinhada se processa desde a infância. Por meio da vivência e da observação, desde muito pequenas, as crianças acompanham os pais, e entre brincadeiras, labuta e curiosidade, vão iniciando-se na elaboração da farinha. Assim, na juventude a realização dessa atividade é prática importante para a manutenção da reprodução social por meio da produção agrícola. Nesse sentido, as(os) jovens são iniciadas(os) desde cedo, quando ainda criança. Por isso, o trabalho se mistura com as brincadeiras, com as conversas sobre a labuta cotidiana, de resistência e persistência, como se observa a seguir:

As jovens que estavam na raspagem também entravam nas brincadeiras e conversas. Era um clima de confraternização em família. A raspagem da macaxeira acabou bem cedo, por volta das 12h, pois eram poucas, e Dn. Lulu já avisou que marcaria uma outra data para uma nova farinhada. Haviam algumas crianças brincando e correndo na frente da casa de farinha. Por volta das 11h algumas senhoras saíram para preparar o almoço. Ao meio dia, fomos almoçar com toda a família de Karla e Dn. Lulu, em sua casa. Mesa farta e comida deliciosa, feita por muitas mãos. Todos animados, com muitas brincadeiras, conversas e compartilhamento. A vizinha, Dn. Simone, transitava entre a casa dela e a de Dn. Lulu, como eu citei anteriormente, como se não houvesse cercas, como se as casas fossem uma só. Muita alegria, acolhimento e partilha (DIÁRIO DE CAMPO, Timon, 07.09.19).

No raspar da macaxeira memórias são atualizadas e retomadas: a vida em comunidade; a infância com os amigos; as canções que embalam a musicalidade; causos sobre a história da comunidade; risadas sobre as narrativas hilárias, momentos que evidenciam a importância da continuidade e resistência da tradição das farinhadas, não apenas pela renda obtida por meio da comercialização dos produtos, que aliás, tem retorno escasso. Mas é o consumo de alimentos tradicionais de maneira coletiva e especialmente, as relações sociais contra hegemônicas fortalecidas por meio desse momento, que mais fascina a permanência nessa atividade.

Porém, a lógica de economia-mundo colonialista também interfere no Vale, mesmo com toda tradição coletiva de produção, característica de assentamento do MST. A dificuldade de manter essas e outras tradições, pode ser identificada na narrativa dessa jovem:

Ultimamente, não está sendo assim, mas antes, quando um fazia farinhada, vinha todo mundo ajudar a descascar. A gente botava aqui no meio, né? Ficava aquela coisa de noite.... Fazia um café. Não sei o que está acontecendo. No momento a gente acha que estamos distantes. Mas tem momento em que a gente se reúne e a gente vê o como é bom. Tem grupo que se senta, às vezes começa a falar: 'Ah, naquele tempo...' A gente sempre relembra, apesar de não ter sido um tempo bom para a gente. [Em relação às lutas] Mas querendo ou não, foi um tempo em que eles viviam juntos, próximos, e era uma história para eles, né? E hoje não está mais aquela coisa de antes, mais. Não que tenha se desligado todo mundo. Somos companheiros da mesma forma, mas não é a mesma coisa de antes (JOVEM SAYONARA, 20 anos, Vale da Esperança, 04.08.19) [Grifos meus].

Nessa narrativa uma nostalgia, com tristeza, em razão da diminuição do envolvimento de moradoras(es) na farinhada, em comparação com experiências anteriormente compartilhadas. Antes, narram as(os) jovens com quem conversei durante as caminhadas pelo

Vale, grande parte da comunidade se reunia, a convite de uma família, para fazer a farinhada. Todas(os) compartilhavam o trabalho, cada uma(um) ficava responsável por uma atividade relativa à farinhada: raspar a macaxeira/mandioca, limpar, ralar, moer, lavar a massa, prensar, torrar e fazer os beijus. Uma espécie de comunhão entre moradoras(es) da comunidade. Enquanto isso, as crianças brincavam, evidenciando ser esse um momento de divertimento pela oportunidade de aproveitar aquele espaço/tempo, para encontrar suas(seus) amigas(os), aproveitando para criar suas próprias brincadeiras. Nesses relatos ficou explícito que atualmente as famílias pouco fazem farinhadas coletivas e quando fazem não convidam mais a todas(os) da comunidade, não comungam mais, como antes, dessa partilha do trabalho da farinhada.

É, tem vez que chama, mas já foi demais mesmo, entendeu, de vir mesmo realmente muita gente. Mas hoje em dia já não é mais tanto assim não, entendeu? Ah, mas antigamente era muito, muito bom, sabe? Você vinha aqui e já tinha muita gente, muita gente, pegando a faca e raspando, todo mundo ajudando-se, entendeu? Mesmo sem beneficiar-se, porque era aquela coisa daquela família, a gente vinha ajudar mesmo (JOVEM SYOMARA, 19 anos, Vale da Esperança, 04.08.19).

Essa mudança, sem dúvidas, altera o modo como as tradições permanecem. Há uma verdadeira reedição de elementos que permanecem e inclusão de novos elementos. Ainda assim, para muitos a farinhada ainda é vivida como um espaço/tempo possível para fortalecer laços de afetividade, integrando em alguns casos famílias inteiras, tanto de residentes no lote familiar, quanto parentes distantes. “Tem umas pessoas que fazem todo ano, sim” (JOVEM SAYONARA, 20 anos, Vale da Esperança, 04.08.19). O que não é uma possibilidade para todas as famílias: “Só que depende do morador, da família, que tiver plantado, e tiver colhido bem, aí, eles vêm, se reúnem e fazem, entendeu?” (JOVEM SYOMARA, 19 anos, Vale da Esperança, 04.08.19). Além de agregar vizinhos, amigos e até trabalhadores diaristas. “Às vezes eles chamam assim, vamos lá ajudar?” (JOVEM SAYONARA, 20 anos, Vale da Esperança, 04.08.19). Com essa configuração podemos concluir tratar-se de uma rede de afirmação identitária, proximidade, ajuda mútua, reciprocidade, familiaridade e interfamiliaridade.

A partir dessas considerações, é possível assegurar a fundamental importância das farinhadas para a reprodução social na atualidade, considerando seu papel na preservação da cultura e tradição do território rural vinculadas às práticas alimentares locais. O ato de processar a raiz da mandioca e da macaxeira, e assim, produzir a farinha e a goma, extrapola o sentido de apenas produzir o alimento, mas amplia a perspectiva para observar-se a farinhada como espaço essencial para a reprodução da vida social e construção da identidade das(os) moradoras(es) do Vale. Espaço de sociabilidade entre a comunidade e fundamentalmente resistência dessas(es)

camponesas(es) contra o esmaecimento de suas tradições e culturas frente ao avanço de ideais hegemônicos colonialistas sobre a vida social, sobre o lugar menor do rural em relação ao urbano. Sem dúvidas esses e outros afazeres, expressam não apenas uma dimensão da cultura do Vale, mas também politicamente sua resistência/existência nos modos de vida na comunidade e até sua relação com a cidade.

Além da farinhada, outra atividade cultural de grande relevância para as(os) jovens do Vale e que também se constitui como uma dimensão do lazer das(os) mesmas(os), é a organização de atividades relacionadas às ações políticas reivindicatórias. Nesse contexto, é exemplar a construção da apresentação da chamada Mística, que acontece, especialmente, no aniversário do assentamento. Esse movimento mobiliza o grupo de jovens e ainda envolve crianças, adultas(os) e idosas(os).

A mística no Vale é vinculada ao MST e tem suas raízes fundadas na relação com a igreja Católica. Essas raízes misturam-se à experiência cultural das(os) camponesas(es) que são ressignificadas de acordo com os referenciais do movimento. Intencionalmente, o MST confere à mística toda uma carga ideológica e por sua vez, esta desempenha a função de expressar as convicções e bandeiras que o movimento defende. Ela é um elemento estratégico no processo de mobilização, articulação e constituição das principais ideologias do movimento.

A mística no MST é de fundamental importância na construção da identidade coletiva de trabalhadoras(es) sem terra, pois desde o princípio, quando as famílias de diversas origens chegam ao movimento e iniciam sua experiência coletiva, são instruídas quanto aos regimentos do MST e, sobretudo, passam pelo processo de sentir-se parte da coletividade, a partir daí é tecido o sentimento de pertença ao grupo.

Segundo Caldart (2000), a mística tem a capacidade de provocar nas(os) militantes do MST uma admirável força que as(os) impulsiona a ações de luta por seus ideais, o que se reflete nas ocupações, manifestações, marchas e outras ações que aglutinam todas(os) aquelas(es) encorajadas(os) por essa profunda relação com o movimento e suas causas. Ela é capaz de emoldurar uma identidade coletiva, embrenhado por um profundo sentimento de pertença, que muitas vezes, materializa-se num choro quando indagadas(os) sobre suas lutas, pois é fundamentalmente uma subjetividade.

O movimento faz uso de diversos ritos e símbolos no intuito de manifestar suas crenças e valores, com o objetivo de transmitir sua mensagem de maneira eficaz, ativando os sentidos daquelas(es) a quem se quer tocar. Esses ritos podem caracterizar-se por manifestações artísticas, como dança, teatro, canto, entre outros símbolos. São atividades comunitárias abrangendo toda a família das(os) envolvidas(os) no movimento, de quaisquer que sejam as

religiões, pois a mística não se identifica com um único segmento religioso, agrega a todas(os). Ela é um conjunto de práticas de celebração compostas por diversos discursos espirituais, sociais, políticos, além do arcabouço de valores e crenças que interpretam a realidade vivenciada, e buscam dar significado por meio das subjetividades e atividades coletivas desenvolvidas com base em práticas coletivas e temáticas específicas.

No Vale, a subjetividade é sinalizada pelo sentimento de pertença e identidade coletiva presentes em diversos momentos das narrativas de jovens acerca do Vale: lágrimas e sorrisos são emoções que identifiquei em diversos momentos que compartilhei com jovens do Vale. Observei a paixão pela luta todas as vezes em que elas(es) se referem ao MST: os encontros de formação; as manifestações em prol da causa dos sem terra; as lembranças dos diversos momentos e expressões da luta pela terra. Também quando se referem às suas próprias histórias sofridas e de seus pais, acerca das batalhas enfrentadas como trabalhadoras(es) sem terra. Da mesma forma, foi possível acompanhar e vivenciar um pouco desse sentimento, quando participei de uma cerimônia da mística ocorrida na comunidade, pois, de fato, trata-se de uma experiência carregada de ritos, símbolos, músicas e palavras que nos faz aflorar diversas emoções: alegria, tristeza, saudade, paixão, carinho, que se materializam no choro, no arrepio da pele, como aconteceu comigo.

Conforme destaca Caldart (2000), embora essas sejam experiências puramente individuais, vividas de forma diferente por cada um, a mística à sua maneira, é produzida a partir de uma coletividade. Uma mística ambientada e gestada com base em valores e convicções constituídos no seio das lutas por causas comuns a outros movimentos, a exemplo do MST. Portanto, o que motiva as(os) militantes a lutarem por uma causa é essa força que vem do grupo. Nesse contexto, os sujeitos envolvidos nesse movimento encontram um espaço sagrado de acolhimento, em que lhes cabe. Um espaço que acolhe sonhos com uma nova terra, realidades sofridas, histórias de luta, culturas, tradições e também críticas ao sistema.

No Vale, são as(os) jovens que encontram um espaço especial para a mística na organização dos eventos da comunidade, especialmente, no aniversário do assentamento, data comemorativa mais importante do ano. Data essa que coincide com o último dia dos festejos da Igreja Católica, reforçando a relação existente entre a instituição e o MST, desde suas origens. É de responsabilidade de jovens a organização da cerimônia da mística. É interessante observar o quanto elas(es) tomam essa tarefa como fundamental para a celebração do evento, pois se esmeraram bastante no preparo dessa missão. Além disso, procuram envolver crianças, adultas(os) e idosas(os), na cerimônia. Nesse espaço da mística, essas(es) jovens expressam suas histórias que se misturam com a história da própria comunidade, fazem críticas sociais,

expressam seus pensamentos, artística e ritualisticamente. A seguir, é possível observar nas imagens de uma cerimônia da mística em comemoração ao aniversário do Vale, a manifestação artística de jovens e crianças por meio do teatro, os punhos erguidos em reverência à bandeira do MST, a emoção e concentração na face dos envolvidos, todos solenemente celebrando suas lutas e reivindicações:



Figura 33 - Cerimônia da mística no aniversário do Vale – Setembro, 2019 – Fonte: Rayane Santos



Figura 34 - Cerimônia da mística no aniversário do Vale – Setembro, 2019 – Fonte: Rayane Santos

A experiência da mística não é de simplória compreensão, pois sua significação não é exata, não se trata de palavras, pois se expressa muito mais em emoções, gestos, símbolos. O MST encoraja as(os) militantes, como se fosse o “tempero da luta”! Sobre a mística, é mais fácil vivê-la do que discorrer sobre ela. A mística pode ser observada nas práticas e nas narrativas das(os) sem terra, não é passível de uma teorização. Desse modo, para uma melhor compreensão dessa manifestação cultural, segue um trecho da narrativa descritiva da realização da mística no Vale:

Após o momento de discursos houve a apresentação da mística, em que participaram algumas(uns) jovens e crianças. Para a apresentação da mística foi montado um pequeno cenário, com um tecido de chita verde florido no chão, colocado em formato de círculo, com vários galhos de flores silvestres no entorno, além de galhos de palmeiras (DIÁRIO DE CAMPO, Timon, 29.09.19).

É em torno desse círculo as(os) jovens se juntam para encenar os ataques sofridos pelo meio ambiente, que para elas(es) é fonte de vida nos mais diversos sentidos. A seguir a(o) leitor(a) terá uma ideia da estática da roda, das cores e disposição de cada elemento que a compõe, na encenação relatada a seguir:

A encenação começa com uma jovem grávida que chega ao centro da roda, com um vestido longo de cor verde e florido. Porta uma coroa de flores na cabeça, compondo, com o cenário, uma imagem de “mãe terra”. Em seguida chegam outras(os) jovens: um com uma arma cenográfica apontando para a jovem “mãe terra”; outra com um pulverizador de agrotóxicos apontando para os galhos colocados no cenário; outras duas jovens com baldes, simbolizando colher flores. Todos elas(es) giravam em torno do cenário, até que a jovem grávida encena um desmaio, representando a morte da “mãe terra”. Chegam, então, outras(os) jovens, a maioria com camisetas vermelhas e

brancas, e também bonés e camisas do MST. Retiram as(os) jovens que representavam as(os) agressoras(es) da natureza, uma das jovens estava com uma criança de colo nos braços, representando as mães na luta. Assim, todas(os) deixam o cenário, e resta apenas a jovem grávida deitada sobre o tecido de chita com apenas um galho de flor ao seu lado. Ao fim dessa parte da encenação uma jovem e um jovem proferem um belo discurso que conta a história do assentamento, trazendo toda a trajetória de lutas e lembrando as perdas dos companheiros que já passaram pela comunidade. O discurso é finalizado com o grito de guerra, repetido três vezes: “Lutemos! Ocupar, resistir, produzir!” Que foi acompanhado por todas(os), com o empunhar das mãos. Um momento bastante emocionante e de arrepiar. Em seguida todas(os) as(os) jovens retornaram, ao som da música “Canção da Terra” de “O Teatro Mágico”, carregando de volta as flores e palmeiras, colocando-as nos mesmos locais, trouxeram, ainda, uma enxada e um facão, importantes elementos na simbologia do MST, que puseram à frente do cenário. Nesse momento a jovem grávida se reergueu, para simbolizar o renascimento da “mãe terra”. Vieram, então, três crianças segurando a bandeira do MST e se puseram sentadas à frente do cenário. Todas(os) as outras(os) jovens se assentaram ao redor do tecido de chita, ficando de pé apenas a jovem que representava a “mãe terra”. Todas(os) assistiam com bastante atenção, emoção e solenidade. Foi um momento em que fiquei bastante emocionada e tocada, e não pude conter as lágrimas. Imediatamente, ao final da encenação uma pessoa começou a cantar o hino do MST e todas(os) acompanharam, voltando-se instantaneamente para a bandeira do MST, pendurada na parede central do Barracão, de maneira solene e respeitosa, empunhando as mãos e cantando com bastante vigor e emoção, finalizando com aplausos. Por fim, o presidente da associação “puxou” um novo grito de guerra, todas(os) acompanharam e responderam três vezes, que dizia: “Pátria livre – Venceremos! ”. Em seguida foi a vez de uma das lideranças jovem, anunciar o grito de guerra que todas(os) responderam por três vezes: “Juventude que ama lutar – Constrói o poder popular!” (DIÁRIO DE CAMPO, Timon, 29.09.19).

Nessa encenação é possível identificar elementos fundamentais da mística na cerimônia realizada no Vale, ocorrida no segundo dia da festividade de aniversário de treze anos do assentamento. A encenação artística, as palavras de ordem ou gritos de guerra, música e hino, elementos simbólicos, crítica ao sistema, são elementos que simbolizam e dão materialidade à mística. No entanto, a sensação ao presenciar a realização da mística, como pesquisadora, jamais poderei descrevê-la e expressá-la de maneira fidedigna, pois, como já referido anteriormente, trata-se de subjetividade, relaciona-se com as emoções de quem participa.

A última importante manifestação cultural a ser abordada são os festejos em comemoração ao padroeiro da comunidade, São Miguel Arcanjo. Trata-se da segunda festividade mais relevante da comunidade. Mais importante do que os festejos, é apenas a comemoração de aniversário do assentamento, cuja data geralmente culmina com o último dia dos festejos, o que não parece ser coincidência.

De acordo com Simonetti (2010), em civilizações antigas do continente europeu, em razão da ascensão da doutrina Católica e seu domínio inicialmente nessa parte do mundo, as atividades de lazer eram restritas às comemorações referentes a vitórias de guerras e a festividades religiosas, como os festejos. Em muitas comunidades rurais, essas festividades coincidem com as comemorações da colheita, ou seja, do resultado do trabalho de todo um período, mas também como forma de agradecimento. A importância dessas comemorações

religiosas foi estabelecida pelos invasores e se perpetua até os dias atuais, em vários territórios rurais no Brasil. É possível afirmar que, essa dimensão de festejos ligada à tradição católica, é uma herança da cultura colonialista nas américas. Em pequenas comunidades rurais, como o Vale, o festejo figura como o evento mais importante do ano para muitas(os) comunitárias(os) e está atrelado à religiosidade. Assim, inevitavelmente, a ética e a moral cristã compõem fundamentais aspectos da cultura imaterial nessas comunidades, sendo determinantes na constituição da identidade desses territórios.

Dada a enorme diversidade cultural existente no Brasil, é possível afirmar que temos uma variedade de manifestações da cultura e da tradição muito bem territorializadas no rural brasileiro, intimamente vinculadas ao lazer e à religiosidade, nas mais diversas regiões do país. A exemplo há a cavalhada, a vaquejada, o reisado, o boi bumbá e os festejos. Todas essas são formas de confraternização coletiva, de festejar e, especialmente, de religar-se com uma divindade e com a tradição dos antepassados. Os festejos aparecem como uma das festividades culturais mais comuns no nordeste do Brasil, pois carrega dogmas e tradições do catolicismo, religião ainda predominante no rural do nordeste brasileiro.

No caso do Vale, essa ligação com a religiosidade, vinculada ao catolicismo, carrega não apenas as raízes da tradição de predominância católica em comunidades rurais, resultado da impregnação da lógica colonialista eurocêntrica para a homogeneização cultural. Ela expressa a reprodução social católica trazida e imposta desde a colonização, por meio da catequização impositiva dos povos colonizados subalternizados, aos dogmas da Igreja Católica.

Mas essa vinculação ao catolicismo também é fortalecida em razão da própria vinculação da comunidade, como assentamento sem terra, ao MST, e outros movimentos sociais de luta pelos trabalhadores rurais. O próprio MST, em sua fundação, teve a colaboração de parte residual da prática litúrgica de esferas da Igreja Católica. Conforme discorrido anteriormente, a própria mística do MST nasce no seio dessa igreja. Ela possui um marcante lastro litúrgico, suas celebrações e ritos são derivados das doutrinas ensinadas nas Comunidades Eclesiais de Base e Pastorais Sociais e ainda a colaboração de padres e fiéis católicos nas lutas sociais pela terra, estão balizados pela *práxis* da Teologia da Libertação. A religiosidade atrelada ao catolicismo, está tão presente e tradicionalmente arraigada no Vale, que até pessoas que não se identificam com essa religião, lideranças na comunidade, perpetuam os costumes do catolicismo na comunidade, conforme relatado nesse trecho do diário de campo:

Em conversa com Karla e Dn. Lulu, elas me relataram que não se consideram e fato católicas e nem de outra religião, apesar que creem e terem uma relação espiritual com o divino. Narraram que, anteriormente, elas participaram da igreja evangélica Adventista do Sétimo Dia, que inclusive, fica em frente à casa delas. Mas falaram que

já não participavam mais há algum tempo, e que hoje preferem definir-se sem religião. Porém, afirmaram que apesar de não se considerarem católicas apoiam as atividades da igreja Católica da comunidade e das demais igrejas. Mas observei que ambas participam, com mais afinco, das atividades da igreja católica. Karla, inclusive, participa do coral do JAV, vinculado à igreja e sua mãe contribui com a organização de algumas ações nos festejos. Acredito que elas apoiam pelo fato de serem lideranças na comunidade e sentirem-se no dever de prestar esse apoio, supondo que esta é a religião que mais possui adeptos na comunidade (DIÁRIO DE CAMPO, Timon, 24.06.19).

Nesse sentido, não há como descolar a sociabilidade por meio de atividades religiosas, desenvolvidas no contexto dessa manifestação cultural. As práticas sociais das(os) participantes dos festejos, que além de observáveis também são oralmente perceptíveis, desvelam que ao passo que expressam os conteúdos sociais por meio das relações enredadas, também dão vazão a seu relacionamento com as divindades católicas. Identifiquei no Vale, no momento dos festejos, a celebração das principais divindades associadas ao catolicismo. Esses momentos são compartilhados sempre com muito entusiasmo, alegria e louvor, também são momentos importantes de ajuntamento de boa parte da comunidade e de fundamentais encontros. Encontros de familiares, já que parentes de moradoras(es) que não residem no Vale vêm de outras localidades para participar da festa. Encontros com outras comunidades vizinhas, que muitas vezes compartilham de lutas semelhantes às do Vale e são formal e respeitosamente convidadas a participar da festividade; essa participação é bastante numerosa; chegam pessoas em caravanas de carros pequenos, picapes e motos, para encontrar suas(seus) amigas(os) da comunidade, com quem tem vínculos. Há também um verdadeiro momento de encontro de lideranças políticas que chegam até a comunidade para prestigiar o festejo. São político-partidárias ou não que aproveitam desses momentos para conquistarem popularidade entre as(os) assentadas(os), a fim de interesses políticos individuais e/ou coletivos. A seguir a imagem dos festejos, que demonstra a movimentação das pessoas, a confraternização entre comunitárias(os), a decoração da festa, a igreja e a barraca de comidas, além do espaço onde ocorre o leilão:



Figura 35 - Festejo de São Miguel Arcanjo no Vale
– Setembro 2019 – Fonte: Rayane Santos

Há também um encontro de gerações da comunidade numa só festividade, no compartilhamento da tradição e da cultura, numa grande confraternização. A organização e articulação das atividades dos festejos, são partes fundamentais de todo o processo dessa atividade cultural. Pois é nesse momento, entre encontros e reuniões comunitárias, que muitos vínculos sociais vão estabelecendo-se e fortalecendo-se. Ações de solidariedade e o exercício da valorização dos costumes e tradições tornam-se os agentes motivadores para a permanência e perpetuação de tais atividades na comunidade, além do fortalecimento de sentimentos de pertencimento com o lugar e suas identidades locais. Nessa etapa da organização e articulação da festividade, várias(os) comunitárias(os) começam a destacar-se por suas habilidades mobilizadoras e de liderança e passam a exercitar, levando outras(os) a também participar, e dando direcionamento ao grupo.

Nesse sentido, observei que no Vale, há algumas(uns) adultas(os), que tomam a frente na articulação das principais atividades dos festejos: missas, novenas, leilões, procissões e demais encaminhamentos da festividade. Como também as atividades realizadas, antecipadamente, para arrecadar recursos para custear despesas dos festejos, como o festival do sorvete. Para realizar essas atividades, essas(es) adultas(os) recebem orientações das diaconisas e diáconos vinculados a paróquia, que com elas(es) dão os “toques” finais para realização dos festejos.

No entanto, o papel de jovens, em nome do grupo JAV, é de suma importância nesse processo dos últimos retoques para realização da festividade. A elas(es) são delegadas diversas tarefas, tais como: mobilização da comunidade; venda de lanches; colaboração na divulgação do evento; condução da parte musical no momento da missa. Atividades realizadas com excitação em razão da potencialidade juvenil de viver em constante movimentação. Daí esse

envolvimento para contribuir com a animação do evento, conforme destaquei nesse fragmento do diário de campo:

O grupo de louvor, que estava sentado junto, nos primeiros bancos, era composto pelo JAV, que também estavam com camisetas personalizadas, mas não eram iguais às demais da comunidade, era específica do próprio grupo. Ao final da celebração uma das jovens do grupo deu os seguintes avisos finais: sobre a venda de lanches na barraca após a celebração (que ficaria a cargo do JAV); sobre o leilão; sobre a festa em comemoração ao aniversário da comunidade (na mesma noite); sobre a feira com a exposição de produtos da comunidade e a comemoração com bolo que haveria na manhã seguinte, ainda em alusão ao aniversário da comunidade; sobre o horário da procissão, também no dia seguinte, mas à noite, e que culminaria com a celebração do último dia de festejo na comunidade. Em seguida a ministra que realizou a celebração teceu muitos elógios ao grupo de jovens, ao trabalho que elas(es) fizeram para a realização dos festejos. Todas(os) foram convidadas(os) a irem à frente para que pudessem ser aplaudidas(os) e, de acordo com as crenças católicas, para que toda a comunidade e ministras(os) da igreja pudessem abençoá-las(os) por meio de uma canção que lhes desejava bênçãos e amor. Ao final, o grupo se movimentou rapidamente para a barraca de venda de lanches, para atender às(aos) comunitárias(os), que já faziam fila, desejando adquirir os lanches: creme de galinha, sucos, refrigerantes, bolos, entre outros (DIÁRIO DE CAMPO, Timon, 29.09.19).

Segue o registro de imagem do grupo JAV entoando louvores, vestidos de branco, durante a missa em celebração ao último dia dos festejos de São Miguel Arcanjo no Vale. E na imagem ao lado o registro da barraca de venda de lanches administrada pelo JAV, onde as(os) participantes dos festejos já faziam fila para adquirir os produtos:



Figura 36 - Grupo JAV (no canto esquerdo), entoando canções na missa dos festejos – Setembro, 2019 – Fonte: Rayane Santos



Figura 37 - Barraca de lanches administrada pelo JAV nos festejos – Setembro, 2019 – Fonte: Rayane Santos

Com isso, os festejos vão sendo inscritos nas comunidades, a partir da inclusão não apenas de pessoas devotas das(os) padroeiras(os) nos preparativos da festa, mas de toda a comunidade. Há um envolvimento intergeracional, marcado pela presença de pessoas de diferentes idades, algumas com experiências comuns em acontecimentos da história da comunidade e sobre o trabalho da lida com a terra. Tudo isso, proporciona troca de saberes e especialmente, a transmissão do saber/fazer tradicional característico do meio rural, de produção de alimentos, e outros ensinamentos às(aos) mais moças(os). O intuito é que este

ritual possa perpetuar-se e reproduzir-se calcados não apenas na religiosidade, mas também na coletividade. Nesse sentido, é exemplar no Vale, a situação da família em que a mãe, Dn. Simone, é envolvida com a preparação dos festejos, e suas filhas, Sayonara, Syomara e Wilmara, seguindo a tradição familiar, participam ativamente do JAV, do coral, da venda de lanches e demais atividades relacionadas ao envolvimento de jovens com os festejos, demonstrando, porque tais tarefas são de fundamental importância para as famílias e especialmente, para as(os) jovens na comunidade, como afirmação das tradições.

Além de jovens há a importante inclusão de crianças nesse processo, como em diversas atividades culturais. Uma das formas de incluir crianças ocorre por meio da participação das mesmas em concurso de “rei e rainha” dos festejos. Essas crianças, acompanhadas de pais ou parentes, abordam as(os) participantes da festa, especialmente, os visitantes, com o “livro de ouro”, uma espécie de caderno de doações, em que (a)o contribuinte assina seu nome e deixa sua doação para a comunidade, em prol dos festejos. A introdução de crianças é parte fundamental do modo de fazer as atividades culturais no Vale, como forma de estruturar-lhes valores éticos e morais, que são fundamentos basilares da própria comunidade. Não só aos pais, mas a toda a comunidade é conferida o papel de fornecer às(aos) filhas(os), desde a tenra idade, conteúdos de sociabilidade e coletividade cotidianamente, também nestes espaços culturais de lazer. Ensina-se como se dá a articulação entre os grupos sociais, como se processa a produção da cultura e excepcionalmente, qual é o arcabouço ideário, histórico e tradicional daquele povo, suas relações sociais para além do território.

Na época dos festejos, as lideranças religiosas são bastante acolhidas, visto que a comunidade não dispõe de um sacerdote fixo, apenas diaconisas e diáconos, porém, nenhum destes residem na comunidade. Portanto, nos dias dos festejos, é a oportunidade que a comunidade tem de receber essas lideranças durante aqueles dias festivos. Assim, no Vale, como de costume em diversas comunidades rurais, nesse período de festejos, ocorre a celebração de alguns dos sacramentos da igreja Católica³⁹, tais como batizados, confissões, primeira eucaristia, crisma e casamentos. Um período festivo para a coletividade, pois nessa oportunidade padres, diaconisas e diáconos participam de atividades na igreja da comunidade. Obviamente, como já mencionado, essa presença não é tão frequente, em razão das distâncias entre a comunidade e os locais de onde partem esses sacerdotes. Essa distância

³⁹ O **sacramento católico** é um ato ritual destinado aos fiéis, para eles receberem a graça de Deus, e situações da vida cristã. Ao celebrá-los, a Igreja Católica, através das palavras e elementos rituais, alimenta, exprime e fortifica a sua fé e a fé de cada um dos seus fiéis. Estes sinais de graça constituem uma parte integrante e inalienável da vida cristã de cada fiel. Fonte: Wikipedia.

também impede que eles residam no Vale. Mesmo com todas as dificuldades, essas celebrações são seguidas de confraternizações regadas a muita alegria, afeto, mesa farta de pratos regionais, partilhados entre as famílias da comunidade. A confraternização entre moradoras(es) do Vale, presenciada por mim, aconteceu após um desses rituais religiosos e consiste em encontro para comer juntas(os), para partilhar a “fartura” de alegria e de alimentos e a celebração de um momento ritualístico importante para a reafirmação da fé das(os) envolvidas(os), conforme narro nesse trecho do diário de campo:

Em minha primeira visita, quando cheguei à comunidade, estava acontecendo a missa pela manhã, com a realização da primeira eucaristia de algumas crianças e adolescentes, momento de comemoração para a comunidade, tendo em vista que estavam em período de festejos, oportunidade em que são realizados alguns sacramentos católicos importantes para as(os) fiéis da comunidade. Uma sobrinha da jovem Karla era uma das adolescentes que estava participando do ritual. No retorno da missa a conheci e também conheci seu pai, o irmão de Karla, Diego, e sua esposa, Ana Cleide, (que estava grávida). Houve, então, um almoço festivo, com toda a família e muita alegria. Na casa ao lado, uma jovem também havia participado do ritual. Lá também havia mesa farta, bolo comemorativo e até ganhei lembrancinhas do momento especial. As famílias compartilhavam o alimento e a alegria (DIÁRIO DE CAMPO, Timon, 24.06.19).

Um dos momentos mais marcantes dos festejos no Vale é certamente o leilão, pois, além de ser um momento de intensa descontração, em razão de todos os gracejos e brincadeiras do leiloeiro, que anima as(os) participantes a dar lances e envolver-se com o evento, é também mais uma estratégia de arrecadação de fundos para a manutenção dos trabalhos da igreja. Mas, também, para as próprias despesas com a organização dos festejos. A irreverência nos leilões é fundamental, para que haja o envolvimento das(os) participantes e para que dê movimento ao evento. Também identifiquei, no ritual do leilão, o desempenho da solidariedade e da coletividade entre as(os) comunitárias(os) a partir das doações realizadas, pois cada “joia” leiloada é doada por algum membro da comunidade local, com total desprendimento. Segue uma imagem do momento do leilão, no qual o leiloeiro oferece os produtos do leilão com muito entusiasmo:



Figura 38 - Leilão nos festejos de São Miguel Arcanjo – Setembro, 2019 – Fonte: Rayane Santos

A realização do leilão reafirma costumes antigos, e muitas(os) comunitárias(os) fazem questão de realizar sua contribuição doando as “joias” do leilão. Geralmente, compreende comidas caseiras, preparadas por elas(es) mesmas(os); porções de produções agrícolas, cultivados e colhidos nas hortas da comunidade; produtos artesanais; animais de suas criações; enfim, doam o que tem, o que produzem na própria comunidade. A escolha do que doar, como preparar e como “embalar”, é feito com muito orgulho e altruísmo, pois tudo isso simboliza o modo como cada uma(um) pode contribuir para ver aquele momento da festa acontecer. Sem dúvidas, no Vale, essa festa acontece a partir de suas potencialidades, possibilidades e esforços de moradoras(es), reafirmando laços de reciprocidade e formas de partilhar e trocar alimentos. Uma dessas formas é o leilão, uma atividade que acontece durante os festejos, logo após a realização da missa, sempre com muita animação conforme registrado no trecho do diário de campo:

Houve ainda, após a missa, um leilão de vários alimentos (bolos doces e salgados, tortas, doces, pratos salgados e doces, porções da produção etc.) que foram doados por famílias da comunidade, além de uma galinha caipira viva, que também foi doada. O leilão foi organizado por algumas(uns) adultas(os), mulheres e homens, que atuam na organização eclesial da igreja. Inclusive, o animador do leilão, ofereceu-me uma das “joias” durante sua apresentação, a qual arrematei. Um delicioso bolo de milho. Quem “gritava o leilão” era um dos diáconos da igreja (que é vinculado à paróquia). O leiloeiro conduzia o leilão com muita alegria. Ele se aproximava das pessoas e oferecia as joias com muito entusiasmo e descontração, e muitas(os) sorriam e entravam no clima de brincadeira da festa. O leilão representa o compartilhamento, a soma de esforços individuais e comunitários em prol da realização dos festejos. Representa a coletividade em prol de um bem comum. É o momento de valorizar as pessoas e as potencialidades da comunidade, pois é no momento do leilão que se aplaude: o produto da terra, não importando se a doação é simplória; quem doa, pois este se dispõe a ajudar sem receber algo em troca; e quem arremata, que compra, no intuito de ajudar, por um valor bem mais alto, um produto que é comum em sua comunidade (DIÁRIO DE CAMPO, Timon, 29.09.19).

Nos leilões, a reciprocidade emerge frequentemente, não importando se está vinculada a uma doação simbólica ou não. Para todas(os) o que importa é o próprio ato de doar. Tal reciprocidade, desde muito já operada no seio da família, e no conviver em comunidade. A

partilha entre vizinhas(os) aflora nessas manifestações culturais, como os leilões nos festejos, como uma tradição, uma simbologia, um costume e um reflexo do viver cotidiano em comunidade.

Essa prática da realização de doações, atravessa gerações e se concretiza na prática em bens arrecadados transformados em fundos para as pequenas igrejas. O que repercute para as(os) doadoras(es) e comunidade, bastante orgulho e sentimento de conquista, ao ver os produtos de sua terra valorizados em um leilão. Da mesma forma, os recursos arrecadados tornam-se importante contribuição para o desenvolvimento de ações na religião de que são devotas(os). Esses sentimentos reforçam o reconhecimento de pertencimento dessas pessoas como aceitas nesses espaços. Além de integrarem uma rede de sociabilidade que contribui para o melhor desenvolvimento de aspectos, que para elas, são fundamentais para a comunidade, como a religiosidade e o lazer. A(o) doadora(dor) se sente extremamente honrada(o), quando sua joia é exposta e arrematada, pois, naquele momento, suas(seus) vizinhas(os), familiares e amigas(os), a contemplam, avaliam e admiram, enquanto todas(os) assistem, de público, todas essas manifestações de apreço.

Assim como o leilão, a festa, antigamente chamada de baile, compõe a soma dos valiosos conteúdos culturais existentes nos festejos. No passado, esses bailes e festas estavam intimamente relacionados à produção, à comemoração da colheita, do qual dependia quase que completamente a reprodução e manutenção desses territórios. Este era o momento para desfrutar das delícias preparadas com os alimentos colhidos, com mesa farta e muita alegria, pois estes bailes estavam também relacionados à confraternização da comunidade, à sociabilidade e ao lazer.

Atualmente, essas festas ganharam uma ressignificação cultural, e sofrem bastante influência das transformações globais e especialmente, da cultura urbana, não sendo apenas uma continuidade do passado, mas ainda preservando alguns aspectos da tradição, como o próprio fazer do baile. No Vale observei também, que boa parte das(os) fiéis, logo que saíram dos festejos foram para o barracão participar da festa. Umas(uns) foram até suas casas para trocar de roupa, mas em seguida dirigiram-se à festa. Uma festa bastante animada: havia música, piseiro e forró. Como de costume, nas festas da comunidade, vendia-se bebidas alcóolicas e refrigerantes. Venda de comidas, aperitivos como espetinhos de carne, batata frita e creme de galinha. Todas(os) estavam bastante animadas(os), sorriam, dançavam e brincavam, deixando de lado a solenidade que há pouco exercitavam durante a missa. Assim, nessa manifestação cultural dos festejos, a junção da festa às celebrações eclesiais, evidencia uma conotação de mescla entre o sagrado e o profano, atribuindo à religiosidade aspectos locais.

Essa mescla traduz-se em detalhes do modo de viver da comunidade, inclusive, na indumentária das(os) participantes dos festejos como é possível observar no trecho do diário a seguir:

Em relação às vestimentas, muitas(os) jovens trocaram de roupa ao ir para a festa no barracão. Mulheres se vestem com vestidos ou calças e blusas. Homens com calças e camisas na missa e na parte externa do Templo, durante o leilão nos festejos. Porém, a maioria chegou à festa da comunidade vestindo outras roupas: homens com short e camiseta, mulheres com short ou saias curtas e blusas. Essa imagem evidencia uma espécie de separação entre o sagrado e o profano. Para o momento religioso, roupas mais recatadas, mais compostas, evidenciando maior solenidade. Para a festa, mais despojamento ao vestir-se, looks com menos possibilidades de controle (DIÁRIO DE CAMPO, Timon, 28.09.19).

Assim, percorrer o Vale para apreender acerca da realidade dos festejos e diversas outras tradições culturais, é uma atividade que exige sensibilidade e capacidade de observar detalhes acerca da vida na comunidade. Santos e Kinn (2009) tratam acerca de singularidades da prática cultural nos festejos e nas expressões de pertencimento ao território, pois o lugar não representa uma única totalidade sócio espacial. Desse modo, as experiências do vivido não estão isoladas de representações nos espaços comunitários.

Os festejos são uma prática sociocultural que resiste ao tempo em muitas partes dos territórios rurais, tendo em vista que as tradições, em sua essência, têm a capacidade de adaptação às mudanças ocorridas no tempo. Exercem influência nas identidades das(os) jovens participantes, mas também nas identidades das(os) demais comunitárias(os). Essa manifestação cultural representa a efervescência da coletividade, pois evidencia a enorme capacidade de ajuntamento. De agrupar pessoas que se identificam com práticas culturais e religiosas semelhantes, criando essas relações de troca, que se desenvolvem como costumes, permeados e potencializados pela reciprocidade. A sociabilidade, interatividade e coletividade nas relações sociais no Vale, durante os festejos, pode ser observada nesse trecho do diário do campo, a seguir:

Muitas(os) retiram cadeiras que estavam no interior do templo para sentar-se do lado de fora do mesmo. Enquanto algumas(uns) comiam os lanches comprados na barraca de comidas, outras(os) conversavam e haviam ainda aquelas(es) que apenas observavam. A maioria das pessoas estavam sentadas próximas, em grupos, aparentemente famílias, onde jovens, adultas(os) e crianças interagem, enquanto outras(os) apenas observavam a movimentação, paradas(os), em silêncio, sozinhas(os), em casais ou em grupo. Ouvi muitos murmurinhos, sobre conversas e sorrisos. Também presenciei abraços de confraternização e até reencontros de amigas(os) e parentes, talvez entre esses estivessem aquelas(es) que passam a semana no trânsito entre campo e cidade. Ao final desse momento dos festejos alguns homens se afastaram e iniciou-se uma pequena queima de fogos. A importância de garantir a plena realização dos festejos representa a expressão do compartilhamento e da coletividade entre a comunidade, e tem por base a ajuda mútua, a doação de bens, saberes e tempo das(os) envolvidas(os), a organização comunitária, a reciprocidade e principalmente, é a celebração e transmissão de seus costumes e culturas locais (DIÁRIO DE CAMPO, Timon, 29.09.19).

Contudo, é importante ser destacado que, no Vale, ao passo que os festejos e demais manifestações culturais, como a farinhada e a mística, revelam aspectos de antigas tradições. Há, também elementos de persistência das mesmas, com diferentes formas de reedição, a partir da incorporação de características de suas próprias identidades locais. Além disso, permanecem os encontros, as práticas culturais de lazer, mas agora baseados em tradições que, constantemente, sofrem transformações, com inclusões e exclusões de hábitos, relacionados a novos modos de vida, resultantes dos agora trânsitos, desses sujeitos, entre ambos os territórios, campo e cidade.

Enfim, todas essas manifestações culturais no Vale revelam a necessidade de pensar a interculturalidade como crítica viável para a efetivação de um projeto decolonizador da cultura. Catherine Walsh (2003) compreende os estudos culturais latino-americanos como “(inter)culturais” basilados pela perspectiva descolonial, no sentido que “pensando desde esta región, desde las luchas, prácticas y procesos que cuestionan los legados eurocéntricos, coloniales e imperiales y pretenden transformar y construir condiciones radicalmente distintas de pensar, conocer, ser, estar y con-vivir” (p. 221).⁴⁰ A interculturalidade promovida a partir do diálogo de iguais, em seu sentido relacional, de intercambio e troca entre culturas; e em seu sentido funcional, com o reconhecimento e inclusão das diferenças culturais e da diversidade dos povos. Esse movimento deve provocar e promover uma transformação social que conduza a formação de uma nova estrutura social, a reinvenção de um novo modelo civilizatório e a reafirmação de mundos outros (WALSH, 2012).

4.3. “A gente queria era estar junto! ”: sociabilidades nos ambientes do lazer

Para compreender as questões da sociabilidade é imprescindível pensar que o tempo é um elemento humano, portanto social, tendo em vista que o homem é, por natureza, um ser sociável. Desde os níveis mais simples aos mais complexos, a ordenação do homem em grupos sociais, exige padrões a serem aplicados à totalidade do grupo, no intuito de que funcione devidamente. Dessa forma, o tempo cumpre precisamente essa função, a de organização. O tempo é uma instituição social, e assim pode ser chamado de *tempo social*, desenvolvido por cada sujeito em seu processo de racionalização (ELIAS, 1994). No entanto, é fundamental questionar a lógica da modernidade que traz a ideia de tempo linear atrelada à noção de

⁴⁰ pensando a partir desta região, das lutas, práticas e processos que questionam os legados eurocêntricos, coloniais e imperiais e pretendem transformar e construir condições radicalmente distintas de pensar, conhecer, ser, estar e conviver (Walsh, 2003, p.221 - tradução livre).

progresso. A partir da perspectiva decolonial é possível considerar uma outra possibilidade de compreender o mundo em que:

el tiempo contiene la pluralidad de todo lo vivido, que es una pluralidad abierta de experiencias vividas, de memorias ancestrales, relaciones al mundo, a los mundos. Las experiencias múltiples de lo vivido no necesariamente se expresan en todos los presentes, no se expresan necesariamente en el espacio porque no están contenidas en el presente de la presencia, lo desbordan. El tiempo nos aparece entonces como la otredad radical del orden de la presencia. Son realidades no presentes, existen en el tiempo (pero ahí tenemos el problema del lenguaje moderno, porque existir ya nos lleva al espacio) pero –digamos– existen como memorias en una pluralidad en la que podemos entender el tiempo como una dimensión en continuo movimiento que está emergiendo como presencia (BARRERA e VAZQUEZ, 2016, p.81).⁴¹

No Vale, o lazer ocupa significativa configuração, na medida em que o tempo cotidiano é configurado a partir do engendramento da “labuta”⁴². A dimensão partilhada do trabalho envolve muitos membros da família na produção. Pele queimada de sol, mãos calejadas, vida suada, vínculo com a terra, todos resultados da intensidade da lida dura e diária da mulher e do homem do campo, sejam elas(es) jovens, adultas(os) ou idosas(os), que produzem para sobreviver. Assim, o tempo social parece ser ocupado, em sua totalidade, pelo trabalho no campo.

Nesse tempo social, o lazer parece não existir, perder sentido, dado ao fato de, em geral, a totalidade do tempo cronológico ser gasto com a “labuta”. Contudo, existe uma conexão intrínseca entre “labuta” e também espaços de sociabilidades e de construção de identidades entre jovens. As(os) jovens engendram a “labuta” com descontração, prazer e excitação, na companhia de seus pares, familiares e comunidade, pois essa “labuta” carrega memórias, tradições, ancestralidades, traços de seus modos de vida, o que lhes é muito valoroso e prazeroso de vivenciar. Desse modo, a “labuta” é também instrumento de práticas de lazer na comunidade, na medida em que, em momentos como o da farinhada, a festa toma conta, explicitando a suspensão da rotina da vida cotidiana, com muita alegria, conversas animadas, cantorias, enfim, uma excitação prazerosa. Essa realidade revela a necessidade de “rescatar outras formas de percibir el mundo que tienen otra temporalidad, una temporalidad onda en la que la noción de

⁴¹ o tempo contém a pluralidade de tudo o que é vivido, que é uma pluralidade aberta de experiências vividas, de memórias ancestrais, de relações com o mundo, com os mundos. As múltiplas experiências do vivido não se expressam necessariamente em todos os presentes, não se expressam necessariamente no espaço porque não estão contidas no presente da presença, o transbordam. O tempo então aparece para nós como a alteridade radical da ordem da presença. São realidades não presentes, existem no tempo (mas aí temos o problema da linguagem moderna, porque a existência já nos leva ao espaço) mas - digamos - existem como memórias numa pluralidade em que podemos compreender o tempo como uma dimensão em movimento contínuo que está emergindo como uma presença (BARRERA E VAZQUEZ, 2016, p.81 - tradução livre).

⁴² Para os moradores do Vale e de muitas comunidades rurais, a “**labuta**” é uma tarefa árdua, rústica e contínua, que requer muito esforço físico. Grande parte das atividades precisa de um cuidado diário e não espera.

memoria, de recordar se vuelve muy importante para comprender y percibir el mundo” (BARRERA E VAZQUEZ, 2016, p.80).⁴³

Identifica-se, portanto, uma função psicossocial no lazer. Para Freire (2001), o lazer revela-se complexo, pois se traduz em uma vasta gama de atividades, significados, objetivos e consequências para os participantes. Entendendo o lazer nessa perspectiva psicossocial Freire (2001) afirma que:

O lazer como uma experiência de vida que se torna relevante a vários níveis: **pessoal**, pois toca aspectos relativos ao próprio indivíduo, com suas características pessoais, suas capacidades, potencialidades e também limitações; **social**, porque muitas atividades são realizadas com os outros, por meio de um sistema de interações e relações; e os espaços físicos, já que associados às experiências de lazer estão também os lugares em que essas ocorrem. Todos estes aspectos são independentes de diretrizes sócio-histórico-culturais que definem estruturas e sistemas, também, em relação ao lazer (p.346) [Grifos meus].

Para as(os) jovens do Vale, no sentido pessoal, o lazer experimentado por elas(es), os quais descrevi no decorrer desse capítulo, evoca sentidos e significados, como o de pertença e valorização do seu território e suas tradições, com as atividades culturais tradicionais; aflora suas capacidades de organizar seus lazers e ao mesmo tempo a potencialidade para e vivê-los. E, no sentido social, potencializa a formação de agrupamentos juvenis, as redes de relacionamentos, e desenvolve os princípios de coletividade, colaboração e valorização do trabalho no campo, tão estimados pela comunidade.

Os exemplares das atividades de lazer e cultura que vimos ao longo deste capítulo, como as festas, rodas de conversa, atividades esportivas, culturais, tradicionais, políticas, religiosas e até de trabalho, tudo isso evidencia a complexidade presente nas experiências de lazer das(os) jovens do Vale, tornando-o difícil de ser definido, tendo em vista que ele pode ser analisado tomando como parâmetro vários aspectos. Segundo Freire (2001), nos espaços de lazer o indivíduo experimenta inúmeras sensações e sentimentos. Cada situação e cada experiência são carregadas de sentidos e valores diferentes e possui significativas cargas histórica, social e cultural. As(os) jovens, como sujeitos nelas inseridos, processam relações sociais, preservam cultura e tradição, realizam trabalhos agrícola, atuam politicamente, praticam esportes, relacionam-se com o divino, encontram excitação e lazer. Contudo, o que chama a atenção é a importância dessas práticas como espaço/tempo de sociabilidades no lazer para/na vida de jovens do Vale.

⁴³ resgatar outras formas de perceber o mundo que tem outra temporalidade, uma temporalidade de onda na qual a noção de memória, de recordar se torna muito importante para compreender e perceber o mundo (BARRERA e VAZQUEZ, 2016, p.80 - tradução livre).

Sem dúvidas, os espaços de lazer, possibilitam às(aos) jovens, expectativas de interação coletiva intensa, trocas, compartilhamento de afetos, todas sensações que garantem grande satisfação e prazer. Nesse sentido, a sociabilidade desempenha papel fundamental nas práticas de lazer, pois são nessas oportunidades que as(os) jovens do Vale podem, a partir do envolvimento com tais práticas, seja desde a organização até a participação nos eventos em si, não apenas satisfazer suas necessidades de lazer, mas encontrar um espaço onde haverá interação e trocas de relacionamentos entre pares, bastante significativa. Elias e Duninng (1992) ressaltam que a sociabilidade é um elemento básico quando pensamos em lazer, pois sua presença é predominante na maior parte das atividades de lazer.

No Vale, como já mencionado, um exemplo do fortalecimento de redes de sociabilidade é quando jovens estão envolvidas(os) na organização das atividades de lazer apresentadas ao longo do capítulo, na maior parte das vezes em caráter voluntário, demonstrando suas habilidades e potencialidades. As(os) envolvidas(os) nessa organização do lazer, a partir da participação em reuniões e outros encontros, tem favorecida a aproximação com diversas pessoas e assim, a manifestação de afetos, que passa a ser mais intensa. Quando participam da atividade de lazer, sentem o prazer e a excitação de estar no espaço, e para quem participou da organização o prazer também é de ver a(o) outra(o) satisfeita(o) com tudo o que foi preparado para a realização daquela atividade, como podemos observar nessa narrativa:

Outra coisa que a gente fazia muito era organizar as festas culturais do assentamento. A gente sempre, quando falava em festa no assentamento, ah, não, a festa é dos jovens, festa é só os jovens. No caso a nossa forma de entretenimento, era procurar o entretenimento para o acampamento, na verdade, e aí, a gente sempre trouxe isso para gente (JOVEM ULISSES, 26 anos, Vale da Esperança, 04.08.19).

No Vale, esse prazer e sociabilidade é facilmente observado na organização do lazer da comunidade realizada pelo grupo Sementes do Vale, como explicitarei em sessão anterior. Aquelas(es) jovens com participação mais ativa na organização dos eventos de lazer da comunidade, descritos ao longo do capítulo, trocam muito afeto e intimidade. “Mas assim, o que a gente queria era estar junto. A gente planejava, planejava [as atividades de lazer], no final queria estar junto” (JOVEM ULISSES, 26 anos, Vale da Esperança, 04.08.19) [Grifos meus]. Inclusive, de maneira mais intensa do que com outras(os) jovens que não se envolvem com a organização dos eventos, e, conseqüentemente, que não participam do grupo Sementes do Vale, responsável pelas atividades de lazer. As(os) participantes são envolvidas(os) nessa organização de maneira voluntária e, como demonstra a narrativa acima, sentem muito prazer e satisfação em fazê-lo, em ver outras(os) jovens divertindo-se no evento organizado por elas(es).

Outro exemplo, relacionado às redes de sociabilidade construídas nos espaços de lazer, é a formação de relacionamentos amorosos entre as(os) jovens, prática muito comum em diversas atividades de lazer. Durante as diversas ocasiões de atividades de lazer no Vale, que explicitarei no decorrer deste capítulo, observei a existência da “paquera”, casais de jovens que trocavam carícias. Muitos relacionamentos nascem em atividades de lazer, tanto em festas no Vale, quanto em outras comunidades próximas, como aponta o relato retirado do diário de campo acerca de uma das festas em que estive presente:

Saí por volta das 23 horas, pois estava cansada e o retorno para casa seria longo. A segunda banda estava prestes a começar a tocar e o bingo ainda não havia ocorrido. Na saída vi um grupo de meninas afastando-se, em seguida um grupo de meninos, ambos com o aspecto de serem bem jovens na idade. Aparentemente iriam encontrar-se num local à frente, mais afastado e escuro, provavelmente para namorar, longe dos olhos e controle dos pais e dos demais (DIÁRIO DE CAMPO, Timon, 28.09.19).

Mas afinal, aproveitar este momento para namorar é fundamental, pois é o ambiente propício para o início de novos relacionamentos. Elas(es) estavam na festa mais importante, melhor e mais aguardada do ano no Vale, o aniversário do assentamento, por isso, precisam aproveitar ao máximo e de todas as formas. Provavelmente, estão com sua melhor roupa, aquela na qual apostam todas as fichas de que vai chamar a atenção de quem elas(es) querem; seus pais e toda a comunidade estão entretidos na festa, então, não vão notar sua escapada; e além disso, é na festa que todas as opções estão “postas à mesa”, todas as meninas e meninos estão lá. Então, é hora de formar os pares.

“Os meninos daqui gostam muito de festas, de forró, né? [Risos]. Então, esses interiores daqui tudo tinham, e eles iam, meninos, e voltavam com as meninas. Aí as meninas daqui ficaram sem os meninos daqui. Perderam! [Risos]” (JOVEM SAYONARA, 20 anos, Vale da Esperança, 04.08.19) [Grifos meus]. É possível observar nessa narrativa, e em outras mais, que raramente há relacionamentos amorosos entre as(os) jovens que nasceram e cresceram no Vale. Ao longo do tempo a relação delas(es) se torna tão fraterna que elas(es) se sentem como irmãs e irmãos e não se interessam umas(uns) pelas(os) outras(os), tendo em vista que a relação é tão familiar entre todas(os) da comunidade. “Acho assim, como aqui todo mundo foi criado junto, até assim como irmão, uma coisa assim, bem amigo mesmo [Risos] ” (JOVEM ALINE, 21 anos, Vale da Esperança, 04.08.19) [Grifos meus], e outra jovem acrescenta: “Para namorar fica chato [Risos] ” (JOVEM SYOMARA, 20 anos, Vale da Esperança, 04.08.19) [Grifos meus]. Dessa maneira, quando há festas na comunidade, e outras(os) jovens de comunidades vizinhas “aparecem”, muitos relacionamentos tendem a desencadear-se. A dinâmica contrária também ocorre, jovens do Vale frequentam festas em outras comunidades, o que lhes permite

também conhecer possíveis pretendentes. A interação com as comunidades vizinhas é algo muito presente e importante em grande parte das atividades de lazer e culturais no Vale. É o momento de reencontrar parentes, amigas(os) de luta que residem em outros assentamentos, de construir alianças solidárias, de partilhar das singularidades do viver rural, e, neste caso das(os) jovens, é o momento de construir novas sociabilidades com jovens que partilham de um modo de vida semelhante ao delas(es).

As redes de sociabilidades, que dão o sentido de pertencimento aos grupos juvenis do Vale, dos quais tratamos na última sessão do capítulo anterior, já são inerentes a comunidades rurais, e acabam por serem expostas nas práticas de lazer existentes no território. Nessas interações sociais, para a constituição dessas redes, há vários modos de conversações, a exemplo as conversas formais, trocas de experiências, saberes e informações, além de conversas informais, com o objetivo apenas de descontração, e dar leveza às relações sociais, mas que, em algumas situações, trazem em sua essência a transmissão de valores. Ambas com a mesma medida de importância na construção da sociabilidade.

Nesse contexto da sociabilidade, pode-se inserir a “fofoca”, no âmbito dessas conversações informais. De acordo com Fonseca (2004), a fofoca envolve o relato de fatos reais ou imaginários acerca do comportamento das pessoas. Ela é sempre vista como nefasta, que tem o objetivo de trazer malefícios à vida de determinados indivíduos, no entanto, nem sempre ela é apenas nesse sentido, cumpre essa função. Ninguém auto intitula-se como fofoqueiro, mas, é certo que a fofoca é conversação sempre presente em toda vizinhança.

No Vale, a fofoca aparece na maior parte dos espaços de lazer. As(os) jovens conversam sobre acontecimentos e últimas notícias da comunidade. Uma espécie de brincadeira compartilhada de estar “jogando conversa fora”. Nesse vai e vem entre assentamento e cidade, no tempo livre é o momento de “colocarem o papo em dia”. Observei tais conversas em diversas atividades de lazer, como no jogo de vôlei e futebol, como narro no fragmento do diário de campo a seguir:

As meninas e os meninos ficam em volta do campo, algumas(uns) aguardando seu momento para jogar, outras(os) ficam observando o jogo, brincando entre si e “jogando conversa fora”. Observei, pelas conversas, que muitas(os) estudam e trabalham no urbano e o horário do vôlei é o momento de “colocarem o papo em dia”, principalmente, as meninas, que conversavam mais. Falavam de como estava a vida, das novidades, enfim, e a medida que alguém passava à frente, menino ou menina, elas teciam algum comentário sobre as últimas notícias sobre aquela pessoa, do que ela anda fazendo da vida (DIÁRIO DE CAMPO, Timon, 22.02.20).

Fonseca (2004) afirma que a antropologia dá pistas para a compreensão da importância da fofoca em comunidades, uma delas é a de reforçar o sentimento de identidade coletiva nas

comunidades, quando se cria uma história social do grupo, uma espécie de folclore local, com o qual moradoras(es) se identificam. Ela funciona ainda, como um instrumental de definição de limites do grupo, a exemplo, ser o sujeito da fofoca, representa estar integrado à comunidade. Assim podemos observar esse trecho do diário de campo, em que participo de uma conversação de fofoca, o que me faz sentir integrada e respeitada pela comunidade:

Durante a festa, acredito que devido ao longo período de pesquisa e ao meu envolvimento com as(os) jovens da comunidade, inesperadamente me vi rodeada por várias(os) jovens, durante um período da festa, brincando em redor da minha mesa. Nesse momento, algumas das jovens começaram a me contar algumas “fofocas” de quem namorava com quem entre elas(es), fazendo-me, de algum modo, sentir-me parte do grupo. Na comunidade as relações entre as pessoas são marcadas por confiança, sejam entre as(os) próprias(os) moradoras(es), sejam entre pessoas que a frequentam e são acolhidas como parte da comunidade, e assim, dignas de confiança (DIÁRIO DE CAMPO, Timon, 28.09.19).

As(os) jovens, por exemplo, conversam sobre como está a vida, das novidades; tecem comentários sobre as últimas notícias, sobre outras(os) conhecidas(os) do assentamento, do que andam fazendo da vida, sobre os casais de namorados. Portanto, a fofoca não funciona para denegrir a imagem de alguém do grupo, mas para informar sobre alguém do grupo, que é familiar, pois só se faz fofoca sobre quem lhe está próximo, e pode funcionar para reforçar o sentimento de identidade comunitária. No Vale, a questão da fofoca, não é tratada como algo negativo, mas como, de fato, um momento de descontração, de conversar trivialidades, como é possível inferir a partir dos trechos do diário de campo a seguir:

Elas(es) reuniram-se na mesa de jantar, que fica na varanda da casa e não na cozinha, como de costume. Pareciam colocar os assuntos “em dia” após um período sem se ver. Falavam de suas vidas e de como estavam outras(os) amigas(os) que não estavam ali presentes. A mãe de Karla, Dn. Lulu, me falou que apelidou a mesa onde as(os) jovens conversavam de “mesa da fofoca”, dando a impressão de que é comum reunirem-se ali para conversarem trivialidades. Essa mesa, na varanda da casa da mãe de Karla, tornou-se um lugar onde as(os) jovens se sentiam à vontade e seguras(os) para conversar sobre suas vidas, inclusive, na minha presença (DIÁRIO DE CAMPO, Timon, 24.06.19).

Para Fonseca, a fofoca ainda pode ter uma função educativa, afinal, as normas e princípios morais da comunidade, podem ser transmitidos por meio da fofoca, pois nela se aprende o que não se deve praticar, para que o indivíduo não se torne o sujeito da fofoca e para que ele faça parte da coletividade. Em termos de comunicação, a fofoca tem grande importância, pois é a partir dela que elas(es) fazem circular muitas informações importantes da comunidade como se pode observar no trecho a seguir do diário, onde pude até participar da conversação:

No dia seguinte à festa da comunidade, estávamos sentadas na “mesa da fofoca”, eu, Karla, Dn. Lulu, Dn. Simone, Sayonara e Syomara e elas me contavam alguns eventos acontecidos após a minha saída da festa no dia anterior, pois eu havia saído mais cedo,

e elas me atualizavam sobre as “fofocas” que eu havia perdido, sobre algumas pessoas que dançaram, e alguns eventos cômicos, e ainda sobre um acidente ocorrido horas depois da festa, com um jovem da comunidade. Mais uma vez, tive o sentimento de pertencimento àquele grupo, de confiança em mim em compartilhar informações que são do íntimo da comunidade, sem que eu, como pesquisadora os inquirisse (DIÁRIO DE CAMPO, Timon, 29.09.19).

Muitas vezes, no lazer, o desejo da(o) jovem é simplesmente desabafar sobre acontecimentos da vida, da sua e de outras(os), compartilhando com as(os) amigas(os) tudo que acontece. E isso faz parte da sociabilidade, e tem papel fundamental na formação de laços sociais e afetivos. Nesse sentido, a fofoca no Vale funciona também como divertimento, que envolve aquelas(es) que compartilham suas informações sobre a comunidade e os membros dela, e ainda podem ouvir contribuições que lhes fazem sorrir.

Contudo, o que pude observar é que no Vale os lazes e a construção das redes de sociabilidades produzidas por meio delas(es), trazem às(aos) jovens uma dimensão tanto de relações de troca com seus pares e toda a coletividade da comunidade, que resulta em intensos laços sociais; além de uma profunda experimentação cultural e mergulho em suas tradições, produzindo o fortalecimento dos sentidos de viver em comunidade. A partir dessas questões é que são constituídas as identidades individuais e coletivas dessas(es) jovens do Vale, evidenciando todas as suas ricas potencialidades e capacidades.

5. CHEGAMOS AO FIM DA JORNADA

Tudo aconteceu num certo dia
Hora de Ave Maria, o universo vi gerar
No princípio o verbo se fez fogo
Nem atlas tinha o globo
Mas tinha nome e o lugar
Era Terra, Terra
Terra, Terra
E fez o criador a natureza
Fez os campos e florestas
Fez os bichos, fez o mar
Fez por fim, então, a rebeldia
Que nos dá a garantia
Que nos leva a lutar
Pela Terra, Terra
Terra, Terra
Madre terra nossa esperança
Onde a vida dá seus frutos
O teu filho vem cantar
Ser e ter o sonho por inteiro
Ser sem-terra, ser guerreiro
Com a missão de semear
À Terra, Terra
Terra, Terra
Mas apesar de tudo isso
O latifúndio é feito um inço
Que precisa acabar
Romper as cercas da ignorância
Que produz a intolerância
Terra é de quem plantar
À Terra, Terra
Terra, Terra
Terra, Terra

Terra, Terra
Terra, Terra...

(Canção da Terra - Pedro Munhoz)

Essa é a letra da canção que embalou a cerimônia da mística, descrita no capítulo anterior, no qual tive o prazer e a honra de testemunhar, e que me trouxe, para além das emoções e subjetividades, reflexões acerca da sofrida, porém, bela, luta empreendida pelos povos sem terra, pelo povo do Vale. Não somente uma luta por terra, mas pela terra, pelo respeito a ela, pela natureza como um todo. Refleti o quanto jovens sem terra tem se mostrado fundamentais nessa luta e o quanto suas vozes ecoam como importantes bandeiras de reivindicações para a transformação da realidade de desigualdade que vivemos, atingindo de maneira mais intensa às(aos) jovens, que tem suas vozes silenciadas.

A história social do Brasil, escrita e contada pelo dominante, é marcada pelo autoritarismo e repressão. Uma história que evidencia uma sociedade forjada pela lógica adultocêntrica, em que a escuta aos jovens não tem importância, na medida em que seus saberes são renegados a segundo plano. Nesse sentido, é necessário questionar: Como uma fase de vida tão cultuada e desejada pela maior parte da sociedade moderna, pode ser tão silenciada? E a realidade de jovens rurais? Para a maior parte da sociedade as vivências juvenis, parecem pouco importar, pois, “jovem não sabe de nada”.

A realidade de jovens rurais é ainda menos conhecida, pois esse universo é pouco explorado por teóricas(os) das ciências humanas e sociais, possibilitando que sobre ele paire diversos pré-conceitos, como a ideia do atraso e do ruim. No entanto, o território rural é repleto de peculiaridades que não devem ser desprezadas pelas(os) pesquisadoras(res), pois exercem papel importante na formação de valores de muitas(os) jovens, por constituir-se em espaço de sociabilidade juvenil, conforme analisado neste trabalho tendo o Vale da Esperança como contexto.

No território do Vale as trocas com o urbano são processadas nos mais diversos aspectos, na paisagem, nas relações sociais, no lazer, no trabalho, na educação, na religiosidade, enfim, em múltiplas dimensões de suas vidas. Em todos esses aspectos, essa relação rural-urbano, permeia a vida de jovens da comunidade, impactando das mais diversas maneiras seus modos de vida.

Em relação às influências do urbano na realidade do Vale, as reflexões aqui apontadas permitem afirmar que a proximidade espacial entre o Vale e a cidade de Teresina, acentua a influência dessa última sobre os mais diversos aspectos da comunidade. Essa influência

expressa-se por meio de maior visibilidade da relação campo-cidade já existente, haja vista que os impactos da cultura urbana no Vale, redesenham práticas e sociabilidades, reconfigurando “outro rural”. Contudo, o “grau de influência” de um território sobre o outro, é difícil de ser mensurado, dado o fato de que as trocas entre os territórios urbano e rural, ultrapassam os limites espaciais, vão além, ganham vida também por meio das mídias e meios de comunicação universais. Desse modo, próximo ou distante da cidade, o território rural “bebe” na cultura urbana por meio dos aparelhos de tecnologia da informação.

No entanto, quanto à realidade do Vale, ainda há outra variante a ser pensada, em relação a essas trocas entre rural e urbano. Como apresentado no decorrer do trabalho, boa parte das famílias que constituem o Vale são oriundas das periferias da zona urbana de Teresina, e apesar de algumas ter vínculo com o território rural, não são famílias originariamente rurais. Ou seja, são famílias originariamente urbanas, que foram organizadas no território rural. Desse modo, é possível afirmar que, ao se organizarem no rural, já carregavam características do modo de viver urbano, situação que alimenta outros trânsitos. Além das intensas trocas existentes entre esses territórios, há um fator importante que se soma a essa realidade. Diz respeito à própria formação das periferias nas cidades. Como resultado da intensa migração de populações rurais para a cidade, a periferia carrega muitas marcas do modo de vida rural, pois são formadas por indivíduos que carregam muitos traços, experiências e tradições culturais do modo de vida rural. Ao migrarem para as cidades, as periferias se mostram como únicas alternativas de moradia para essas populações rurais recém-chegadas. Além disso, todo o processo de expulsão das populações pobres e com características rurais, dos grandes centros urbanos para as zonas periféricas ao longo da história, contribuiu para que as populações residentes em periferias, carregassem algumas características semelhantes às populações rurais.

Além dos modos de vida semelhantes, outras características são observadas entre as periferias urbanas e o território rural, como a carência de acesso a serviços e bens públicos básicos, cujo dever de provimento é dos governos em todas as esferas de poder. Quanto a essa questão, narrativas de jovens do Vale, evidenciam compreender a relação rural-urbano como dicotômica, apontando por um lado, como característica inferior do rural em relação ao urbano, justamente essa falta de assistência do poder público no provimento de tais bens e serviços necessários a essas populações. Por outro lado, ainda observando essa dicotomia, as(os) jovens em diversos momentos exaltaram o rural, o seu território, Vale da Esperança, como superior à cidade, como um lugar melhor e mais seguro de moradia.

No entanto, mesmo exaltando seu lugar, muitas(os) jovens do Vale encontram-se na encruzilhada de serem atraídos para a cidade em busca de “melhores” oportunidades de

formação e trabalho, passando a viver na dinâmica de ida e volta entre rural e urbano. Elas(es) são impulsionadas(os) pela lógica da colonialidade, que exige das(os) jovens que acompanhem o ritmo da modernidade, adquirindo produtos da globalização. Além disso, essa lógica coloca o campo em lugar de inferioridade em relação à cidade, o que também faz com que algumas(uns) dessas(es) jovens do Vale tenham dificuldade de vislumbrar possibilidades reais em seu próprio território para construir seus futuros. Assim essas(es) jovens vivem constantemente o conflito em torno da decisão entre ficar e sair do Vale. No entanto, esse ritmo de ida e volta produz muita frustração para a maior parte das(os) jovens que, por diversas razões, demonstram o desejo de ficar no Vale, e não de sair. De encontrar alternativas para permanecer em seu território e contribuir para a construção do mesmo.

Desse modo, a busca por formação e emprego, é narrada por jovens do Vale, como principais motivações para a saída do campo para a cidade. Boa parte das pesquisas a que tive acesso, identifica que um dos fatores principais para a saída das(os) jovens do campo é o desejo de se libertar da hierarquia familiar, como Castro (2005) e Silva (2016), que referem que as(os) jovens saem para se emancipar do controle e da autoridade dos pais. Contudo, entre as(os) jovens do Vale, o desejo de se libertar da hierarquia familiar e buscar autonomia, não se apresentou como razão fundamental para suas saídas do Vale. Essa foi uma das principais diferenças que observei, em relação a outros estudos acerca de outras juventudes rurais de distintas partes do país, mas isso não garante que não exista esta motivação entre as(os) jovens do Vale, apenas que não ficou evidente nas narrativas e nas observações.

Mesmo diante de toda essa realidade, o que observei foram jovens que resistem, que preservam a essência do seu território, mas também trocam e permutam com o urbano, no intuito de transformar suas realidades, construindo negociações entre ambos territórios.

Observei, ainda, que a história de luta pela terra, perpassa profundamente a estrutura da comunidade, desde sua formação, até as sociabilidades. Nos valores morais e éticos, nas relações em grupo, no lazer, na religiosidade, na vida privada do lar, nas relações sociais. Enfim, nos mais diversos aspectos da vida em comunidade, tudo é pautado pelos valores introduzidos e enraizados da luta pela terra, para a constituição do Vale da Esperança.

A história do Vale, tem uma riqueza de saber tão grande, que serve de referência para compreender o princípio das ações do MST e da discussão da Reforma Agrária no Piauí, tendo em vista que a ocupação que deu origem a esse assentamento está entre as primeiras, encabeçadas pelo MST no Piauí. Chama a atenção a expressividade política que o Vale tem como assentamento. Suas lideranças fortes, que ao longo de sua história tem influenciado o movimento sem terra em instâncias municipais e estaduais no Piauí. Hoje, inclusive, já existem

jovens da comunidade ocupando espaços de relevância no MST, como a jovem Karla que faz parte da liga da juventude estadual e é Dirigente Estadual do MST Piauí, cargo já ocupado por seu pai, seu Carlitão, já falecido, por sua mãe, Dn. Lulu, assim como por outros adultos da comunidade.

É possível observar que essa “herança” de lutas pela terra se perpetua fortemente entre as(os) jovens entrevistadas(os). Desde crianças, as(os) jovens do Vale são levadas(os) a tomar consciência de que seu território foi conquistado por meio de muita luta. Além disso, são ensinadas(os) a exaltar e envolver-se com os movimentos sociais que lutam pelos sem terra, como o MST, além de ter a responsabilidade de dar continuidade às lutas já empreendidas até ali. Mas é interessante frisar que as(os) jovens do Vale, não apenas foram e são ensinadas(os) sobre essa história de lutas da comunidade, mas viveram na pele desde a infância, por isso tem total propriedade de falar dela, pois não apenas ouviram de seus pais. Elas(es) têm suas histórias entrelaçadas com a formação do território em que vivem.

No entanto, é importante questionar: até que ponto a responsabilidade que é colocada sobre as(os) jovens do Vale, como herdeiras(os) e construtoras(es) do futuro da comunidade, pode representar um obstáculo para que as(os) mesmas(os) possam viver suas juventudes livremente? É preciso guardar ressalvas a essa questão no que diz respeito, a uma geração assumir a responsabilidade de dar continuidade ou mesmo assumir os papéis de lograr os mesmos êxitos de uma geração anterior. Como nos lembra Cardoso (2005), cada geração tem sua historicidade, não há como homogeneizar a complexidade dos movimentos sociais, tornando-os verdadeiros mitos, pois eles se transformam seguindo o curso das mudanças da experiência social dos sujeitos. Deste modo, embora as(os) jovens do Vale continuem a luta pelos sem terra, elas(es) a farão em seu tempo, a partir de suas realidades. Em suas narrativas, essas(es) jovens se mostram conscientes que irão perpetuar a luta de seus pais, mas com estratégias e realidades diferentes, próprias de seu tempo e espaço. Além disso, cada geração pertence a um período cultural, econômico, social e político diferente, incorporando, em cada período histórico, novos códigos de habilidades, socialização, linguagem e percepção do mundo. Tudo isso, as tornam diferentes, embora compartilhem tais códigos ao longo do tempo (MARGULES e URRESTI, 2000).

Outra questão de relevância, é o modo como as(os) jovens do Vale elaboram acerca de sua condição de jovens. Diferente dos parâmetros estritos do senso comum, de instituições, de algumas(uns) pesquisadoras(res) e inclusive, de políticas voltadas para a juventude, que estabelecem uma juventude homogênea, as(os) jovens do Vale pensam sua juventude para além

de critérios fechados. Os critérios para ser jovem no Vale, não são estabelecidos por limites de faixa etária, ou outras condições sociais, basta sentir-se jovem. Simples assim!

No Vale, o lazer é um espaço que agrega e atrai as(os) jovens à comunidade, que mantem a unidade entre os grupos juvenis, por meio da organização das atividades, no movimento do vai e vem entre rural e urbano. Inicialmente, observei que a organização de jovens do Vale girava sobretudo em torno das práticas de lazer, e, ao longo do processo da pesquisa, houve uma transformação, e, hoje, além do lazer, como principal elemento agregador das(os) jovens, elas(es) passaram, também, a organizar-se em torno da produção na terra.

Embora as(os) jovens do Vale não elenquem ou classifiquem as atividades culturais como propriamente atividades de lazer, em suas narrativas, identifiquei que, do contrário, em suas práticas, tais atividades culturais são compreendidas como lazer, dada as expressões de prazer, excitação, liberdade e descontrolado que estas(es) jovens conferem às mesmas. Além disso, essas práticas culturais possibilitam às(aos) jovens uma maior conexão com aspectos tradicionais da comunidade, ao passo que as(os) mesmas(os) têm a preocupação de preservá-las. Assim, por meio do lazer há a valorização da cultura e da tradição de luta do Vale. Também evidencia todo o potencial organizativo de jovens da comunidade, como sujeitos potentes do seu território.

É interessante chamar a atenção para o fato de que às(aos) jovens do Vale é atribuída a missão de organizar as atividades de lazer da comunidade, e, assim, o lazer figura, de certo modo, tanto como obrigação, mas também como excitação e prazer. Desse modo, apesar de figurar como um dever das(os) jovens a promoção das atividades de lazer na comunidade, esse dever não está estabelecido no âmbito de relações sistemáticas, ou seja, a característica do não controle e da liberdade, próprias das atividades de lazer, estão presentes, o que possibilita, mesmo nos momentos de organização e preparação para os eventos de lazer, grande excitação e prazer. Para estas(es) jovens, o fato de estarem juntos, já lhes traz sensações, que são características comuns a maior parte das(os) jovens, a busca por seus pares, o agrupamento com outras(os) jovens. Esse potencial organizativo das(os) jovens do Vale, contradiz as afirmativas, seja no senso comum, seja nas construções teóricas, de que a(o) jovem é irresponsável, inconsequente e incapaz. Pelo contrário, revela jovens responsáveis, organizadas(os) e capazes, que são dignas(os) do respeito e confiança de sua comunidade, inclusive de adultas(os) e idosas(os), para a execução, com sucesso, da organização de tais atividades de lazer, responsabilidade que lhes é atribuída.

No que diz respeito às manifestações culturais, dimensões do lazer e da tradição do Vale, essas são compostas por elementos reeditados, mas também por elementos essencialmente

tradicionais. Fato que demonstra as transformações sofridas ao longo do tempo, resultantes dos diversos trânsitos dos sujeitos pelas culturas de territórios diferentes.

Todas essas características me fizeram compreender as práticas de lazer dessas(es) jovens como um lazer não mercador. Tendo em vista que, a maior parte dos lazeres de jovens do Vale não são baseados em práticas de consumo, ou na lógica mercadológica urbana capitalista, mas são alicerçados em práticas coletivas, colaborativas, criativas, tradicionais, que levam em conta a cultura, a história e os princípios organizativos da comunidade.

Além disso, as experiências de lazer e cultura destas(es) jovens, desta comunidade, traz à tona a possibilidade e a necessidade urgente de pensar outras formas de conceber o lazer. De compreendê-lo a partir das experiências e não apenas dos objetos e formas, considerando outros modos de ser e estar no mundo. Desse modo provocando um debate decolonial para o campo de estudos do lazer e da cultura.

Enfim, de acordo com Portelli (2010), quando uma(um) pesquisadora(dor) termina uma pesquisa, a realidade estudada não é mais a mesma de outrora, ela se transformou. Segundo o autor, na oralidade o discurso nunca está concluído. Desse modo, não é possível pensar a fonte oral como um documento sobre o passado, mas como permanente ato do presente. Foi nessa perspectiva que decidi, para a conclusão deste trabalho, revisitar os sujeitos e situá-los na realidade atual.

Concluo este trabalho no ápice da pandemia da Covid-19, que tem o distanciamento físico como principal política de saúde orientada pela OMS – Organização Mundial de Saúde e adotada pelos governos brasileiros nos âmbitos estaduais e municipais. É uma medida necessária do ponto de vista da saúde pública, em virtude da velocidade de propagação do vírus, do alto índice de letalidade da doença e da lentidão, no Brasil, do processo de aplicação da vacina recém-criada. Evidentemente, a adoção dessa política exigiu o fechamento de espaços de aglomeração de pessoas como centros comerciais, feiras livres e escolas. Além de afetar a economia do país, resultou em grande impacto na geração de renda dos mais pobres, sobretudo, para quem vive da agricultura familiar que, sem as feiras, fica inviabilizado de vender suas produções. Essa medida tem impactado fortemente o território rural que, desde muito tempo, padece de uma série de problemas relacionados à desigualdade social em relação ao acesso: ao trabalho, a educação, dentre outras questões.

No rural as(os) jovens são as(os) mais expostas(os) aos danos que a pandemia vem causando, e, em contato com as(os) jovens da comunidade, tomei conhecimento de que os impactos para elas(es) têm sido inúmeros. No que se refere à educação, a pandemia só veio reforçar o quanto esta realidade é excludente para com as populações mais pobres,

especialmente, as rurais. No Vale, como na maioria dos territórios rurais brasileiros, a internet não é democratizada para todas(os). Desse modo, muitas(os) jovens do Vale acreditam que terão um grande atraso escolar, especialmente, pelo fato de todas(os) estudarem em escolas públicas, as mais afetadas pelos efeitos danosos da pandemia. Porém, a comunidade tem buscado alternativas para organizar-se no intuito de amenizar os efeitos dessa situação entre seus estudantes, criando estratégias para que as(os) alunas(os) acessem os conteúdos escolares, sem que crianças, jovens, adultas(os) e idosas(os) fiquem expostos à doença.

Além disso, no Vale, o escoamento da produção das(os) agricultoras(es), tornou-se um problema, seja em razão das condições impostas pela pandemia, seja pela ausência de condições objetivas existentes: organização de estratégias de produção e dinâmica de comercialização. Com o advento da Covid-19, obviamente houve a suspensão da Feira UFPI, principal canal na qual agricultoras do Vale vendiam seus produtos, e as mesmas deixaram de ter seus canais de comercialização. Sem esses canais, as mulheres da comunidade que participavam das feiras, ficaram sem alternativa de vender seus produtos.

Diante dessa realidade um grupo de jovens foi formado, a partir de preocupações das jovens da comunidade, quatro delas entrevistadas por mim para essa pesquisa. Dentre essas motivações, está a situação de escassez de renda provocada pela pandemia, que atingiu, principalmente, as mulheres agricultoras da comunidade. A alternativa foi buscar uma maneira de se adaptarem ao momento atual, enfrentando a situação a partir da construção de resposta ágil à crise que se instaurou na comunidade.

O grupo do Vale da Esperança, que comercializava nas feiras, é maioria de mulheres idosas, mas há também algumas jovens mulheres. Conforme narrativas, mesmo no início da pandemia, as agricultoras continuaram a produzir normalmente. E essa produção foi se acumulando, sem que as mesmas conseguissem escoar. Foi então que as jovens tiveram a iniciativa de construir a ideia de realizar a venda dos produtos por *drive-thru*⁴⁴, quando as agricultoras idosas temiam bastante a pandemia, não apenas a doença, mas as consequências econômicas decorrentes dela. Pensaram um ponto estratégico da cidade Teresina, com a devida autorização da prefeitura, e iniciaram a venda.

A estratégia montada por essas jovens, superou a dificuldade de acesso e manuseio das tecnologias digitais pelas agricultoras mais idosas para a comercialização dos produtos, pois as jovens se tornaram responsáveis por esse trabalho digital. Também inovou em termos de

⁴⁴ **Drive thru** é um serviço de vendas de produtos, normalmente alimentos fast food, que permite ao cliente comprar o produto sem sair do carro. Drive thru é uma corruptela da expressão “drive-through” (com semelhante pronúncia) que significa literalmente “através do carro”. Fonte: Wikipédia.

práticas de venda e comercialização via internet associado ao *drive-thru*. As jovens decidiram prestar uma espécie de assessoria, auxiliando nas vendas. Assim, além de participarem ativamente na produção agroecológica, fazem o trabalho de estimular as agricultoras a produzirem e realizam a entrega das cestas agroecológicas aos compradores, tomando todas as medidas de segurança em saúde. Realizam, ainda, o trabalho de organização da nova sistemática de vendas dos produtos, redefinindo o processo de comercialização que antes era realizado na Feira UFPI. Assim, as jovens trabalham no sentido de incentivar as agricultoras a enfrentarem as adversidades por meio da diversificação da produção, para uma melhor composição das cestas, fazendo uma espécie assessoria técnico-social, estimulando as agricultoras a experimentarem novos cultivos para superar esse momento.

Segundo narrativas, quando os primeiros casos começaram a aparecer na comunidade, as jovens detectaram problemas para que algumas famílias compreendessem a importância do isolamento social, e ainda ações de preconceito com as(os) infectadas(os). A partir disso as jovens também realizaram o trabalho de informação e conscientização com a comunidade, especialmente, com as(os) mais idosas(os), em relação à Covid-19.

No que diz respeito ao projeto de produção coletiva de jovens, com a formação de um pomar, em área da comunidade que foi conquistada pelas(os) jovens, antes da pandemia o mesmo dava seus primeiros passos, ainda sem a adesão de todas(os) as(os) jovens da comunidade. O projeto também sofreu os impactos trazidos pela pandemia. Com suas primeiras plantações de banana, o projeto perdeu impulso e algumas(uns) jovens desanimaram, tendo em vista a necessidade do distanciamento social. As lideranças juvenis, hoje buscam alternativas para dar continuidade ao trabalho e incentivar as(os) jovens a não desistirem e não desanimarem.

Após o início do retorno às atividades normais, em razão da diminuição dos casos da doença em todo o país e também em Teresina-PI, em outubro de 2020, o grupo Sementes do Vale reiniciou a produção de cajuína⁴⁵, doces de caju, rapadura de caju⁴⁶, carne de caju⁴⁷ e castanha de caju para a comercialização também via internet associado ao *drive-thru*.

Conforme as narrativas de jovens do Vale, fica evidente a compreensão da grande crise econômica e de emprego que o país vem enfrentando durante a pandemia e no pós-pandemia.

⁴⁵ **Cajuína**, é uma bebida típica do nordeste brasileiro, muito produzida e consumida no Maranhão, Ceará e principalmente no Piauí, onde é considerada Patrimônio Cultural do Estado e símbolo cultural da cidade de Teresina. Fonte: Wikipedia.

⁴⁶ **Rapadura de caju**, é feita com o pedúnculo do caju e é muito saborosa e nutritiva, pois tem grande quantidade de fibra, vitamina C e ferro. Fonte: Wikipedia.

⁴⁷ **Carne de caju**, é uma proteína feita a base de fibra de caju. Fonte: Wikipedia.

Essa compreensão, impulsionou o interesse de algumas(uns) pela agricultura, fazendo com que passassem a encontrar na terra uma oportunidade de futuro, e assim comecem a produzir. As(os) que já produziam, intensificaram sua produção, pois viram na agricultura o seu sustento. E nesse sentido as lideranças juvenis persistem no trabalho de incentivar as(os) jovens a produzir, e narram que embora haja dias em que “bata o desânimo”, elas(es) seguem resistindo.

Contudo, no Vale, há predominância de jovens rurais com potencial de participação em processos bastantes diversos, inclusive na construção de políticas públicas de seu interesse. Esse potencial foi identificado a partir do protagonismo dessas(es) jovens na própria comunidade, por meio do desenvolvimento de diversas atividades de importância social, que impactam a comunidade como um todo. Lá, essas(es) jovens são responsáveis pela organização de atividades comemorativas, culturais e de lazer da comunidade. Além disso, organizam sua própria produção coletiva para geração de renda. Algumas(uns) participam efetivamente da tomada de decisões na comunidade, como fortes lideranças que levam as pautas da juventude para serem discutidas por toda a comunidade, não permitindo o seu silenciamento diante da cultura adultocêntrica em que vivemos. Há jovens que se envolvem em organismos políticos e movimentos sociais que carregam as bandeiras levantadas pelo movimento sem-terra, e com isso aportam relevantes debates e informações para a comunidade acerca de suas bandeiras de luta. Em meio a pandemia de Covid-19 essas(es) jovens demonstraram um enorme potencial de resolução de problemas e de enfrentamento de crises, com criatividade e resiliência, se reinventando e criando alternativas viáveis no gerenciamento de um novo modelo de comercialização da produção agroecológica da comunidade. Ademais, todas essas áreas de atuação, além de algumas(uns) serem produtoras(es) da terra, essas(es) jovens, com aguçado senso crítico, são capazes de elaborar sobre sua própria condição, tempo e espaço, de maneira inteligente, construindo seus próprios saberes.

Assim, acredito que é necessária uma compreensão das juventudes rurais como diversa e multidimensional, reconhecendo as(os) jovens como sujeitos de direito, com autonomia e corresponsabilidade nas ações referentes às políticas públicas que correspondem à suas demandas. Afinal, a partir da realidade de jovens do Vale da Esperança é possível constatar a capacidade de buscar autonomia, potencialidade para a construção de saídas mediante a ineficácia das próprias políticas, enfrentamento a situações de crise e a visão ampla e diversa da realidade, fundamental para a transformação da atual situação das políticas públicas do país. Desse modo, é imperativa a necessidade de as juventudes rurais participarem da construção das políticas públicas desse país, pois assim teremos um Brasil rural melhor e mais justo.

Por fim, como eu concluo essa pesquisa? Portelli (2010) afirma que a experiência da pesquisa se trata de aprendizagem para o pesquisador, numa relação de troca. Segundo o autor, uma mudança começa a acontecer no primeiro momento em que entramos em contato com os sujeitos e desde então, não há mais como sair da pesquisa do modo como entramos. E concordo com essa afirmativa, pois, não sou mais a mesma! De fato, nós como pesquisadoras(res), nos transformamos e realizamos a pesquisa no intuito de também promover mudança na realidade dos sujeitos. Além disso, o trabalho da pesquisadora em sociologia, da assistente social, como eu, naturalmente almeja transformações sociais.

Nesse sentido, nessa trajetória, compreendi que sempre carregarei a responsabilidade pelas narrativas aqui apresentadas, como também, pelo trabalho acadêmico construído. Esse último sem dúvidas, torna-se um palanque para muitas vozes silenciadas historicamente pela sociedade. Assim, finalizo com a sensação de dever cumprido em relação ao fato de ter apresentado, suas culturas, identidades e saberes, com a simplicidade que foram narradas. Tenho certeza que esse movimento de apresentar, já possibilita reconhecimentos e, provavelmente, outras formas de compreender essas(es) jovens na sociedade.

Como pesquisadora, concluo essa experiência com a compreensão de que a riqueza de saberes que aprendi, no contato com o campo de pesquisa e com os sujeitos, os coloca em posição de igualdade com todos os conhecimentos apreendidos em minha vida acadêmica. Pois, assim como na academia, o campo de pesquisa trouxe-me reflexões, questionamentos, respostas e novos conhecimentos. Aprendi ainda a enorme importância e prazer que é ouvir as vozes das(os) jovens, sobretudo as rurais. Que do contrário do que se pensa, de atraso, não tem nada! Jovens articulados, com avançado saber e senso crítico.

A(o) pesquisadora(dor) não trabalha só com a “cabeça”, mas essa tarefa é incorporada em nosso ser, em nossas ações, em nossas emoções, em nossas vidas. Desse modo, afirmo que vivi intensamente essa pesquisa, diariamente durante toda essa trajetória, de forma que houveram diversas implicações em minha vida pessoal, que envolveram aspectos como esgotamento físico e psicológico, além das dificuldades de conciliar a vida social, doméstica e familiar com os intensos afazeres da pesquisa. No entanto, posso afirmar ser a experiência da pesquisa extremamente prazerosa e inesquecível, que me trouxe conhecimentos valiosos, tanto de vida, quanto acadêmicos.

A minha história pessoal, assim como a dos meus sujeitos, está contextualizada na história social, econômica e política do mundo, não estão desconectadas, assim também vivi a pandemia do Covid-19 durante a produção deste trabalho, ela alterou profundamente o planejamento para o desenvolvimento deste conteúdo. Considerando a necessidade de

adequação a novos hábitos e a incerteza quanto ao futuro, decorrentes da grave crise de saúde pública e econômica a qual atravessamos, do caos geral causado pela pandemia, preocupações, medos, inseguranças e sofrimento que tem alcançado a muitas(os), especialmente, pesquisadoras(res), que como eu tem se colocado a refletir acerca de questões da nossa sociedade. Além disso, a dificuldade gerada pela minha própria infecção pela doença e de familiares próximos. Essas afetações implicam em graves dificuldades do trabalho intelectual no isolamento. No entanto, consegui superar estes obstáculos, concluir a tarefa de encerrar a dissertação.

Objetividade e subjetividade não se separam. Sempre há alguma ligação pessoal com o trabalho, assim fora do papel de pesquisadora, o que carrego são relacionamentos com uma comunidade acolhedora, uma juventude potente, pessoas que me ensinaram o significado de resistência e coletividade, que passei a admirar e a nutrir sentimentos de carinho e amizade. Desse modo, posso afirmar que inevitavelmente a experiência de pesquisa envolve, sim, subjetividades. Envolve emoções. E afirmo que um dos maiores desafios é conseguir administrar todos esses aspectos junto aos aspectos científico, ético e metodológico, e assim chegar a um equilíbrio, para uma produção honesta, equânime, e coerente, que respeite, em primeiro lugar, aos sujeitos, coautoras e coautores deste trabalho.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAMO, Helena. Condição juvenil no Brasil contemporâneo. *In: Retratos da Juventude Brasileira: análises de uma pesquisa nacional*. São Paulo; Porto Alegre: Instituto Cidadania; Editora Fundação Perseu Abramo, 2005. p. 37- 72.

ALMEIDA, Eliene Amorim de; SILVA, Janssen Felipe da. Abya Yala Como Território Epistêmico: Pensamento Decolonial Como Perspectiva Teórica. *In: Interritórios/Revista de Educação Universidade Federal de Pernambuco Caruaru*, BRASIL. V.1. N.1. 2015. p. 42-64.

ALMEIDA, Marco Bettine de; GUTIERREZ, Gustavo Luis. A busca da excitação em Elias e Dunning: uma contribuição para o estudo do lazer, ócio e tempo livre. *In: Revista Digital*. Nº 80, Ano 10, Buenos Aires, 2005. Disponível em: < <http://www.efdeportes.com>>. Acesso em: 21. Maio. 2010.

ALMEIDA, Mauro William Barbosa. Narrativas agrárias e a morte do campesinato. *In: Revista RURIS*, V. 1. Nº 2. Campinas: Unicamp, setembro/2007, p. 66-83.

AMADO, Janaina; FERREIRA, Marieta de M. (org). **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro: ed. Fundação Getúlio Vargas, 2006.

AQUINO, Cássio Adriano Braz; MARTINS, José Clerton de Oliveira. Ócio, lazer e tempo livre na sociedade do consumo e do trabalho. *In: Revista Mal-Estar e Subjetividade*. Nº2, Vol. VII, Fortaleza, 2007, p. 479-500. Disponível em: < http://www.unifor.br/joomla/joomla/images/pdfs/pdfs_notitia/1851.pdf > Acesso em: 20. Agosto. 2010.

ARAÚJO, Francisco Evandro de. Casas de farinha e farinhadas: Cultura Material, História Oral e Memória na produção de identidades. *In: Anais do XXVII Simpósio Nacional de História: conhecimento histórico e diálogo social*. ANPUH Brasil. Natal, RN. Julho, 2013.

BALESTRIN, Nádia Luzia. **Algumas reflexões acerca das jovens camponesas, agroecologia e decolonialidade**. Guaju, Matinhos, v.5, n.1, p. 58-70, jan./jun. 2019.

BARCELLOS, Sérgio Botton. **A formulação das políticas públicas para a juventude rural no Brasil: atores e fluxos políticos nesse processo social**. Tese (Doutorado em CPDA) - Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico, 2014. Disponível em: < <http://r1.ufrj.br/cpda/wpcontent/uploads/2014/10/Tese-Sergio-Botton-Barcellos.pdf>>. Acesso em: 12 julho 2020.

BARRERA, Miriam; VAZQUEZ, Rolando. Aesthesis decolonial y los tempos relacionales. **CALLE 14**, v. 11, n. 18, jan./abr., 2016.

BOURDIEU, Pierre. A “juventude” é apenas uma palavra. **Questões de Sociologia**. Rio de Janeiro: Ed. Marco Zero Ltda, 1983. P. 112-126.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Disponível em <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm>. Acesso em 15 abril 2019.

_____, **Lei nº 12.852**, de 5 de agosto de 2013, que institui o Estatuto da Juventude e dispõe sobre os direitos dos jovens, os princípios e diretrizes das políticas públicas de juventude e o Sistema Nacional de Juventude – SINAJUVE. Disponível em <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2011-2014/2013/Lei/L12852.htm>. Acesso em 15 abril 2019.

BRENNER, A.K; CARRANO, P.; DAYRELL, J. Culturas do lazer e do tempo livre dos jovens brasileiros. In: ABRAMO, H.W.; BRANCO, P.P.M. (orgs.) **Retratos da juventude brasileira**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo: 2004, v. 1, p.175-214.

CALDART, Roseli Salette. **Pedagogia do Movimento Sem Terra: escola é mais do que escola**. Petrópolis: Editora Vozes, 2000.

CANCLINI, Nestor. **Diferentes, desiguais e desconectados**. 3ª. Ed. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 2009. 283 p. (Coleção Ensaio Latino-americanos).

_____. Nestor. **Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade**. São Paulo: EDUSP, 1997. 416 p.

CANGAS, Yanko González. **Juventud Rural: trayectorias teóricas y dilemas identitarios**. 2012 <<file:///C:/Users/ryan/Desktop/SOCIOLOGIA%20DA%20JUVENTUDE/seminário/texto%20espanhol.pdf>> Acesso: 13 Junho 2018.

CARDOSO, Irene. A geração dos anos 60: o peso de uma herança. **Tempo Social - Revista de Sociologia da USPI**, vol. 17, nº 2. São Paulo: nov/2005. p. 93-107.

CARNEIRO, Maria José. Juventude Rural: projetos e valores. In: ABRAMO, H. W.; BRANCO, P. P. M. (Orgs). **Retratos da juventude brasileira: Análises de uma pesquisa nacional**. São Paulo: Instituto Cidadania, Editora Fundação Perseu Abramo, 2005, p. 234-261.

_____. Maria José. “Rural” como categoria de pensamento. In: **Revista Ruris**, V. 2, Nº 1, 2008, p. 9-38. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/267243645_9_RURAL_COMO_CATEGORIA_DE_PENSAMENTO> Acesso: 13 Junho 2018.

_____. Maria Jose Teixeira. O Ideal Rurbano: campo e cidade no imaginário de jovens rurais. In: SILVA, F.C.T.; SANTOS, R.; Costa, L.F.C. (Org.). **Mundo Rural e Política: ensaios interdisciplinares**. Rio de Janeiro: Campus, 1998.

_____. Maria Jose Teixeira. Do “rural” como categoria de pensamento e como categoria analítica. In _____ (Coord) **Ruralidades contemporâneas: modos de viver e pensar o rural na sociedade brasileira**. Rio de Janeiro: Mauad/FAPERJ, 2012, p. 23-50.

CASTRO, Elisa Guaraná de. Tese: **Entre Ficar e Sair: uma etnografia da construção social da categoria jovem rural**. Rio de Janeiro: UFRJ/PPGAS, 2005.

_____, Elisa Guaraná de. JUVENTUDE RURAL, DO CAMPO, DAS ÁGUAS E DAS FLORESTAS: a primeira geração jovem dos movimentos sociais no Brasil e sua incidência nas políticas públicas de juventude. In: **Revista de Ciências Sociais - POLÍTICA & TRABALHO**,

nº 45, ISSN 1517-5901 (online), julho/dezembro de 2016, p. 193-212. Disponível em: <file:///C:/Users/raayan/Downloads/30734-80569-1-PB.pdf> Acesso: 13 Junho 2018.

_____, Elisa Guaraná de. Juventude Rural no Brasil: processos de exclusão e a construção de um ator político. **Latinoamericana de ciencias sociales**. v. 7, n. 1, pp. 179- 208, 2009. Disponível em: <<http://redalyc.uaemex.mx/redalyc/pdf/773/77307108.pdf>> Acesso em: 12 julho 2020.

_____, Elisa Guaraná de. PNRA e juventude rural: 30 anos depois – balanço e apontamentos em um contexto de ruptura institucional. **Retratos de Assentamento**. v.19, n.2, 2016. p. 98-124. Disponível em: <http://retratosdeassentamentos.com/index.php/retratos/article/view/240>. Acesso em: 12 julho 2020.

CASTRO-GÓMEZ, Santiago; GROSGUÉL, Ramón. Giro decolonial, teoría crítica y pensamiento heterárquico. *In*: CASTRO-GÓMEZ, Santiago; GROSGUÉL, Ramón (compiladores). **El giro decolonial: reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global**. Bogotá: Siglo del Hombre Editores; Universidad Central, Instituto de Estudios Sociales Contemporáneos y Pontificia Universidad Javeriana, Instituto Pensar, 2007. p. 9-23.

_____, Santiago; MENDIETA, Eduardo. “Introducción: la translocalización discursiva de Latinoamérica en tiempos de la globalización”. *In*: CASTRO-GÓMEZ, Santiago; MENDIETA, Eduardo (Coord.). **Teorías sin disciplina: latinoamericanismo, poscolonialidad y globalización en debate**. México: Miguel Ángel Porrúa, 1998.

CAVALCANTE, Maria Aparecida Milanez. **Identidades juvenis rurais em trânsitos migratórios para o trabalho na construção civil em São Paulo: um estudo sobre a localidade São Mateus, Castelo do Piauí-PI**. Dissertação (Universidade Federal do Piauí). Teresina: UFPI/PPGS, 2014.

CHMIEL, Silvina. El milagro de la eterna juventude. *In*: MARGULIS, Mario e URRESTI, Marcelo (Ed.). **La juventude es más que una palabra**. Buenos Aires. Editorial Biblos, 2000. p. 85-101.

CONSELHO NACIONAL DE JUVENTUDE *et. al* (Org.) (CONJUVE). **Política nacional de juventude: diretrizes e perspectivas**. São Paulo: Fundação Friedrich Ebert, 2006.

COSTA, Jurandir Freire. Perspectivas da juventude na sociedade de mercado. *In*: NOVAES, Regina e VANNUCHI, Paulo. **Juventude e Sociedade: trabalho, educação, cultura e participação**. São Paulo: Instituto Cidadania/Perseu Abramo, 2004, p. 75-88.

COULON, Alain. Os Conceitos-Chave da Etnometodologia. *In*: COULON, Alain, **Etnometodologia**. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1995.

DUSSEL, Enrique. Europa, Modernidade e Eurocentrismo. *In*: LANDER, Edgardo (Org.). **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais, perspectivas latino-americanas**. Buenos Aires: Clacso, 2005.

_____, Enrique. **1492: el encubrimiento del otro: hacia el origen del mito de la modernidad**. Facultad de Humanidades y Ciencias de la Educación: Plural Editores. La Paz, 1994. Disponível em: <http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/clacso/otros/20111218114130/1942.pdf>. 30 nov. 2019.

ELBAUM, Jorge N. ¿Qué es ser jovem?. *In*: MARGULIS, Mario e URRESTI, Marcelo. **La juventud es más que una palabra** – Ensayos sobre cultura y juventude. Buenos Aires: Edit. Biblos, 2000, p. 157-171.

ELIAS, Norbert. **Sociedade dos indivíduos**. Rio de Janeiro: Zahar, 1994, p. 129-193.

_____, N. & DUNNING, E. **A Busca da Excitação**. Lisboa: Memória e sociedade. Porto: Editora Afrontamento, 1992.

_____, N.; SCOTSON, J. L. **Os Estabelecidos e os Outsiders**: Sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade. 1. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.

ESCOBAR, Arturo. **Sentipensar con la tierra**: novas lecturas sobre desarrollo, territorio y diferencia. Medellín: Ediciones UNAULA, 2014.

FERNANDES, B. M.; MOLINA, M. C. O Campo da Educação do Campo. *In*: MOLINA, M. C.; JESUS, S. M. S. A. (Org.). **Por uma Educação do Campo**: contribuições para a construção de um projeto de Educação do Campo. v. 5. Brasília: Ministério Do Desenvolvimento Agrário, 2004.

FONSECA, Cláudia. **Família, fofoca e honra**: etnografia das relações de gênero e violência em grupos populares. 2aed. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2004.

FREIRE, Teresa. Ócio e tempo livre: perspectivar o lazer para o desenvolvimento. *In*: **Revista Galego- Portuguesa de Psicologia e Educación**, 7(5), 2001, p. 345-349. Disponível em < http://ruc.udc.es/dspace/bitstream/2183/6731/1/RGP_5.28.pdf > Acesso em: 15 Outubro 2019.

GEERTZ, Clifford. Uma descrição densa: por uma teoria interpretativa da cultura. *In*: **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Zahar, 2008. P. 3-21.

GOMES, Christianne Luce; ELIZALDE, Rodrigo. Produção de conhecimentos sobre o lazer na América Latina: Desafios e perspectivas. *In*: ISAYAMA, Hélder Ferreira; OLIVEIRA, Marcus Aurelio Tabora de. (org.). **Produção de conhecimento em estudos do lazer**: Paradoxos, limites e possibilidades. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014, p. 113-137.

GUITIERREZ, Gustavo Luis. **Lazer e prazer**: questões metodológicas e alternativas políticas. Campinas, SP: Autores Associados, 2001.

_____, Gustavo Luis. Lazer e Prazer-questões preliminares. *In*: GUITIERREZ, Gustavo Luis. **O Corpo e o lúdico**: ciclo de debates lazer e motricidade. Campinas: Autores Associados Comissão Pós-graduação da Faculdade de Educação Física da Unicamp, 2000. p. 25-40

HAESBAERT, Rogério. **O mito da desterritorialização**: do “fim dos territórios” à multiterritorialidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2016.

HAGUETTE, Teresa. **Metodologias Qualitativas na Sociologia**. Petrópolis: Editora Vozes, 1990, p. 53-92.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 7ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2003, p. 7-102.

HOLANDA, Fabíola; MEIHY, José Carlos Sebe B. **História oral: como fazer, como pensar**. São Paulo: Contexto, 2007.

JEOLÁS, Leila Sollberger; PAULILO, Maria Ângela Silveira; CAPELO, Maria Regina Clivati. **Juventudes, desigualdades e diversidades: estudos e pesquisas**. Londrina: Editora EDUEL – Universidade Estadual de Londrina, 2013, p. 201-252.

JUNIOR, Nadir Lara. Análise Psicopolítica da Mística do MST: A Formação da Ideologia Político-Religiosa. *In: Revista Psicologia Política [Online]*, Vol. 7, Nº 13, 2007. Disponível: <http://www.fafich.ufmg.br/~psicopol/seer/ojs/viewarticle.php?id=40> > 30 nov 2019.

KHEL, Maria Rita. A juventude como sintoma da cultura. *In: NOVAES, Regina e VANNUCHI, Paulo. Juventude e Sociedade: trabalho, educação, cultura e participação*. São Paulo: Instituto Cidadania/Perseu Abramo, 2004, p. 89-114.

LAPASSADE, Georges. **Grupos, Organizações e instituições**. Tradução Henrique Augusto de Araújo Mesquita, prefácio de Juliette Favez-Boutonnier. Rio de Janeiro: F. Alves, 3. Ed. 1989. p. 65 – 86.

LEFEBVRE, Henry. **De lo rural a lo urbano**. Barcelona: Edicions 62 s/a, 1975. p. 19-38.

LIMA, Karla Karine Fernandes. **Assentamento Vale da Esperança: uma história de luta por reforma agrária e produção agroecológica**. Relato de Experiência. Teresina: PI, 2019.

LOPES, Leandro Gomes Reis. **Apropriação do espaço e a questão da sustentabilidade socioambiental: estudo do Assentamento Rural Vale da Esperança em Teresina- PI**. Dissertação (Universidade Federal do Piauí). Teresina: UFPI/ PRODEMA/UFPI/TROPEN, 2014.

MALDONADO-TORRES, Nelson. Sobre la colonialidade del ser: contribuciones al desarrollo de um concepto. *In: CASTRO-GOMEZ, Santiago; GROFOSGUEL, Ramón (coord.). El giro decolonial: reflexiones para una diversidad epistêmica mas allá del capitalismo global*. Bogotá: Siglo del Hombres Editores, 2007. p. 127-167.

MANNHEIN, Karl. Funções das gerações novas. *In: FORACCHI, M. M & PEREIRA, L. Educação e sociedade – Leituras de sociologia da educação*. São Paulo: Biblioteca Universitária, 1978, p. 1-97.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**. V. 17 (49), São Paulo, junho de 2002.

_____, José Guilherme Cantor. **Festa no pedaço: cultura popular e lazer na cidade**. São Paulo: Hucitec/UNESP, 1998.

MARCELLINO, Nelson Carvalho. **Estudos do lazer**: uma introdução. Campinas, SP: Autores Associados, 1996.

_____, Nelson Carvalho. **Lazer e educação**. Campinas, SP: Papirus, 2013.

_____, Nelson Carvalho. **Lazer e humanização**. 8 ed. Campinas, SP: Papirus, 2004.

MARGULIS, Mario e URRESTI, Marcelo. La juventud es más que una palabra. *In*: _____. **La juventud es más que una palabra** – Ensayos sobre cultura y juventude. Buenos Aires: Edit. Biblos, 2000, p. 13-30.

MARTIGNONI, Luciano. **Lazer no assentamento rural Oito de Junho**: análise a partir da multifuncionalidade da agricultura. 2013, 128f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Regional) Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional – Universidade Federal Tecnológica do Paraná. Pato Branco, PR, 2013.

_____, Luciano; CORONA, Hieda Maria Pagliosa. Lazer e a ruralidade contemporânea para além da racionalidade capitalista. *In*: **Revista eletrônica do programa de mestrado em desenvolvimento regional da Universidade do Contestado: DRd – Desenvolvimento Regional em debate**, Ano 3, n. 1, maio 2013.

MARTINS, Maíra. **Juventude e Reforma Agrária**: o caso do assentamento Paz na Terra. Rio de Janeiro: UFRRJ/PPGCS/CPDA, 2008, p. 02-30. < Disponível em: <https://tede.ufrj.br/bitstream/tede/653/1/2008%20-%20Maira%20Martins.pdf> > Acesso: 13 Junho 2018.

MARTINS, Carlos Henrique dos Santos; SOUZA, Patrícia Lânes Araújo de. Lazer e Tempo Livre das(os) jovens brasileiros: escolaridade e gênero em perspectiva. *In*: ABRAMOVAY, Miriam; ANDRADE, Eliane. R.; ESTEVES, Luiz C. G. (Orgs). **Juventudes**: outros olhares sobre a diversidade. Coleção educação para todos. Brasília: Ministério da Educação/ UNESCO, 2009. p. 119-148.

MASSEY, Doreen. **Pelo espaço**: uma nova política da espacialidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.

MAURÍCIO, Joise Simas de Souza. EUGÊNIO, Jordânia de Oliveira. PAULA, Juliana Araújo de. SOARES, Khellen Cristina Pires Correia. NUNES, Raquel Rocha. Lazer e a opção decolonial: diálogos teóricos e possibilidades de construções contra-hegemônicas. *In*: **Licere - Revista do Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer – UFMG**. Belo Horizonte, v.24, n.1, mar/2021.

MAZIERO, Celí; Godoy, Cristiane Maria Tonetto; Campos, José Ricardo da Rocha; Mello, Nilvania Aparecida de. O lazer como fator de permanência e reprodução social no meio rural: estudo do município de Saudade do Iguaçu, PR. *In*: **Revista interações**, Campo Grande - MS, v.20, n.2, p.509-522, abr./jun.2019.

MENDRAS, Henri. A cidade e o campo. *In*: QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de (Org.). **Sociologia Rural**. Rio de Janeiro-RJ: ZAHAR Ed. 1969.

MIGNOLO, W. D. **La Idea de América Latina: la herida colonial y la opción decolonial.** Barcelona: Gedisa, 2007.

_____, Walter, **Desobediência epistêmica: retórica de la modernidade, lógica de la colonialidad y gramática de la descolonialidad.** 2ª ed. Buenos Aires/ Argentina: Del Signo, 2014.

MILLS, C. Wright. **Sobre o artesanato intelectual e outros ensaios.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2009.

MINAYO, Maria Cecília de Sousa (org.) *et. al.* **Pesquisa social: teoria, método e criatividade.** Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

NASCIMENTO, Fernanda. Estudos culturais e estudos descoloniais: diálogos e rupturas na construção de uma pesquisa de recepção. *In: Novos Olhares - Vol.7 N.1.*

OLIVEIRA, R. L.; SANTOS, J. S.; ZULIANI, D. Q. Casas de farinha: resistência e tradição no mato do Baturité. *In: Revista GeoNordeste*, São Cristóvão, Ano XXX, n. 2, Edição Especial, p. 59-73, jul./dez. 2019. ISSN: 2318-2695

OLIVEIRA, Tâmara Feitosa. **Em busca de excitação: estudo sobre as práticas de lazer de jovens que trabalham em bares da cidade de Teresina.** 229 f. Dissertação de Mestrado. UFPI: Teresina, 2014.

PAIS, J. M. **Culturas Juvenis.** Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 2003.

PEREIRA, Luis Carlos Bresser. Crise e renovação da esquerda na América Latina. *In: Lua Nova.* São Paulo. Setembro, 1990, N° 21.p. 42-54.

PORTELLI, Alessandro. LUZ, Lila Cristina Xavier (tradução). Um trabalho de relação: observações sobre a história oral. *In: Revista Trilhas da História.* Três Lagoas, v.7, nº13 jul-dez, 2017. p.182-195.

_____, Alessandro. História Oral e Poder. *In: Conferência no XXV Simpósio Nacional da ANPUH.* Fortaleza, CE, 13.07.2009. Transcrição de Luiz Henrique dos Santos Blume, a partir do arquivo em áudio.wmp. Tradução de Luiz Henrique dos Santos Blume e Heliana de Barros Conde Rodrigues.

PORTO-GONÇALVES, Carlos Walter. A Nova Questão Agrária e a Reinvenção do Campesinato: o caso do MST. *In: OSAL: Observatório Social de América Latina.* Ano 6 no. 16 (jun. 2005). Buenos Aires: CLACSO, 2005.

PRADO JUNIOR, C. **A questão agrária no Brasil.** 5. ed. São Paulo: Brasiliense, 2000.

PROENÇA, Rossana Pacheco da Costa. Alimentação e globalização: algumas reflexões. *In: Revista Ciência e cultura*, v. 62, n. 4, São Paulo Oct. 2010.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidad del Poder, Cultura y Conocimiento en América Latina. *In: Anuário Mariateguiano.* Lima: Amatua, v. 9, n. 9, 1997.

_____. Aníbal. Colonialidade do poder, Eurocentrismo e América Latina. *In: A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais: Perspectivas latino-americanas*. Buenos Aires: CLACSO, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales, 2005.

REBELO, Emília Maria de C. Gonçalves. A urbanização no Piauí. *In: CARTA CEPRO*, vol. 18, nº 1, p. 99-144, janeiro/junho, 2004. Fundação CEPRO: Teresina, PI.

RICHARDSON, Roberto Jarry. **Pesquisa Social: métodos e técnicas**. 3ª. Ed. São Paulo: Atlas, 1999, p. 90-103.

RODRIGUES, Flavio. **Revista Consultor Jurídico**, 12 de dezembro de 2009. Disponível em: <https://www.conjur.com.br/2009-dez-12/lula-destinou-40-milhoes-hectares-terra-reforma-agraria>. Acesso em: 30 nov. 2018.

ROSA E SVARTMAN, M. P. e B. P. Agroecologia e políticas públicas: reflexões sobre um cenário em constantes disputas. *In: Revista Psicologia Política*. vol. 18. Nº 41. p. 18-41. Jan. – abr. 2018.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Introdução a uma Ciência Pós-Moderna**. Rio de Janeiro: Graal, 1989, p. 11- 45.

SANTOS, Joaquim José Ferreira dos. **Disputa de sentidos do conceito de quilombo: decolonialidade e colonialidade no âmbito da ação direta de inconstitucionalidade 3239**. Dissertação (Universidade Federal do Piauí). Teresina: UFPI/PPGS, 2018.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço**. 4ª ed. São Paulo: Edusp, 2006.

SANTOS, Rosselvelt José; KINN, Marli Graniel. Festas: tradições reinventadas nos espaços rurais dos cerrados de Minas Gerais. *In: Revista Espaço e Cultura*, UERJ, RJ, N. 26, p. 58-71, JUL./DEZ. DE 2009.

SILVA, Filipe Gervásio Pinto da; SILVA, Janssen Felipe da. A crítica decolonial das epistemologias do sul e o contexto de constituição das coleções didáticas do PNLD-Campo/2013. *In: Revista REALIS*, v. 4, n. 2, Jul-Dez, 2014.

SILVA, Valéria. Juventude(s): considerações teóricas sobre materialidades em transição. *In: Serviço Social e Contemporaneidade: Revista do Departamento de Serviço Social/ Universidade Federal do Piauí*. Ano V, N.5, Teresina, EDUFPI, 2007, pp. 125-146.

_____, Valéria. **PISANDO EM TERRA FIRME (?)**: identidades juvenis e reprodução social na localidade rural Roça Nova, Sebastião Leal – PI. Relatório parcial de pesquisa. Teresina: PROCAD/CAPES UFPI-UFRJ, março/2011. 130 p. *mimeo*.

_____. Valéria. **RABICHEIROS E BAZUQUEIROS**: trânsitos identitários juvenis rurais na diáspora do agronegócio. Trabalho apresentado na III Reunião Equatorial de Antropologia/XII Encontro de Antropólogos do Norte/Nordeste do Brasil. Boa Vista-RR: agosto/2011. 20 p.

_____. Valéria. Dialogos juvenis no sudoeste piauiense: as juventudes, o rural e a cidade. *In: LUZ, Lila Cristina Xavier; ADAD, Sara Jane Holanda Costa; SILVA, Valéria. (Orgs.)*

Juventudes Rurais e Urbanas: territórios, culturas, sociabilidades e identidades. Teresina-PI, EDUFPI, 2016, pp. 89 – 125.

_____. Valéria *et al.* **Projeto Feira de Base Agroecológica da UFPI.** *Mimeo.* Teresina, 2020.

SIMONETTI, Susy Rodrigues. **Lazer e entretenimento.** Manaus, AM: Centro de Educação Tecnológica do Amazonas, 2010. 57 p.

SIQUEIRA, Deis; OSÓRIO, Rafael. O conceito de Rural. *In:* GIARRACCA, Norma (Compiladora). **¿Una nueva realidad em América Latina?** Buenos Aires: CLACSO, 2001, pp. 67-79. Disponível em: <
<https://conectarural.org/sitio/sites/default/files/documentos/giarraca.pdf> > Acesso: 13. Junho. 2018.

STROPASOLAS, Valmir Luiz. A dimensão da diversidade social na concepção de políticas públicas para a juventude rural. *In:* MENEZES, Marilda Aparecida de; STROPASOLAS, Valmir Luiz; BARCELLOS, Sergio Botton. (orgs.). **Juventude rural e políticas públicas no Brasil.** Brasília: Presidência da República, 2014, p. 178-196.

SUESS, Rodrigo Capelle. SILVA, Alcinéia de Souza. **A perspectiva decolonial e a (re)leitura dos conceitos geográficos no ensino de geografia.** Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/geografia/article/view/35469>. Acesso em 18 maio. 2021.

TOBAR, Frederico. YALOUR, Margot Romano. **Como fazer teses em saúde pública:** conselhos e idéias para formular projetos e redigir teses e informes de pesquisas. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2001. p. 67-81.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais:** a pesquisa qualitativa em educação: o positivismo, a fenomenologia, o Marxismo., São Paulo: Atlas 1987.

WALLERSTEIN, Emmanuel. **Creacion del sistema mundial moderno.** 1992. Disponível em: <http://www.ram-wan.net/restrepo/tcomt/creacion-sistema-mundial-moderno.pdf>. Acesso em: 30 nov. 2018.

WALSH, Catherine. Interculturalidad y (de)colonialidad: Perspectivas críticas y políticas. *In:* **Visão Global**, Joaçaba, v. 15, n. 1-2, p. 61-74, jan./dez. 2012.

_____, Catherine. ¿Qué saber, qué hacer y cómo ver? Los desafíos y predicamentos disciplinares, políticos y éticos de los estudios (inter)culturales desde América Andina. *In:* _____. (Comp.). **Estudios culturales latinoamericanos:** retos desde y sobre la región Andina. Quito: Universidad Andina Simón Bolívar; Abya Yala, 2003. p. 11-28.

WEBER, Max. **Metodologia das Ciências Sociais, parte 2.** São Paulo: Cortez; Campinas SP: Editora Unicamp, 2001. p. 313 – 348, 399 – 427.

_____, Max. **Sociologia** (Gabriel Cohn, org.). São Paulo: Editora Ática, 2008. p. 79 – 127.

WIESER, Hans Peter. **A produção discursiva da moral no gênero fofoca [manuscrito]:** elementos para uma descrição micro e macrosocial da conversação cotidiana. Tese

(Doutorado). Fortaleza, CE. Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Programa de Pós-Graduação em Linguística 2009. 851 f.

WOOD, Ellen Meiksins. As origens agrárias do capitalismo. *In: Monthly Review*. v. 50, n.3, jul/ago. 1998.

ANEXO I - ROTEIRO DE OBSERVAÇÃO SISTEMÁTICA



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ- UFPI
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO- PRPG
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E LETRAS - CCHL
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA-PPGS**



**PESQUISA: Como os jovens do assentamento rural Vale da Esperança vivenciam seus
lazer**

PESQUISADORA: Rayane de Moura Santos

DATA:

HORÁRIO:

LOCAL:

ROTEIRO DE OBSERVAÇÃO SISTEMÁTICA

- Caracterização do local – espaços, música, atividades, expressão corporal, vestimentas, grupos.
- Relações entre jovens/adultos e comunidade
- Locais e atividades de lazer identificadas
- Relações de sociabilidade entre jovens

ANEXO II – ROTEIRO DE ENTREVISTA



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ- UFPI
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO- PRPG
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E LETRAS - CCHL
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA-PPGS**



**PESQUISA: Como os jovens do assentamento rural Vale da Esperança vivenciam seus
lazer**

PESQUISADORA: Rayane de Moura Santos

DATA:

LOCAL:

ENTREVISTADA(O):

ROTEIRO DE ENTREVISTA

- O Vale da Esperança
 - Origem e história
 - Estrutura social, política e econômica
- Sobre juventude
 - O que é ser jovem para você?
 - Como é sua juventude?
 - Como os jovens da comunidade vivem suas juventudes?
- Sobre lazer
 - O que é lazer para você?
 - Como os jovens da comunidade vivem seus lazeres?
 - Como se articulam para as atividades de lazer?

ANEXO III - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO - TCLE



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ- UFPI
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO- PRPG
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E LETRAS - CCHL
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA-PPGS



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo solicitado/a a autorizar sua participação em uma pesquisa. Leia cuidadosamente o que se segue e pergunte a pesquisadora responsável pelo estudo sobre qualquer dúvida que tiver. Este estudo está sendo conduzido pela mestranda **Rayane de Moura Santos**. Após esclarecidos/as sobre as informações a seguir, no caso de autorizar, assine este documento que se encontra em duas vias.

ESCLARECIMENTO SOBRE A PESQUISA:

Título do Projeto: Como os jovens do assentamento rural Vale da Esperança vivenciam seus lazeres
 Pesquisadora Responsável: Rayane de Moura Santos
 Endereço: Rua de Acesso, 135, Parque Piauí, Timon-MA
 Telefone para contato: (086) 98841-2335
 E-mail: rayanesantos_as@hotmail.com

♦ **INFORMAÇÕES GERAIS SOBRE A PESQUISA:** Trata de uma pesquisa qualitativa, cujo objetivo é compreender como os jovens do assentamento rural Vale da Esperança em Teresina-PI vivenciam o lazer, com vistas a entender seus sentidos e significados. O lócus dessa pesquisa é o assentamento rural Vale da Esperança, situado na zona rural de Teresina-PI. Os/as sujeitos/as da pesquisa serão os/as jovens do assentamento. As técnicas utilizadas para a coleta de informações, em campo, será a entrevista do tipo semiestruturada e a observação sistemática aplicada no referido assentamento com seus jovens. As entrevistas poderão ser gravadas com a devida permissão prévia dos/as entrevistados/as, resguardando-lhes o direito de não terem suas identidades reveladas e manutenção de suas privacidades. Em relação à privacidade, os primeiros nomes dos/das entrevistados/as serão mantidos, segundo o consentimento dos/as mesmos/as, tendo em vista a possibilidade de tratar de sujeitos invisibilizados, tanto socialmente, quanto na literatura acadêmica. Esses sujeitos carregam histórias de lutas, que merecem ser compreendidas e reconhecidas, preservando suas identidades, pois, são nelas que estão toda a carga de sentidos e significados de suas vivências. A pesquisa de campo só será efetivada após a aprovação do projeto de pesquisa pelo Comitê de Ética da UFPI e após autorização da liderança do assentamento rural mencionado, aonde se pretende fazer a pesquisa de campo. A análise dar-se-á através de uma categorização das narrativas dos/as entrevistados/as sobre o tema e será fundamentada na literatura especializada sobre juventudes, ruralidades e lazeres na área das ciências sociais e afins. A expectativa é que essa pesquisa possa contribuir para compreender o que é lazer para os jovens da comunidade, identificar os espaços/tempo de vivências de lazer destes jovens, sejam em urbanos e/ou rurais, apreender práticas e significados de lazer para os jovens e assim compreender a relação lazer rural/urbano sob o olhar e a perspectiva desta comunidade. Todas as páginas serão rubricadas, pela pesquisadora e pelo (a) participante da pesquisa.

♦ **Riscos:** destaco que os riscos que a presente pesquisa podem trazer são mínimos. Diante das indagações, por meio das entrevistas, é possível que no momento dos relatos, alguns/mas entrevistados/as poderão sentir certo desconforto emocional oriundo da reflexão e escuta da sua própria narrativa sobre suas histórias entrelaçadas às histórias de lutas e dificuldades na formação e desenvolvimento do assentamento, todavia essas situações serão contornadas por essa pesquisadora por meio de conversas, além de uma respeitosa pausa na entrevista para que recomponham-se, além disso, se assim for necessário, buscarei auxílio junto a profissionais especializados.

Benefícios: Existem muitos preconceitos que sobrepujam ações exploratórias deste universo cultural e filosófico tão rico e complexo como são as comunidades rurais, bem como as influências de seus

valores e costumes nas práticas cotidianas dos indivíduos que nelas estão inseridos. A referida pesquisa é de grande relevância social, pois, busca apresentar grupos sociais invisibilizados socialmente. Além disso o reconhecimento de suas histórias, de suas vivências por meio das entrevistas podem trazer a jovens um maior reconhecimento de suas potencialidades. Ao finalizar esse estudo, os resultados serão encaminhados ao assentamento que servirá de lócus dessa investigação para conhecimento e socialização junto a toda comunidade no intuito de que lhe sirva de subsídio para ações da comunidade, bem como para que ela possa reconhecer-se por meio do trabalho, suas possibilidades, limites e potencialidades.

◆ Ressalta-se que a presente pesquisa é isenta de custos, portanto, não haverá ressarcimento de despesas para os/as participantes. Ressalta-se ainda, que essa pesquisa não implicará em remuneração para os/as participantes. Em qualquer etapa do estudo, os/as entrevistados/as terão acesso aos profissionais responsáveis pela pesquisa para esclarecimento de eventuais dúvidas. A principal investigadora é Rayane de Moura Santos, que pode ser encontrada no endereço Universidade Federal do Piauí (UFPI), campus Ministro Petrônio Portela – Teresina. A orientadora dessa pesquisa é a Profa^a Dra^a Lila Cristina Xavier Luz, professora do Departamento de Serviço Social e do Mestrado em Sociologia, da Universidade Federal do Piauí, telefones: UFPI: 3215-5796 (NUPEC), 3215-5784 (DSERS), 3215-5785 (CSS), 3215-5697 (PPGS); CELULAR: (86) 99970-9662/ (86) 98853-9662. Email: lilaxavier@hotmail.com

◆ Nome e Assinatura da pesquisadora responsável

Rayane de Moura Santos

CONSENTIMENTO

Eu, _____
 RG _____ CPF _____, abaixo assinado, concordo em participar dessa pesquisa. Tive pleno conhecimento das informações que li ou que foram lidas para mim, descrevendo o estudo. Ficaram claros para mim quais são os propósitos do estudo, os procedimentos a serem realizados, a possibilidade de riscos, as garantias de confidencialidade e de esclarecimentos permanentes. Ficou claro também que minha participação é isenta de despesas e que tenho garantia do acesso à pesquisa. Estou consciente que os resultados desse estudo poderão ser publicados, inclusive em revistas científicas. Concordo, voluntariamente, em participar deste estudo ciente que poderei retirar o meu consentimento a qualquer momento, antes ou durante o mesmo. Concordo em manter meu primeiro nome como identificação de sujeito/a na pesquisa.

Teresina, _____ de _____ de 2019.

Nome e Assinatura do/a sujeito/a ou responsável

Presenciamos a solicitação de consentimento, esclarecimento sobre a pesquisa e aceite do consentimento

Testemunhas:

Nome: _____

Assinatura: _____

Nome: _____

Assinatura: _____

Observações Complementares:

Caso você tenha alguma consideração ou dúvida, ressalta-se que o CEP/UFPI, pode ser consultado pelos/as participantes para explicar quaisquer dúvidas sobre aspectos éticos da pesquisa, por meio do seguinte endereço:

Comitê de Ética em Pesquisa -UFPI
Campus Universitário Ministro Petrônio Portella-Bairro
Ininga Pró Reitoria de Pesquisa-PROPESQ
CEP: 64.049-550- Teresina-PI
Telefone: (86) 3237-2332, E-mail: cep.ufpi@ufpi.edu.br

ANEXO IV - TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ- UFPI
 PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO- PRPG
 CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E LETRAS - CCHL
 PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA-PPGS



TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM

Neste ato, _____, nacionalidade _____, estado civil _____, portador da Cédula de identidade RG nº. _____, inscrito no CPF sob nº _____, residente em _____, município de _____ / Piauí. AUTORIZO o uso de minha imagem em todo e qualquer material entre fotos e documentos, para ser utilizada na Dissertação de Mestrado **Sementes em um Vale de Esperanças**: lazeres juvenis no assentamento rural Vale da Esperança-PI, e todos os demais produtos deste trabalho de pesquisa, sejam essas destinadas à divulgação ao público em geral. O trabalho tem autoria de Rayane de Moura Santos, RG 2.584.491, foi desenvolvido sob a orientação da Profa^a Dra^a Lila Cristina Xavier Luz, no Programa de Pós-Graduação em Sociologia (PPGS), da Universidade Federal do Piauí (UFPI). A presente autorização é concedida a título gratuito, abrangendo o uso da imagem acima mencionada em todo território nacional e no exterior, das seguintes formas: (I) out-door; (II) busdoor; folhetos em geral (encartes, mala direta, catálogo, etc.); (III) folder de apresentação; (IV) anúncios em revistas e jornais em geral; (V) home page; (VI) cartazes; (VII) back-light; (VIII) mídia eletrônica (painéis, vídeo-tapes, televisão, cinema, programa para rádio, entre outros), artigos e demais produtos oriundos do presente estudo. Por esta ser a expressão da minha vontade declaro que autorizo o uso acima descrito sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos conexos à minha imagem e/ou a imagem da referida criança/adolescente ou a qualquer outro, e assino a presente autorização.

_____, dia ____ de _____ de _____.

 (assinatura)

Nome:

Telefone p/ contato:

ANEXO V – TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS

ENTREVISTA EM GRUPO 01

Entrevistadas: Sayonara, 20 anos; Syomara, 19 anos; Aline, 21 anos.

Pesquisadora: Como são os jovens do Vale?

Syomara: Não é aquela coisa de você chegar aqui e ver tudo bonitinho. Porque a gente chega e vê tudo verdinho, aí é aquela coisa: Meu Deus do céu, é a coisa mais linda do mundo! Mas a gente vê, não é realmente assim. Porque hoje, os jovens daqui, quando a gente vai falar dos jovens daqui, não é do jeito que a gente pensa, que fosse por morar perto. Os jovens daqui se tornam distantes, tornam-se umas pessoas de grupinhos. Porque tipo, tinham uns moradores “prali”, que eles... Eu não sei, acho que eles se privam e ficam mesmo mais para lá, entendeu? Não é aquela coisa de a gente juntar-se e dizer assim: “Ah, não... vamos fazer uma atividade e vamos juntar todo mundo, entendeu? ”. Aí, eu acho que eles se privam um pouco para lá. A gente tem um momento de lazer aqui, que é o vôlei, que vai alguns, só que tem outros que já não se sentem bem com os outros jovens e acabam privando-se, não vai, não se divertem. Não vai para o lazer porque não tem aquela intimidade toda, entendeu? Aí é aquela coisa, tem suas vantagens e suas desvantagens também... Grupo de jovens quando a gente faz aqui, não é aquela coisa de.... Porque é uma comunidade pequena e todos os jovens vão, não é? É grupo de jovens, mas nem todos os jovens da comunidade participam, por mais que seja uma comunidade pequena que daria sim de reunir todos os jovens, mas nem todos vão para reunião, nem todos participam. É isso!

Sayonara: Mas já teve um tempo em que os grupos eram bastante distantes. Hoje, pelo fato do vôlei, do futebol, as pessoas se tornam mais próximo uns dos outros. Já teve um tempo que era bastante mesmo. Em até que o grupo de jovens, era... ficava aquela, marcava a reunião e ficava dias: “Umbora... arrastando um e outro”. Hoje não, fala: “ah, vai ter um baralho”, uma coisa que vai distrair eles, eles comparecem na hora, entendeu? Então, já teve um tempo sim, em que era bem distante um do outro. Mas agora pelo fato do lazer, alguma coisa do tipo, está bem mais próximo. Questão de jovens de igreja católicas, evangélicas se tornam... Sempre tem um grupo da igreja que se torna distante. É isso que ainda faz existir essa distância entre os jovens. Que a gente tem várias religiões aqui, né? Tem a católica, tem Sétimo Dia e tem Assembleia. E isso, todas essas igrejas têm uns jovens, que aí eles participam. Aí, tem um ritual, uma cultura diferente das outras religiões, né? Aí, torna-se aquela coisa extensa assim. Além de ser pequena a comunidade, mas se torna distante por fato disso, né? Não é a mesma cultura, não é a mesma brincadeira, não é o mesmo ritmo das religiões.

Pesquisadora: O que é o Vale?

Syomara: De começo o Vale da Esperança já é um círculo. Aqui a gente só tem a entrada ali e a outra saída lá. Mas ele, você rodando só é só um círculo só. No começo foi formado com 64 famílias, hoje já teve moradores que já ganharam a casa, filhos de moradores, né já casaram e já tem casas e aí isso já aumentou a comunidade. O Vale da Esperança surgiu há bastante tempo com vários acampamentos que as famílias que moram aqui hoje, a gente veio de vários acampamentos, acampando em vários bairros, em vários lugares para gente conseguir aqui hoje. A gente é formada aqui e é aquela coisa, a gente ainda não conseguiu escola, a gente ainda não tem hospital próximo, próprio, nosso, da comunidade. Mas aí o que a gente conquistou aqui hoje, hoje a gente já tem o poço tubular, tem energia elétrica e água encanada e essas coisas. É um assentamento que vem evoluindo bastante, porém, ele parou, entendeu? Era para a gente já ter muito mais. O Vale da Esperança, já era para estar bem mais evoluído, se tivesse alguém aqui que realmente tomasse de conta, entendeu? Porque hoje aqui não tem. Não tem essa pessoa que vá atrás, que consiga tudo aqui para dentro. A gente conseguiu uma

praça. O Vale da Esperança também conseguiu uma praça, na qual a comunidade por si toda se desleixou e deixou a praça para lá mesmo, porque hoje é, hoje a praça já é desligada pelo fato de ninguém, ninguém vai lá e tal essas coisas. Aí, já está cheio de mato. Os meninos, a gente conseguiu também um campo, um campo bem grande, todo equipado com nome e tudo, no qual também a comunidade desleixou e deixou o mato tomar de conta. Então, é aquela coisa é... O Vale da Esperança é um lugar muito bom de morar, mas também é menos.... É um lugar onde a gente não tem muito, muitos benefícios, entendeu? A gente chegou aqui hoje, a gente já está tipo! O que a gente tem é a nossa casa e pronto! Não tem aquela coisa de: “Ah, vamos ali na padaria. Tem uma pizzaria...” Tem uma coisa: tem um campo. Não tem isso!

Pesquisadora: Por que é em círculo?

Sayonara: Porque assim, a gente sempre presou pelo, apesar da distância, a gente sempre presou pela proximidade aos companheiros. Companheiros e companheiras. E a gente entendeu que por círculo a gente ia ter um contato bem maior com todos, né isso?! E aí preservava também o círculo, que no caso ia ser o momento cultural, que ia ser os campos, a horta, onde o lazer seria no meio, para todo mundo. Igreja, telefone, praças. Então, isso fez com que a gente tomasse essa decisão do assentamento em si, ser um círculo. Mas a gente não tem o que falar muito em questão de reclamar. Porque até mesmo a gente sabe que não está sendo fácil esses últimos períodos em casa, né? Questão de governo, de... como é que eu posso falar? Financeiramente para gente, que a gente tem que, dependendo que o campo dê renda ou não, a gente tem que procurar uma coisa a fora. Porque aqui dentro as vezes não sai do jeito que a gente planeja, a gente tem que manter uma vida, e aí tem filho, tem neto, tem parente que mora com eles, então se torna difícil. Por isso que está esse desequilíbrio de manter, de poder conter as coisas aqui dentro. Mas só de a gente já ter conseguido casa para morar, poço tubular, e esses demais benefícios que a gente já teve, a gente já é muito grato, né, porque, independente de tudo, a gente está lutando, a pouco, a pouco, com que os companheiros já tão se diminuindo os esforços e tudo, mas a gente tenta levantar a autoestima deles para que a gente possa conseguir mais coisas, porque a gente tem planos para conseguir mais coisas. Mas nossa...o Vale da Esperança só não tem mesmo os postos de saúde e escolas por que a gente ainda não conseguiu ofícios que assinasse para trazer, mas a gente tem Ata assinada, a gente tem reunião marcada, a gente já fez tudo para conseguir trazer isso para cá. A gente ainda não conseguiu, mas também a gente não desistiu. E aí a gente, tipo assim, nós por Juventude, alguns entende, que os senhores, companheiros mais idosos, já cansaram porque realmente eles já lutaram muito, a gente tem 9 anos só aqui de assentado, de acampado a gente tem muito mais tempo. Eu entrei aqui no acampamento eu acho que eu tinha uns 5 anos, e eu já tenho 20. E a gente já entendeu que eles já cansaram, já lutaram, realmente bastante e agora é nossa vez. Então a gente entende que o grupo de Coordenação Geral contém jovem, que a gente já sabe que precisa deles lá, porque os senhores, os companheiros mais idosos, não estou podendo mais lutar, né, então a gente entende que a nossa parte de fazer começa agora. E aí o que está acontecendo, pelo fato de não está indo para frente mais do assentamento como estava antes, porque os jovens não veem lucro aqui dentro, apenas aqui dentro, aí, estão indo trabalhar fora. Aí, se encontram um final de semana sim outro não, aí, fica...! Está distanciando-se e está deixando de trazer benefício por conta disso. A gente não tem mais tempo para cá. A gente tem que ir buscar algo fora, infelizmente! Mas a gente tem projeto sim de aves que foi tanto para jovens quanto para moradores acampados daqui,

Pesquisadora: Projeto de Aves, né?

Sayonara: Aves também e de hortaliças, que era para beneficiar, o que é que aconteceu. O fato de infraestrutura, de renda para manter, a gente não conseguiu levar para frente. Certo, tem uns que ainda vão, que são os que vão para Feira, que a gente é grata a eles, por que eles é que ainda sustenta aqui o assentamento, para gente não sair para fora, comprar lá fora. Uns reclamam: Ah...é muito caro! Mas a gente tem que entender que apesar de ser caro, mas é um

produto que a gente produz aqui, que é ecológico e que faz bem para a gente. E a gente está valorizando o serviço do próximo, né? Então a gente leva isso para gente, né. E é isso que a gente tem para falar do assentamento, né? A gente também já beneficiado com a casa de farinha, a gente tem muitos benefícios que eu vou falando quando eu vou lembrando assim, a gente tem muito mesmo. A gente tem poços tubulares na casa de farinha também, a gente tem os campos, a gente tem o Cinturão Verde que é um campo irrigado para quem quiser produzir. Todos os assentados têm seu terreninho lá, para plantar seu feijão verde no tempo da seca, tudo irrigado, na forma adequada. E agora os terrenos foi dividido além do seu terreno, da sua morada, tem o seu terreno fora que você pode fazer sua roça, sua capoeira, como eles chamam. E o assentamento é isso!

Pesquisadora: E a Karla tinha me falado que as instituições, ficam aqui no círculo de dentro e as casas ficam no Círculo de fora, né isso?

Sayonara: Sim, é isso. Todas, a casa de farinha, o campo, as praças, igrejas, a horta, o Aviário, fica tudo aqui dentro, no círculo, no meio.

Pesquisadora: Porque fica aqui no meio, tu sabes?

Sayonara: E aí preservava também o círculo, que no caso ia ser o momento cultural, que ia ser os campos, a horta, onde o lazer seria no meio, para todo mundo. Igreja, telefone, praças. Então, isso fez com que a gente tomasse essa decisão do assentamento em si, ser um círculo. Assim... a gente, por esses mesmos motivos do círculo, a gente presou o círculo por esse motivo, que as casas ficariam, além da proximidade dos companheiros com as companheiras no caso, no caso são todos vizinhos próximos, para criar aquela intimidade toda, e preservar o que a gente fosse adquirindo como o campo, horta, ficar tudo a frente assim. Para ficar visível para todos nós, para não ter: “Ah, vai lá embaixo ver onde é que fica a horta”. Para ficar bem mais próximo para todo mundo, né? Para ter acesso para todo mundo.

Pesquisadora: Então o que tem aqui no Vale, você pode me listar o que tem aqui no Vale:

Sayonara: A gente tem dois campos de futebol, dizia antes que era masculino e feminino, mas, não tem essa, todo mundo joga! Apesar de que os meninos muitas das vezes ganha, temos também o campo de vôlei. Temos a casa de farinha, temos o barracão, que é onde a gente se reúne para fazer reunião, para fazer brincadeiras, para fazer festa das mães, festa dos pais, a gente sempre comemora assim. As festinhas assim, mesmo simples, mas a gente não deixa passar em branco. Temos as igrejas, tudo aqui no meio no caso. Temos a igreja católica, a do sétimo dia, e a assembleia de Deus. Temos a praça também, temos o orelhão, temos a horta, que é a horta comunitária e temos os aviários, que no momento estão desinstalados, no caso não estão funcionando, mas tem aí no meio. Todos construídinhos, feito a tela, tudo direitinho. É isso que a gente tem aqui no meio, até agora, né? Também, temos os poços tubulares, que são instalados aí no meio também.

Pesquisadora: Mas assim, além dessa descrição que tu fizeste, para ti o que é o Vale?

Sayonara: Ah, nossa! [Sorriso carinhoso]. Eu sempre, passo assim, a maioria do tempo eu passo na cidade, por conta de estudar e trabalhar, mas só eu sei o quanto eu amo aqui. O quanto eu valorizo e luto por aqui. Minha mãe costuma dizer, que era para eu ter nascido homem por conta de que eu gosto do mato, eu gosto de plantar, de cultivar. Não tenho... Nossa! Eu sou aquela menina, que não tem frescura com nada. Então, o Vale para mim é uma segunda mãe, por que foi ela que me acolheu. Foi aqui que eu me criei, foi aqui que eu me desenvolvi, foi aqui que eu criei contato com todo mundo, criei amizades para sempre que vão ser sempre meus amigos, né? E que eu lutei por aqui e então que eu valorizo bastante. O Vale para mim, nossa! É uma coisa tão grande que eu não sei nem descrever assim, da forma que eu possa te explicar. Mas eu valorizo muito, porque eu lutei por aqui, mesmo pequena, mesmo sem entender muitas das vezes, no começo. Mas hoje eu entendo, e sou grata demais a quem trouxe nós para cá, quem lutou para chegar até aqui e eu sei o meu papel que daqui para frente quem tem que lutar

somos nós jovens, nosso grupo de juventude [demonstrando empolgação]. Então, é isso, o Vale para mim é ótimo.

Obs.: Paramos para esperar as outras meninas que haviam parado para conversar com outros moradores que passavam.

Pesquisadora: Me levem onde vocês quiserem.

Sayonara: Aqui é a igreja Assembleia de Deus. A gente passou pela adventista acolá, em frente a casa da Karla. Agora a gente vai conhecer a horta.

Syomara: Mas o que a Sayonara deixou de mostrar para você foi um campo, só que não era o campo que eu já tinha falado para você, que era o campo que os meninos conseguiram, que é o campo grande, que o nome do campo era até Carlitão, que foi em homenagem a um morador daqui, que ele era o que tomava a frente do assentamento todinho mesmo, era ele. Que era o Carlos Antônio, que a gente conhecia mais como tio Carlito. Tio Calirlito, eu é que chamo ele de tio [risos]. Aí fizeram o campo em homenagem a ele e colocaram o nome de campo Carlitão. E aí fizeram a limpeza, colocaram as traves, daquelas mesmo, toda bonita, e colocaram até um uma placa lá com o nome do campo, quando foi fundado e tudo mais, que foi o que os meninos não foram para frente. E aí o outro campo, que a gente ainda vai conhecer esse campo, é mais lá para frente. O outro campo que a Sayonara disse, que não mostrou, é um campo mesmo que os meninos limparam por conta própria, antes de ter o outro campo eles limparam lá, se juntaram e limparam um campo para eles ficarem jogando bola e as meninas também jogava. Agora a gente vai conhecer a horta e o cinturão verde também.

Sayonara: Logo aqui a frente já é o cinturão verde, é quando você vê essas macaxeiras aí, já é o cinturão verde, após ele é que começa a horta.

Aline: Ali é meu projeto [apontando para plantação de macaxeiras]. Aqui nessa área os produtores produzem mais é macaxeira e feijão, porque como é uma área que eles não utilizam todo tempo, eles botam a macaxeira para o mato não tomar, e ficar todo tempo tendo a macaxeira. Aí nesse período eles plantam mais é feijão. Aí, quando termina o feijão, plantam a macaxeira para ficar a área sempre com legumes.

Pesquisadora: Tu trabalhas aqui?

Aline: Trabalho, o meu fica bem aqui...

Pesquisadora: Me diz quem é você mesmo?

Aline: Eu sou Aline Rutiele. Eu sou filha de produtora aqui, aí meu pai tem um pedaço aqui do cinturão verde, eu sempre quando estou aqui no Vale, sempre ajudo e também temos um pedaço também na horta, e eu sempre venho ajudar.

Pesquisadora: E você também vai para Feira, né?

Aline: Vou para Feira. Vou lá vender os produtos da minha mãe e acompanho também a minha tia. Aí esse pedaço aqui é nosso.

Pesquisadora: O que você produz aí?

Aline: Aqui já tem feijão e o pai também plantou macaxeira, e quando for tirar o feijão, já fica a macaxeira.

Pesquisadora: Então, a maioria das pessoas produzem a macaxeira e feijão?

Aline: Sim. Milho planta, mas não é muito, na parte do cinturão verde.

Pesquisadora: Aqui a gente está no cinturão verde.

Aline: Isso, aqui é o cinturão verde, daqui até o final... Ainda não chegamos na horta. Aí, na horta produzimos vários tipos de legumes. Aí, nesse tempo de inverno, não dá muito porque é muito mato, a gente capina hoje, e amanhã já tem tudo de novo. Aí [risos], não produz muito, mas... quando chega no verão fica mais bonita a horta.

Pesquisadora: Aqui é a horta?

Aline: É. Aí a horta se divide em dois lados, tem esse lado e tem um outro. Aí, esse lado aqui, são de 10 pessoas e do outro também, são de 10.

Syomara: No começo do projeto aqui, que teve o projeto das hortas, tinha uns galinheiros ali, onde tiveram moradores que escolheram horta e tiveram outros que escolheram ter projeto de galinhas, aí, fizeram ali uns galinheiros, criaram galinhas, mas depois o projeto das galinhas já foi saindo. Aí, não teve mais nenhum, nenhum ficou com o projeto de galinha. Aí, o que ficou fixo mesmo foi só a horta, mas já teve projeto de galinha aqui também, junto com o projeto da horta, quando veio, veio os galinheiros e tudo, para moradores que gostariam de criar galinha.

Pesquisadora: Então hoje o são 20 famílias que ficam com a horta, né isso e quantas famílias têm aqui no total

Sayonara: 46

Pesquisadora: Então o restante das famílias não participa da horta, que eram essas que participavam do Aviário e desistiram?

Sayonara: Desistiram assim, os aviários continuam instalados só que não tem mais aves, no caso os que seriam os criadores das aves não continuaram com o projeto.

Pesquisadora: Syomara, me diz o que é o Vale para ti?

Syomara: Ah... o Vale da Esperança para mim, ele já foi aquele momento de paraíso, já foi aquele lugar que a gente chegava e via sossego, não era aquela coisa de movimento de carro e moto todo tempo, não era aquela coisa de: “Ah...fui assaltado!” E também não era aquela coisa de muita turbulência, como a gente vê lá na cidade, né? Então, era, se tornava assim, algum lugar de paraíso mesmo. Mas é um lugar mesmo muito bom de se morar. Porque eu digo “era”, hoje em dia, com o tempo, a gente foi perdendo essa privacidade de a gente ter o nosso, só o nosso Vale da Esperança. Só nós aqui dentro, e sem muita coisa! Não, mas hoje em dia já teve caso de roubo. Então, a gente já foi perdendo aquela privacidade, aquela coisa que a gente não esperava tão cedo, né? E aí também já teve o movimento ali da BR [o Rodoanel que circula a cidade, construído nas proximidades do assentamento] que já construíram ali embaixo, que no tempo que a gente veio não tinha. Então, era aquela coisa de que não tinha muito movimento de gente para cá, e muitas coisas. Mas hoje em dia a gente já perdeu um pouco, não muito como a gente vê lá na cidade, não é um caso assim de todo dia, de uma vez por mês, não. Mas já aconteceu de morador ser assaltado aqui dentro, e de ladrão vir de fora e vir aqui roubar e ir embora, e essas coisas. Mas era um lugar que eu definia, assim, como um paraíso mesmo, era um lugar assim que não era só de passar um final de semana, ter um sítio aqui e passar um final de semana, não, era um lugar muito bom mesmo de se morar, se não fosse a questão da dificuldade de ir e voltar para trabalho essas coisas. Porque também tem aquela coisa de a gente ter um transporte, poder ir e voltar. Mas hoje em dia não é mais aquela mesma segurança, porque a gente poderia sim ir e voltar quando não tinha a BR. Porque hoje, o fato de ter a BR ali, já teve também muito, muito assalto. Meus pais já foram vítimas de assalto, vindo para casa de moto, e aí levaram a moto dele, e isso aconteceu já com muitas pessoas aqui do assentamento. Então, é aquela coisa, não tem mais aquela privacidade de poder ir e voltar. Num lugar que a gente achava que nunca ia pessoas, iriam reconhecer esse lugar, de saber que existia. Porque o fato de a gente não ser reconhecido, não era um fato ruim, tornava-se um fato bom, uma coisa boa para gente, entendeu? Para mim, particularmente, eu achava bom, não ter muito conhecimento do pessoal querer vim aqui e pronto. Então, para mim era o paraíso mesmo!

Pesquisadora: Aline, e para ti, o que é o Vale?

Aline: Bom, o Vale para mim é como ela disse, né, antigamente era muito bom mesmo, mas agora não está muito bom por causa dessas coisas que ela falou. Aqui também não tinha esse tanto de bar que aqui agora já tem, né. E aqui como, não tem muito jovem, mas os que têm ficam empenhado, né, numa mesa de bar e aí traz também outros de fora, né, que vem sempre para cá, e aí já fico arrodando e vendo o que as pessoas tem dentro de casa o que não tem. Aí nós não temos mais também essa privacidade, né, como ela falou antes, de nós sentar na porta

de casa e ficar até altas horas conversando, no celular pelo menos escutando música, né. Que já não pega muito bem, mas pelo menos escutando música, a gente já não tem, né, essa privacidade. Que na semana passada mesmo, houve um acidente, né, de um menino que estava esperando o ônibus bem ali na esquina, aí nós passamos há um pouco, foi assaltado indo para escola, né, já pegando o ônibus para ir para escola já foi assaltado, e vez em quando a gente escuta isso, né. Também na BR, também sobre as motos levando.... Mas para mim, aqui ainda continua sendo bom por um lado, porque aqui a gente ainda tem um pouco de sossego ainda, mas não é muito como antigamente, mas a gente temos. Temos também essa área verde que a gente pode ficar aqui ao ar livre, pegando um vento, na cidade a gente não tem isso, né. Aqui faz calor como lá também, mas aqui ainda dá um vento refrescante, né. A gente pode vir aqui para horta, ver essas matas, pode ir no quintal da gente, também tem árvores, tem esse ar fresco que a gente pode respirar pela manhã cedo, a gente na cidade, a gente não vê isso, né? Eu praticamente essas semanas, esse mês aqui, eu estou passando aqui, e está sendo bom, eu estou aqui ajudando minha mãe na horta, no cinturão verde, sempre quando eu posso, eu estou ajudando. Estou indo para as feiras, conhecendo várias pessoas, né, divulgando nossos produtos aqui no Vale, que são produzidas aqui mesmo. Mas o Vale para mim é isso, é tudo! Sempre, eu nunca morei muito na cidade. Só passei uns dois anos estudando enfermagem. Estou por aqui, esse período porque estou esperando alguns estágios, mas sempre quando eu posso, minha maioria do tempo, é ficar aqui no Vale mesmo, onde está meus pais, né. Então é isso.

Pesquisadora: Então tu passas um período na cidade?

Aline: Isso, e um período aqui, por enquanto eu estou aqui, enquanto não tem os estágios, quando começar já vou para cidade de novo.

Pesquisadora: E você Sayonara, também estuda lá?

Sayonara: Estudo e trabalho lá. Trabalho lá, e eu só venho para cá muitas vezes final de semana. Por conta da dificuldade de transporte. E também porque muitas das vezes, meu pai trabalha, minha mãe trabalha, para a gente vim teria que vim no turno da noite, e se torna muito perigoso para gente, porque ultimamente, como as meninas já falaram, está havendo um índice muito grande assalto.

Pesquisadora: Teus pais também moram lá [para Sayonara e Syomara]?

Sayonara: Trabalham lá. Eles vêm muito, mesmo se arriscando vem muito, mas aí para gente, a gente prefere ficar lá e vim só no final de semana. Eles sempre vêm assim durante a semana umas duas vezes, para ver como é que estão as coisas, porque como as meninas citaram, não está mais a situação como era antes, né. Tudo tem seu negativo e positivo, a gente ter tido esse acesso enorme assim da BR, de avenidas e tudo, foi bom por um lado, em que a gente pôde expandir nossos produtos, nossos acessos em relação aqui, mas teve seu lado negativo, que é a questão de índice de assalto, que cresceu bastante, não podemos negar, questão de gente transitando aqui.... Porque antes a gente conhecia todo mundo: Ah, fulano! Sempre falava: E aí tudo bem? E hoje a gente vê gente na rua que a gente não sabe quem é: Quem é? Meu Deus, todo dia agora, o que é que está acontecendo? A gente já fica aquele negócio estranho, já cria um lado negativo por aquela pessoa. Então, o acesso da gente é mais para o final de semana para cá. Também porque a gente, como eu já tinha citado, valoriza muito aqui, e se eu pudesse eu ficaria aqui mesmo a semana inteira, mas o que tem um impasse entre eu, é a questão do trabalho. Eu trabalho na SP combustível, distribuidora de combustíveis. E aí fica um impasse muito grande de vim para cá no turno da noite, por que a minha mãe sai 4 horas, aí para ela ainda dá para vim durante o dia. A gente também tem ônibus. A questão de acesso, do lado positivo também foi essa, porque a gente ganhou um transporte coletivo, que aí pelo fato das vias de BR a gente conseguiu isso. É, esse também foi um dos lados positivos nosso. Que aí o ônibus vem pela manhã, umas 5:00h ou 6:00h da manhã ele está passando por aqui, e só retorna... 17:00h ele está passando por aqui. Sai de lá do verdão umas 15:30h, 16:00h. As 17:00

ele está chegando aqui. Então teve esse lado positivo querendo ou não da BR e das vias. Mas em questão lado negativo não foi uma das melhores, né.

Pesquisadora: Tu estudas o que lá na cidade? [para Sayonara]

Sayonara: Eu fiz Necropsia, terminei o ano passado. Fiz necropsia, mas terminei e agora só estou trabalhando mesmo. Mas eu quero voltar a estudar também, porque eu quero fazer agronomia, né? Já tenho o curso de zootecnia que mexe com aves, mas eu quero muito agronomia por conta de que a gente vê que a criação de animais, independente de seja aves, bovinos, suíno, a gente vê que tem uma extensão muito grande, com questão de vendas e tudo, mas minha área em si, para evitar que... Eu vou ter que ter uma privacidade muito grande de com meus animais, com questão das hortas, então vou ter que fazer um terreno bem, bem telado, bem feito, e aí vai, se romper vai perder a mercadoria dos outros por conta de mim, né. E eu não tenho como acessar aqui direto. Então seria um agrônomo que ia valorizar, ajudar: “Olha se você fizer dessa tal forma melhora isso.” Não com visão financeira, mas com visão de ajudar o próximo, porque querendo ou não, eles são idosos que cresceram aqui e sabem como manusear da forma deles, não sabem da forma técnica, né. Querendo ou não a tecnologia e o uso dela ainda influenciam muito na produção deles. Se eles soubessem, tivessem noção, né. Então é isso, se a gente pudesse se formar e trazer para mostrar para ele como é, seria uma forma bem melhor. Eu tenho essa visão muito, eu falei com todo mundo acho que eu falo, que eu queria muito agronomia por conta disso. Também tenho vontade de botar um projeto, um grande mesmo, não só comigo, com todo mundo, de macaxeira que é um que não dá muito trabalho. Vamos supor, há os jovens não querem trabalhar não, mas vamos plantar macaxeira. Capinou ali, depois de três semanas, pronto, não precisa mais capinar, só quanto tirar. Tipo, né, se pudesse incentivar, tivesse.... Um local a gente tem, não vamos negar, a gente tem muito local, mas ainda falta aquela força de vontade, aquele entusiasmo para ir, mas seria uma boa ideia a gente produzir alguma coisa, a gente enquanto juventude, né. É isso.

Pesquisadora: E tu, estuda o que, trabalha? [para Syomara]

Syomara: Eu terminei meu ensino médio já, como técnico em informática, e agora no momento estou só trabalhando mesmo. Eu trabalho no centro, na ABCD, que lá é uma associação de dentistas, aí eu trabalho mesmo na área administrativa, só que eu trabalho como jovem aprendiz lá, pelo programa, e aí eu trabalho só pelo um turno mesmo. À tarde no momento não eu não faço nada, nada mesmo, eu invento, tipo, eu sou muito criativa, eu me acho, né, criativa. E aí eu fico inventando umas coisas, fico criando, inventando lá umas coisas. Mas em questão de estudar ainda não deu certo, infelizmente, não por falta de vontade minha, eu queria muito mesmo. Eu não queria tipo, está fazendo cursinho, essas coisas, eu queria mesmo era já ter passado e já está na faculdade. Infelizmente fiquei só na chamada de espera, mas eu espero próximo ano dê tudo certo, no momento só trabalho mesmo. Passo mais tempo lá na cidade.

Pesquisadora: Vocês duas são irmãs? [Sayonara e Syomara]

Sayonara e Syomara: Sim. Ainda tem mais outra [irmã].

Sayonara: É passado a tela. Eu participei do grupo que era do aviário e eu sabia a dimensão todinha, mas eu não estou lembrada. Tem uns papeis, eu vou caçar lá, vou ver depois a área total de frente, de fundo, dos aviários. Mas ele tinha cinco repartições, né, que era quando. Quatro na verdade, que era quando eles chegavam pequenininho, passavam um determinado tempo. De quinze dias depois a gente botar em outro local, está todo na divisóriazinha lá. Aí com um mês a gente botava num local e daí em diante a gente expandia ele, né. Para ficar tipo, era galinha caipirã, que a gente cultivava eles como se fosse caipira, né. Que a gente tinha um local que era todo telado para eles passear e comer folhas essas coisas, né? Era essa a divisória toda feitinha lá. Aí, só que agora não sei dizer a dimensão delas, mas depois eu lhe mostro lá. Aí a gente vai terminar de dar a volta no assentamento, a gente vai passar pela casa de farinha, pela praça, o orelhão, o barracão, o campo de futebol dos meninos e o de vôlei.

Syomara: Aqui antigamente, né? Ainda era para ser assim, não era para ter bar. Porque a gente defendia mesmo, era que não poderia ter bar aqui no meio, pelo menos no meio do assentamento, né? Hoje em dia já fizeram mesmo e a gente não teve mais como recorrer para impedir. Aí, hoje a gente já tem três bares aqui no assentamento [sorriso de constrangimento]. Mas antigamente não podia, né? Não era para ter. Até mesmo porque a gente presava por essa questão de silêncio, de calma, de conforto, né? Aquela coisa que a gente não queria. A gente queria prezar pelo interior mesmo, o interior mesmo de raiz, sem ter aquela coisa de barulho, de não ter sossego e muito movimento. Mas aí hoje em dia não é mais assim, hoje em dia já temos três bares. A gente já tem festa, essas coisas. Mas aí, a gente não pode mais fazer mais nada e impedir. Já tem três.

Pesquisadora: Não lembro qual de vocês duas, eu acho que foi você, que me falou que aqui vocês também se dividem muito assim, por grupos religiosos, né? Né isso? O que é que vocês participam, vocês três, em qual grupo vocês se enquadrariam?

Sayonara: Nós duas aqui, nós somos católicas, né? Mas a Aline, ela é da igreja evangélica do Sétimo Dia. Não que crie um atrito entre nós. A gente continua sendo companheiros e companheiras, amigas. Mas a religião dela não é a mesma da minha, mas não que quer dizer que a gente não permita ser o que a gente é hoje. Mas têm restrições com questão das brincadeiras, amizades e tudo, né? Por conta da religião.

Pesquisadora: São atividades diferentes, né, que vocês fazem.

Sayonara: A religião dela é, tipo assim, vamos supor, na religião dela ela guarda o sábado, no caso ela não pode trabalhar no sábado. Como é Aline? Eu não sei explicar muito bem.

Aline: Assim, a gente no sábado, frequenta a igreja, mas tem as nossas horas sociais também, que são realizadas no sábado. Tem o JA (jovens adventistas) que a gente faz, que é o culto de jovens, onde a gente vai aprender mais um pouco da bíblia. Aí, a gente faz isso. Mas assim, em relação a conflito, coisa, não existe. Quando a igreja dela tem algum evento que a gente pode.... Convida todo mundo! Eu vou quando posso. A minha também quando tem, né? evangelismo, a gente convida elas, elas vêm. Sei que não tem isso, né?

Syomara: Mesmo que as religiões sejam diferentes, eles têm aquele hábito de passar de casa em casa, mesmo sabendo que aquela pessoa é de outra religião, mas eles têm aquela, como que eu digo, aquela coisa de ficar passando de casa em casa para chamar para eventos de outras coisas sem ter nenhum... com todo respeito. Mesmo que não vá, mesmo que chame uma ou duas, três vezes e não for, mas ele continua chamando. A questão da nossa igreja é que também há um ano, veio uns jovens para cá com projeto para fazer um grupo de jovens aqui, né? E aí eles são da igreja católica. Aí, a gente fez o grupo de jovens, e aí ficou que a gente fala daquela coisa de religião, é porque a gente chama todo mundo. A gente já chamou muita gente e aí, fica aquela coisa de não vai porque acha que vai ser só coisa de igreja. Mas já teve gente que foi, e viu, e disse: “Ah, não é aquela coisa de católico mesmo, de ajoelhar-se e ficar rezando e tal”. Era aquela coisa bem divertida, mas também aquela coisa de ver que: “Ah, porque a gente acha que é porque é católica e não...” E também os jovens aqui não tem mais essa coisa de.... Mesmo que seja grupo de jovens, não tem mais isso, de querer participar. O último grupo de jovens que a gente tentou montar foi há pouco tempo, mas mesmo assim não foi muito longe. Até onde foi, foi até o tempo das quadrilhas, que a gente ainda conseguiu fazer um arraial aqui no assentamento. Ainda conseguiu levar nossa quadrilha, mesmo pequena, a gente conseguiu levar nossa quadrilha para apresentar-se em outros lugares. E aí foi assim, mas depois disso aí já desmanchou, não foi mais aquela coisa de: “Ah, vamos se reunir!” Não teve mais, entendeu?

Aline: O bom é que quando tem alguma coisa, a gente chamando, né, eles vão. Aí o ruim é porque tem que ter alguém sempre na frente, né, para todo mês, realizado algum evento, né, para não desistir, né. Porque se não tiver nada, eles não tenham essa iniciativa, né. Aí aqui a maioria que fica na frente, né, como elas duas, assim tem outras.... Tem o trabalho, tem os

estudos lá fora, né, e não tem como ficar, né, manter aqui. E os que estão aqui direto não querem ter a responsabilidade, né. De estar sempre fazendo alguma coisa, né, montando projeto, que aqui nós temos muitas áreas, né. E também tem incentivo, né. Podemos caçar também lá fora como a universidade já é um apoio para a gente, né, em relação a isso. As professoras sempre triscam na tecla da gente trabalhar na nossa área mesma, na nossa terra, né, não trabalhar aí para fora, né, como tem naquele ponto de horário de chegar no serviço, de pegar reclamação de patrão, né. Isso a gente estamos tentando, né, fazer aqui com que os jovens se envolvam também, todos nós.

Sayonara: É que por fato deles se expandirem para fora durante a semana e trabalhem e estudo, quando chega final de semana eles acham que, não querem saber de reunião, de compromisso nenhum. O compromisso deles é com futebol. Os meninos daqui são muito futebol... Meu Deus do céu, não sei o que seria desses meninos sem esses campos, acho que eles jogavam no meio da rua. Então você pode ver que, tem dia que 10 horas da manhã se quisesse está dormindo, duvido, mas tão lá no campo roçando no sol quente e jogam futebol durante 4 horas da tarde, para eles não tem horário. Então a gente fica difícil, a gente até entende, entre aspas, porque eles estão muito fora disso no meio da semana, e aí final de semana eles querem o quê? Se divertir com os amigos que a gente está distante por conta disso também. E aí final de semana o momento em que a gente está próximo para se reunir e para eles reunião é eles lá no campo, né? Aí a gente está conseguindo as estradas, porque por falta do inverno, não sei o que aconteceu, não sei porque não vem no verão. O inverno acaba com a estrada sempre, com o fato de ser Piçarra, né? E aí a gente conseguiu a estrada agora para vim fazer novamente, que está cortando, as estradas estão muito ruins. Até os acessos agora depois que começaram a fazer ainda está ruim o acesso, mas a gente conseguiu agora a estrada para fazer novamente. Tão com a história de que vão botar o “pincho”, para fazer o ligamento, né. E isso vai ser bom, entre aspas, e pode ser ruim também, porque, a gente tem muita criança, muita criança e muita animal de estimação, cachorro, gato, né, em que a gente prioriza aqui criança, na verdade. Aí a gente acha que o pessoal de fora já anda aqui muito veloz, e isso a gente já tem muito medo, e sendo piçarra, a gente tem medo de ser um “pincho” e ter aquele acesso e a gente... acontecer vítima.

Pesquisadora: Mas isso seria aqui mesmo não seria só na estrada?

Sayonara: Isso, aqui.

Syomara: Ah, vão construir uma estrada aqui, tão aqui os instrumentos para arrumar. Aí a intenção é vim arrumar aqui, melhorar nossa estrada, né. Vocês vieram dali debaixo, né, vocês viram que está um pouco ruim, mas vai melhorar. Ali era um bar, e aqui era o outro. Aí a gente vai chegando aqui na casa de beneficiamento, que também está um pouco desligado, né, aquela coisa como eu estava te falando, já. A gente já teve alguns projetos, mas teve aquela coisa de ir aos poucos perdendo aquele movimento. Mas ainda tem morador que utiliza para fazer farinha, para fazer beiju...

Sayonara: Também pela arroz, a gente tem algumas máquinas. A gente também tem misturador, que no caso, quando a gente produzia ave, a gente não comprava ração feita a gente comprava só os componentes da ração e a gente mesmo fazia a mistura, como era um grupo de muita gente, que eram vários produtores de aves, a gente comprava só as misturas, o pré-mix, o milho, a farinha de osso, essas coisas para fazer a mistura aqui mesmo, usando nossos materiais que a gente já ganhou, né. Aí a gente tem aqui, esses aqui são os equipamentos que a gente usa para fazer farinha, a trituração, as coisas do arroz, a tela do arroz.... Está trancado, mas tem aqui o triturador de milho, ali é onde faz os beijus, onde lava massa, a prensa. Ultimamente, não está sendo assim, mas antes, quando um fazia farinha, vinha todo mundo ajudar a descascar. A gente botava aqui no meio, né? Ficava aquela coisa de noite.... Fazia um café. Não sei o que está acontecendo. No momento a gente acha que estamos distantes. Mas tem momento em que a gente se reúne e a gente vê o como é bom. Tem grupo que se senta, às

vezes começa a falar: ‘Ah, naquele tempo...’ A gente sempre relembra, apesar de não ter sido um tempo bom para a gente. [Em relação às lutas] Mas querendo ou não, foi um tempo em que eles viviam juntos, próximos, e era uma história para eles, né? E hoje não está mais aquela coisa de antes, mais. Não que tenha se desligado todo mundo. Somos companheiros da mesma forma, mas não é a mesma coisa de antes.

Pesquisadora: Mas é diferente hoje. A farinhada tem todo ano?

Sayonara: Tem umas pessoas que fazem todo ano, sim.

Syomara: Só que depende do morador, da família, que tiver plantado, e tiver colhido bem, aí, eles vêm, se reúnem e fazem, entendeu?

Pesquisadora: E aí nesse momento todo mundo vem para ajudar ou só aquela família?

Sayonara: Às vezes eles chamam assim, vamos lá ajudar?

Syomara: É, tem vez que chama, mas já foi demais mesmo, entendeu, de vir mesmo realmente muita gente. Mas hoje em dia já não é mais tanto assim não, entendeu? Ah, mas antigamente era muito, muito bom, sabe? Você vinha aqui e já tinha muita gente, muita gente, pegando a faca e raspando, todo mundo ajudando-se, entendeu? Mesmo sem beneficiar-se, porque era aquela coisa daquela família, a gente vinha ajudar mesmo.

Sayonara: A gente sempre fazia um beiju, comia com café, então para nós ali era uma distração, era um momento de lazer, mesmo na brincadeira, no trabalho.

Syomara: Aqui também o mato já tomou de conta, mas aqui já foi a área de lazer da gente, a gente já teve evento aqui, a gente já fez arraiá, a gente já fez eventos aqui. Porque aqui era limpo. Aqui também atrás era tudo muito limpo quando entregaram, entendeu? Aí depois que o mato tomou de conta. Mas a gente chegou a fazer eventos aqui, era muito, muito bom mesmo, da gente ficar.

Aline: Mas sempre a gente tem os coletivos, né? Vamos “alimpar” a casa de beneficiamento! Aí vem todos os moradores, “alimpa”. Nesse período agora não, porque como é muita chuva, aí limpar não adianta muito, né. Mas sempre a gente tem. Aqui as farinhadas era muito bom mesmo. Como as famílias daqui são muito grandes, às vezes não vinham todos, né. Mas boa parte vinha, os companheiros de fora.

Sayonara: A gente aqui, nós três aqui, e a maioria dos jovens daqui estudou em colégio família, né, colégio agrícola.

Pesquisadora: Escola Família Agrícola.

Sayonara: Isso. Uns do Baixão do Carlos que é zootecnia e outros em agronomia, em agropecuária que é do Soinho. E aí a gente sempre tinha um projeto de quando era farinhada aqui de algum familiar dos alunos do Baixão, a gente via um grupo para ajudar a descascar. Vinha aquele grupo, aí fazia um almoço coletivo, a minha mãe dava o arroz, a mãe dela dava a carne e assim a gente ajudava a fazer e todo mundo, entendeu?

Syomara: Era aquela coisa de comunidade mesmo, de família assim, né, tinha aquele vínculo.

Pesquisadora: Aí vocês sentem, que isso hoje, está um pouco se perdendo.

Aline: Está, está um pouco afastado.

Sayonara: Está um pouco disperso.

Syomara: Está um pouco afastado.

Pesquisadora: Entendi.

Syomara: Foi o que eu te falei bem no começo, né. Eu te falei em relação aos jovens, mas a comunidade, em si, também está bem afastada.

Pesquisadora: Entendi.

Sayonara: A gente também tem o nosso barracão, né, que é onde a gente faz as nossas reuniões.

Syomara: Aqui tem dois banheiros também, eles fizeram, quando entregaram aqui já, já vinha com dois banheiros também.

Sayonara: A gente tem o barracão, né, mas a gente as vezes também faz reuniões aqui, para ter contato.

Obs.: Paramos para conhecer seu Sebastião, presidente da Associação, que mora em frente à Casa de Beneficiamento.

Sayonara: A gente sempre morou sempre assim bem próximo mesmo, e aí atrás da casa de farinha aqui, ainda continua o cinturão verde, tudo aí é dos assentados daqui, né, ainda continua. As casas, a maioria das casas, foram tudo sorteadas, tipo assim: “Eu não peguei aqui em frente à casa de farinha por que eu quis”. Na verdade, a gente nem sabia que ia ter essa casa de farinha, a gente lutou para conseguir, graças a Deus conseguimos. Mas foi, tudo aqui é por democracia, é o sorteio.

Syomara: Ah, e teve outro detalhe, que a gente esqueceu de falar, sobre a história do assentamento, foi porque quando a gente ganhou essa área aqui, aí teve aquela questão do sorteio das casas. O sorteio das casas aconteceu assim, se você tinha parente também, junto, né? Na luta, para ganhar a casa, aí acontecia de um pegar o número, aí pegava o número 07, e aí os parentes dele ficariam próximos entendeu, até a 08, a 09, se tivesse até o ultimo parente para ficarem próximos. Aí depois, quando acabasse, iam sorteando o restante. Mas aí os parentes, eles prezavam para ficar próximos, entendeu? Já não era mais de pegar número, se um da família pegou, então o filho, ou a mãe ficaria do lado. Tipo aqui é um caso [apontando para duas casas]: ali é a mãe, e aqui é o filho, eles ficaram próximos. [Pausa, estávamos só caminhando]. Esse caso aqui dessa casa, já foi caso de filhos de assentado, entendeu, que já se casaram e aí ganhou aqui, aí por isso que a casinha dela já não é mais do jeito que a gente vê aqui, porque já foi ganhada depois.

Pesquisadora: Mas hoje ainda tem espaço para novas casas?

Sayonara: A maioria das casas já tinha assentado antes. Tipo, a referência dessa daí. Tinha um casal que morava aí, que começou na luta com a gente, e aí, querendo ou não, por incrível que pareça, ainda tem gente que desiste, mesmo a gente já tendo casa, tendo tudo, ainda desistiu. Não é quem já estava construindo aqui as casas. Aí as pessoas desistem, e fica aí parada, fechada, no caso. Aí, quando junta um casal e se casa, vai para o sorteio, né? São cinco casais, só tem uma casa, vai para o sorteio. Quem tirou, a casa é sua, tudo assim. Aí, não tem mais aquela questão de família, se pegou lá longe da sua mãe, aí a gente não tem culpa, né? Foi o terreno que a gente tinha liberado. Ou quando falece algum companheiro, se não tiver filho, aí a gente passa para um outro companheiro, para fazer o cadastro e tudo.

Pesquisadora: Entendi.

Syomara: Aqui é outro caso de mãe e filha, ali mais na frente a gente vê outro caso de mãe e filha também do lado.

Pesquisadora: Aí geralmente quem conseguiu ficar com a família pertinho é quem está desde o começo, né?

Syomara: É quem está lá desde o começo, tipo aqui, tem mãe e filha, ela tem outra filha que já, como ela conseguiu casa depois, ela já ficou prali mais distante, já não ficou muito próximo.

Syomara: A gente já chegou um tempo de a gente levar a cultura muito além! De a gente ter a diversão de ter no tempo da semana santa, né? Caçar o judas. A gente tinha muito o judas, muitos anos ... O pau de sebo. Que inclusive era um morador daqui, que é o seu Tintino, que ele tinha esse costume, né? De fazer! Geralmente, sempre era aqui ó! E tinha também o não sei o que do pato, né, Sayonara?

Sayonara: O pescoço do pato se eu não me engano, que a gente tinha que vender os olhos, aí a gente tinha que matar, e só ficava só a cabeça do pato do lado de fora. [Muitos risos saudosos]. A gente tinha toda uma tradição deles no tempo, que chegou a ser da nossa época, mas que ele hoje não está mais em condições de montar isso, e a gente também não fez questão. Querendo ou não é uma coisa dele, do tempo dele, que se a gente fizesse novamente ele ia

gostar, porque foi ele que trouxe, foi ele que descobriu para gente. Quantas vezes eu já não saí na chuva, no meio do mato, atrás de cobra aí, atrás do judas, que tinha 50 reais e um litro de corote, vamos supor. Mas era um momento em que todo mundo saía atrás. [Empolgada e sorridente]

Syomara: Hoje ele já, hoje o senhor que tinha a tradição, ele já está mais de idade, aí ele não tem mais esse costume de fazer. Ano passado, ou foi ano retrasado, se eu não me recordo bem, a gente até tentou para continuar a tradição dele, só que como a gente estava te falando, já não está dando muito certo. A gente já não conseguiu, então já teve ano que já não teve essa mesma tradição. Mas era coisa que quando tinha aí, vinha mesmo realmente o assentamento inteiro, tipo para aquela coisa, porque também não era aquela coisa de dizer que era só um povo só, só uma família só, só uma religião só, era aquela coisa mesmo para o assentamento inteiro, então realmente conseguia juntar muita gente para tradição dele, e é um morador também que é muito, muito antigo aqui, que ele veio bem, desde o começo mesmo. Outra coisa, tem umas casas que tem uma entrada já direto para horta, porque tem como tem cada morador tem umas hortas, aí eles já fazem a entrada na frente da sua casa, só para atravessar a rua e já ter uma entradinha, por isso que a gente teve um lugar que a gente passou e tinha umas entradinhas, mas tudo leva para a horta.

Sayonara: E essa é a situação precária da nossa praça.

Syomara: Essa é a praça que eu te falei que a gente conseguiu.

Sayonara: O nosso acesso é esse que você está vendo.

Obs.: A praça estava com muito mato bem alto, tivemos dificuldade em conseguir chegar até a praça, pois é período de inverno, e com as chuvas o mato cresce mais facilmente.

Syomara: Aqui é a nossa praça, que também foi aquela coisa da gente receber ela, a gente recebeu ela sem o mato, foi todo de pedrinha bonitinho, só que a iluminação não chegou não.

Sayonara: Já ficou por nossa conta, já foi uma gambiarra em que os companheiros fizeram para gente fazer um lazer, que ultimamente a gente tem feito os nossos arraias aqui, faz a barraquinha assim ao redor, e aí a gente teve que fazer uma gambiarra assim entre aspas, para trazer energia para cá, porque a gente não tem acesso. E ali!

Syomara: No começo também foi uma área que, que reunia bastante jovem, por que a praça realmente ela ficou localizada num local onde pegava celular, então acabava que os jovens, vinham para cá e se reunião, era mesmo muitos jovens ficavam aqui, aí o pessoal chamava era de lan house [risos], por que vinham um pessoal aí e um ligavam o roteador para o outro, aí ficava aquela coisa deles ficarem aí se divertindo.

Pesquisadora: Hoje não tem mais internet aqui?

Syomara: Até pega celular aí, só que os jovens já não vêm mais entendeu? Já não é mais aquela coisa deles vim e ficar aí sentados à noite e tal.

Sayonara: À noite eles sempre vinham, ficavam no barracão à noite inteira. Hoje não, hoje eles brincam aqui com o vôlei deles e cada um vão cada um para suas casas, como a Aline já falou. Infelizmente os bares influenciou muito a noite deles porque eles ficam lá jogando sinuca, não tem mais aquele contato que a gente ficava na brincadeira, mandava lá, tirava a foto deles mexendo no celular, “é viciado”, e mandava um para o outro aqui e não tem mais isso, acabou isso.

Syomara: Aqui é o campo que estava te falando, o que foi com o nome do Carlitão, do tio Carlito. Aí aqui ficou assim, os meninos tinham ficado com aquele campo lá, estavam lá jogando e as meninas se acharam meio sem lazer, né? Então, a gente pegou e elas se decidiram se reunir e disse: Não, aqui já estava mesmo meio cheio de mato aí falaram: “Não, vamos se reunir e vamos limpar aqui uma área e fazer um campo de vôlei.” Aí vieram, limparam essa área aqui, como você está vendo. Essa área aqui toda foram as meninas que se juntaram e limparam. Ali, naquela outra parte ali que está limpo, ali foi as crianças que elas se reuniram

mesmo realmente, [riso] tinha umas criancinhas bem pequenininha lá com a enxada ou com ciscador, mas elas conseguiram limpar ali que era para elas jogar bola também. Assim que limparam aqui elas começaram a jogar. Hoje em dia já não jogam mais. Mas não faz muito tempo não, é porque o mato tomou realmente de conta.

Sayonara: Mas é por questões também, que eles serem criança e aí não tinha espaço para eles jogar no vôlei e os meninos também não botavam eles lá, porque os jogos dos meninos realmente são jogo mesmo de doido. E aí, nem nós do... nem a meninas do vôlei e nem os meninos tem bolas para eles, a gente depende muito assim, a vamos fazer uma vaquinha aqui... e eles não tem essa vaquinha, então eles ficam sem bola, aí os meninos furam a bola deles, quando eles se reúnem para comprar, aí joga para eles as bolas furadas. E nem muitas vezes tem isso, às vezes eles remendam e eles ficam sem bola, tem toda essa questão. A gente ganha muita bola assim quando é tempo de, do pessoal de eleição, eles sempre dão bola de vôlei, de futebol para gente vim brincar aqui. Os meninos, Ave Maria, ficam alegre demais.

Syomara: Mas o problema também é que fura muito rápido, até questão também de que chutam a bola aí um mato desse aí, já fura tudo, só tem “unha de gato”.

Sayonara: Arrodeado de “unha de gato”

Syomara: Aí ali, depois que as meninas vieram para cá, os meninos acharam assim, que não, vamos ficar perto das meninas. Tinha o campo lá, mas eles decidiram vir limpar aqui e ficar aqui. [Risos]

Pesquisadora: Porque que eles queiram ficar perto das meninas?

Syomara: Também não sei, sei que foi assim do nada, né? [Risos]

Sayonara: Para caçar conversa, é para caçar conversa. Que aí, eles têm os meninos; e aí fica com pareia, porque não cabe todo mundo no campo [no futebol]. Aí, os que ficam na pareia querem, porque querem, as pobres ficam aqui jogando. Eles querem porque querem tirar as meninas para jogar aqui [no vôlei]. Ao invés de estarem jogando lá, querem estar jogando aqui [no vôlei]. Depois que saem daqui querem jogar lá, aí ficam aquele negócio: ‘Ah, é minha vez, minha pareia, minha pareia...’ [Risos].

Syomara: Porque o campo de lá era para ter ficado para as meninas. Exclusivamente para as meninas. E aqui para os meninos [o Carlitão]. Aí, quando recebeu aqui, os meninos começaram a jogar aqui, jogou, jogou, jogou até que o mato tomou de conta. Aí não: ‘Pois, vamos lá para o campo das meninas, [risos] que já esestá tudo limpo e tal.’ E foram indo, foram indo metendo-se.... Até que tomaram de conta. Aí, ficou no campo das meninas! Ficaram, ficaram, ficaram, ficaram.... Aí, as meninas sem lazer, sem lazer.... E aí não! Pois agora a gente vai limpar lá, onde era o campo dos meninos. Vieram aqui, limparam, fizeram a coisinha de vôlei. Pois os meninos não acharam pouco, aí vieram: ‘Vamos limpar lá também, e vamos ficar é lá do lado delas.’ Aí, ficaram aí, limparam e tão aí [Risos].

Sayonara: Eles gostam de caçar conversa... [Risos]

Pesquisadora: É só para caçar conversa, ou tem outra estratégia?

Syomara: Eu acho que não... [Risos]

Sayonara: Mas muitas vezes é só para caçar conversa mesmo, porque mesmo eles jogando futebol, perde gol para ficar zombando da cara das meninas, eu não sei jogar na verdade. Sofri bulling. [Risos]

Syomara: Porque como é pareia... [Risos]

Pesquisadora: Mas não tem muito namoro não, entre as meninas daqui e os meninos daqui?

Sayonara: Já teve muito.

Syomara: Não, até porque já tem meninas que já são casadas. Já são muito, muitos casados, muitos mesmo. Já se casaram, já tem as meninas que ficarão grávidas.

Sayonara: Os meninos daqui gostam muito de festas, de forró, né? [Risos]. Então, esses interiores daqui tudo tinham, e eles iam, meninos, e voltavam com as meninas. Aí as meninas daqui ficaram sem os meninos daqui. Perderam [risos]

Pesquisadora: Ôh, meu Deus! [Risos]

Syomara: Teve muitos casos mesmo dos meninos ter se casado com meninas de fora. A maioria daqui são assim. [Risos]

Aline: Acho assim, como aqui todo mundo foi criado junto, até assim como irmão, uma coisa assim, bem amigo mesmo [Risos].

Sayonara: Muito parentesco mesmo. [Risos]

Syomara: Para namorar fica chato. [Risos]

Sayonara: Eu sou uma pessoa sedentária, eu não participo de vôlei, futebol, não sei, e aí eu tento brincar e os meninos fica tirando onda da minha cara eu fico sofrendo bullying: “Mas tu é burra, a bola está na tchá frente, e tú com o olho desse tamanho não enxerga?” Aí ficou aquela coisa.... Mas eu venho assim, às vezes, eu venho para cá quando eles estão aqui de tarde, né? Mesmo fazendo zoada, que é a única coisa que eu sei, mas é muito divertido a tarde deles aqui. A brincadeira deles, toda aquela. [Risos]

Pesquisadora: Geralmente final de semana à tarde, né?

Sayonara: E pela manhã, domingo de manhã, às vezes eles tão jogando aí. É porque não está tendo é bola. Por isso que eles estão parados aí.

Aline: Mas o vôlei é todo dia de tarde.

Sayonara: Mas o vôlei é todo dia de tarde. Não tem como errar, a bola pode estar seca, pode estar cheia demais, todos os dias. Segunda, terça, quarta, quinta.... Porque as mulheres que têm filhos, que têm mãe, que elas jogam aqui também.

Aline: É. Que as crianças ficam brincando aqui.

Syomara: É engraçado que as crianças ficam aqui, aí quando a mãe vai embora aí: “Cadê minha filha? Aí a gente vê só a mãozinha dentro do mato.... Estou aqui!”. Aí eles ficam bem pequenininha [Risos]

Sayonara: Aí no outro dia chegam cinco horas, no outro quatro. Ai meu filho, deixei minha chinela aqui, aonde? E não dá nem p fazer mais acesso. [Risos]

Pesquisadora: Tipo, hoje tem vôlei?

Aline: Tem.

Syomara: Hoje tem.

Sayonara: Todo dia tem. Quanto não tem bola, os meninos correm para cá para o vôlei das meninas, entendeu?

Syomara: Ontem o campo estava meio alagado, cheio de.... Mas eles enrolaram aí, ficaram um pouco.... Mas já aconteceu de pegarem a enxada e puxar um rego que é para água descer toda só para um lugar só e eles começarem a jogar. E aí quando tão jogando e começa a chover vão na chuva mesmo, se está chovendo e está enxarcado eles vêm na chuva mesmo e é aquela coisa. Aqui é o nosso barracão, que a gente também já tinha te falado. É aquela área que a gente tinha para fazer reuniões, para fazer brincadeiras, essas coisas, né? Encontros tudo acontecia aqui!

Aline: Os minicursos que vinha para cá para nós moradores acontece aqui.

Syomara: É, palestras quando vem algum.... Alguma pessoa assim importante que quer passar alguma coisa para gente, a gente bota para ser aqui. E essas coisas. Aí ali a gente tem o orelhão, que também está bem escondido, mas ele ainda funciona. A gente ganhou um orelhão que fez bem, até porque a gente não tem muito acesso área de telefone, aí ele ajudou bastante a gente. Já é uma ajuda.

Sayonara: Hoje o nosso barracão se encontra em uma situação muito precária, em relação a tudo, cadeira, energia, mão de obra, estrutura e tudo. Por conta dos motivos que a gente vem dizendo, de que a gente não tem mais aquele tempo dedicado para cá. A gente tinha

muito coletivo, que os coletivos, a gente limpava aqui, sempre. Vinha um monte de gente, traziam uma garrafa de café, uma garrafa de água, mesmo sendo água o outro ficava mangando: “Ah! Tu estavas trazendo água, não sei o que...”. Mas limpava, sempre limpava com extroveno, com a foice, com a enxada, sempre tinha aquele coletivo. E hoje não está tendo mais. E a gente, acho que ouvindo... O porquê de ter se desligado tanto disso também, a gente não teve mais... tipo assim... antes tinha muito curso, muito mesmo, curso de tudo, até de sabão, de fazer queijo, de tudo a gente teve aqui. E hoje a gente não tem mais essa... esses cursos aqui, esses minicursos que eram cursos que a maioria do assentamento participava.

Pesquisadora: Por que que não tem mais esses cursos?

Sayonara: Por que não tem mais? Acho que como eu tinha lhe dito, porque a gente não tem mais aquele tempo dedicado somente para cá. E ficou muito pequeno o tempo para cá. Ficou só final de semana, supomos. E aí não tem como a gente correr atrás. Final de semana e meio de semana a maioria não tem como ir. Quem é da frente, quem é o coordenador, quem é a secretária, quem é o tesoureiro, não tem como andar atrás, porque trabalha e tem filho também não pode, né? Aí ficou meio por fora.

Syomara: A gente tem uma moradora aqui, que é a Ana Cleide que ela é que tomava de conta assim do grupo de jovens, ela que tipo que quis, que presava por essa união, ela sempre tentou muito de... Ah, aniversário do assentamento, ela sempre corria atrás de fazer aquela festa, ah, é tempo de arraiá, bora juntar os jovens e fazer, ela sempre foi isso, ela mesmo depois dela ser mãe, ela já tem 3 filhas, a mais nova tem já... bem novinha, mesmo assim ela... No último arraiá, aniversário também do assentamento, ela também, ela já tava grávida, mas mesmo assim ela foi a que presava mesmo pela essa união, ela realmente era a única assim aqui do assentamento que a gente via que ela realmente ia atrás, como a gente estava te dizendo, que não tem mais, que a Aline até comentou, que faltava aquela, aquela coordenação, aquela pessoa com poder de ir na frente, de liderar, entendeu, então essa pessoa era ela, que hoje ela.... Família, e filha pequena, aí ela já deixou, aí não teve aquela pessoa, que dissesse assim.... A outra também, que era a Alana, que era a filha do seu Sebastião, que é o presidente da associação, também já teve um filho, aí, também já não teve mais aquela coisa de ter aquela pessoa na frente, entendeu, não teve mais, por isso que a gente não tem....

Sayonara: A gente também chegou um tempo em que a gente tinha um contato muito grande com o acampamento que tem aqui também, do MST, do movimento. E aí, no tempo de arraiá, de festa de aniversário, eles sempre vinham para cá e a gente fazia um coletivo. Eles eram muito amigo meu, vinham para cá, sempre fazia almoço para eles ali, para eles ficarem limpando, cantando, divertindo-se aqui. Para ver se andava o trabalho, né? Todo mundo reunido. E hoje também não tem mais esse vínculo com eles e a gente aqui, para gente estimular eles e eles estimularem a gente. Para a gente botar o trabalho a diante!

Aline: Vida de assentado é difícil, mas persistindo, né? Ver aqui nossa situação, está maravilhosa, né? Antigamente a gente vinha de acampamento, que não tinha água, não tinha energia e a gente banhava de manhã, só banhava no outro dia, né? Então, a não ser que a gente morasse perto de açude.

Syomara: É, eu estava falando para ela também, então teve uma evolução.

Sayonara: A não ser que a gente morava perto de açude. Mas minha mãe, ela diz é muito assim, que quando nós morávamos perto de açude, ainda nós morávamos lá em baixo, antes da gente ganhar essa terra aqui a gente morava lá em baixo, também é nosso, só que a gente ainda não tinha ganhado esse pedaço aqui, e aí lá tinha umas bueiras e um açude, né?? E minha mãe, ela tinha muito medo, porque eu na verdade, eu sou uma lástima dentro d'água, meu Deus, se eu bater o pé, acho que eu já estou morrendo, fico toda agoniada. Aí a mãe sempre dizia assim, meu Deus, eu sou mais antes morar lá num outro acampamento onde a gente morava, do que aqui, porque aqui nem roupa a menina não tem mais, porque a gente rasgava as

roupas tudo nas bueiras, e ficava.... Mas mesmo nesse momento em que para eles não era fácil, para nós era de diversão, né? [Risos]

Aline: Tinha as dificuldades, mas como a gente era ainda criança, e tudo, para nós tudo era diversão, banhar sujo, para nós era nada a ver. Ô, dormir sujo para gente era nada a ver, então... [Risos]

Syomara: E era muito mais união, né? Era muita união. Aqui é a nossa igreja católica, que aqui a gente tem os festejos no mês de setembro, os festejos de São Miguel Arcanjo, que é o nosso padroeiro. E aí é o tempo que jovens de outra religião também costumam vim, entendeu? Vem!

Syomara: A comunidade participa bastante.

Sayonara: A gente bota para vender, é milho, bolo, no período dos festejos, aí sempre tem a nossa banquinha para vender alguma coisa. Leilão que a comunidade mesmo monta, um dá um bolo, um dá um feijão debulhado, outro dá um milho, outro dá uns caju. Porque aqui na nossa terra produz muito caju, não é porque eu moro aqui não, mas os caju daqui são lindos, eu nunca vi igual, sem mentira nenhuma, são muito bonitos mesmo, em questão de cor, em questão de estrutura, muito bom mesmo, não tem nem o que falar. E é porque eu não gostava de caju, mas eu hoje.... Doce, quando é no tempo de caju, aqui é suco de caju, aqui é creme de caju.

Pesquisadora: É no tempo do caju, quando eu ia para Feira, aí era só caju, doce de caju, castanha, polpa de caju, tudo.

Sayonara: Quando nós chegamos nas casas, ninguém oferece outra coisa... “Quer suco de caju?” [Risos]

Aline: Ano passado comercializamos cajuína, não sei se você viu lá.

Pesquisadora: Eu comprei da cajuína.

Sayonara: Nossa terra é muito produtiva para caju, na verdade.

Aline: Na verdade aqui dá de tudo, você pode plantar, melancia, feijão, abóbora, macaxeira.

Syomara: A tia Lulú, que é a mãe da Carla aqui, tem até pé de maracujá aqui, limão, caju.... Ali é outra igreja, que foi que a gente passou.

Pesquisadora: Sim.

Sayonara: Que é a igreja que a Aline frequenta, que é a Adventista.

Pesquisadora: Adventista, entendi.

Aline: Você viu, né? A gente só rodou mesmo, porque realmente só é um círculo.

Pesquisadora: Anram, entendi.

ENTREVISTA EM GRUPO 02

Entrevistadas (os): Ulisses, 26 anos; Ana Cleide, 32 anos; Cledson, 42 anos; Alana, 25 anos; Jenilson, 23 anos.

Pesquisadora: Como são os jovens do Vale?

Ulisses: Eu era adolescente a Ana Cleide é que já era jovem, era quem era coordenadora na época do grupo de jovens, né, Ana Cleide?

Ana Cleide: Isso, o grupo nunca foi grande, sempre foi um grupo bem pequeno, e muita dificuldade para os jovens interagirem, logo era acampamento, o único lazer que sempre teve foi o futebol, né, Ulisses? Que a gente sempre gostou de jogar, as meninas sempre jogaram com os meninos... [Risos]

Ulisses: Tem o masculino também, tanto que as meninas, a Ana Cleide sempre queria está no meio, jogando bola. [Risos]

Ana Cleide: Isso, sempre queria está, sempre provocava aquele conflito.

Pesquisadora: É, eu vi no dia do vôlei, o povo só começou quando ela chegou.

Ulisses: É desse jeito... [Risos].

Ana Cleide: [Gargalhada]. É muito conflito... [Risos]. Mas é bom, foi uma época de aprendizagem, a gente sempre também, assim no grupo, a nossa juventude, sempre a gente colocou as crianças. E a partir daí já ir aprendendo, como é que trabalha, a união, o coletivo.

Pesquisadora: Faz assim uma linha histórica da juventude do Vale.

Ulisses: Eita! Uma linha do tempo é difícil, porque assim, a Ana Cleide, veio de um acampamento e eu vim de outro acampamento. Aqui o Vale é formado por vários acampamentos. E a Ana Cleide já era de juventude outro acampamento e eu vim de outro acampamento e a gente se reuniu aqui. Só que a gente sempre tinha a referência, por exemplo a Ana Cleide sempre foi referência como juventude, porque quando eu cheguei, que aqui era quem já vinha do Resistência, já tinha ela, então a referência para mim era a Ana Cleide, como para Sayonara pode ser eu, pode ser a Karla.

Ana Cleide: Eu vim de dois acampamentos, porém nessa época eu só fazia parte do grupo, eu nunca fui à frente do grupo, eu vim ficar à frente do grupo quando a gente já veio para cá, para o Vale da Esperança, e o Ulisses já fazia parte, que foi ali em baixo, que eu fui fazer o curso de militância pelo movimento, e aí de lá eu vim indicada para ser da brigada, do setor de jovens e cultura, aí chegando aqui no assentamento me colocaram como coordenado do grupo, aí a partir daí eu comecei a trabalhar com a juventude. Foi uma época até de quadrilha, foi aí que eu comecei a ajudar, juntar a galera para gente fazer uma quadrilha, para se apresentar, porque todo mundo ficava muito, como é que se diz... parada naquele lugar, sem fazer nada, sem ter outra perspectiva a não ser a escola, que era o Baixão, naquela época que a juventude ia para o Baixão, e passava. Era 15 dias, nera Ulisses?

Ulisses: Era

Ana Cleide: Passava 15 dias, e aí, quando voltava passava 15 dias em casa, e aí? Fazer o que? Né? Sendo que o esporte era o futebol, não tinha outra coisa para gente fazer. Então a partir daí a gente teve essa ideia, de ter o grupo, da gente fazer coletivo, a gente pensava em projetos, ainda chegava em fazer um projeto. Vamos limpar uma área para fazer isso... Sempre começava, mas nunca chegava...

Ulisses: Horta medicinal.... Mas acho era a forma da gente mobilizar e procurar o divertimento era está junto. Mesmo que seja o projeto nosso.... Ah! Esses meninos só inventam coisa, mas nunca vai para frente. [risos]

Ana Cleide: [Risos] É isso...

Ulisses: Mas assim, o que a gente queria era estar junto. A gente planejava, planejava [as atividades de lazer], no final queria estar junto. Outra coisa que a gente fazia muito era

organizar as festas culturais do assentamento. A gente sempre, quando falava em festa no assentamento, ah, não, a festa é dos jovens, festa é só os jovens. No caso a nossa forma de entretenimento, era procurar o entretenimento para o acampamento, na verdade, e aí, a gente sempre trouxe isso para gente. Depois era quase como regra. Quando eu fui coordenador a primeira vez, eu disse: ‘Não! Tem que fazer a serenata das mães, né? que é tradicional aqui. Eu não posso deixar perder. Se eu deixar perder, para mim, eu vou ficar mal visto no assentamento. Tem que fazer a quadrilha.’ E aí a forma da gente entreter-se era organizar essas festas, né?

Ana Cleide: Que a nossa primeira, quando a gente veio para cá foi o CarnaVale.

Ulisses: CarnaVale isso!

Ana Cleide: O nosso primeiro CarnaVale em 2007. Sempre foi, dava a volta e tudo, os homens vestidos de mulher. E aqui a gente organizava um carro, aquela brincadeira e dá as voltas, e quando acabava era o jogo dos meninos, contra as meninas, mas sempre os meninos vestidos de mulher, ficava naquela brincadeira. E aí a outra festa que a gente tinha era a nossa festa junina, que era a festa julina, que a gente falava, porque sempre...

Ulisses: Tem o dia das mães também, que a gente que organizava, a serenata em maio, antes.

Ana Cleide: E... Que a gente faz a nossa festa junina no mês de julho, porque a gente nunca conseguiu fazer em junho, nunca dá certo. [Risos]

Ulisses: Como a gente era novo aqui, a gente tinha medo de competir com os outros, né?

Ana Cleide: É isso... [Risos]

Ulisses: Aí geralmente como aqui é muito time, tinha só as tradicionais, aí como a gente não queria perder público, a gente sempre deixava para julho, aí parecia festa julina.

Ana Cleide: Festa julina, que a gente falava.

Ulisses: Aí angariava recursos para o grupo, para o assentamento, sempre fazia bingo.

Ana Cleide: E assim Ulisses, sem esquecer que sempre aquela minoria, a gente nunca conseguiu o grupo inteiro.

Ulisses: É verdade.

Ana Cleide: Por que tem muita juventude, sempre teve muita juventude, mas a gente nunca conseguiu atrair todos. Sempre fizemos de tudo, cobravam lazer, a gente dizia, não vamos trabalhar primeiro na festa, vamos organizar isso, quando a gente acabar a gente faz um lazer. A gente sempre fazia, tirava um dia para ir para o clube dos rodoviários, ou ia para outro lugar...

Ulisses: Dos comerciários também. Tinha os parceiros que ajudavam.

Ana Cleide: É..... Fazia o trabalho, para incentivar eles. Só que naquele momento eles ficavam todos felizes, depois se afastavam. Só que essa é uma coisa que eu nunca consegui entender, e eu nunca consegui um meio de trazer eles de verdade. Trazer, colocar para eles ficar, sentir à vontade que eles gostam de ficar. Por que assim, pelo movimento é muito bom, é muito bom, o conhecimento. E eles desde pequeno, que, é...., como é que se diz.... Assim no meio da gente, como eu estava lhe dizendo, a gente sempre trouxe eles para estar com a gente, né, Ulisses? Para eles já irem aprendendo e ir conhecendo, mas mesmo assim, nunca tiveram aquele interesse, nunca tiveram aquele interesse, mesmo vendo a luta da gente, as dificuldades, mas é difícil trazer eles, e hoje está mais difícil ainda, está cada vez mais difícil.

Ulisses: Concorrência está pesada...

Ana Cleide: Concorrência está pesada.

Pesquisadora: Concorrência em relação a que?

Ana Cleide: A bebida...

Ulisses: A bebida. Para gente procurar entretenimento assim, a gente sempre buscava era fazer algo, mas sem precisar, diretamente da bebida, né?

Ana Cleide: Envolver bebida...

Ulisses: É, envolver bebida.

Pesquisadora: Ser mais em relação a ações culturais.

Ulisses: É culturais, nosso foco era esse!

Pesquisadora: Em relação à formação política de vocês?

Ulisses: Quando nós começamos, em 2003, foi na efervescência dos movimentos sociais, foi quando o movimento social teve a efervescência muito grande, primeiro mantado do Lula, e tal, e muitas conquistas, muitos acampamentos, então naquela efervescência a gente foi se inserindo nela, e as pessoas que já estavam eram bem formados politicamente, bem rígidos também. A gente tinha até disciplina né, Ana Cleide?

Ana Cleide: Tinha até disciplina, aí corta essa parte, que eu era muito danada, [gargalhadas], sempre fui terrível. E assim, horário de entrar, não podia ter bebida aqui no assentamento, até a questão de bar, hoje em dia.... Aqui no nosso, a gente lutou muito para não ter bar.

Ulisses: Mas a gente insistiu muito.

Ana Cleide: Eu gostava muito de beber, mas eu nunca fui a favor, até mesmo porque a gente pensa no futuro, a gente não pensa só naquele momento, a gente pensa no futuro.

Ulisses: É verdade.

Ana Cleide: E aí vendo a juventude, já se afastava, que não tinha tanto, e aí tendo, como é que fica.

Ulisses: Mas nós ficamos uns 8 anos de assentamento sem ter bar.

Ana Cleide: Sem ter bar.

Ulisses: Ficou uns 8 anos. Assim, porque todo ano tinha o pessoal: “ Não tem que ter, tem que ter entretenimento”. Porque as pessoas veem entretenimento muito como bar, como bebida, e aí acaba que a gente, tem que muitos jovens que acabou foi antecipando sua vida de bebida alcoólica.

Ana Cleide: Aí assim, para aqueles que caem na real, como eu, é uma coisa! Mas para aqueles que não cai, né, Ulisses? Que continua na mesmice: “Não, eu quero é isso, eu quero é aquilo”. Chega um ponto que a gente tem que parar e para pensar: “Não! Está errado, não é assim! ” Mas é complicado. Os jovens daqui é difícil de a gente conversar, da gente trazer e dizer: “Vamos minha gente! ” Hoje em dia está muito difícil.

Pesquisadora: Vocês ainda não conseguiram fazer a festa junina desse ano?

Ulisses: Não.

Ana Cleide: Não. Até mesmo porque a Ana Lú está pequena e não botei o pé na parede, e aí o Tião disse que ia fazer e não chegamos a conversar, eu e ele para gente conversar.

Pesquisadora: Tu és jovem?

Ana Cleide: Eu me sinto jovem [Risos]. Eu tenho o espírito jovem. Eu gosto de me divertir, eu gosto de trabalhar com a juventude, eu gosto de estar com a juventude. Então eu me sinto mais jovem.

Pesquisadora: E tu és jovem?

Ulisses: Sou. Sou jovem. É tipo, meu espírito é sempre... Às vezes eu penso assim, quero dá uma de careta, mas eu tento me confirmar ainda jovem. Às vezes tem coisas que eu vejo que... pô, mas... o que é isso, né? Só sei que é de jovem!

Ana Cleide: Eu sempre tive aquele espírito de que eu não sou careta, eu sou assim... Está. Mas depois que eu tive a Karine, que já está com quase 12, eu já estou ficando careta [Risos].

Ulisses: A gente tem que compreender também, que os tempos mudam, as pessoas mudam e as referências também mudam, e a gente acha.... Tem que ver essa receita, para ver como é que a gente vai fazer para tentar envolver os jovens, tentar falar a língua, que os meninos também querem ouvir.

Ana Cleide: Aí até assim, Ulisses, deu sempre ter sido coordenadora, de eu estar à frente, é porque nunca teve um jovem que botasse assim a cara, né, Ulisses? Não, eu vou, e

sempre tinha aquele que dizia assim: “Eu posso ser coordenador? ”. E aí nunca tomava à frente, daquele grupo. Teve uma época que foi o Gabriel e o Railton, aí foi você e a Alana, não foi Ulisses? A Celiane... E o grupo andava. Mas aí a gente queria inserir aqueles que estavam ali por trás da gente, por que a gente vê que eles têm capacidade, eles têm potencial de seguir com o grupo, de botar o grupo para frente, mas só que eles nunca tiveram essa coragem. Eu não sei o porquê.

Ulisses: E hoje está até... acho que o grupo está só na igreja, né?

Ana Cleide: Não, nem na igreja. Acho que a última reunião do JAV foi final de ano passado que eles foram fazer.

Cledson: Meu nome é Cledson, eu sou um dos membros da juventude daqui. Desculpa está pegando na sua mão assim, mas aqui é só molhado.

Pesquisadora: Não, tudo bem. Tranquilo.

Ana Cleide: Então. Ai nem esse grupo. Hoje foi que a Tessilane apareceu para fazer a reunião, eu disse: “Tessilane mais de ano, Terssilane! ” Mas esse grupo não está indo não, acabou.

Pesquisadora: Aí teve reunião?

Ana Cleide: Eles se reuniram hoje, do JAV. Hoje, hoje pela manhã.

Ulisses (para Ana Cleide): Tu estava lá hoje, na reunião?

Ana Cleide: Estava não. Pois é, eles se reuniram pela manhã. A Karlinha nem veio, porque a Karla disse que tinha um trabalho, e começa as aulas amanhã.

Pesquisadora: E como é que vocês caracterizam a juventude hoje daqui?

Ana Cleide: Para mim é uma juventude sem perspectiva, de futuro, de conhecimento, de inovação, de trabalho junto, para mim, é isso, por que eles ficam sempre naquela mesmice, é um vôlei a tarde, é um futebol a tarde e pronto, se diz oi, ninguém se fala, se encontra no bar e é aquela brincadeira e tudo, mas onde se reunir, vamos gente, vamos se reunir novamente, vamos brincar, vamos organizar uma festa, vamos fazer isso assim, não tem, eles não têm.

Ulisses: Não tem identidade, sem identidade.

Ana Cleide: É verdade, é verdade Ulisses, essa é a palavra certa.

Ulisses: Não consegue se identificar, acho que nem com a história que a gente construiu ao logo do tempo, nem com o momento que a gente vive hoje. Para mim falta identidade seria.

Pesquisadora: E vocês dois fizeram formação no MST?

Ulisses: Eu não, eu não cheguei a fazer formal, só mesmo os encontros e reuniões, que é claro, informalmente sim, mas a Ana Cleide participou de.... A Alana, o Janilson também.

Pesquisadora (para Ana Cleide): E tu fez, né?

Ana Cleide: Eu fiz.

Pesquisadora: E como é? (Para Alana) E você fez também?

Ana Cleide: É um aprofundamento da história do movimento, a gente, né, Alana? Toda a história, de luta que o movimento teve, e defender as causas, defender as causas da gente.

Alana: Agora nosso encontro estadual foi difícil levar a juventude daqui. O encontro estadual do MST é um momento em que a gente se encontra, não só a juventude, mas todas as lideranças de forma geral. Mas aí tem todo um espaço cultural também, tem a noite cultural, nem assim a gente conseguiu levar um grupo grande, foi aquele mesmo grupinho de sempre, aquela mesma coisa de sempre. Viemos para cá e repassamos mais.

Ana Cleide: É por isso que eu digo que é sem perspectiva, por que, antes ainda ficavam animados para ir, porque pensavam, não, tal dia tem a noite cultural, mas hoje em dia nem isso, nem aquele desejo de ir. Eu sempre...

Ulisses: É isso. Fazia fila, fazia lista de espera.

Ana Cleide: Fazia lista de espera. Gente! Quando dizia, tem encontro, chega me dava aquela dor de barriga, aquela coisa, aquela euforia, de dizer assim: “Eita! Vai ter aquele trabalho em grupo, nós vamos ter que ler, debater, que vai ser um orador para ir lá na frente, aí eu dizia

assim, eu vou ficar nervosa. ” Mas aí quando eu começava a falar, aí pronto. “Ana Cleide não para mais não, acabou...” [gargalhadas]. E aí eles não têm esses desejos, eu fico até.... A gente fica até triste. E minha filha, ela é totalmente parada. Eu queria tanto que ela fosse que nem eu e a Karla, assim interagisse: ‘Mamãe, eu vou na frente, eu quero!’ Mas não, não é! Acho que a Cecília vai ser mais assim.

Pesquisadora: Então o lazer hoje, como é que vocês definem o lazer hoje aqui no Vale?

Janilson: É como a Ana falou aí, que a questão hoje mesmo está mais voltada é para o vôlei e a questão do futebol. Mas não é nem aquela coisa assim, é único, bem dizer lazer que a juventude hoje em dia tem aqui, tem alguns jovens que ainda procura algum lazer fora, que é o que, um campeonato fora, torneio. Geralmente, acontece isso, mas são uns 3 ou 4, são poucos. Eu creio assim, que a expectativa de entretenimento, sobre jovens, acho que os jovens de hoje em dia que tem aqui, que são um pouquinho maiores, acho que com eles está praticamente, a esperança está bem pouquinha. Acho que hoje mesmo o foco é hoje, essa garotada que está vindo aí, que tem bastante criança aqui. Acho que a gente devia trabalhar era mais neles, questão de fazer alguma coisa assim, não sei se a Ana concorda. Mas geralmente os que tão aqui que já tão praticamente com a cabeça tudo feita a esperança é pouquinha.

Ana Cleide: E aí assim, a juventude sempre teve aquela questão; os mais interessados sempre são os que são interessados também por estudo. O Ulisses, né? Começou a interagir no grupo. Está interagindo...: “Mas, não, tem os meus estudos!” “Aqui não tem como eu estudar, não tem facilidade para eu ir, para eu voltar.” A gente corre o risco! Então, teve que se afastar do assentamento aqueles que, né?... Que tem mais vontade. E isso também interfere muito, porque eles não podem deixar de estudar para ficar aqui, focando no grupo de jovens, né? Tem que procurar um futuro. Isso vai acontecer com muitos.

Ulisses: Já discuti até isso com a Karla. Estava conversando isso com a Karla na Feira, ela falando da sugestão, “Ulisses a mamãe está sugerindo te colocar como presidente da associação”, eu falei, “Karla, mas agora não tem como, por que nem no assentamento diretamente eu estou morando agora, eu estou morando na cidade.” E aí infelizmente a gente teve.... Ela: “Ulisses, mas era tão bom se tivesse como nós dois contribuir, por que, eu de frente não, tu.” Eu disse: “Não, mas, tu também poderias ficar de frente e eu.... Não tem essa com a gente, sabe que não existe.” Mas seria bom se a gente, se.... É, o ensino pudesse.... As oportunidades pudessem aparecer no assentamento. Por que eu consegui coisas, assim é claro, através da minha educação, dentro do assentamento, mas coisas que são fora, e eu estava até falando para ela, “Karla, as coisas estão me puxando cada vez mais para fora do assentamento.” Então é complicado, né?

Ana Cleide: É tipo, se desse para conciliar, né? O assentamento, com a educação, com o trabalho fora [na cidade].

Ulisses: É, verdade.

Ana Cleide: Por que a gente tinha uma esperança de uma escola.

Ulisses: Uma escola dentro do assentamento.

Ana Cleide: A gente tinha uma esperança de um... como é o nome daquela coisa que é para ser feito.... Aquele centro...

Ulisses: Centro de produção?

Ana Cleide: Era para ser feito aqui... Não, de estudo...

Alana: É o... Tu estás falando do... Centro de formação.

Ulisses: Ahhh, o Centro de formação

Ana Cleide: O Centro de formação, isso.... Tem o centro de formação também. Há muitos anos que essa história rola, né? Essa história rola de ser feito, e aí a gente.... É uma esperança que nós temos. A gente tinha para nós, na época, e hoje temos para outra juventude que está vindo, esperança de ter um estudo, de ter uma educação de qualidade dentro do

assentamento para que eles não se afastem. Para que eles continuem aqui, trabalhando aqui, estudando e tendo o foco de trabalhar no assentamento, e está focado nos estudos.

Ulisses: Porque também tem que perceber que, olha, o assentamento precisa de bons professores, né? A Karla estuda, faz serviço social, né? Claro que o olhar da Karla é um olhar para o campo, né? Porque não tem como tirar dela, está dentro da vivência dela. Então, assim, quando as pessoas dizem: ‘Ah, Ulisses, por que tu não estás no assentamento?’ Mas assim, eu acho que nos meus estudos eu sempre coloco a minha vivência, que não tem como eu fugir. Então, assim tento sempre trazer um pouco para cá, né? Nos meus trabalhos da universidade, fizemos vários trabalhos aqui: é sementes crioulas. Trabalhamos com sementes crioulas, trabalhamos a horta agroecológica com as mulheres. Assim, eu tento sempre trazer um pouco, até para não perder minha identificação com a origem, sabe? Para eu poder balancear. Não é o fato de eu estar lá fora que pronto, eu consegui lá fora, eu vou sair de vez. Eu trabalho também na expectativa de um dia poder voltar, que essas oportunidades possam aparecer e eu possa retornar.

Ana Cleide: Assim, e colocando novamente o movimento MST na história, o movimento tem assim um... Como se diz...? Ele é fator muito importante, porque ele sempre focou no jovem para formar, para não sair do assentamento. Formar, ter um curso de pedagogia para ser um professor, para trabalhar numa escola dentro do assentamento; o assistente social para estar no posto de saúde dentro do assentamento, entendeu? Ele nunca abandonou, sempre foi assim. Só que muitos jovens se formaram pelo movimento, porém, para ir para outro lugar, abandonaram o seu assentamento, foram para outro lugar.

Ulisses: Fizeram da formação, uma forma mesmo só de sair né?

Ana Cleide: Se formar e... E pior, muitos se formam e não no assentamento, mas não se interessam de contribuir, de estar contribuindo com a gente. Eu ainda comecei a fazer um curso de agente de saúde comunitário, era pelo PRONERA [Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária], na época, não era, Ulisses? O que eu fiz foi 2007, na época. 2008! Eu tive a Karine em 2007, aí em 2008 a gente.... Eu fui para primeira etapa, fui começar o curso. Foi um mês lá em São João do Piauí. Aí teve outra segunda etapa, que já foi em junho. Já foi dois meses, muito maravilhoso. Quando a gente voltou, quando foi para a gente voltar em outubro, ou setembro, para a gente voltar, não ia ter mais. O nosso curso foi cancelado, porque não tinha mais verba. Eu sofri tanto, porque, assim, eu abandonei meus estudos. [Ela ficou um pouco emocionada]. Eu nunca fui de: Ah, hoje eu não vou para a escola. Enquanto eu quis ir, eu fui. Nunca fui de desistir. Mas aí, eu parei. Quando eu parei de uma vez, pronto, veio a Karine. Então, eu vi nesse curso uma oportunidade de formar-me, e aí, não deu certo! Aí, não fiz mais outro curso, porque tive a Karine. Aí, depois fui morar com o Diego, o tempo foi passando, tempo foi passando, aí, até hoje.... Nunca consegui concluir.

Cledson: Existe um fator muito importante neste assentamento aqui onde nós moramos, você pode andar arrodado de técnicos, por exemplo aqui, ó, [apontando para os demais], eles são técnicos, são formados. A gente pede para.... Vamos para cima fazer alguma coisa, coisa que progrida, para a gente mesmo, mas só que.... Não está acontecendo, mas existe técnico que não quer interessar-se pelas coisas da gente, mas é nosso. Olha, pode ver, quem está falando com vocês bem aqui, ó, colocaram-me para ser presidente do grupo de jovens. Eu chamo os jovens: “Rapaz, ‘umbora’ participar das reuniões e tudo”, “Mas nós não temos verbas”, “Vamos procurar verbas, nós temos campo agrícola, bora fazer uma horta, da horta a gente tira o recurso e vamos fazer, né?” A vida não é só brincadeira, trabalhar primeiro, depois é que diversão, lazer, que todo mundo tem direito, quem trabalha tem direito ao lazer. É algo que eu penso, meu pensamento... [Risos].

Ulisses: Ontem à tarde a gente estava aqui [na casa de farinha], aí, eu me lembrei de sua pesquisa, né? Aí, tinha uns meninos que estavam.... Tinha dois torrando massa, tinha dois prensando, aí, tinha os meninos chegando. Os meninos estavam aqui assim. Claro que estavam

trabalhando, mas entretendo-se, estavam conversando. Poxa, tantas vezes a gente está reunido e não está conversando entre si, está no celular... E ontem estava todo mundo aqui brincando, conversando. Os meninos torrando massa e outros caçando conversa. E assim, a farinhada é produtiva. É trabalho, mas é uma forma de entreter-se, né? Acho que era como os nossos pais, avós se entretiam antigamente. Entretiam-se descascando a macaxeira ou conversando as conversas paralelas mesmo.

Ana Cleide: Como no clube rural hoje passou, uma farinhada de uma cidade aqui no Piauí, e aí a mulher falando, uma farinhada enorme, traz até a família de longe, né? O homem falou, eu moro em São Paulo, mas toda vez em julho eu estou aqui com a minha família, interagindo, os amigos, todo mundo vem, é uma forma de estar junto.

Cledson: Mas sei que nós vamos procurar uma forma de resgatar as nossas culturas, simplesmente. A minha forma de pensar é essa. Uma hora nós vamos fazer isso.

Pesquisadora: E, vai ter alguma outra farinhada, de algumas outras famílias, esses dias?

Alana: Está programada uma para o dia 16 e se eu não tiver enganada outra pro dia 23.

Pesquisadora: Pois eu estou aqui no dia 16.

Ana Cleide: Dia 16 é o dia do festival de sorvete também que vai ter aqui no assentamento, viu?

Pesquisadora: Me passa aí a agenda cultural aqui do...

Ana Cleide: Eu vou passar

Ulisses: Já virou tradição, né?

Cledson: Todo ano tem.

Pesquisadora: Ai, que ótimo. É... agora eu quero fazer uma pergunta individual para cada um. O que é o Vale para ti?

Ana Cleide: Ah, o Vale para mim é minha casa. Eu até me emociono quando falo, porque foi onde eu me encontrei, foi onde eu descobri quem eu sou. Quem realmente sou. Onde minha mãe conseguiu um lar para gente. Foi uma luta, foi muito difícil e hoje a gente tem uma casa. Então, para mim é meu lar, é tudo. É onde as minhas filhas nasceram, estão crescendo e vão viver e com certeza vão ter um futuro para elas, vai ser aqui. Para mim é especial, não tenho nem palavras para falar do meu Vale. Não me vejo sem ele, não me vejo, não me vejo. De jeito nenhum. Um lugar mágico, para mim. É tudo! [Emocionada, chorou um pouco].

Pesquisadora: O que é o Vale para ti?

Cledson: O Vale é minha família, o Vale é meus amigos, o Vale é meu futuro e o futuro dos filhos dos meus amigos, que são a juventude. Para mim o Vale é tudo. É o Vale da Esperança!

Pesquisadora: Essa aí vai para minha epígrafe. [Risos]

Ana Cleide: Adorei [Risos].

Pesquisadora: O que é o Vale para ti?

Ulisses: O Vale para mim é a materialização de uma luta, de toda uma luta, que a gente vê muito os ataques, principalmente aos movimentos sociais e a gente sabe que não é assim.... [Não conseguiu continuar pois estava emocionado]

Pesquisadora: Como é o nome dele?

Ana Cleide: Jenilson.

Pesquisadora: Jenilson, o que é o Vale para ti?

Jenilson: Bom, o Vale para mim, embora não esteja iniciado a construção do Vale, porque eu estou aqui a pouco tempo e tal, a pessoa que eu conheci aqui dentro, mas até...

Pesquisadora: A pessoa é ela, né? [Apontando para Alana] [Risos]

Jenilson: É [Risos]. Até então, para mim o Vale é... Já está dizendo, é uma esperança. Uma esperança que a pessoa possa encontrar o seu caminho, o seu futuro. Porque é isso que o movimento proporciona, né? Acho que o nome do Vale está caracterizado aí na esperança de

vida, na esperança de que a gente possa colher bons frutos, que a gente possa construir uma vida para melhor, para os nossos companheiros numa nova sociedade.

Pesquisadora [para Alana]: Ana, não é?

Alana: Alana.

Pesquisadora: Alana, o que é o Vale?

Alana: Ah, o Vale para mim é uma conquista, né? É a conquista de muita luta que a gente teve. Da gente que vem de muitos anos, passou por tantos obstáculos, e aí hoje, a gente tem concretizado nosso pedaço de chão. E é nosso, é fruto de muito suor, de muita luta que a gente viveu a cada dia. E que hoje a gente continua a luta de uma forma totalmente diferente, também com muitas dificuldades, muitas adversidades, por conta da situação de hoje. Mas é o que a gente conquistou e que a gente ainda tem muito a conquistar para poder continuar aqui, né? Que a dificuldade agora é a gente conseguir continuar diante dessa situação que está hoje aqui, as mídias, é tudo tão fácil, e ao mesmo tempo tudo tão difícil para gente. E por um lado é fácil, tem as facilidades e por outro a gente as vezes não consegue totalmente se encaixar e continuar essa luta que é tão bonita e que deu tanto para gente.

Pesquisadora: Tu falaste uma coisa bem interessante sobre as mídias. Como é que vocês veem a relação da juventude com esse mundo de mídia, de celular, de redes sociais. No Vale, como é que vocês sentem que interferiu na juventude do Vale. Ela falou e eu fiquei pensando aqui...

Alana: A mídia hoje, ela, aqui no Vale, por exemplo, eu trabalhei uns anos em escola, né? Técnica agrícola, Escola Família, e lá tinha muitos, a grande maioria alunos daqui do Vale, do assentamento, alunos que eu conhecia a realidade deles e quando eles chegavam lá, com outras realidades de outros alunos, aí, a gente começava a ver um aluno, querendo celular, e aí, eu começava a ver e dizia: 'Poxa, mas a realidade dele lá no Vale, eles nem pegam em celular, nem mexem em celular, aí, aqui quer mexer em celular, fazendo questão por internet, coisa que aqui não tinha'. Tem hoje as facilidades de celular, de internet em algumas casas, que até tem, mas eu chegava e ficava vendo e dizia: 'Poxa, a família dele é tão simples, não tem isso.' Mas de outra forma, eu conseguia entender, por que o mundo está tão globalizado e está chegando internet em todos os cantos, então, por que não chegaria aqui e não chegaria na família dele, né? De uma forma isso atrapalha, por que acaba mexendo, acho que, culturalmente, não só com ele como pessoa, mas com a família, porque acaba englobando todo mundo e aí o meio que ele está... A escola, acaba interferindo, ajudando, porque por um lado ajuda e traz a informação para mais perto, mas por outro acaba atrapalhando, porque se você não usa direito, se você não tem informação para conseguir utilizar a internet, as mídias sociais, você acaba perdendo-se dentro dela. Complicado!

Ulisses: Assim também, acho que não tem como a gente... a gente tem que entender que não vai dar para competir, o celular vai estar sempre, vai está cada vez mais acessível ao jovem, o jovem não quer... E é bom o celular, é bom internet. Que a questão não é essa, não é a gente proibir, acho que a questão vai ser a gente tentar trabalhar a melhor forma para poder fazer, usar os meios de comunicação, sem deixar que os meios se utilizem da gente, a gente tem que aprender a utilizar esses meios. Por que, poxa, está cada vez mais se evoluindo, e para gente poder alcançar as mentes e os corações dessas pessoas a gente vai ter que se evoluir nos nossos discursos, nas nossas práticas, essas coisas. Claro que tem algumas, assim, muitas coisas no meio que a gente tem que parar mesmo e refletir, será que isso é certo? A gente vê hoje muita divulgação de vídeos, de coisa que não tem nada a ver, né? Poxa a gente tem que usar esses meios, aproveitar desses meios, dessa instantaneidade de comunicação para outras coisas, coisa que sejam produtivas.

Ana Cleide: Chegam a usar o celular como meio de, tipo assim, vamos supor um jovem que ele não tem comunicação com as pessoas, não tem diálogo. Senta aqui, não conversa, não fala, então quando ele se vê com o aparelho, ele acha que ele pode fazer tudo, que ele pode

falar, que ele pode, que ele pode dizer, que ele pode mostrar, fazer aquilo, então até no psicológico afeta, né? Que a gente até está vendo muito na televisão a questão da depressão, traz a depressão, é uma juventude hoje que está muito falha, não conversa, não interage, não fala com mãe, não fala com pai, não fala com amigos, não conversa com ninguém, e no celular é outra pessoa, as vezes ele tem outra identidade. Vê coisas totalmente diferentes, aprende a fazer coisas que a gente nem imagina, até o pai desconhece o filho que tem, as atitudes que tem, o que faz, é, que vem trazendo até aqueles, como é, que eles fazem aqueles negócios na escola, meu Deus, que mata as pessoas, os massacres. Eles veem aquilo e bota na cabeça, não tem, não procura conversar com uma pessoa, acho que eles ficam com a maldade dentro deles, e quando vê o celular que mostra, não eu não gosto. É outro problema, quando a gente é mãe é outro problema, por que a Karine é louca por um celular e eu morro de medo de dar, por que eu converso muito com ela, Karine, você vai ter um celular, mas você vai ter o seu momento de conversar, você não vai ficar com o celular 24 horas não, por que é bom, o celular é bom demais, você fala com uma pessoa que está a não sei quantos metros de distância de você, quilômetros e quilômetros, você mata uma saudade. Uma coisa que há muito tempo, é..... Antigamente acontecia alguma coisa com uma pessoa ali, a gente vinha saber dois dias depois, agora não, acontece, na hora você está sabendo, é muito bom. Mas em questão da juventude, eu acho que é um perigo, está sendo um perigo. Para quem tem a mente fraca, para quem tem a mente fraca.

Cledson: Existe também outra forma, o celular ele ensina tanta coisa ruim, mas também ensina muita coisa boa, então o que devemos fazer, ensinar os filhos a fazer as coisas boas. Por exemplo a matemática, um mais um é dois. [Cledson faz uma ‘fofoca’ sobre o sobrinho dele].

Pesquisadora: o que é juventude para vocês?

Ulisses: Para mim, é um estado de espírito. Tanto que assim, eu cresci vendo as pessoas que não eram jovens, mas tinha aquele espírito de luta, né? De juventude, de sempre acreditar. É por isso que, para mim, juventude é um estado de espírito. Quando você ver o Seu Tintino, O Seu Tintino é um jovem, Seu Tintino anda sorrindo. Seu Tintino tem quantos anos, Ana Cleide?

Ana Cleide: 89

Ulisses: É assim, é animação, é euforia, e também é um estado de espírito, né? Ou seja: Não! Tu não é mais jovem, não! Tu já tem trinta e poucos anos! O que é isso? O Cledson tem 42 anos, não tem quem diga!

Pesquisadora: Não tem quem diga!

Cledson: Óh, sabe o que é juventude? Juventude, é a melhor fase da vida.

Ana Cleide: Eu faço das palavras do Ulisses as minhas. Era realmente o que ia dizer, porque é um estado de espírito. Porque eu me sinto jovem. Eu fiz 32 anos ontem, e para mim eu sou jovem, e você é um perfeito jovem. Eu gosto de estar com a juventude, gosto de trabalhar, gosto de brincar, gosto de divertir-me, eu gosto de viver, entendeu? Eu acho que juventude é isso mesmo, é estado de espírito. Não é parar, não, você está parado? Porque acho que o jovem que está parado, não é um jovem. Ele não tem aquela força de vontade de fazer, de acontecer, ir atrás, né? De se formar, né? O trabalho de fazer tudo isso. Um esporte, divertir-se, isso é viver, isso é ser jovem.

Cledson: Nós somos um grupo de jovens, e nosso grupo nunca vai morrer!

Ana Cleide: Nós vamos ser eternamente jovens, enquanto vivermos.

Ulisses: Tanto que a gente acredita na mudança, né? Então, se a gente ainda acredita na mudança é claro que a gente acredita que ainda vai ter alguma coisa, alguma força paranormal que vai fazer esse quadro mudar.

Pesquisadora: E vocês... pergunta indelicada. Vocês sentem que o governo atual, assim, a conjuntura política atual, é..... Influenciou muito assim nessa, nessa mudança da formação da juventude daqui?

Ulisses: Do assentamento?

Pesquisadora: É.

Ulisses: O governo atual de 2019.

Pesquisadora: A conjuntura política, porque, não vem de hoje, o que a gente tem hoje como governo, não nasceu agora, esse movimento conservador.... Como é que vocês veem que isso influencia na juventude daqui a conjuntura política atual?

Ulisses: Eu acredito que influencia muito no fato de ser muito delicado é... Olha a juventude do Vale, como é uma juventude do movimento sem-terra, para gente falar do movimento sem-terra hoje, com a conjuntura atual é muito complicado, então assim, acho que limita ainda mais nosso campo de atuação, por que, o governo de hoje, ele não considera também as diversidades, claro que dentro das juventudes tem as diversidades, de gênero, tem a diversidade de etnia, de raça. E quando a gente vê os ataques, como é uma pessoa, não sei... um gay, vai se sentir representado, ou vai se sentir encorajado de poder, se reunir, falar de sua diversidade dentro do movimento. O movimento sem-terra busca fazer isso, mas hoje está difícil até o próprio movimento se reunir.

Ana Cleide: Está difícil até se reunir, é isso

Ulisses: Como vai reunir a diversidade de um movimento enorme, então acaba prejudicando muito, por que acaba sendo pessoas que ficam encolhidas assim, no assentamento a gente tem até...

Ana Cleide: Fica recuado.

Ulisses: Fica recuado, num interage, não provoca. Num vem de hoje não, mas o próprio governo que era nossa base a gente já sentia muito pouco.... A gente sempre, todas as críticas que vinham para juventude, a gente sempre se sentia muito criticado no assentamento, a juventude do assentamento sempre, sempre, sempre se sentiu muito criticado.

Ana Cleide: Sempre, sempre.

Pesquisadora: Criticado por?

Ulisses: Porque a gente queria fazer uma festa, a gente queria estender até aonde a gente aguentasse, né? Aí, o pessoal: ‘Não! Tem que desligar o som 2h!’ Queria limitar, e para a gente era muito difícil. Porque já era difícil organizar uma festa, trazer os jovens, aí, a gente ainda seria podada, limitado. Jovem não gosta disso, nenhum jovem gosta disso, [risos]. Claro que às vezes a gente tem, né? Tinha que usar o bom senso que.... Baixar o som. A gente também sempre foi muito consciente sobre isso.

Cledson: Nós estávamos lá no levante popular, em Picos, na Universidade, na Federal, aí o cara disse: “Ei Veado!” E eu: “Não é veado, é homoafetivo, mudou o nome, não é homossexual, é homoafetivo.” [Todos riram muito]

Alana: O Cledson tem a memória boa, faz tantos anos isso...

Ulisses: Faz, faz um tempinho, faz um tempinho.

Cledson: Não, mas a memória da gente funciona, né não? Aí eu não sei nem como é que eu chamo. Eu não posso chamar nem de homoafetivo....

Ulisses: Mas os espaços de discussão são para isso, para gente se antenar, por que tem muita coisa, transgênero, transexual.

Ana Cleide: Para gente se antenar, é verdade. Agora tem até o trans binário. É trans binário a palavra?

Ulisses: Tem que conhecer também.

Alana: Em relação ao LGBT, a gente tem um avanço aqui na juventude aqui no estado, que é a criação da Brigada LGBT PIAUÍ, em relação ao MST. Todos os estados, eles tinham, eles têm o grupo LGBT, a representação do grupo LGBT, e o Piauí não tinha, está com uns dois anos que o Piauí tem. Só que eu acho assim, em relação a isso, e a todos os outros, está faltando a gente se organizar, a gente enquanto juventude do estado, não só juventude do Vale, mas a juventude do estado, por que só a gente não tem força. Então a gente vê se faz uma massa maior, para gente poder ir contra o Estado. Por que está complicado, se antes estava complicado que a

“nosso favor”, entre aspas, aliás, deveria ser totalmente a nosso favor, não era infelizmente. E agora com esse atual Estado que está, para gente é zero, a gente sabe disso, que a gente vai ter que bater de frente, e mesmo batendo de frente sabe vai ser bem difícil...

Ulisses: Tem que ser inteligente também, né? Temos que ser inteligente...

Alana: É..... Talvez bater de frente não seja a solução, então a gente vê...

Ulisses: A tática que foi utilizada na década de 90, na época a ascensão, foi corpo a corpo, de frente, para hoje ela está falida. Assim, não totalmente, mas, a gente tem que ir mais para o campo das ideias também, para poder dialogar. Então tem que dialogar, tem que fazer. Por isso o movimento cresceu muito em relação a isso, o movimento cresceu muito, em relação à formação.

Alana: É... Ir mais para o campo das ideias.

Ana Cleide: E para que isso aconteça, a juventude tem que se reunir.

Ulisses: É Verdade.

Ana Cleide: Tem que conversar, tem que ter ideias, como é que a gente vai fazer para recorrer, como é que a gente vai conseguir. Então a gente tem que se reunir, tem que estar sempre unido, por que senão não acontece.